

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E TERRITORIALIDADES

CARLOS MEIJUEIRO DE ASSIS

INVENTAR RIOS / ESCRITAS DE UM JANELEIRO



Niterói
2015

CARLOS MEIJUEIRO

INVENTAR RIOS / ESCRITAS DE UM JANELEIRO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense, como requisito para obtenção do Grau de Mestre.
Linha de pesquisa: Mediações, saberes locais e práticas sociais.

Orientadora Prof^a. Dr^a. ADRIANA FACINA

Niterói
2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

A848 Assis, Carlos Meijueiro de.
Inventar Rios/ escritas de um janeiro / Carlos Meijueiro de Assis.
– 2015.
147 f. ; il.
Orientadora: Adriana Facina.

Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) –
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação
Social, 2015.
Bibliografia: f. 146-147.

1. Narrativa pessoal. 2. Janela. 3. Telefonia celular. 4. Transporte
coletivo. 5. Redação acadêmica. I. Facina, Adriana. II. Universidade
Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

RESUMO

Dois livros, duas pesquisas, duas escritas, separados por uma linha porosa, que deixa atravessar e misturar as possíveis leituras. Uma pesquisa sobre as formas de pesquisar. O renascimento da narração da cidade através do smartphone, com os cotovelos apoiados nas janelas abertas dos ônibus e da vida, em movimento, para registrar o tempo do Rio de Janeiro que desaparece atrás dos tapumes das obras.

Palavras-chave: narração da cidade, janelas, smartphone, ônibus, escrita acadêmica

ÍNDICE

Introdução	7 - 17
Janela Destravada	19 -126
Capítulo 1 - Miragens	19 - 43
Capítulo 2 - Janelas	45 - 73
Capítulo 3 - Inventário	75 - 126
Anexo 	101 - 125
Conclusão	128 - 144
Bibliografia	146 - 147

Antes disso fiz algumas várias regiões de ideias ao longo desses dois anos, e as montei como ilhas num mapa, pensando possíveis conexões entre elas que podem vir tanto pelo céu numa corrente de vento, trazendo as gaivotas; ou pelo mar, numa corrente de água às vezes quente e às vezes gelada, junto a um cardume; ou através de mim, do meu barcorpo, corpo barco. Na verdade, fiz isso muitas vezes, desde as primeiras ideias para a pesquisa. Minha missão era encontrar pelo menos uma dessas ilhas e conhece-la mais a fundo possível. Desenhei possíveis rotas de navegação pelo mar das ideias. **Em muitas ocasiões, de dentro do meu barco descobri que o primeiro nome de ilha é Miragem.** Vi várias ao longo desse percurso. Miragens apesar de não existirem, sugerem sonhos, caminhos, possibilidades, e por elas me guiei até chegar bem perto e descobrir que não, não era uma ilha, tinha sido mais uma miragem. As miragens escapam, nunca são capturadas, e depois reaparecem, com a força da nossa própria criação. A gente que faz existir as miragens. Depois de todo esse tempo no mar, descobri que não procuro uma ilha como objeto, e sim as miragens. Eu quero entender as miragens que me fazem navegar. É sobre elas que vou falar.

Esta é uma ideia geral. Nada permanece igual. Nada é igual a coisa alguma. Não operamos no mundo dos químicos, onde podemos tirar uma amostra de uma substância pura da prateleira e saber que ela é a mesma substância que qualquer outro cientista no mundo estará manipulando sob esse nome, ou equivale a ela para todos os efeitos. Nenhuma de nossas substâncias é algo de puro. Todas as combinações historicamente contingentes, geograficamente influenciadas, de uma variedade de processos, não havendo duas combinações iguais. Assim, nunca podemos ignorar um tema apenas porque alguém já o estudou. De fato - este é um truque útil - quando você ouvir a si mesmo ou outra pessoa dizendo que não deveríamos estudar alguma coisa porque isso já foi feito, é uma boa hora para começar a trabalhar exatamente naquilo. (Becker, 2007. p. 122)¹

Escutei o conselho dos velhos navegantes: tenha um diário de bordo. Então fiz registros de diferentes formas ao longo desse tempo-percurso que serão apresentados, e combinados com as ideias que acessei em alguns livros que encontrei durante a viagem, pois os livros que traria de casa, acabei esquecendo lá mesmo, em cima da cama. Foi minha primeira desterritorialização. Esse meu diário é como uma caixa preta, o inventário com os registros, fotos e textos, feitos pelo smartphone. Única ferramenta de registro que tinha para a viagem. **Um celular, uma cidade, um caderno e um corpo.** No caderno algumas anotações que serão transcritas ou escaneadas sem problemas, e no corpo as marcas do tempo.

Eu só queria, com essas palavras, que vocês entendessem um pouco dessa minha viagem dentro de uma mar chamado Rio

de Janeiro, onde o tempo inteiro sou navegante e navegador. Sejam bem-vindos. Joguemo-nos ao mar.

É um barco camaleão, que quando observa é ônibus, do tamanho exato do meu corpo, e que transforma todo lugar que ele passa em mar. Cidade é mar, ônibus também é barco. A cabeça sente o mar, o olho e o corpo sentem a cidade - corpocidade. Tudo a mesma coisa.

"O provocar e valorizar a experiência de da alteridade na cidade, através da prática de errâncias - desorientadas, lentas e incorporadas, microdesvios da lógica espetacular dominante - e, sobretudo, das narrativas errantes (micronarrativas) e das cartografias corporificadas (corpografias) delas resultantes, pensadas como potências transformadoras, poderia os ensinar, a nós, urbanistas e amantes das cidades, outra forma de apreensão e de compreensão urbanas, que buscaria instaurar um processo de incorporação - **incorporação do corpo na cidade e da cidade no corpo** - o que efetivamente nos levaria a uma reflexão e a uma prática mais incorporada do urbanismo, ou seja, a um **urbanismo incorporado**." (JACQUES, 2014. p. 316)

.....

PROCESSOS QUE SE ENCONTRAM

9

Em 2012 quando escrevi e inscrevi o pré projeto de mestrado, coloquei como tema o Norte Comum, e as redes de cultura da cidade. A ideia com a pesquisa era gerar um produto que fugisse do texto acadêmico, e pudesse circular fora dos muros da universidade, acessando também aqueles que não dominam essa linguagem. Disse que seria um documentário audiovisual de diferentes projetos dessa rede que ia ganhando corpo pelo estado. Essa ideia não durou um semestre, pois as primeiras aulas do mestrado foram tão inspiradoras que aquelas referências pra mim logo se tornaram ultrapassadas. Então pensei de que formas eu podia entrar e buscar entender o que é de fato o Norte Comum. Esse movimento cultural que faço parto desde 2011. Aproveitar esse contato que teria no mestrado com diferentes teorias, para buscar significados para as ações que realizamos. Era basicamente isso, significar ações. Mas depois mudei de ideia, pensei em cartografias afetivas, percursos biográficos, para tentar acessar esses significados. Isso fruto de milhares de conversas com meus amigos de Norte Comum, até chegar o fim de 2014, e nada pronto, ou melhor, nem estruturado. Esses lugares-ilhas que imaginei avistar, eram apenas miragens. Quando chegava diante delas, e visivelmente não enxergava nada além do mar, eu mergulhava assim mesmo, e tinha a sensação de descobrir de fato uma ilha invisível que existia ali. Mergulhos rápidos, pois não tinha equipamentos de ar. Logo mais falarei sobre cada miragem que imaginei e mergulhei. Em paralelo a isso, além da agenda corrida de realizações

com o Norte Comum, Hotel da Loucura e vida, nesse período do mestrado eu **comecei a escrever no celular observações sobre a cidade, das ruas, dos ônibus, das praças, dos trens, do Metrô e de onde eu estivesse. Foto ou texto. E postava tudo isso no Facebook.** As aulas me traziam ideias, e eu ia para a rua, para o ônibus ou para a barca em seguida com aquelas teorias borbulhando na cabeça, e então saía algo. Foram muitos textos, cerca de uns 200, que tinham em média meia lauda, mas às vezes eram uma linha, ou duas laudas. Eu registrava conversas que escutava, com cenas que via e memórias que revivia. Escrevia isso tudo no smartphone e publicava instantaneamente pelo 3g (ou sinais de wi-fi abertos) no Facebook. Instauraram-se a partir dessas publicações várias conversas sobre a cidade pelos comentários dos posts na rede social.

No começo do ano um amigo professor me falou que eu devia fazer o mestrado sobre os textos, porque de certa forma os textos falavam também da minha experiência com o Norte Comum. E é bem verdade, pois boa parte da circulação frenética pela cidade de onde os textos nasciam era devido à agenda corrida e maluca do movimento. Em um dia era praxe, por exemplo, sair da Tijuca, ir no Centro, em Niterói, voltar para o Centro e ir ao Engenho de Dentro, ou Manguinhos, ou Jacaré, ou Maré, e por aí vai. Dessa circulação a pé, pelos ônibus, barcas e trilhos dessa cidade que nascem esses textos. Para não me entediar com os percursos eu os significava com tudo que estava vendo, pensando e sentindo. Eram nesses trânsitos, através das narrações, que eu conseguia colocar em prática as teorias que estudava nas aulas do mestrado.

Decidido, sem muito tempo para escolher outra coisa devido aos prazos, fazer alguma pesquisa sobre esses textos de cidade, aproveitei para dar continuidade a ideia de produzir algo que extrapole os muros e arquivos da universidade. Filho dessa pesquisa, vai ser um livro com alguns textos selecionados dentro desses quase 200 para ser vendido barato, por 10 reais, feito coletivamente, com todos fazendo parte do processo tanto de edição e quanto de confecção do livro. Mãos na massa. Essa pesquisa então, vai falar desses processos narrativos que essas fotos e textos simbolizam, dentro de uma pesquisa histórica até os dias de hoje sobre a narração da experiência vivida através do transitar pela cidade, seja a pé ou em transportes coletivos. E também para falar dos lugares-miragens que visitei durante esse percurso. Para falar da cidade eu vou de ônibus, para falar das ideias eu vou de barco.



CONFESSIONÁRIO

Voltando rapidamente ao INÍCIO de tudo - para expurgar os demônios da escola - libertação do acordo ortográfico - e pequeno confessionário para acabar com a branquidão da página - para ler no início ou no final

No dia 5 de abril de 2013, foi quando recebi a notícia que tinha sido uma das vinte pessoas selecionadas para fazer parte da primeira turma desse mestrado que agora me esforço para conseguir concluir. Só lembrei exatamente da data porque o Facebook guardou, mas me lembro exatamente do instante que abri uma nova aba para entrar no site do PPCULT, e percorri os dezenove primeiros nomes até chegar no meu, o vigésimo. Lembro cada detalhe, de cada memória que ferveu dentro de mim até explodir em lágrimas como essas que agora marejam meus olhos rapidamente enquanto escrevo essas palavras de dentro de uma biblioteca de cadeiras azuis, mesas cinzas e luzes brancas, de uma faculdade particular no Rio Comprido. Talvez sinta essa emoção agora, pois essas palavras simbolizam o começo do fim daquilo que foi iniciado naquela noite.

Serão tantas páginas até o final da pesquisa, que a quantidade de caracteres aqui gastos é ínfima, por isso dou valor às lembranças daquele momento. Quando as notícias chegam a gente vira um grande projetor de possibilidades, e elas passam em segundos pela nossa imaginação. Pensei nas etapas do mestrado, o pré-projeto, a entrevista e a prova. Logo lembrei das provas da escola, da grande maioria de notas vermelhas, das anotações em vermelho na caderneta, dos castigos virado de frente para parede, ou com o cone de burro na cabeça com a sala toda rindo da sua cara. Simplesmente porque eu não conseguia entender nada, nada mesmo, e ainda assim precisava extravasar minha energia. Na escola muita gente só entra na zoação para se acostumar a ser zoado. Lembrei do desgosto que sentia quando os professores e professoras, pedagogicamente, optavam por falar em voz alta as notas dos alunos, para obviamente, elogiar os melhores e ridicularizar os piores. Meu nome inicia com C, uma das letras iniciais do alfabeto, então na chamada eu normalmente ficava entre os números 3 e 6, por isso era sempre o primeiro da turma da bagunça a ser zoado, tendo em vista que minhas notas raramente passavam de 4 ou 5 (que já era ótimo). Outro terror eram os boletins que vinham para casa e necessitavam de assinatura dos pais imediatamente, assim como as tabelas com as médias finais da pequena escola inteira pregada num mural. "Carlos bateu recorde, ficou em tudo em prova final, menos educação física - até artes? até artes".

Pois é, não sei como não me traumatizei com isso, mas como sempre gostei muito mais de esportes do que estudar, e como milhares de crianças brasileiras, meu sonho nunca foi ser professor como meu pai, e sim jogador de futebol como o Romário. Logo, eu acabava não dando a mínima para a escola, mas carregava a certeza que se não fosse jogador seria um grande fracassado, como me diziam meus professores e alguns colegas de sala. Em 2003, chegou o tão sonhado fim da escola, depois de fazer dependência (repeti em português e matemática na 8ª série) e acreditar em ajudas espirituais ou materiais para tirar alguns 7.8 cravados na recuperação de matemática, fui fazer vestibular como todo mundo. Tirei nota

E na UERJ (achei que meu santo ia me dar sorte nas múltiplas escolhas), e zerei várias matérias na UFRJ (lembro até hoje dos gráficos bem-humorados que desenhei nas provas). Queria fazer educação física como meu pai, pois já que era para estudar, que eu pudesse fazer uns exercícios físicos ao mesmo tempo, talvez eu fosse me interessar mais, mas ele foi totalmente contra. Então em 2004 fui fazer direito, e logo fui convidado a me retirar da faculdade depois de discutir com uma professora (essa história fica para outro momento), e depois fui para comunicação, primeiro publicidade e propaganda, porque nessa época me achava criativo, fazia e vendia roupas junto com meu irmão e amigos, doce ilusão. Em 2007 mudei para jornalismo onde consegui me formar em 2010.

Digo tudo isso primeiro para relaxar, descontraír, e principalmente para pedir permissão para começar esse fim, falando da minha história nas salas de aula até chegar aqui. Sou filho de professor do município e do estado (também técnico de natação) e de advogada (que não exerce, e tem alma de artista), mas comecei a ler livros depois dos 18 anos, e tenho dificuldade com eles até hoje. Até essa idade eu só fazia esportes. Deve ter sido em 2003, depois de um treino, dentro de um vestiário das categorias de base do Flamengo em Curicica, que decidi que nunca mais ia voltar. Meus pais, meus amigos, meus colegas e meus treinadores não entenderam quando falei que não voltaria mais. Só eu sei o que eu senti quando vi o Nilson, zagueirão, negão, estiloso, forte, canhoto, capitão e um dos melhores do time, sentado, cabisbaixo, desolado, porque não tinha dinheiro para voltar para casa, contando que o dinheiro que sua família investira para ajudar em sua carreira tinha acabado, enquanto do lado de fora do vestiário, na direção do ponto de ônibus, a gente via sair de carro para suas casas os filhos dos empresários e cartolas que eram os príncipes das bases. Eu era recém chegado, estava em fase de testes, e a estrada era longa. Daquele time alguns cinco subiram para o time principal, outros se perderam pela europa e pelas arábias. A maioria hoje joga campeonato de 7 (o antigo campeonato de times de pelada em campo society). Todos eles a mercê dos empresários de um mercado cruel. O Nilson chegou a jogar o carioca pelo Duque de Caxias, eu vi na TV, e depois nunca mais vi ou ouvi falar. Eu decidi parar, já não tinha mais outra opção, e fui fazer faculdade.

Alguns de vocês agora provavelmente estão entediados, se perguntando por que estou contando essas histórias. Sei que pode parecer não fazer sentido para quem sempre tirou de letra os estudos, mas para quem sofreu com a escola, para quem, como eu, que o tempo inteiro escutava profecias macabras sobre seu futuro, pelo fato de não gostar de estudar, de tirar notas baixas, de não entender as coisas escritas no quadro; talvez alguém que também era da turma do fundão da sala, que gostava de dormir, de fazer bagunça, agora esteja se sentindo motivada a tentar fazer um mestrado, a levar a sério as suas próprias ideias, e de acreditar que pode sim se tor-

nar professor, pautado em formas muito diferentes de ensinar daquelas usadas pelos professores que tiveram. **Precisamos de professores com alma de alunos bagunceiros.**

Na faculdade um novo mundo se abriu quando descobri que dentro do livro existiam ideias legais, e depois personagens legais. Primeiro passei pela fase das ideias, descobrindo alguns pensamentos que se diziam revolucionários, num período de arrogância juvenil, permeado por punk rock e o início da internet um pouco mais rápida, onde era possível baixar músicas. Fui tendo acesso a um mundo que desconhecia e não tinha contato através de pesquisas aleatórias no Kazaa e no Limewire. No ICQ e depois no MSN comecei a escrever bastante, me libertando da timidez que me perseguia na realidade, principalmente na relação com as mulheres. Então foi ali, e não nas redações da escola que descobri a vontade de escrever, e comecei desenvolver um certo estilo de escrita. Direto, de pensamento rápido, para dar dinâmica e aproveitar que o remetente estava online, e ao mesmo tempo sem espaços para caber na pequena janela do chat e entrecortados por pontuações que não respeitam a norma vigente. Uma escrita de orelha, de quem não sabe quase nada de gramática. É assim que escrevo até hoje (como vocês devem estar percebendo). Preocupado muito mais com o entendimento geral da coisa, do que com as normas da língua portuguesa. Eu tento escrever do jeito que falo, porque é conversando que eu diluo as muralhas que me separam do outro. É nessa importância da conversa, da troca, que eu me agarro, e não às dicas do professor Pasquale.

1
3



JANELAS

Essa também é uma pesquisa sobre janelas. Sobre três janelas em especial, que simbolizam tempos e formatos de relação com o mundo completamente diferentes. Em uma passagem rápida, de relance, como quem passa de ônibus, vou analisar dois momentos distintos, com um século de espaço entre eles, de transformações urbanas que alteraram (e alteram) e muito o modo de olhar e viver na cidade do Rio de Janeiro. Vou começar pelo tempo que já não vivo mais, mas que posso enxergar pelas minhas memórias, e pelo tempo que não vivi, mas que posso enxergar pelos olhos (palavras) de João do Rio, narrando os detalhes das reformas urbanas operadas por Pereira Passos. Através desse ensejo, faço uma elipse de cerca de cem anos, até chegar ao Rio de Janeiro olímpico, cidade de megaeventos, recordista em investimentos econômicos, sociais, urbanísticos e turísticos. Turbulência no mar. A cidade agora já não é mais capital, e não quer mais ser Paris, mas quer ser como Barcelona depois das olimpíadas em 1992, e fazer parte dessa rede de cidades turísticas do mundo². Além da **janela da memória**, para olhar o meu tempo uso os meus próprios

olhos e um celular. As outras duas janelas que mais abro para olhar o mundo na minha vida: a **do ônibus e a do Facebook**. São essas minhas três janelas.

A primeira delas, a **janela do tempo ou da memória [&]**, do século XX, na qual as pessoas apoiavam os cotovelos e olhavam a vida passar, a partir daquele enquadramento. Até hoje é possível encontrar alguns imóveis que têm salas de estar em função de uma janela - algo que viria a desembocar no que são as varandas de um tempo pra cá. Mas o mundo mudou, os prédios foram arrancar os céus, e a maioria das varandas hoje, estão bem longe do chão. Já as janelas que continuam perto das calçadas, em sua grande maioria têm a vista entrecortada por grades, ou estão sempre fechadas. Essas janelas hoje representam o medo, e não mais o desejo de olhar e ser olhado, de se comunicar. Nessa janela eu apoio meus cotovelos e olho para trás e para dentro, me vejo criança nos anos 90 e adolescente na primeira década do século XXI. Vejo as idades e as cidades que vi e vivi, e não vejo mais.

A segunda das três janelas, a **janela do movimento - e da lentidão, da metáfora, é a dos transportes coletivos**, em especial a do ônibus, que na maioria dos textos chamo carinhosamente de "busão". Essa janela, por estar sempre em movimento, apesar dos sinais vermelhos e congestionamentos, é a responsável por fazer essa transição de tempo. Lugar onde passei facilmente um terço da minha vida depois dos 13 anos de idade até hoje, aos 28. Boa parte do meu dinheiro e do meu tempo, foi (ainda é) destinado aos transportes coletivos. Dessa janela, a vida vira cinema em 24 imagens por segundo. Da janela do ônibus em movimento, tudo passa rápido, mas existem os engarrafamentos, e então tudo fora da janela se movimenta menos o busão. Faço questão de sempre sentar nas cadeiras da janela, e em especial, as duas últimas cadeiras do fundão. É nessa janela que eu apoio meu cotovelo, e olho o mundo hoje.

A terceira e última janela, a **janela do registro, é a do Facebook, aberta no smartphone**. Esse tipo de rede social é uma espécie de praça virtual, onde você acompanha a vida (ideias, fotos, diferentes tipos de consumo e gostos) de pessoas que você não necessariamente conhece na vida "real" (não gosto dessa expressão, mas pode ser a única forma de diferenciar esses dois mundos real x virtual). É comum hoje, você ver mais as pessoas nessa praça virtual do que na praça real, mas a sensação de proximidade mantém a relação acesa. Talvez seja dessa janela que hoje as pessoas mais observam o mundo (ou o outro). Enquanto as janelas das pessoas do mundo real estão fechadas, estas do mundo virtual estão sempre abertas.

Com essas três janelas abertas, a do tempo/memória, a do movimento e a do registro, é possível sentir os cheiros que vêm da rua, os barulhos dos carros, das obras, das sirenes e das vozes, as novas tendências da moda, e os novos sucessos do mercado da música que hoje são tocados em alto volume

em aparelhos celulares e caixas de som portáteis, assim como o comprador de material velho, o vendedor de pamonha e os criativos ambulantes. Pelas conversas alheias, ficamos sabendo das guerras e de algumas notícias boas também. Dessas janelas, vejo o feed de notícias do Facebook e vejo o mosaico de jornais montado do lado de fora da banca do jornaleiro. Olho os muros com lambe-lambes de anúncios de show, classificados de adivinhação e prostituição, pichações, frases, propagandas e grafittis. Vejo as lojas de revelação fotográfica, os sebos, e vejo o instagram e o kindle. Entre esses tempos, eu passo de ônibus com o meu smartphone, observando, narrando e registrando o que vejo.

Da janela do ônibus, entre a janela da memória e a janela do registro, eu narro o mundo que passa diante dos meus olhos.

Faço textos e fotos, diferentes enquadramentos da vida real, e publico imediatamente esses registros sensíveis na minha timeline do Facebook. Daí se desenrolam as interações entre visões. Os likes, os comentários e os compartilhamentos vêm em forma de diálogo, pois a janela está aberta. Sente o vento? Sente a brisa do mar? Eu sempre deixo a minha janela aberta.



INVENTÁRIO

Todo lugar tem sua caixa preta que guarda tudo da viagem. Nós mesmos temos nossa caixa preta, que é colorida. Nela as conversas que deram origem aos deslocamentos são expostas, os textos do diário também. Seleção retirada de um baú com todos os registros. Mais de 1000 fotos e mais de 100 laudas de texto. Algumas anotações escaneadas. Toda viagem altera o viajante. Foi o mar que me fez navegante. A viagem que produz tudo, eu observo da minha janela, e registro, para não esquecer. Lugar onde se armazena e se reinventa.

Pensando no que ficava disso tudo, de todo esse processo, relendo e revendo as centenas de textos e fotos. Reflexões sobre o Norte Comum, narração das manifestações, opiniões e compartilhamentos. Muita circulação de informação. Através dessa relação de publicação no Facebook me reencontrei com o jornalismo, com uma forma de fazer jornalismo que considero interessante. Apesar de informativos são textos que seguem a pauta mundial dos #hashtags, discutindo os momentos. Queria algo que revelasse mais a profundidade dos sentimentos que envolvem essas andanças e narrações.

Em meados de 2014, **surge na minha vida uma personagem, filha dessa minha relação com a cidade.** Ela é da rua. Mulher da rua, rueira, fotógrafa. Ninguém é dono dela, nem eu e nem a cidade. Eu sou só ponte, e a cidade fonte. Então nesse último capítulo, como inventário de tudo que foi produzido até então, fica essa personagem. Que sente as reverberações do coração

por dentro e da cidade por fora, e vive se equilibrando, como uma linda trapezista sem rosto, que gosta de se equilibrar em meio-fios, com identidade só de sentimentos.

No fim do capítulo, como de surpresa, em paralelo a esses textos surgirão fotos que acompanham os textos. São retratos textos também. Chamamos de Anexo da pesquisa o lugar das fotos, como se fosse uma pasta de pesquisa onde guardo os materiais de campo, como um e-mail enviado com texto e imagem. As fotos eu tiro pra criar meu mapa do Rio de Janeiro. E também pra lembrar do que em breve vai sumir. As fotos vem pra emprestar mais imagens à minha memória. Olho pro chão e vejo clips, olho pra cima e vejo reflexos de prédios em prédios. Na zona norte, imagino o norte da África, todo baixo e claro.

Lança o barco contra o mar
Venha o vento que houver
E se
Puder
Voa
(Rubel)



SOBRE NORMAS, FÔRMAS E FORMAS

Existe o português escrito e o português falado, ou seja, lido ou escutado. Para escrever das janelas, se usa os olhos para ler o cotidiano, e os ouvidos para escutá-lo. Por isso costumo dizer que escrevo de orelha. No sentido que escrevo da mesma forma que falo, pois esse é o único português que sei falar. Apoiado nas janelas dos transportes públicos, sentado nas praças ou caminhando pelas ruas da cidade, escrevi pelo smartphone centenas de textos que foram diretamente publicados no Facebook. Essas narrações da experiência vivida na cidade são o objeto de análise dessa pesquisa.

Para conseguir chegar as várias escalas de discussão e observação contidas nesses textos, sua linguagem mais solta e fragmentada, de uma escrita da rua, de orelha, sem ser refém da norma culta, deve ser preservada em sua forma, onde reside parte de sua potência. Primeiro então, é necessário legitimar a importância da oralidade, do conhecimento passado através da voz, dando mais importância à informação do que às regras da forma. É necessário discutirmos a flexibilização da língua, cada cidade fala um português, para não tolerarmos essas hierarquias colonizadoras sobre a língua portuguesa. Precisamos nos encaminhar para um português brasileiro falado e entendido nas ruas de todo país, flexibilizado por índios e africanos, europeus, árabes e asiáticos.

Os sinais não podem ser a questão. Por conta dessa ditadura dos sinais ainda se vê muita carteirada afim de determinar

quem domina ou não as "normas da língua portuguesa". Aos 13 eu já sabia falar e escrever ao contrário (riotracon), e há mais de 10 anos estamos adaptados aos chats, e já criamos abreviações para todas as palavras possíveis, francamente, nós não precisamos dessas normas.

Essa nota introdutória vem com intuito de reiterar a importância da forma proposta por essa dissertação. Dividida em duas partes que se atravessam o tempo inteiro. Para deixar claro que não existem separações entre uma "produção acadêmica" e uma outra de algum outro jeito. A produção acadêmica é a produção da vida cotidiana. Nesse sentido, a banca reforçou a necessidade de um formato que afirmasse esse estilo de escrita não convencional, afim de preservar a coerência com o tema da dissertação que é a escrita de rua, de forma que não fosse imposta uma distância muito grande entre as narrativas e a dissertação, sendo as duas, juntas e atravessadas, partes de um mesmo corpo. Vim saber depois, que Derrida fez algo parecido, mas de outro jeito, com outras intenções, repensando o uso das citações em *Sobreviver/ Diário de borda*³. É difícil entender o texto, mas é fácil entender a reflexão sobre a forma, e é isso que me inspira.

É complicado falar de um tempo, ainda mais se tratando de uma relação direta com as novas tecnologias, usando normas, fôrmas e formas de escrita criadas há mais de um século. Precisamos dar um F5 no nosso português, se libertar da hierarquia da palavra. Precisamos incorporar o não-dito ao texto também, a brecha que assegura a margem de apropriação por parte de quem lê, se preocupando acima de tudo com a passagem das informações necessárias a um outro entendimento de mundo, de momento político. Ao invés de impor uma forma, vamos celebrar as várias formas de se falar português no Brasil. Todas elas são corretas. **A palavra é de todo mundo.**

MIRAGENS

citainspiração: Pedimos, por favor, não achem natural, o que muito se repete!
Bertolt Brecht

[&] - janela da memória

Lembro que na época da escola, nas aulas de história, tínhamos que ler sobre as navegações do período da colonização. [&] Na época ainda não conseguia entender que esse era apenas um recorte da nossa história, vangloriando sempre a cultura dos europeus colonizadores em detrimento da cultura dos indígenas nativos e posteriormente dos negros africanos que chegavam de navio aos montes em terras brasileiras para serem vendidos como escravos. A vida acabou me aproximando através da fé e da arte dessas duas culturas intencionalmente ofuscadas enquanto potências criativas e culturais [&]. Mas sobre as navegações da aula de história, lembro que em algumas ocasiões, alguns navegantes acharam ilhas e continentes por acaso. Muitos países foram descobertos assim. Talvez seja essa a sina do navegador. Desbravar e se deixar ser desbravado. Sempre encontramos o que nos espera.

Quando comecei essa viagem em 2013, não fazia ideia do que me esperava pela frente. No



Passando num 415 é possível ver, debaixo do antigo viaduto da Perimetral, que a feira de antiguidades da Praça XV começa na madrugada. As barracas já estão montadas e alguns feirantes já deixam suas peças à mostra. As bancas ainda não abriram mas os montadores de jornal estão lá, sem ler uma página, separando as folhas com cuidado. Quem já leu um jornal com página trocada? O lixo do dia é retirado das ruas pelos garis a noite. E é na madrugada também que o pão da manhã começa a assar. Entre morcegos e ratos, pixadores escalam prédios e escrevem nas paredes da cidade. Tatuagem em

início achava que conseguiria controlar o barco, prever as rotas, mas já no começo descobri que para navegar, eu teria que incorporar o navegante, me deixar levar pelo vento, pelo acaso. Os lugares que descobri, são regiões de ideias muito diferentes, mas que às vezes se cruzam, e revelam conexão casual pelo tipo de vegetação, relevo, clima, geografia, política, cultura e por aí vai. **Essas ilhas são autores e autoras, suas ideias.** Eu naveguei em direção às ilhas de ideias deles. Não habitei nenhuma, mas no momento em que as avistava, partia imediatamente em suas direções. Chegando nos imaginados destinos, descobre-se a miragem. Um imenso vazio no lugar de ilha. Apesar do vazio material, físico, há um preenchimento imaterial, de conteúdo, no sentido experiência de vida, que o tempo inteiro é pesquisa (de si, do outro, do movimento, da história, do espaço). Sempre chego preenchido de sentido e inspiração pelo percurso percorrido, pela viagem. Então entendo que me inspiro pelos percursos até as miragens, e não pela vida cotidiana e repetitiva das ilhas. Eu gosto do mar, porque ele se altera de acordo com a lua, com os ventos de dentro e de fora, e diariamente, com apenas o tempo. Mar calmo vira lago.

20

ILHA 1 - Miragem da invenção cotidiana

" O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada".

[&] Não precisei copiar e colar essa citação. Ela ficou na minha vida. Minha relação com A invenção do Cotidiano, foi paixão à primeira lida. [&]

A primeira ilha que avistei nesse percurso chama-se Michel De Certeau. As águas em que mais naveguei. Desde a primeira ideia de pesquisa, sobre a significação teórica das ações do Norte Comum, De Certeau era a referência de navegação para a análise das práticas cotidianas do coletivo. Seu livro A invenção do Cotidiano é um manual de viagem, ou uma lupa que faz a gente enxergar com cuidado as milhares de "combinatórias" possíveis para não se deixar

capturar por desejos que não são nossos. Provavelmente o autor nos dias de hoje estudaria as novas ferramentas tecnológicas que transformam os consumidores comuns em operadores de mundo através dos aparelhos que são utiliza-

♦ preto fosco na pele da metrópole.
♦ O dia nasce da noite. aaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaasaasassasasa-
♦ sasassasasasasasasasasasasasa-
♦ sasasasasa No lugar onde se
♦ guardam as bicicletas e as motos
♦ na UERJ, indo embora, o segu-
♦ rança simpático me disse que eu
♦ tinha ficado muitas horas por lá,
♦ e perguntou o que eu tava fazendo.
♦ Disse que estava estudando,
♦ e ele perguntou o quê, respondi
♦ sobre os 3 artigos e o mestrado
♦ em cultura e territorialidades na
♦ UFF. Ele quis saber mais, per-
♦ guntou das áreas, eu falei que
♦ era abrangente, ele respondeu
♦ que o nome remete a geografia,
♦ eu disse que também tem muito
♦ disso. O nome dele era Hamilton,
♦ e as 20h de uma sexta-feira,
♦ apoiei o pé no chão e sentado no
♦ banco da bicicleta, começamos a
♦ conversar. Perguntou o que eu
♦ fazia da vida, e eu falei que era
♦ produtor cultural. Como nunca
♦ tive o que responder de um tem-
♦ po pra cá respondo isso. Falei do
♦ Norte Comum e do encontro de
♦ pessoas diferentes que se deu
♦ ali, do Hotel da Loucura. Ele gos-
♦ tou. Trocando ideia ele falou que
♦ eu parecia da área social. Falei
♦ que também, não deixa de ser, e
♦ que em uma área ou outra estava
♦ fodido, sem carteira assinada e
♦ sem emprego fixo. Ele falou que
♦ até arrumar esse emprego de
♦ segurança tava nessa também, e
♦ contou o caso de um jornalista
♦ que ele conheceu formado em
♦ engenharia e sem emprego, re-
♦ solveu ser dono de banca. Sorte a
♦ dele. Deve ser português. Con-
♦ tinuamos o papo. Ele era um
♦ negão desses avermelhados com
♦ cabelos brancos. Alto. Me lem-
♦ brou o Tião Legal, um cara que
♦ conheci no boteco do Arlindão no
♦ Jardim Botânico uns anos atrás.
♦ Tião , um negro magro e alto, não
♦ estava sentado em mesa, estava

dos enquanto estão sendo pagos em milhares de parcelas. É nesse sentido que uso suas ideias para falar do mundo. São ideias atuais escritas na década de 70.

O livro *A invenção do cotidiano* (2012), escrito por Michel de Certeau com colaboração de um grupo de pesquisadores, elaborado ao longo da década de 70 e publicado em 1980. Onde ele, tendo como encomenda estudar os consumidores, decidiu por não estudar o que eles consumiam somente, e sim, quais as utilizações que eles davam ao que consumiam. **Analisando e identificando a partir daí um conjunto de operações que configuravam um caráter de resistência política e produções de poéticas inventivas e escondidas sob esses "modos de utilização" e "maneiras de fazer" para com esses produtos.**

Na introdução escrita por Luce Giard, que foi uma das pesquisadoras do grupo, e assinou o segundo tomo da pesquisa intitulado *A arte de cozinhar*, ela cita dois trechos de um documento sobre o livro enviado para o mandatário que patrocinava a empreitada, falando dos objetivos e principais orientações de Certeau para a realização da pesquisa que resumem bem a importância da obra, "O essencial do que será feito em *A invenção do Cotidiano* está claramente enunciado e a introdução geral das Artes de fazer não dirá outra coisa senão que 'as astúcias de consumidores compõem, no limite, a rede de uma antidisciplina que é o tema deste livro'." (CERTEAU, 2012, p.16).

Comecei a atribuir à minha produção cotidiana essa ideia de antidisciplina, e passei a analisar o potencial político e estético do andar devagar no meio do mundo veloz, mecânico e repetitivo, combinando lugares e diferentes caminhos, que Certeau chamará de "percursos", assim como a atração por narrar as "poéticas escondidas", as efemeridades cotidianas e as personagens comuns: os velhos na praça, os grupos nas esquinas, os frequentadores dos botecos. Não por acaso, a dedicatória da primeira parte da pesquisa de Certeau é a seguinte, "Este ensaio é dedicado ao homem ordinário. Herói comum. Personagem disseminada. Andarilho inumerável." (CERTEAU, 2012, p.27). E narrando o cotidiano das ruas é esse herói que mais se vê, uma espécie de guardião da pedra filosofal da arte de contar os causos passados, narrar o presente

sozinho numa cadeira com sabedoria na cruzada de pernas, e ao pedir uma cachaça ele me cumprimentou e se apresentou: Tião, legal. E conversamos um tempo antes de ir jogar bola. Tanto o Hamilton quanto o Tião tinham aquela sabedoria do Cartola, que fuma e fala com lentidão, como se o mundo tivesse acelerado demais, e escutam e sorriem mais do que falam. Eu e Hamilton conversamos sobre daqui a 10 anos quando os vários estudantes negros e de origem popular da UERJ serão professores. Ele disse: porra! vai ser uma doideira. E vai mesmo. Ele seguiu, como pode hoje em dia o jovem pobre estar querendo deixar de ser engraxate, empregado, gari ou qualquer coisa, e querer ser artista, professor essas coisas? Os mausoléus do conhecimento estão ruindo, é verdade. ele concordou. Falamos do fim do Maracanã e do fim dos terreiros na favela. Ele falou que é um pesquisador disso, e fez questão de dizer que não academicamente, e eu falei que era melhor ainda, era sabedoria. Ele explicou que nos morros hoje não tem nem mais as mães de santo e nem as mulheres do samba, porque as escolas também já não estão mais lá. Disse sentir falta disso. Conversamos sobre o que ele chama de revoluções, os protestos nas ruas e tudo mais. Ele disse estar gostando da movimentação, e com a calma natural, contou rindo o lance do fogo no vagão do trem. Falamos da América Latina e África assaltadas pelos europeus e depois americanos. Nisso chegou a minha esquerda um senhor de cabelo e barba grisalha, usando boné e numa cadeira de rodas manual. Parou ao lado de nós 2 como quem tivesse ido no banheiro e voltado, e já chegou

e profetizar o que está por vir com um copo de cerveja na mão ou um palito de dente na boca, cozinhando ou fazendo tricô.

O livro é um verdadeiro manual de leituras de textos inscritos nas entranhas do dia-a-dia como forma de criar microações para resistir, inventar e manipular o que está dado. De Certeau analisa a relação entre estratégia e tática, sendo uma a ordem imposta pelo mais forte que detém o poder, que domina e tem lugar próprio, contra o mais fraco que inventa sua arte para existir e resistir no mundo, "uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar." (CERTEAU, 2012, p.41). Em outra passagem da Introdução geral Certeau diz "Este trabalho tem, portanto, por objetivo explicitar as combinatórias de operações que compõem também (sem ser exclusivamente) uma 'cultura' e exumar os modelos de ação característicos dos usuários, dos quais se esconde, sob o pudico nome de consumidores, o estatuto de dominados (o que não quer dizer passivos ou dóceis). O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada".(CERTEAU, 2012, p.38)

22

Nas caminhadas despretensiosas e lentas pela Tijuca, bairro onde nasci, cresci e vivo até hoje, observando os pombos das ruas, os velhos jogando pião na Praça Saens Peña, os rios sujos que cortam o bairro, as histórias militares da região e as lembranças das brincadeiras nas ruas durante a infância, é inevitável não começar a se interessar e inventar histórias e tramas para aqueles personagens e símbolos da memória e do fato. Uma vontade de ficcionar a realidade ou, de extrair a ficção dela para inventar uma outra realidade. Criar metáforas. Relatar para organizar meu cotidiano. Para Michel de Certeau,

"A infância que determina as práticas do espaço desenvolve a seguir os seus efeitos, prolifera, inunda os espaços privados e públicos, desfaz superfícies legíveis e cria na cidade planejada uma cidade 'metafórica', ou em deslocamento, tal como sonhava Kandinsky: uma enorme cidade construída segundo todas as regras da arquitetura e de repente sacudida por uma força que desafia os cálculos" (CERTEAU, 2012, p.177).

[&] Na minha cidade metafórica da infância, o

falando. O nome dele era diferente, parecia Glade, um professor de física aposentado estudando sobre psicologia social nas bibliotecas da UERJ. Ele falava mais alto e gesticulava. Quando ele parou ao meu lado e começou a falar me senti no filme *Waking Life*, com as andanças, encontros e conversas daquele sortudo lá do filme. Me vi ali no meio de duas pessoas que não lembro de ter visto nessa vida antes, como se estivéssemos numa mesa de bar ou da minha casa, comemorando 25 anos de amizade. Ele gostava de falar de política, falou que os políticos são como as raízes das árvores que vão levando e arrastando tudo que está por perto. Acha que o mundo tá mudando, mas que não pode haver violência. Que a diferença do brasileiro é a capacidade de amar o outro e azeitar de alegria as entranhas difíceis do cotidiano. Falou que a juventude tinha que ficar na porta da prefeitura até o saco do Paes explodir. Falando de política lembraram das mortes do Gordo e do Escadinha, personagens da história do Rio de Janeiro que escutei falar raras vezes, falou do mineirinho, do Cara de Cavalo, e que ironicamente era da removida favela do Esqueleto bem debaixo de onde estávamos conversando, e dentre outros apelidos engraçados de bandidos das antigas chegaram a um tal de Zé Bigode do Bancários, da Ilha do Governador. O Glade me disse que o Zé tinha um bigode parecido com o meu, e parecia comigo, que quando chegava lá nos Bancários dava bala pras crianças, quando num belo dia ele pediu pras crianças descerem e só ele subiu, e lá de cima trocou tiro com 600 policiais, me contaram os dois, matou alguns e feriu aos montes, depois de horas de tro-

meu maior sonho era poder fechar a rua em que passávamos os dias, a rua Henry Ford, na Tijuca. No meu sonho, a rua fechava para que não passassem mais carros, para podermos jogar taco, bola e queimado, e também para podermos ficar para cima e para baixo de skate, bicicleta ou patins na rua a vontade, sem nos preocuparmos com a curva de onde os automóveis vinham. A galera sentava ao lado de um laguinho do prédio em frente a casa do Saraiva, e às vezes roubávamos as moedas que jogavam no fundo do lago. No carnaval quando a Banda do Tijuca saía, a Henry Ford fechava inteira, para o bloco passar. Nós, donos da rua, corríamos como se tivéssemos asas pra voar na frente da alegria. [&]

Ainda sobre metáforas e relatos, Certeau abre o capítulo IX do seu livro com a seguinte citação de Pierre Janet, "O que criou a humanidade foi a narração" (CERTEAU, 2012, p.182), e em seguida fala da etimologia de metáfora e acrescenta, "Na Atenas contemporânea, os transportes coletivos se chamam 'metaphorai'. Para ir ao trabalho ou voltar para casa, toma-se uma 'metáfora' - um ônibus ou um trem. Os relatos poderiam igualmente ter esse belo nome: todo dia, eles atravessam e organizam lugares; eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços." e em seguida diz que, "Entre muitas outras coisas outras, essas observações apenas esboçam com que sutil complexidade os relatos cotidianos ou literários, são nossos transportes coletivos, nossas metaphorai.". (CERTEAU, 2012, p.183)

A caminhada enquanto atividade política e estética na cidade, é uma dessas "mil maneiras de caça não autorizada" (CERTEAU, 2012, p.38), isso me faz pensar nas situações em que fui questionado por seguranças particulares de ruas públicas sobre o que fazia andando naquelas áreas, respondia que apenas andava, como se não estivesse fazendo nada demais. Sobre isso Certeau diz:

Em primeiro lugar, se é verdade que existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades (por exemplo, por um local onde é permitido circular) e proibições (por exemplo, por um muro que impede prosseguir), o caminhante atualiza algumas delas. Deste modo, ele tanto as faz ser como aparecer. Mas também as desloca e inventa outras, pois as idas e vindas,

cas de tiros, as quatro e meia da manhã Zé Bigode desceu morto, e foi aplaudido pela população local. Enquanto o físico falava aos montes, Hamilton só concordava e ria. Era sábio. O Glade falou algo legal sobre política, que as leis eram nuvens que só serviam pra proteger os políticos que estavam acima dela mas que nós debaixo não conseguíamos ver. E disse que não tem jeito, que tudo é troca de favor e roubalheira e que o 13º é descontado do nosso salário o ano inteiro pra no final ser retornado. Hamilton concordou sorrindo e dizendo: o Brasil é muito doido. O segurança que troca o turno chegou e o Hamilton lamentando disse que tinha que ir. Me chamou pra tomar uma cerveja pra trocar ideia que me deixou orgulhoso, enquanto o Glade se dirigiu ao seu Chevette azul com adesivo de ca-deirante, e antes de partir me chamou de Zé Bigode. Dei boa noite, convidei pra irem no Hotel da Loucura e prometi voltar pra trocar ideias com o Hamilton. Gladi ainda gritou que os malucos mesmo estavam em Brasília. Concordei e desci a ladeira vendo minha sombra andando de bicicleta, com as abas do meu casaco aberto balançando ao vento. Parecia que eu tava voando, e a minha única vontade era que não tivesse carro nenhum na rua pra eu poder ir pensando sobre aquela conversa com o Glade, com o Hamilton e com o Tião Legal. aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaas- aasassasasasasassasasasasa- sasasasasasasasasasasa Descer pela contramão, no meio da rua, de manhã cedinho, com frio nas mãos, pombos e pingados fresquinhos. De bicicleta, na hora do rush, encontrar uma ciclovia de vento entre os retrovisores, e nela pode pedalar sem as mãos.

as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais." (CERTEAU, 2012, p.165).

Observar e contar, tentar ler os textos do cotidiano. Os recados dos muros, as histórias das pessoas e as dinâmicas das ruas. Tudo são códigos. Na circulação pela cidade cheguei a uma forma de destilar minha subjetividade no mundo. Quanto a essa narração do cotidiano Certeau identifica uma "enunciação linguística" em relação com uma "enunciação pedestre", "...deve-se acrescentar que essa localização (cá-lá) necessariamente implicada pelo ato de andar é indicativa de uma apropriação presente do espaço por um 'eu' e instaurar assim uma articulação conjuntiva e disjuntiva de lugares." (CERTEAU, 2012, p.165).

Quando estou narrando, estou presente no tempo e no espaço, e posso fazer as projeções como bem entender. Combinar histórias e sonhos, memória e realidade (o que mais a frente na pesquisa vou chamar de janelas). Michel de Certeau vai afirmar que "... a memória é um antimuseu: ela não é localizável." (2012, p.175). Invento a cidade a partir da ficção presente nela e ressuscito seu passado presente "Só há lugar quando frequentado por espíritos múltiplos, ali escondidos em silêncio, e que se pode 'evocar' ou não." (CERTEAU, 2012, idem). Procuo os vazios e lhes dou nomes, dou visibilidade aos invisíveis, transformo-os em protagonistas das minhas narrativas, dou-lhes apelidos. Histórias e memórias minhas e dos outros. **As histórias são do mundo.**

Sobre essas referências e colagens de camadas de sonho, lembrança e realidade, Certeau vai falar de Rilke e a "árvore de gestos":

Essas árvores de gestos se movimentam por toda a parte. Suas florestas caminham pelas ruas. Transformam a cena, mas não podem ser fixadas pela imagem em um lugar. Se fosse necessária, apesar de tudo, uma ilustração, seriam as imagens-trânsito, caligrafias amarelo-verde e azul metal, que bradam sem gritar e listram os subsolos da cidade, "bordados" de letras e números, gestos feitos de violências pintadas com pistolas, xivas em escrituras, grafos dançantes, cujas fugidias aparições são acompanhadas pelos

ruídos

abafados dos trens do metrô: os graffiti de Nova York

(CERTEAU, 2012, p.169)

[&] A primeira vez que ouvi falar de graffiti



N a
o tarde, beber uma cerveja esta-
pi gelada, em copo de vid- ro, no boteco mais
c fresco que tiver. Como sombras no céu azul
o claro ou laranja, no fim da tarde, assistir o balé
d das gaivotas re- tornando pra casa, depois de
o tra- balhar o dia inteiro. Os gatos nos sebos, os
c moradores de rua com seus cachorros e as
al garças nos rios sujos. As vezes um gavião
o escolta a cidade do alto de uma caixa d'água.
r Um bêbado que dança como criança, e uma
u cri- ança tomando sorvete e in- ventando
m castelo no escorrega da praça. A música na
a praça e no Metrô, os ambulantes do trem. As
h bandeiras de time e de São Jorge dos
o motoristas de busão. A pista invisível e vazia na
r calçada lotada ou andar sozinho na calça- da
a que divide as pistas. Os mora- dores, os bares,
d as festas os churrascos e as fotos das fave- las.
O subúrbio baixo e suas histórias. O clima
ameno no ter- reiro. As festas de santo. A janela
do busão. A música em toda parte. O sinal de

wi-fi aberto, pra mandar foto da
lua pra amada, por whatsapp. A
cidade grande é
bonita e triste

aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaas-
aasassasasasasassasasasasa-
sasasasasasasasasasasasa Agora
na Barão de Mesquita, antes do
Colégio Militar, um motoqueiro
parou a moto na frente da van
665 Saens Pena- Av. Brasil. O
motorista da van abriu a porta
automática e ficou esperando
com paciência. Do banco de trás
eu só via pelo vidro da frente, do
lado de fora uma mulher conver-
sando com um motoqueiro, sem
pressa ou preocupação com o
fato do motorista e os passagei-
ros da van estarem a sua espera.
Dão um beijo de despedida. Ela
saiu do meu campo de visão lá de
trás de onde estava, para em se-

foi ainda muito moleque, com uns 13 anos de idade, quando já pixava a escola, os banheiros e algumas paredes da Tijuca com caneta Pilot ou graxa, e acompanhava na rua as artes dos pixadores que subiam as marquises e prédios da região. Um deles, que pixava o nome BIS, era o mais habilidoso com o jet dos artistas da geração. Usando apenas o traço com uma cor (na maioria das vezes preto fosco), fazia inúmeros desenhos inserindo a sua tag (assinatura, nome) no meio da imagem. O nome e consequentemente os desenhos dele tinham movimento, e eram diferenciados na pista. Ele foi o primeiro pixador que vi fazer a migração de linguagem para o graffiti. [&]

Os graffitis e as pichações são partes essenciais dessa leitura.

Ambas expressões naturais do espaço urbano, surgidas nas suas pulsações e tensões. O grito dos invisíveis em busca de afirmação. As paredes falam. Nesse diálogo com os mitos das ruas e as impressões nas paredes muitas coisas podem ser lidas, relatadas. Certeau vai dizer que "Os relatos de lugares são bricolagens. São feitos com resíduos ou detritos do mundo." (CERTEAU, 2012, p.174), e em seguida, "As relíquias verbais de que se compõe o relato, ligadas a histórias perdidas e gestos opacos, são

justapostas numa colagem em que suas relações não são pensadas e formam, por esse fato, um conjunto simbólico." (CERTEAU, 2012, idem).

ILHA 2 - Miragem da caminhada séc. XIX

A vontade e o hábito se constroem de maneiras sutis, e quando você menos espera, são partes essenciais da sua vida. Sempre saí de casa para andar sem motivo evidente, apenas caminhava, e caminhando sentia as ideias chegando, me acostumando, passei a me sentir bem com isso, ainda usando De Certeau "O que faz andar são relíquias de sentido e às vezes seus detritos, os restos invertidos de grandes ambições. Pequenos nada, ou 'quase' nada, simbolizam e orientam os passos. Nomes que no sentido preciso deixaram de ser 'próprios'." (CERTEAU, 2012, p.172). O ato da narração foi posterior, sendo muito postergado pelo fato de ter que parar para escrever, coisa que os smartphones facilitaram muito.

• guida colocar em primeiro lugar
• um meninão, uma criança linda,
• de pé, dentro da van. Ainda falou
• alguma coisa em voz alta com o
• motoca antes de subir. Subiu,
• sentou no mesmo lado de fileira
• que o meu, e trouxe o filho pra fi-
• car entre suas pernas e braços
• no banco. A porta automática se
• fechou e a van andou. O moto-
• queiro apareceu logo ao meu
• lado na janela. Mochilão vermel-
• ho e quadrado de entregador a
• domicílio do Mr Chan nas costas
• e capacete azul levantado com o
• rosto amostra. Abriu o sorriso
• para o filho que batia na janela
• com as pequenas mãos gargal-
• hando e sua mulher que lhe re-
• spondia com um sorriso apaix-
• onado nos olhos. Foi dali até a
• Praça da Bandeira entre caretas
• e sorrisos pilotando a moto en-
• quanto levava a criança ao delírio
• dentro da van. Deu um tchau pro
• filho e um beijo pelo ar à mulher
• antes de descer o capacete e
• seguir outro rumo. A criança, a
• mulher e eu olhando ele sumir
• na curva a direita, mochilão ver-
• melho e capacete azul. Todos nós
• três encantados com a magia do
• amor. Eles saltaram na Vila do
• João e eu perdi a parada da Teix-
• eira e acabei lá no Parque União.

• aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
• aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa-
• sassasasasasassasasasasasasa-

• sasasasasasasasasasasa Num
• beco da Baixa geral já sabe: Oi_
• velox_ap3 tá liberado. Quatro
• meninas estão sentadas na es-
• cada. Estão do lado uma da outra
• olhando seus respectivos celu-
• lares. Zap zap bombando. Às vez-
• es uma mostra na tela alguma
• coisa pra outra. A do canto direi-
• to, que veste amarelo, sorri en-
• quanto responde a mensagem
• que acabou de receber. Dois car-
• as passam correndo entre elas,
• com radinho na mão, chinelo no
• pé e boné na cabeça. Um gordo e

No Livro Caminhando (2006) Thoreau fala de suas ideias a respeito da natureza, dos homens e da importância da caminhada por trilhas desconhecidas no meio das matas selvagens da Nova Inglaterra em meados do século XIX. Em uma passagem ele diz, "Quando, em raros intervalos, algum pensamento nos visita, quando, por acaso, estamos caminhando por uma ferrovia, então até os trens passam sem que os escutemos. Mas logo, por alguma lei inexorável, nossa vida passa e os trens retornam." (2006, p.114).

Henry David Thoreau foi uma pessoa que viveu de outra forma para o seu tempo, é autor do livro A desobediência Civil, e suas ideias ainda são cheias de potencial inspirador de transformações nos dias de hoje. Viveu no meio do mato, construindo e consumindo tudo que é produzido pela natureza, provando através de sistemáticas prestações de contas, que é possível viver só com o necessário. Distanciou-se da cidade, e via no caminhar uma distinção entre ele e os homens que trabalhavam nos bancos ou com artesanato e não tinham tempo para andar livremente e descobrir outros caminhos.

26

A narração das ideias de seus trajetos é cheia de poesia, mas às vezes muito distantes da realidade de quem hoje, como eu, lê seu livro dentro de um ônibus parado no coração da cidade grande. Não sinto o cheiro do mato, nem a calma do lago. Apesar disso, suas ideias são

atuais. Uma das citações do livro feitas por Thoreau, sobre a A velha estrada de Marlborough tem o seguinte trecho, "O que é, o que é/ Senão um rumo ali,/ E a simples possibilidade,/ De ir a algum lugar?" (THOREAU, 2006, p.81), pode ser utilizada em qualquer lugar, nas estradas do campo ou nas esquinas da cidade, todas elas representam nada mais que muitas possibilidades.

Nessas andanças em busca das estradas de Marlborough, usando a miragem de Certeau novamente, ele diz que "Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares." Os lugares se desenvolvem a partir de nossa apropriação dos mesmos. Mudamos seus nomes e seus símbolos, apesar do planejamento urbano do estado. Saindo do século XIX de Thoreau, e vindo para o século XXI, dos lugares que me apropriei, ou os chamo por apelidos ou por símbolos que eu mesmo criei. [&] A rua Barão de Pirassinunga,

♦ um magro. Elas nem levantam os
♦ olhos para vê-los passar. Um
♦ menino grita Pega Ladrão de
♦ wifi! As meninas riem. Os periquitos
♦ passam com fuzis portentosos
♦ que brilham com as luzes do fim
♦ da tarde. Usam óculos escuros,
♦ capacete, coletes e fones no ouvido.
♦ Barulho de obra e de cachorro uivando.
♦ Os aviões chegando no Galeão .
♦ Pagode em alto volume. Eu te quero
♦ só pra mim, como as ondas são do mar,
♦ não dá pra viver assim, querer
♦ sem poder te tocar. O pequeno
♦ Jefferson solta pipa com o braço
♦ que não tá quebrado, e nos intervalos
♦ pra relaxar o pescoço, prepara
♦ uma marimba pra tentar pegar a
♦ pipa que está no fio. E assim vai
♦ acabando mais um dia. A fresta de
♦ luz já não embeleza mais a cozinha,
♦ as sombras já deixam de ser o que
♦ são . Na rua já é noite e no céu
♦ ainda é dia. A escada do beco agora
♦ está cheia. As conversas do zap zap
♦ geraram os encontros. Estão ali,
♦ tentando vencer a timidez que
♦ separa os olhos das pessoas que
♦ se desejam. aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaas-
♦ aasassasasasasassasasasasasa-
♦ sasasasasasasasasasasasca"2
♦ reais, senhores. Triturador de
♦ alho da ana maria braga. Mais
♦ resistente, não quebra senhores.
♦ Tritura qualquer coisa. Chega de
♦ amassar o fundo das panelas,
♦ senhores. Caminhao virou promoção
♦ chegou." aaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaasassasasasasa-
♦ sassasasasasasasasasasasasa-
♦ sasasasaRodei aquela região dos
♦ Arcos atrás de um Yakisoba. Mais
♦ de 10 eu não pago. 16, 14, 12. Até
♦ que depois de esperar uma fila
♦ de 5 cachorro quentes, comprei
♦ um yakisoba de carne a 10. Molho
♦ meio shoyo, meio teryaki,
♦ meio alho. regado. Dava pra dois.
♦ Andei pro ponto queimando a lín-

é a "Barão", a Potengi é a "ladeira do Marcão e do Marcell", a rua Guapiara é a dos "a sombra pássaros na gaiola sem grade), a Desembargador Isidro é a "que tem o coração no concreto da calçada", a General Roca a "General" ou túnel verde, devido as árvores que têm dos dois lados da rua, e vistos de longe é visível o túnel de árvores. [&]

Falando em apelidos, é caminhando também que se conhece as pessoas de maneira real, olha-se no olho e aperta-se a mão delas. [&] Para o Alfredo, jornalista da "Barão", eu sou o "Carlãozinho", pois meu pai é o "Carlão", e desde os 10 anos de idade que passo ali andando ele me chama dessa forma [&]. Sobre os apelidos Thoreau já dizia:

"Atualmente nossos únicos nomes verdadeiros são os apelidos. Conheci um garoto que, por sua energia peculiar, era chamado de "Faísca" por seus companheiros, e isto suplantava adequadamente seu nome de batismo. Alguns viajantes contam que um índio não ganhava nenhum nome inicialmente, mas o conquistava, e seu nome era a sua fama; e entre algumas tribos ele adquiria um novo nome a cada nova façanha. É lamentável quando um homem leva um nome por conveniência meramente, sem ter conquistado nem nome nem fama." (THOREAU, 2006, p.108).

ILHA 3 - Miragem do Rio de Janeiro de João do Rio

O escritor João do Rio, considerado por muitos o cronista mais conhecido do Brasil, foi um dos grandes "relatores" do Rio de Janeiro no início do século XX, e com ideias diferentes das de Thoreau, ele explica as diferenças entre rua e estrada,

"Se a rua é para o homem urbano o que a estrada foi para o homem social, é claro que a preocupação maior, associada a todas as outras ideias do ser das cidades, é a rua. Nós pensamos sempre na rua. Desde os mais tenros anos ela resume para o homem todos

os ideais, os mais confusos, os mais antagônicos, os mais estranhos, desde a noção de liberdade e de difamação - ideias gerais - até a aspiração de dinheiro, de alegria e de amor, ideias particulares. Instintivamente, quando a criança começa a engatinhar, só tem um desejo: ir para a rua!" (RIO, 2008, p.44).

Nascido em 1881 no Rio de Janeiro, com o nome

g
u
a
e
d
ei
x
a
n
d
o
c
ar
n
e
c
ai
r
n
o
c
h
ã
o.
C
h
e
g
o
u
a
s
al
v
a
d
a
n
oi
te
,
4
1
0
k
o
m
bi
.
D
e
p
oi

s da meia-noite 3 reais. Sentei na esquerda, abri a janela e continuei comendo. Entrou um pessoal e mais outro. No Bar da Cachaça, juntou uma turma no lado de fora, e o cara da minha fileira começou a falar don't move, don't move, olhando pra mim, e pro cara do lado, e depois em voz alta, se entrar al- guém eu saio. O motorista nem pensou e falou, vai entrar, e o cara saiu. Assim que ele saiu ri- mos muito, e eu perguntei pro cara do lado se era comigo que ele falava em outra língua, mas ele achou que era pra ele. A kom- bi lotou, e no Rio Comprido eu escutei, yakisoba é muita onda, zerou o 410. Me senti orgulhoso lembrando dos vários jogos que nunca zerei, Zelda, 007, GTA e to- dos os outros. Fiquei famoso na Kombi, o molho do yakisoba no neon da Kombi parecia petróleo, e não sei como alguém falou em baile do Salgueiro, e logo falei das memórias e o cara da frente se identificou. Ele é da Enes de Souza e eu da Bom Pastor. Andava com a galera da Travessa Matilde. Amigos em comum, ti- ros e festas. Famílias de porcos e apelidos. Josias que há 10 anos atrás de um podrão comprou um Vectra e tá rico, derrubou um terreiro e abriu um estacionamento na Barão. No podrão dele não vende cerveja. Não lembro de tu, nem eu. Agora to gordo e tu tem bigode grosso. Crescemos juntos. As mesmas memórias. Vacilão roda rápido. Falou da preocupação com a mulher que tá com síndrome do pânico, e das Peladas na rua e histórias clás- sicas. Ele saiu dessa, e eu não vi mais ninguém. To mais nessa não. Saltamos. Valeu, Carlos. Valeu, Melequinha. Caraaalho!!!! Melequinha. Tinha um irmão

de Paulo Barreto, João do Rio acredita que "A alma da rua só inteiramente sensível a horas tardias. Há trechos que a gente passa como se fosse empurrada, perseguida, corrida - são as ruas em que os passos reboam, repercutem, parecem crescer, clamam, ecoam e, em breve, são outros tantos passos ao nosso encalço." (2008, p.37). Nas minhas caminhadas também gosto das luzes da noite, e sobretudo da madrugada. A cidade amarela e sem gente. A possibilidade de andar no meio da pista dos carros, ver suas dobraduras, remendos e rachaduras. **Na madrugada me sinto como o único caminhante vagabundo do mundo.**

"São duas da manhã na porta de casa
Fazendo fumaça, rua vazia e mente cheia de
cachaça
Largado no meio fio, clima meia frio em pleno rio
Não a nem um pio então pelo silêncio me guio
Confuso com tudo que tem acontecido
Tento ter tudo esclarecido
Relatando os fatos pra um amigo
Procuro soluções para que acho que é um caso
perdido
Que me encontrou e agora eu fui esquecido
São só eu corujas, morcegos e ratos gatos par-
dos
E gatunos andando pelos telhados
Cacos de vidro quebrados
E o vizinho sai de sua casa assustado
Pra saber o que à de errado
Em e poder dormir sossegado
Não há nada
Por isso que eu amo a madrugada
Por que quando o sol subiu tudo chega e a paz
acaba
E só roncos de carros deixando as vozes abafa-
das
Britadeiras e formigas esmagadas nas calçadas"
Quinto andar

João do Rio descreve a rua como quem ama. Presta atenção aos mínimos detalhes, desde a formação delas, quando ainda nem tem nome, até se tornarem grandes e cheias de sentido próprio. Identifica em cada uma delas uma energia, a rua do medo, a rua da alegria, a rua da infância. Estuda os nomes e os apelidos das ruas. Presta atenção nos cheiros, nas cores e nas formas. As profissões, os passantes e as personagens. As pessoas. É nas pessoas que João do Rio entende as ruas.

mais velho né? Tinha. Porra,
joguei muita bola contigo e com
teu irmão. Agora tô ligado, mas
tu ainda não tinha esse bigode
grosso. aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa-
aasassasasasasassasasasasa-
sasasasasasasasasasasasa Olha o
sol chegando. Antes de castigar,
ele acaricia. Dá luz a vida dos
que dormem nas camas e dos
que tem como cama, o chão. O
sol ilumina os homens que
tomam pingado e pinga, no bar
da esquina da Rua do Bispo an-
tes das 7h. Na sombra da manhã
pode-se ver a fumaça do cafe, e
seu calor furando o frio. Olha o
sol aquecendo o corpo ainda ge-
lado pelo frio da noite e pelo frio
do chão. Repara nos pés des-
calços fugindo das calças curtas
dos que dormem no chão. São da
cor do peito dos pés dos que mo-
ram nas favelas, dos garis, e da
maioria daqueles que ganham
menos de mil reais para resistir
no trabalho numa metade do dia,
e na outra sobreviver. Os garis
estão nas ruas antes do sol che-
gar. De botas pretas, Recolhem o
lixo ao lado dos pés pretos des-
calços que saem do papelão, e
tocam as pedras portuguesas.
Tentam não fazer muito barulho,
pois ainda é cedo. aaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaasassasasasasasassa-
sasasasasasasasasasasasasa-
sasa 10h da manhã, Campo de
Santana, Praça da República,
Central do Brasil. Um homem
passa com uma bicicleta laranja
que já não é mais do Itaú. Arran-
cou o cesto com a marca e o ferro
que encaixa nos bicicletários. A
bicicleta Agora é dele. Um sen-
hor com uma caixa de som colo-
ca pra tocar em volume alto mu-
sicas religiosas e vende cds. 3
homens em direção ao trabalho
conversam, um deles, o loiro,
encena o soco que deu na nuca

"Eu amo a rua. Esse sentimento

de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor as- sim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia - o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia, Os séculos pas- sam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez

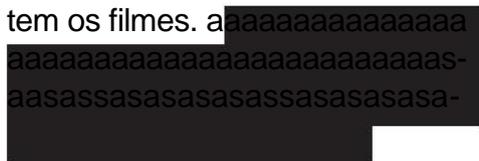
maior, o amor da rua."

Como se trata da referência mais tradicional quando o assunto é cidade no Rio de Janeiro, preferi por não pegar os mesmos caminhos dos outros - grandes trabalhos já foram feitos tendo como objeto de estudos os vários textos de João do Rio. Optei por pegar um caminho por fora, mais lento, mais calmo e mais raso, sobretudo mais atual. **A cidade de João do Rio ainda se mostra no Centro, só que praticamente em ruínas.** Vivemos numa cidade que não sabe lidar com a idade que têm. No Rio o projeto urbano consiste em construir, e depois demolir, para construir de novo. O que aproxima esses tempos (o meu e o dele), são as transformações urbanas em curso na cidade: demolição da perimetral, remoção nas favelas, construção das vias e condomínios para as olimpíadas, e por aí vai.

A cidade está em obras.

Apesar de reconhecer sua inegável importância, não vou me apoiar no cronista para falar da cidade hoje. Mas vou usá-lo nos capítulos seguintes como disparador de produção. No capítulo 2 falando das janelas, usando a janela dele para me conectar mais diretamente com os fatos desse outro tempo no Rio de Janeiro, e no capítulo 3 cheguei a pensar em fazer uma brincadeira com a sessão do livro A alma encantadora das ruas que se chama O que se vê nas ruas, mas desisti. Ia organizar a caixa preta/inventário do último capítulo fazendo uma atualização dos apontamos listados por João do Rio. O que eu vejo nas ruas nos dias de hoje. Mas optei por

de uma ex-namorada, e diz que ela caiu no chão. Os 3 riem. Na igreja de São Jorge, pessoas de todos os tipos cantam em coro, Entra na minha casa, entra na minha vida. Olhos fechados, mãos para o alto. A água que o padre molha numa cumbuca e joga nos presentes toca em mim. Um homem que também recebeu a bênção do padre, faz a sinal da cruz. Na nova Biblioteca Popular, ar-condicionado, porta automática e cores. Mal abriu, e já tem muitas pessoas, famílias e senhores. As cabines de vídeo já estão todas cheias, e é possível ver de fora, as batatas de pernas negras da maioria dos que assistem os filmes.



sasasasasasasasasasasasa De registrar o nascimento de uma personagem, nessa minha relação com a cidade.



d e nt ro d e u m 3 9 7 p ar a d o n o tr â n sit o d a A v.

Brasil, dá pra ver um homem que caminha tran- quilamente na contramão dos carros, ao lado da mureta que separa as duas pistas centrais. No que será que pensa? O que será que sente? Com saco de lata nas costas, pés descalços, calça jeans, blusa preta e cabelo ba- gunçado, ele segue mostrando a certeza de que aquele é o melhor caminho. Olha só pra baixo ou pra frente, como se não existisse céu, ou carros a 100km/h voando ao seu lado. Caminha como se estivesse sozinho no mundo. Ele e suas histórias, guardadas no saco de latas que carrega nas costas, e que lhe fazem andar. aa aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaasaas- assasasasasassasasasasasasa- sasasasasasasasasa Entre ban- cos verdes e amarelos, sistema de som tocando rádio JB.fm em volume alto e janelas com corti- na vermelha de incêndio, de den- tro do L489 Caxias eu vejo escrito Bangu, Penha, Sepetiba em

Tem uma questão em especial que vou passar rapidamente. A questão do flâneur, que o escritor levanta em sua obra. A citação é extensa, porque toda a sua extensão é importante.

"Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos flâneur e praticar o mais interessante dos esportes - a arte de flanar. É fatigante o exercício?

Para os iniciados sempre foi grande regalo. A musa de Horácio, a pé, não fez outra coisa nos quarteirões de Roma. Sterne e Hoffmann proclamavam-lhe a profunda virtude, e Balzac fez todos os seus preciosos achados flanando. Flanar! Aí está um verbo universal sem entrada nos dicionários, que não pertence a nenhuma língua! Que significa flanar? Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina, seguir com os garotos o lutador do Cassino vestido de turco, gozar nas praças os ajuntamentos defronte das lanternas mágicas, conversar com os cantores de modinha das alfurjas da Saúde, depois de ter ouvido dilettanti de casaca aplaudirem o maior tenor do Lírico numa ópera velha e má; é ver os bonecos pintados a giz nos muros das casas, após ter acompanhado um pintor afamado até a sua grande tela paga pelo Estado; é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego, para deixar de lá ir, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um par jovem cujo riso de amor causa inveja.

É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado flâneur ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas. Do alto de uma janela como Paul Adam, admira o caleidoscópio da vida no epítome delirante que é a rua; à porta do café, como Poe no Homem da Multidões, dedica-se ao exercício de adivinhar as profissões, as preocupações e até os crimes dos transeuntes. É uma espécie de secreta à maneira de Sherlock Holmes,

♦ diferentes muros da Tijuca. Im-
♦ agino uma foto com cada pessoa
♦ que escreveu cada nome. Ho-
♦ mens e mulheres, adolescentes,
♦ jovens e adultos. Diferentes
♦ cores, classes e lugares. Difer-
♦ entes épocas, estilos e políticas.
♦ Mapeiam e tatuam a cidade real
♦ de nomes ao ríotracon e lugares
♦ inventados. As mil diferenças re-
♦ unidas numa parede, e o desejo
♦ comum de se colocar no mundo.
♦ Existir. Eu passei por aqui, algum
♦ cara resolveu escrever alguma
♦ vez, em algum lugar do mundo. A
♦ expressão evoluiu e virou lin-
♦ guagem. Ninguém entende o que
♦ leva alguém a fazer isso. Subir 20
♦ andares por fora do prédio na
♦ Presidente Vargas e declarar o
♦ amor pela Vanessa. Na esquina
♦ da Maracanã com Uruguai subi-
♦ ram 3 andares pra inventar o
♦ outdoor com a pergunta Sonhar
♦ ou sobreviver? Quem entende a
♦ vontade de estampar os horro-
♦ rosos vergalhões debaixo da pis-
♦ ta dos viadutos, a 20m do chão?
♦ Chegar lá, dando as costas pra
♦ morte, enquanto os carros pas-
♦ sam por suas cabeças, escrever
♦ a célebre frase Onde o filho chora
♦ e a mãe não vê, ou alguma outra
♦ sobre não ter medo de altura ou
♦ da morte. O que nesses casos é
♦ mera redundância. Artistas e al-
♦ pinistas como os daqui, os jovens
♦ de Berlim se filmaram pegando a
♦ lateral de um prédio inteiro, us-
♦ ando cordas e escadas, e tam-
♦ bém surfando nos tetos do busão,
♦ como as galeras das torcidas or-
♦ ganizadas faziam aqui, e nossos
♦ surfistas de trem faziam há 20
♦ anos atrás no caminho do trabal-
♦ ho. Em Manguinhos, entre as
♦ pichações da prefeitura nas ca-
♦ sas SMH601, 602, 603, 604, 605...
♦ tem escrito UPP filha da puta.
♦ Existe um livro de guerra e poe-
♦ sia escrito nas paredes, no corpo
♦ da cidade. Em alguns casos, 20
♦ anos se passaram e a tinta não
♦

sem os inconvenientes dos secretas nacionais. Haveis de encontrá-lo numa bela noite numa noite muito feia. Não vos saberá dizer donde vem, que está a fazer, para onde vai. Pensareis decerto estar diante de um sujeito fatal? Coitado! O flâneur é o bonhomme possuidor de uma alma igualitária e risonha, falando aos notáveis e aos humildes com doçura, porque de ambos conhece a face misteriosa e cada vez mais se convence da inutilidade da cólera e da necessidade do perdão.

O flâneur é ingênuo quase sempre. Pára diante dos rolos, é o eterno "convidado do sereno" de todos os bailes, quer saber a história dos boleiros, admira-se simplesmente, e conhecendo cada rua, cada beco, cada viela, sabendo-lhe um pedaço da história, como se sabe a história dos amigos (quase sempre mal), acaba com a vaga idéia de que todo o espetáculo da cidade foi feito especialmente para seu gozo próprio. O balão que sobe ao meio-dia no Castelo, sobe para seu prazer; as bandas de música tocam nas praças para alegrá-lo; se num beco perdido há uma serenata com violões chorosos, a serenata e os violões estão ali para diverti-lo. E de tanto ver que os outros quase não podem entrever, o flâneur reflete. As observações foram guardadas na placa sensível do cérebro; as frases, os ditos, as cenas vibram-lhe no cortical. Quando o flâneur deduz, ei-lo a concluir uma lei magnífica por ser para seu uso exclusivo, ei-lo a psicologar, ei-lo a pintar os pensamentos, a fisionomia, a alma das ruas. E é então que haveis de pasmar da futilidade do mundo e da inconcebível futilidade dos pedestres da poesia de observação... Eu fui um pouco esse tipo complexo, e, talvez por isso, cada rua é para mim um ser vivo e imóvel."

Flanar pra mim é ir trabalhar. Nos deslocamentos entre a casa e o trabalho (vários lugares), por conta da lentidão em trânsito, seja de ônibus, de trem ou de metrô, são nesses momentos entre que se faz a observação. E um observação que não só observa como é observada. João do Rio olharia pra mim em pé num ônibus lotado, com uma mão segurando o ferro e a outra o celular, enquanto digito tudo que acontece a minha volta. Em uma posição diferente da do escritor, eu não vou entrar nas rodas da "populaça", eu também sou a populaça. Portanto, enquanto não se inventa um termo melhor para representar essa forma de viver e ver o mundo, eu prefiro por não me afirmar como flâneur ou coisa alguma. Estou

saiu , é tatuagem. Nos subúrbios pixam as casas inteiras mas não as imagens sagradas. O cara fã do Cazuzu, que em homenagem ao ídolo deixou um nome e um trecho de sua música no mármore do túmulo do artista, no São João Batista. Em Olaria um cara foi no 2º andar falar que sente saudades do pai. Muita gente já chorou passando de ônibus por ali. Do 5º andar, no topo de uma escola, alguns jovens fizeram o dever de casa. Aprenderam a criar tipos e sabem escrever de cabeça pra baixo. Numa bifurcação em Caxias, um anúncio agressivo de uns 10 metros estampa o cristo de braços abertos escrito O Rio é Assim. Não, na verdade, quem acha que é, é que não tá entendendo nada.aaaaaaa

aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaasassasa-
sasasassasasasasasasasasasa-
sasasasasasaO policial que atirou

num pixador que tava na marquise de um prédio abandonado, quando chegou em casa teve que levar o filho na UPA, tinha sido baleado. O guarda municipal, que travou a mercadoria de um ambulante, pela 1º vez na vida não ganharia presente do irmão no seu aniversário. O pedreiro da prefeitura demoliu a casa da própria mãe, onde cresceu, com medo de perder o emprego. Para cada marretada uma lembrança. O soldado do Choque que agrediu a senhora que lhe ensinou a ler. Os amigos que deixam de ser amigos por conta das fardas. Do alto da torre, os donos da cidade não enxergam o labirinto enquanto contam as mesmas piadas dos tempos dos reis. E quem está no labirinto não enxerga quem está na torre, e mata a si mesmo, dia após dia.aa

aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaasas-
assasasasasassasasasasasasa-

muitos geógrafos, e a maioria dos que falaram conversavam dentro de uma linguagem técnica que eu, leigo em qualquer linguagem técnica sem ser a do TTK, tinha dificuldade de entender. Apesar disso, como razoável aluno que me tornei depois do começo da faculdade, sempre gosto muito de assistir palestras, escutar o outro falar. Normalmente não entendo muito do todo do que é falado, mas estou parado em alguma ideia falada anteriormente por alguém, ou vinda de um lugar qualquer seja na sala em que estou ou na minha memória, e me faz pensar, e pensar, e pensar, e depois produzir. E nesse dia as ideias estavam fluindo, a barriga cheia.

Como em algum momento minha cabeça já estava distante, decidi ir embora, andar na rua. Na saída do auditório tinha uma daquelas bancas de livro, que têm livros que a gente só encontra nesses encontros e seminários de campos de pesquisa específicos. Como sempre olhei os vários livros. Deixo me cativar por algum dos títulos, ou das capas, e às vezes abro para olhar o índice. Passei o olho em alguns conhecidos. Encontrei A cidade do pensamento único que quando entrei no mestrado era difícil de encontrar vendendo, e aproveitei para separar.

Na hora de pagar com o OuroCarlos (apelido do meu cartão de débito) vi a capa do livro Paisagens Pós-urbanas, de Massimo Di Felice. A foto da capa é uma cidade com construções clássicas com aspecto de ruínas. Não me identificava com nada na verdade, nem com o título, nem com o autor que nunca tinha escutado falar e nem com a foto das ruínas, mas assim mesmo abri o livro para ver o índice: 3.3 - trânsitos eletrônicos. Comprei. No Metrô voltei folheando o livro já tendo certeza que seria esse o livro mais usado nessa pesquisa.

Por que? Porque esse capítulo em especial consiste em trânsitos do autor pela cidade de São Paulo, onde dá aula na escola de comunicação da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Nessas viagens em transportes públicos, com fones no ouvido ou lendo. Vendo a cidade viva, ele fez vários relatos de espaço misturando o que vê, o que pensa e os autores que estuda. São relatos muito mais acadêmicos que os de João do Rio, mas ao mesmo tempo menos pomposos, mais interativos e calorosos. Na minha cabeça era tudo que eu precisava para enlouquecer ainda

começou a conversar sobre mulheres. Cada um com seu celular mostrando fotos um pros outros de garotas que conheciam. Não sabiam onde estavam direito, queriam ir pro Leblon, mas não sabiam a diferença entre Botafogo, Copacabana e Ipanema. Eram todos brancos e vestidos de maneira parecida. A gabi compartilhou um post meu e eu adicionei ela. Gostosa. E a Taiane? Horrível. Artur pega ela direto. Nojo! Se xingavam em cada estação que parava em Copacabana, discutindo se era ali ou não que deviam saltar para ir ao Leblon. No meio desse caminho, um violeiro entrou no vagão. Violão na mão, calça jeans, all-star, chapéu na cabeça e capa de violão vazia nas costas. Boa tarde a todos, eu sou o Gerson e vou tocar um pouco de mpb pra descontrair a viagem de vocês. Tocou e cantou Tim Maia e Alceu Valença, agradeceu, ganhou alguns aplausos e trocados, até mudar de vagão. aaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaasasassa-
sasasasassasasasasasasasasa-
sasasasasasasaO sábado ensolarado de feriado é de praia, pra alegria geral. Quando salta na Central o calor parece vir do chão, e não há sombra para se esconder. Saindo do Metrô Cardinal Arcoverde, As nuvens parecem se desmanchar sobre Copacabana. Parece churrasco um grupo de amigos saindo da praia comenta entre si. Filma isso. E a amiga, com o short jeans molhado e cabelos presos aponta o celular na horizontal para o alto, e vira cineasta. No meio do labirinto de prédios, sotaques e línguas, desce como uma fumaça dos céus até a altura dos semáforos. Verde, amarelo, vermelho e nuvem. Diferente das outras praias, nenhuma tem tantos mercados, e depósitos de bebi-

mais essa minha viagem de barco.

Quando cheguei em casa a primeira coisa que fiz foi mandar um inbox para o autor do livro. Gosto de mandar mensagens para pessoas que admiro o trabalho⁶. Ele nem nunca respondeu a minha mensagem, mas isso não tem importância nenhuma na realidade:

Massimo, desculpe vir aqui mesmo sem te conhecer. é porque estou agitado por ter encontrado o Trânsitos eletrônicos do teu livro. tô no final do meu mestrado, e achar esse capítulo teu agora casou perfeitamente. vou falar das narrativas que fiz pelo smartphone e a pé e dentro de transportes públicos da cidade. vou falar das janelas da minha vida: memória, ônibus e facebook. enfim, hahaha, não sei se nada disso te importa alguma coisa, mas é pra falar mesmo, que bom que rolou esse encontro. agradecer. vou deixar o link onde tem os textos que faço em trânsito e posto no facebook desde 2012. abração.

www.janeladestravada.wordpress.com

34

Através desses relatos entrecruzados por ideias de Di Felice, achei uma parte de um mar teórico que preciso para navegar.

"A assunção do novo e o contínuo processo de metamorfoses técnicas que envolvem tudo e todos assumem, no presente, as formas de categorias existenciais: viver o nosso tempo significa mudar, 'devir outro', 'ir além', 'transitar', 'deixar', 'sair', mas num sentido diferente do significado histórico da viagem e do viajar. Numa postura distinta daquela comum aos habitantes das cidades a beira-mar que, pela própria posição geográfica, permaneciam com a constante dúvida que os deixava sempre suspensos entre o partir e o ficar.

Na época contemporânea, não se parte nem se retorna. O mar é em qualquer lugar. Dentro e fora de nós. Nós somos mar.". (DI FELICE, 2009. p.24)

Como comecei a ler o livro a partir do achado do capítulo 3, fui ler a introdução somente depois de já ter lido várias partes do livro. Confesso que me arrepiei ao ler as últimas frases dessa introdução, falando do mar em qualquer lugar,

das e gelo por perto. Na Rodolfo Dantas a garrafa de água 1,5l gelada é 3 reais e os latões de cerveja e o gelo do isopor já são comprados ali mesmo. Pra cada um latão na praia, dois no depósito. Na orla um certo ar de frustração, apesar de cheia de gente. Todos sabem que o sol está ali, logo atrás das nuvens. Não é por falta dele que as fotos não são tiradas: um grupo de 3 casais, em 6 bicicletas laranjas do Itaú, param no meio da ciclovia enquanto o sinal não fecha, estão em fila, e procuram espaços para aparecer na foto com seus sorrisos; um senhor de sunga, blusa azul marinho, boné e óculos escuros, não gosta das fotos que a mulher tira, e faz ele mesmo um selfie, com o mar cheio de pessoas e a neblina, ao fundo; sem os prédios, a pedra do Leme e o Forte, uma família perde as referências e não sabe aonde se posicionar para a foto; dois rapazes cheios de areia, tiram fotos um do outro com um tablet, um deles esconde o cigarro na hora da foto. A neblina avança sobre os prédios como se fosse derrubá-los. Fica bonita a imagem com os prédios pela metade, tomados pela força das nuvens. No mar as pessoas ficam com medo de avançar em direção à nevoa. Parece que o mundo acaba ali. Não é possível enxergar 50 metros além de onde se está, e não é possível saber se a praia está cheia para os outros lados, na verdade, é impossível saber se o resto da praia, sem ser aquele ainda existe. As fotos sem fundo. Tudo é branco e cinza. Um homem dorme num colchonete em frente ao mar e sonha com viagens. Um casal de japonês faz sinal para um ambulante e compra um espeto de camarão. Homens esticam o short e deixam a água do chuveiro cair no piru. Um surfista

inclusive na gente. Então aproveito o ensejo, e sigo navegando.

Ilha 5 - miragem dos truques de pesquisa

Ler Howard Becker é muito bom. Uma escrita solta pra falar sobre essa linguagem dura que ainda é a escrita acadêmica. Por que? Eu me pergunto. Por que continuam usando a mesma linguagem científica de séculos atrás? Como ignorar os atravessamentos, por exemplo, das ferramentas tecnológicas? Como fazer de conta que a pesquisa e a vida são coisas separadas pra quem pesquisa a área de "humanas", ou seja, a própria vida?

Em seu livro Segredos e truques de pesquisa (2008) o autor vai falar com soltura e leveza sobre as mais variadas questões que envolvem uma pesquisa científica - conceito, lógica, método, premissa, análise, inclusões, categorias - para no final das contas dizer que é possível fazer pesquisa de outras formas, se pautando por outras referências e sem os medos que assolam todo o pesquisador. **Howard Becker incita pesquisadores a produzir pesquisas livres das amarras reproduzidas cotidianamente no meio acadêmico.**

Ilha 6 - Miragem do pensamento único

No livro A cidade do pensamento único (1999), Otília Arantes, Ermínia Maricato e Carlos Vainer, conseguem fazer uma leitura do que a cidade vem vivendo de um tempo pra cá mais de 10 anos antes de começar a acontecer. Em 1999 eles publicaram esse conjunto de artigos falando de um Rio de Janeiro que era cada vez menos cidade, e cada vez mais empresa. Uma pesquisa que atenta principalmente para as consideráveis transformações urbanas e a origem dos modelos dos projetos urbanísticos importados para tornar o Rio uma cidade olímpica, preparada para os megaeventos.

Vão falar da rede mundial de cidades. De gentrificação e da cidade balcão de negócios, remoções, pacificações e revitalizações. Uma curiosidade: parte dos discursos dos candidatos a prefeito da cidade na eleição de 2012, Eduardo Paes e Marcelo Freixo, sobretudo quando o assunto da pauta era planejamento urbano, cidade, cada uma a sua maneira, bebiam da mesma

zona norte, de mochila, bone e prancha velha olha pro mar. Vê nuvens e sonhos. Duas avós não tiraram a roupa e hoje não vão mergulhar. Vão ficar olhando pro mar, e pros netos. Uma mãe sentada na cadeira observa o marido dormindo na canga, com os dois filhos sobre suas costas dormindo também. Eles usam sungas iguais, e juntos são uma coisa só, como um triplo X burger de amor. O que está em cima dos dois esfrega devagar as mãos com areia no que sobra das costas do pai, sem saber que faz carinho. aaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaasaasassasasasasassasasasasasasasasasasasasasasasasasa Entim chegou o último trem do Metrô de domingo, 2 de fevereiro, dia de lemanjá. Domingo é o dia Dela o ano inteiro, tamanha a quantidade de gente que vai pra perto do Mar. 23h, a essa hora a baldeação para Linha 2 é na Estácio. Último vagão, porque fica longe das escadas e sai mais vazio. Areia no chão, cadeiras úmidas e cheiro de sal. O mar de trem.
Algumas bicicletas e pessoas. Restos³⁵ de praia e de um domingo de sol. Entre os trabalhadores, no último trem, sempre tem um do Metrô e nesse vagão em especial, um do Bob's. Com os tornozelos de areia, aqueles que viram o sol se pôr, a lua nascer, e as estrelas preencherem às formas. Na porta de transição entre vagões, nas cadeiras de frente pras outras, 6 lugares ocupados e 2 vazios. 2 casais e 2 velas. Os amigos seguravam a vela numa mão e o celular na outra, fingindo não ver a pegação do casal amigo. De longe se via o pescoço curvado e o osso da nuca deles, com as cabeças abaixadas para os celulares, assim como se via as curvas que as línguas dos casais faziam. Mais de 10 estações se beijando. Um deles cortou a boca, e continuou beijando, incentivado pela parceira. Elas de shortinho e baby look com barriga de fora, e eles de bermuda estampada e regata, um deles com camisa verde do Boston Celtics e boné preto pra trás. Ambos com areia na canela e pele bronzeada. Amanhã é 2º,

fonte, dos conceitos expostos nos artigos desse livro.

Carlos Vainer, em seu artigo "Pátria, empresa e mercadoria" presente no livro em destaque, faz uma introdução sobre a sua pesquisa, que diz muito sobre as investigações e projeções expostas pelos três autores no livro.

"Nas três próximas seções desse trabalho, com base em textos de alguns dos principais portavozes do planejamento estratégico urbano entre nós, busca-se: a) mostrar que seu discurso se estrutura basicamente sobre a paradoxal articulação de três analogias constitutivas: a cidade é uma mercadoria, a cidade é uma empresa, a cidade é uma pátria; b) analisar o sentido e a eficácia de cada uma dessas analogias na construção de um projeto de cidade. Ao longo de todo o trabalho, e particularmente na seção final, se procura evidenciar que este projeto de cidade implica a direta e imediata apropriação da cidade por interesses empresariais globalizados e depende, em grande medida, do banimento da política e da eliminação do conflito e das condições de exercício da cidadania. Subjacente ao exercício analítico está a intenção de discutir se, e até que ponto, é aceitável a postulação dos propugnadores do planejamento estratégico urbano de que sua adoção seria o único meio eficaz para fazer frente às novas condições impostas pela globalização às cidades e aos poderes locais; ou se, ao contrário, esta proposta estará, nos próximos anos, obrigada a disputar o mercado de modelos com alternativas capazes de oferecer outros valores e projetos ideais de cidade." (VAINER, 1999. p. 79)

Ilha 7 - Miragem da errância

No livro Elogio aos errantes (2014), Paola Benstein Jacques conta também sobre as vanguardas artísticas europeias, e seus usos da caminhada como dinâmica criativa de produção de paisagem e questionadora dos projetos urbanísticos. Os diferentes períodos: **flanância, deambulação e deriva**. Assim como se debruça sobre as ideias de demabulatórias do artista brasileiro Hélio Oiticica. Por dentro das análises desses momentos das vanguardas artísticas do século XX, Paola Jacques aproveita para discutir a importância e decadência da narração

♦ e vão passar a semana trocando
♦ mensagens de Facebook,
♦ What'saap e SMS, tramando um
♦ novo encontro entre corpos e lín-
♦ guas. Chegou a Estácio, chegou a
♦ separação. A música da Calcan-
♦ hoto que toca na estação, no fim
♦ de um domingo, perto do amar.

♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ ssssssssssssssssssssssssssssa-
♦ sasasasasasasasasasasasa
♦ Saindo
♦ de Passa 4, pelo janelão dos fun-
♦ dos do VAB é possível ver que na
♦ parte de trás de uma placa de
♦ transito está escrito com spray:
♦ Ana, eu te amo de verdade. Pen-
♦ sei sobre o amor e suas formas
♦ de declarar. 100 metros depois,
♦ nas costas de uma outra placa se
♦ lê o final da declaração: minha
♦ coxa grossa 18/03. O apaixonado
♦ fez isso dos dois lados da pista.
♦ Pensei na ideia dele de fazer Ana
♦ lembrar dele e de seu amor
♦ quando esta chegando e saindo
♦ de sua cidade. Na despedida e no
♦ reencontro. Quem sabe diaria-
♦ mente pela manhã, indo para a
♦ padaria do posto de gasolina
♦ mais próximo, Ana vê a de-
♦ claração apaixonada. E que, ain-
♦ da sonolenta e com frio, sorri em
♦ segredo quando lê a placa e lem-
♦ bra do calor da noite anterior
♦ quando seu amado lhe afaçava
♦ as coxas grossas. aaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaasaasssssssssa-
♦ ssssssssssssssssssssssssssssa-
♦ sasasasa No ônibus expresso do
♦ Metrô que vai para Urca, e passa
♦ na UFRJ, uma moça lê o livro O
♦ seu casamento à prova de divór-
♦ cio, e anota num papel as partes
♦ que acha importante. Uma mul-
♦ her loira lê uma papelada do
♦ Ministério da Defesa com uma
♦ cara assustada, enquanto o
♦ homem ao seu lado procura pe-
♦ los reflexos da janela que permi-
♦ tam a ele arrumar seu cabelo. A
♦ chuva deixou seus cabelos lisos

nos tempos de hoje: Estaríamos privados não exatamente da experiência, mas, sobretudo, da faculdade de trocar experiências, de transmiti-las, ou seja, de narrá-las. É sobre essa discussão que eu me debruço na utilização das ideias da autora.

"Através das experiências urbanas realizadas por alguns errantes, pretendemos mostrar que a experiência não é totalmente destruída, mesmo nas condições mais inóspitas, que ela resiste pelas brechas e desvios e, assim, sobrevive quando compartilhada em narrativas urbanas. O estudo de algumas narrativas errantes nos leva a pequenas resistências e insurgências da experiência urbana, muitas vezes invisíveis, escondidas, e, em particular, à experiência de alteridade na cidade." (JACQUES, 2014. p.20)

As reflexões levantadas por Paola são muito importantes no sentido que hoje, pensando através dos smartphones, novas formas de registro e narração são utilizadas. Esses dias fiquei imaginando os surfistas de trem usando GoPro na cabeça, ou vídeos feitos por smartphone dos vários domingos de Maracanã lotado, de saídas de grupos de Bate-Bola, de Folias de Reis, de jogos clássicos de chapinha ou botão, de subidas em marquises por parte de pichadores, de brigas de torcida e de bailes funks lotados. Imagino além, se tudo isso seria possível se existissem essas tecnologias na época. As coisas que aconteceram nas ruas dos anos 90 têm poucos registros visuais, mas infinitas histórias.

Sobre a existência de um errante urbano lento, inspirada em Milton Santos e Ana Clara Torres Ribeiro, Paola diz,

"Os movimentos do errante urbano são do tipo lento, por mais rápidos que sejam, e a errância, nesse sentido, pode se dar por meios rápidos de circulação, mas continuaria sendo lenta. O estado de corpo errante é lento, mas isso não quer dizer que seja algo nostálgico ou relativo a um passado quando a vida era menos acelerada. Porém, essa lentidão também pode ser vista como uma crítica ou denúncia da aceleração contemporânea, da pressa que impossibilita a apreensão e reflexão mais vagarosa. Entretanto, a lentidão do errante refere a uma nova temporalidade que não é absoluta e objetiva, mas sim relativa e subjetiva, que significa outras formas

• ainda mais finos, evidenciando a
• calvície, e explanando sua maior
• insegurança. O sinal da internet
• do celular de um homem de
• jaqueta jeans não pega, e ele fica
• irritado. O download não carrega,
• e o Facebook não abre. Alguns
• cegos entram pela porta de trás
• e conversam animados. Na role-
• ta, em frente a trocadora, um
• casal de estudantes se beija cal-
• orosamente, contra o frio da
• manhã. A mulher fecha o livro e
• guarda as anotações. aaaaaaaaaa
• aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
• aaaaaaaaaaaaaaaaaasaasassasasa-
• sasassasasasasasasasasasasa-
• sasasasasa Viva os poetas de
• banheiro, os de divisória de mesa
• de biblioteca e os de mesa de
• xadrez de praça pública, os de
• calçada com cimento fresco, os
• de orelhão e os de poste, os de
• banco de praça e os da parte de
• trás de banco de ônibus. Poesia
• pública e anônima. O que impor-
• ta é a poesia viva. aaaaaaaaaaaaa
• aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
• aaaaaaaaaaaaaaaaaasaasassasasa-
• sassasasasasasasasasasasasa-
• sasasasa Água água, bala bala,
• chocolate chocolate, cabo usb
• usb, biscoito biscoito, cerveja
• coca, amendoim com casca.
• Próxima Estação Silva Freire.
• Manual do electricista! Galak um
• real choquito um real. Todo tipo
• de instalações. Porta riocard
• água. Torcida torcida. Todo tipo
• de instalações para casa e pré-
• dio. Coca amendoim. Casa e pré-
• dio dois reais. aaaaaaaaaaaaaaa
• aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
• aaaaaaaaaaaaaaaaaasaasassasasa-
• sasasasasasasasasasasasasa-
• sasasa Da janela do 415 parado
• na Presidente Vargas, em frente
• a Uruguaiana. Uma moça passa
• com roupa de ginástica, macacão
• de lycra estampado e meia preta
• no alto da canela, um jornal dob-
• rado debaixo do suvaco, mochila
• nas costas, espeto de churras-

de apreensão do espaço urbano, que vão bem além da 'representação' meramente visual. Essas outras formas de apropriação do espaço são buscadas pelos errantes, que vão ao encontro dos 'outros', da alteridade, desses homens lentos não intencionais - entre eles, os camelôs, os ambulantes, as prostitutas - que habitam de fato o espaço público, se apropriam desse espaço com táticas e astúcias, mesmo que temporariamente, sobretudo quando saem dos espaços opacos e vão para os espaços mais luminosos e, mesmo que provisoriamente, os tornam um pouco mais opacos." (JACQUES, 2014. p. 295)

Ilha 8 - Miragem da lentidão

No livro de Elogio aos errantes, citado acima, tem uma passagem que trata do elogio à lentidão de Milton Santos, em que ele diz que são "**os pobres que, na cidade, mais fixamente olham para o futuro**", afirmando que apesar de deter a velocidade, o direito de mobilidade, a classe média é a que menos se apropria da cidade. Ana Clara Torres Ribeiro vai dizer que Milton Santos defendia "uma cidade viva e experimental". Milton dizia que aqueles mais preocupados "em não perder tempo" (tempo é dinheiro), são os que menos conseguem tirar algum tipo de apreensão da cidade, afirmando que pra isso, é necessário um tempo mais lento. "Milton Santos nos propõe a lentidão na cidade como uma virtude; no lugar da pressa hegemônica, ele nos faz um lindo "elogio da lentidão", onde o tempo lento é visto como uma possibilidade de resistência, ou melhor, de insistência." (JACQUES, 2014. p. 288)

A autora relaciona as ideias de Milton Santos e Ana Clara Torres Ribeiro, homens lentos e sujeito corporificados, com as astúcias dos consumidores ordinários de Michel De Certeau já citados anteriormente. "Ana Clara Torres ribeiro insistia em nos mostrar que esse espaço opaco era praticado, o território usado e o jogo jogado pelos praticantes da vida, os sujeitos da ação e, assim, ela insistia também na criação de cartografias ativas, cartografias da ação, cartografias que incluíssem as práticas dos homens lentos. 'O homem lento, o sujeito de suas próprias carências, é mais do que as suas necessidades, ou melhor, do que a escassez a que se encontra submetido. Ele é, em sua inteireza, cotidiano e

◆ quinho na mão direita e latão de
◆ Antártica na mão esquerda. As
◆ pessoas dentro do busão se per-
◆ guntam se é uma manifestação
◆ que acontece na Central. A sirene
◆ do carro da polícia civil soa dis-
◆ tante, e não se aproxima. Tem
◆ jogo do Flamengo no Maraca?
◆ Não, o jogo é do Fogão. Liberta-
◆ dores logo mais. Os ônibus pas-
◆ sam. 371, 422, 249, 334, 438, 292,
◆ 475, 323, 366, 730-D, 456, 497,
◆ 498, 389, 312. Na Apoteose vai ter
◆ show dia 5 do Belo, Anitta, SPC,
◆ Naldo Benny, Revelação e muito
◆ mais. Um avião por pouco não es-
◆ barra na lua fina, quase some nas
◆ discretas nuvens do céu. Na Cen-
◆ tral não há manifestação, na Ci-
◆ dade Nova também não. O ambu-
◆ lante entrou e saiu rápido,
◆ desculpe incomodar a tranqui-
◆ lidade de sua viagem. O camelô
◆ vem oferecendo Galak, Chocob-
◆ all, Diamante Negro. Amendoim
◆ com casca e sem casca, pingo de
◆ leite, toffes, Halls e Mentos. Deixa
◆ uma bala pro motorista e desce
◆ no ponto seguinte. Um rapaz no
◆ banco da frente da roleta fala de
◆ seus relacionamentos em voz
◆ alta. Ameaça o seu atual parceiro
◆ para o amigo. Deixa ele dar pinta
◆ na pista pra ele ver só o que eu
◆ vou aprontar. Praça da Bandeira
◆ sem chuva também pára. aaaaaa
◆ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
◆ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaasasassa-
◆ sasasasassasasasasasasasasa-
◆ sasasasasasasa Debaixo de chu-
◆ va, um casal discute em voz alta.
◆ Ela vem na frente, balançando os
◆ braços como dona da situação.
◆ Ele vem logo atrás, mais altera-
◆ do, procurando uma forma de im-
◆ pôr poder. Um vendedor do shop-
◆ ping destranca a sua moto parada
◆ em frente da quadra de vôlei de
◆ areia, e dá risada dos dois. As
◆ pontas dos saltos dela somem
◆ nas poças, e a deixam quase
◆ 10cm mais alta. Ele descola a
◆ camisa molhada de suor e chuva

espaço corporificado (lugar), necessidade e luta, carência e anseio de liberdade' (Ribeiro, 2006). Para ela, os homens lentos politizam o cotidiano, ao resistir em espaços opacos e sobreviver em espaços luminosos, eles seriam a síntese perfeita, político-filosófica, do 'sobrevivente'." (JACQUES, 2014. p.292)

Ilha 9 - Miragem da caminhada séc. XX

"O que se quer é indicar o caminhar como um instrumento estético capaz de descrever e modificar os espaços metropolitanos que muitas vezes apresentam uma natureza que ainda deve ser compreendida e preenchida de significados, antes que projetada e preenchida de coisas" (CARERI, 2013. p.32)

Francesco Careri em seu livro Walkscapes: o caminhar como prática estética (2013), faz um extenso panorama sobre a história do caminhar como construtor de paisagens, metodologia coletiva das vanguardas artísticas do século XX e gerador de dinâmicas cartográficas. Nesse livro Careri fala do Stalker grupo que criou para andar por zonas esquecidas de Roma. Percursos coletivos com duração longa, afim de encontrar os vazios plenos espalhados pela cidade.

O livro também conta do uso, ao longo do século XX, da caminhada como disparador de processos coletivos. Fala das discordâncias teóricas e práticas entre surrealistas > "A cidade surrealista é um organismo que produz e esconde no seu seio territórios a ser explorados, paisagens nas quais perder-se e nas quais experimentar sem fim a sensação do maravilhoso cotidiano", dos dadaístas > "O dadá intuía que a cidade podia ser um espaço estético no qual operar através de ações cotidianas e simbólicas, e convidara os artistas a abandonar as formas costumeiras de representação indicando a direção da intervenção dirigida no espaço público, e os letristas > "Os letristas rejeitavam a ideia de uma separação entre a vida real alienante e aborrecida e uma vida imaginária maravilhosa: é a própria realidade que tinha de se tornar maravilhosa. Não era mais tempo de celebrar o inconsciente da cidade, era preciso experimentar modos de vida superiores através da construção de situações na realidade cotidiana: era preciso agir, e não sonhar".

da barriga, enquanto atravessam a Avenida Maracanã. Um bêbado passa falando sozinho com sua lata de Antártica na mão, ignora o casal e segue andando na beira da pista, fazendo sinal como se fosse o dono da rua, autorizando os carros a passar. Ela controla a situação e ele, só ameaça. A chuva desmancha a tentativa de esconder sua calvície. Logo mais vão virar teatro em frente ao podrão da Ribeiro, e ganharão aplausos dos presentes, que vão derrubar batata palha e queijo ralado no chão enquanto batem palmas. Na beira do rio Maracanã, o fantasma de Aldir Blanc assiste a tudo, e acima do barulho das rodas no chão molhado, canta mais uma tragédia tijuicana. aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa- aasassasasasasasasasasasasa- sasasasasasasasasasasa E difícil acreditar que um dia o meu sonho foi viver esse dia. Escuto as cornetas e os gritos que parecem que vem do céu, mas já não sinto mais nada. aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa aaaaaasaasassasasasasassasa- sasasasasasasasasasasasasasa Sentei na única cadeira vazia da última fileira de um 415, as 0h15. Nos outros 4 assentos e mais um da frente, um grupo de meninas entre 16 e 21 anos. Desde que entrei estão falando sobre outras pessoas e de situações curiosas. Comecei a entrar nas narrativas e tentar entender do que falavam em voz alta. Começaram falando de um Hotel, de um restaurante que imaginei boate e de uns caras que imaginei ex-namorados. Fulano e Cicrano são gays com certeza, todo mundo sabe. Belt-rano eu amo há 8 anos, tá pensando o que? Era tudo muito curioso, pois em todas as histórias os homens fugiam delas. Mas eu ainda estava convicto que eram

Careri fala da importância do corpo como modelador do espaço urbano, da composição arquitetônica, há em seu livro uma ideia muito interessante de arquitetura inspirada nos situacionistas, "É o meio mais simples de articular o tempo e o espaço para modelar a realidade, para fazer sonhar." (Gilles Ivan). Que faz pensar na construção de uma cidade mais lúdica, mais inspirada nos acasos e nos percursos, e não nos pré projetos de gente que não conhece os lugares que intervém.

Outra curiosidade, assim como se deu com o outro autor italiano (Di Felice), cito uma outra passagem do epílogo, onde Careri fala da deriva, se utilizando da metáfora do mar como guia, assim como nessa pesquisa.

"A metáfora marina da deriva é que o terreno sobre o qual ocorre o movimento é um mar incerto, que muda continuamente com base na mutação dos ventos, das correntes, dos nossos estados de ânimo, dos encontros que se dão. O ponto é, com efeito, como projetar direção, mas com uma ampla disponibilidade à indeterminação e à escuta dos projetos dos outros. Velejar significa construir uma rota e modificá-la continuamente ao ler as crispidades do mar, geralmente buscando as zonas onde há rajadas e evitando as de 'ihanura', encontrando, em suma, no próprio território e em quem o habita as energias que podem levar adiante o projeto indeterminado no seu devir: as pessoas certas, os lugares adequados e as situações em que o projeto possa crescer, modificar-se e tornar-se terreno comum. É claro que um projeto determinado necessariamente cairá aos pedaços com as primeiras lufadas. Ao passo que um projeto de outro tipo certamente tem mais esperança de ser realizado." (CARERI, 2013. p. 172)

Para terminar essa menção ao trabalho de Careri, acho importante fechar-abrir essa passagem, com uma parte do epílogo de Walkscapes escrito dez anos depois da publicação do livro, ou seja em 2012, quando ele fala das experiências que teve graças ao livro, e sobre as reveladores viagens que fez à nossa América do sul, onde o livro teve mais repercussão que em todos os outros lugares que foi publicado.

"Atravessando Bogotá, Santiago de Chile, São

♦ as tramas da boate chamada ho-
♦ tel, onde estavam antes de en-
♦ trar no 415. Começaram a falar
♦ de internet. Facebook, orkut.
♦ Ninguém usa mais msn não ein,
♦ agora só whatsapp. Eu tenho
♦ conta fake no twitter. Eu tenho
♦ namorado em São Paulo, ele
♦ também é fake no Twitter, mas
♦ nosso namoro não é de verdade,
♦ mesmo. O Diego nunca responde.
♦ Eu sou fã, porra! Eu sinto sauda-
♦ dade! Então eu entendi tudo, e a
♦ partir dali tentei descobrir quem
♦ eram os ídolos mas não con-
♦ segui. Contaram as aventuras in-
♦ vadindo hotéis, as contas fakes
♦ nas redes sociais para falar com
♦ outras celebridades,
♦ perseguições, amizades e flertes
♦ com segurança para chegar mais
♦ perto de quem era fã de não sei
♦ quem há mais tempo. Um contou
♦ de um dia que ficou a noite in-
♦ teira na frente de uma escada de
♦ restaurante, esperando ele de-
♦ scer do 2º andar, e nesse dia ele
♦ desceu sem o segurança para
♦ pagar a conta, e deu de cara com
♦ ela, e a olhou nos olhos. Como
♦ naquela cena do filme em que
♦ eles esbarram, os livros caem no
♦ chão, e eles abaixam no mesmo
♦ tempo do destino, como se o
♦ mundo tivesse parado na força
♦ daquele olhar. Como os cílios de-
♦ les são perfeitos. E todas con-
♦ cordaram. Ainda falaram de
♦ brigas e tumultos que criaram,
♦ das viagens mais longas e filas
♦ que duraram dias, e também da
♦ comida que ele tinha comido,
♦ disputaram pra saber se era ovo
♦ ou farofa, que acompanhava o
♦ bife com fritas. Sabiam de todos
♦ os mínimos detalhes. Da roupa à
♦ opção sexual e os casos. Pra
♦ onde viajaram nas férias e a cor
♦ exata dos olhos. Começaram a
♦ falar em RBD e cantar em espan-
♦ hol antes de descer na Central.
♦ Após o silêncio que se instaurou
♦ depois da saída delas, um violino
♦

radical, os arquitetos precisam urgentemente deslocar seus eixos de vida, pra transformar sua ideia de lugar, e entender que a parte da cidade em que vivem, está longe de ser a cidade inteira. Nas favelas é onde nós vemos uma parte da superação da decadência nas relações humanas que se tornaram os projetos arquitetônicos da classe média. O que falta de direitos básicos na favela, sobra de relação humana e convivência, enquanto nos condomínios a situação é exatamente ao contrário. A classe média abriu mão da convivência e do uso dos espaços públicos, desaprendeu a se relacionar olhando nos olhos, pois se acostumou a só olhar por de trás dos vidros, incorporando totalmente para a vida esse medo de caminhar, a qual se refere Francesco Careri. **O Rio de Janeiro precisa de seus melhores arquitetos, que são aqueles que residem nas favelas, e não levam esse título.**

É bom destacar uma ideia geral que tenho sobre a pesquisa acadêmica: é muito comum ver pesquisadorxs falando de autorxs em forma de defesa ou ataque dos mesmos, como se aqueles que se utilizam das ideias deles tivesse que responder pelos mesmos. Fui criado na pista, não falo e nem respondo por ninguém. Só coloco minha mão no fogo, - ou minhas ideias pra jogo a respeito de alguém, - por pessoas que conheço e respeito. O resto são leituras apenas, e empréstimos, ou assaltos explanados de ideias, e só. Não os conheci, e muito menos conheci o país ou a cidade que viveram. Só discuto com pessoas que vivem o mesmo tempo que eu. De resto, crio interesse e utilizo - ou ignoro, as ideias, e experiências de vida, em outros espaços e tempos. Por exemplo, a França, tão idolatrada pelos acadêmicos, ou a Grécia, a Alemanha, ou qualquer país europeu, nunca poderão ter ligação direta para fazer entender o Brasil. Nunca sequer atravessei oceanos- só conheço o atlântico. Lógico que um francês pode escrever coisas sobre Paris, que interessem a quem vive no Rio de Janeiro, pois as escalas de discussão podem ser as mesmas (urbanismo, política, cultura...), mas não os exemplos e as situações, pois os contextos culturais são muito distantes e distintos. Para entender o Brasil, prefiro as pessoas, apesar das origens, que tenham vivido aqui. E para entender meu tempo, as contemporâneas e visionárias, sempre. De preferência, as que posso conversar, melhor ainda, olhar nos olhos, tentar tocar a alma. Senão, é só leitura, ou então,

♦ pra baixo, em formato de chuva,
♦ o Morro do Salgueiro. Tenho mais
♦ lembranças desses foguetórios
♦ daqui em homenagem a Dois-
♦ Dois, aos santos meninos, aos
♦ Erês e às crianças, do que dos da
♦ praia de Copacabana. É o dia das
♦ crianças. Explodem também os
♦ desejos da molecada, enquanto
♦ brilha o olho no céu antes de dor-
♦ mir, e já pensa em qual esquina
♦ vai marcar amanhã, logo pela
♦ manhã. Ninguém vai levar lanche
♦ pra escola. Do dia 26 pro 27 de
♦ setembro, até 00h01 em ponto,
♦ lembrei do gosto e da textura da
♦ Maria Mole, da troca de doces e
♦ da atenção nos carros. Quando
♦ via a lanterna traseira acender, o
♦ carro parava e eu corria, na ver-
♦ dade, nós corríamos. Os sacos
♦ ficavam cheios. Lembro que al-
♦ gumas famílias, representadas
♦ nas Mães, levavam sacos
♦ maiores, era a comida pra duas
♦ semanas sem fome. Passava na
♦ casa da madrinha, da vó, da tia e
♦ das tias e tios que eu nunca tinha
♦ visto na vida. Num Prédio da Bom
♦ Pastor um bolo imenso para São
♦ Cosme e São Damião era feito na
♦ entrada, antes da portaria. Por
♦ algum motivo de falsa boa vizin-
♦ hança ou por não continuação da
♦ tradição, o bolo nunca mais me
♦ deu bom dia. Quando só tinha
♦ saco de papelão tateava por fora
♦ pra saber se vinha com doce de
♦ abóbora. Troca um cocô de rato
♦ por um suspiro? Os sacos de pa-
♦ pel depois ganharam companhi-
♦ as do plástico. Pelo tato era mais
♦ fácil de descobrir, e alguns deles
♦ até deixavam ver o que tinha
♦ dentro. Bom mesmo era os que
♦ tinham a Mariola. Agora pela
♦ manhã mais fogos explodem
♦ perto e longe. Os pássaros vizin-
♦ hos parecem cantar ainda mais
♦ forte hoje, deve ser pra acordar
♦ as crianças. Os carros já
♦ começam a passar na rua com
♦ mais frequência. Hoje é dia de le-

"nunca vi, nem ouvi, eu só ouço falar". As que mais entendem o cotidiano pra mim, são as que estão nas ruas, sentadas num degrau de portão fechado esperando o ônibus chegar. Essas são as que eu mais escuto para tentar entender o que vivo.

• var um saco na mochila, pra
• poder depois despejar e ver quais
• foram os presentes. Festa de São
• Cosme e São Damião. Festa de
• Ibeji. Os meninos médicos, donos
• de todos os doces e Carurus. Dia
• daqueles que dá gosto de viver
• no Brasil de Santos e Orixás. aaa
• aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
• aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaasaasas-
• sasasasasassasasasasasasasa-
• sasasasasasasasa Me deixando
• subir nas escadas rolantes da
• Estação Uruguaiana. As várias
• idas até ali para comprar jogos
• piratas, desde o PlayStation 1.
• Uma música do Back Street Boys
• toca em bom volume. As festin-
• has, os covers e os cliques da MTV.
• Qual passado que vou encontrar
• na próxima esquina? aaaaaaaaaaa
• aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
• aaaaaaaaaaaaaasaasassasasa-
• sasassasasasasasasasasasasa-
• sasasasasa O ventilador soprava
• um vento ainda mais quente. Eu
• olhava pra ele com raiva, pen-
• sando nas parcelas que faltavam,
• e que ele só seria útil no inverno.
• Era inadmissível ler o ARNO es-
• crito ali no meio, indiferente ao
• movimento das hélices e do cal-
• or. O problema não é o calor em
• si, o corpo fica mais vivo com o
• calor, o problema era ter que
• trabalhar. Eu olhava pra parede e
• imaginava uma cachoeira, a água
• gelada não durava muito tempo
• no copo. As coxas já grudavam na
• cadeira àquela altura. Abri o Fa-
• cebook, dei uma espiada na pá-
• gina dela, amigos adicionados
• recentemente, e vi um arroz
• novo. O calor aumentou ainda
• mais dentro de mim. Comecei a
• olhar a timeline como quem ra-
• bisca um papel sem procurar
• formas ou como quem abre a ge-
• ladeira pra procurar um chinelo.
• Recebi uma corrente que falava
• dos 10 livros que marcaram a in-
• fância. Lembrei das correntes do
• Orkut. Das comunidades e dos
•
•

JANELAS

citainspiração: "Quando a gente abre os olhos, abrem-se as janelas do corpo, e o mundo aparece refletido dentro da gente." Rubem Alves

"O carioca vive às janelas. Você tem razão. Não é uma certa classe; são todas as classes. Já em tempos tive vontade de escrever um livro notável sobre o 'lugar da janela na civilização carioca', e então passei a cidade com a preocupação da janela. É de assustar. Há um bairro elegante, o único em que há menos gente às janelas. Mesmo assim, trinta por cento das casas mais caras, mais cheias de villas em amplos parques, haverá desde manhã cedo gente às janelas. Na median-ia desse mesmo bairro: casas de comerciantes, de empregados públicos, de militares, vive-se à janela. Nos outros bairros, em qualquer é o mesmo, ou antes, é pior. Pela manhã, ao acordar, o dono da casa, a senhora, os filhos, os criados, os agregados, só têm uma vontade: a janela. Para quê? Nem eles mesmos sabem. Passar de bonde pelas ruas da Cidade Nova desde as sete horas da manhã é ter certeza de ver uma dupla galeria de caras estremunhadas, homens em mangas de camisa ou pijama, crianças, senhoras. Os homens leem jornal. As mulheres olham a rua; os meninos espiam, cospem para baixo, soltam papagaios. Passe você às nove horas. A animação é maior. Passe ao meio-dia. Parece que vem vindo não um simples batalhão, mas logo uma brigada. Passe às três da tarde, às sete da noite,

• álbuns bloqueados. Lembrei até
• dos cadernos de pergunta da
• época da escola, Quem você lev-
• aria pra uma ilha deserta? aí a
• maioria tinha vontade de escrev-
• er o nome de alguém da sala,
• mas por formalidade colocava
• alguém da novela ou de Holly-
• wood. Pensei em livros, mas na
• verdade não chegavam a 10, na
• verdade, não chegava a 1. Eu só
• desenhava bigodes nas figuras
• dos livros de história e pixava os
• espaços brancos das folhas.
• Facilmente até os 16 anos não
• tinha lido um livro inteiro, e sabia
• ler e escrever. Me senti orgulho-
• so por alguns segundos de ter
• um dia chegado a ler um livro in-
• teiro sem ver a Havaianas na
• mesa me esperando caso eu não
• acabasse de ler. Cheguei a sentir
• o calor que sentia na sala de aula
• por estudar a vida inteira em es-
• colas sem ar-condicionados.
• Sentava debaixo do ventilador de
• teto, e compartilhava o vento
• com umas 4 pessoas no meu
• metro quadrado. Naquele seg-
• undo, eu olhei pro computador e
• vi a folha da redação toda em
• branco, só com a data, o meu
• nome e o da professora preenchi-
• dos. Às vezes eu escrevia só o tí-
• tulo. Olhei pra professora na
• mesa e vi ela corrigindo provas
• fingindo que não via o Gustavinho
• dando cola pro Carlos Arthur. Ol-
• hava para o teto, para a lentidão
• do segundo no relógio de pon-
• teiro e o barulho secreto entre a
• minha orelha e a mesa, quando
• deitava a cabeça na carteira para
• dormir e poder acordar no final
• da prova. Nunca gostei de pro-
• vas. aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
• aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaas-
• aasassasasasasassasasasasasa-
• sasasasasasasasasasasasasa Nas
• paredes de uma carteira de bibli-
• oteca da UERJ: Só os fortes so-
• brevivem, os fracos desistem;
• Vou conseguir; É tão bom seguir

às nove, às dez, está tudo sempre cheio. Durante muito tempo preocupei-me. Qual o motivo dessa doença tão malvista no e pelo estrangeiro? Que faz tanta gente debruçada na rua Bom jardim, como na rua General Polydoro ou no canal do Mangue? Até hoje ignoro a causa certa. Mas vi ser à janela que o Rio vive." João do Rio

.....

Parece impressionante ouvir falar da relação com as janelas há cerca de 100 anos, nessa crônica de João do Rio. Por exemplo, da minha varanda consigo ver 91 varandas de outros dois prédios de frente para o meu, e mais de 500 janelas ao todo, conseguindo enxergar com clareza um terceiro prédio um pouco mais ao fundo da minha visão, e também das várias janelas das casas e dos prédios baixos das favelas nas laterais. Diariamente eu me sento nessa varanda para olhar o morro do Turano, as matas do sumaré, o morro do Zinco, a obra e os carros passando na rua do Bispo, ou no elevador do viaduto Paulo de Frontin, assim como observo a movimentação da vida nessas janelas e varandas que estão diante de mim.

46

Para não dizer que todas elas ficam vazias o dia inteiro, faço um breve resumo da movimentação cotidiana: no 2º andar uma moça todos os dias senta numa cadeira da varanda que nunca sai do mesmo lugar para fumar um cigarro - é uma cadeira de bar, branca de metal, com a marca da cerveja Brahma num quadrado vermelho; no 5º andar, a noite, uma criança se balança com toda força na rede da varanda do quarto; no 6º um rapaz da minha idade fuma um baseado de maconha, na janela de seu quarto, onde ele fez um rasgo na tela (usada para prevenção de quedas crianças e animais) para poder deixar o braço com o cigarro para fora e o cheiro da fumaça ir para outra direção que não a de seu apartamento; no 11º andar, um senhor de idade avançada, todos os dias, com cuidado e dificuldade no andar, se apoia e olha na direção do morro do Turano, da obra, e do pôr do sol que vem da zona norte. Esse senhor é o único que vejo ficar mais tempo na varanda do que eu. Todos os dias eu penso se o prédio que está sendo construído vai obstruir a sua vista, e em como isso seria triste pra mim, e ainda mais pra ele.

♦ Jesus; 22cm de rola grossa de
♦ verdade, só machos; Adoro fazer
♦ mulher gozar! 9850-1875.; Deus
♦ não existe; Foda-se; Bigode, você
♦ nas minhas pernas... que delí-
♦ cia!; tá olhando o que?; Di eu te
♦ amo; IME. Além das palavras,
♦ chicletes grudados e cheios de
♦ furos. Um coração flutua entre
♦ frases soltas, nomes, números,
♦ pixações e classificados por-
♦ nográficos, feito com cuidado e
♦ força, para durar, pelas mãos de
♦ alguém que já não conseguia
♦ mais pensar nas provas e nos es-
♦ tudos. aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa-
♦ aasassasasasasassasasasasa-
♦ sasasasasasasasasasasa Em 94
♦ eu gostava da camisa do Brasil
♦ com os logos da CBF grandes no
♦ fundo. Preferia a reserva. Gosta-
♦ va da camisa da Alemanha, do
♦ goleiro maluco da Suécia e do
♦ Alexi Lalas, zagueiro americano.
♦ Assistia os jogos na SBT, pra ver
♦ o Amarelinho invadir a tela dan-
♦ do cambalhotas, quando o
♦ Romário ou o Bebeto faziam um
♦ gol. Lembro do bigode do Gilmar
♦ e do chute na trave do Mauro Sil-
♦ va. A cotovelada do Leonardo e o
♦ chute do Branco na cara do fotó-
♦ grafo. Lembro do Hagi, do Sto-
♦ ichkov, do Kliesmann, e até hoje
♦ não sei escrever o nome deles
♦ apesar de tê-los nos cards. Lem-
♦ bro do único negão do time da
♦ Suécia, que jogava mais bola que
♦ todos os loiros. As salivas de
♦ maradona grudando na tela da
♦ câmera, as enfermeiras tirando
♦ ele de campo. Não sabia o que
♦ era doping, mas senti um clima
♦ de tristeza naquela saída. De-
♦ baixo de sol escaldante, a Colômbia fez dançar a todos, até a
♦ morte de Escobar. Não sabia o

1 Alô quem fala. É o Rafael. É que eu achei o seu número anotado numa carteira da UERJ onde eu estudo. (ruídos). Do lado de Adoro fazer mulher gozar. Pô mermão fala sério. Jesus te ama tá, tchau.

Relatado um fragmento dessa pesquisa de-spretensiosa e diária da utilização desses espaços enquanto lugar para observar o mundo, podemos pensar rápido, e ter certeza que hoje as janelas já não são mais espaços de sociabilidades como foram na época de João do Rio. Na verdade, as janelas hoje estão cheias de grades, e a grande maioria delas está mais perto do céu do que da calçada. A rua hoje é vista de cima pra baixo, e não mais na mesma altura. O mundo real se verticalizou e virtualizou. A rede social hoje é outra, e já não se encontra tão presente nas ruas, tanto da pista ou da favela, mas sim na internet.

Através dos aparelhos celulares móveis, os smartphones são os responsáveis por mediar a relação entre milhares de pessoas que se cruzam nos espaços públicos. Cada um carrega na palma da mão uma tela que brilha - touch-screen. Pode-se arriscar dizer, que a janela onde as pessoas mais se debruçam para ver o mundo, saber da vida do outro e se relacionar, hoje, seja a janela do Facebook aberta no seu navegador de internet.

Na introdução de *A alma encantadora das ruas* (2008), o organizador do livro, Raúl Antelo, escreve as primeiras palavras falando da importância das janelas que, antes da televisão, eram o lugar para se ver o mundo. O lugar de olhar e ser olhado, "Os que saem são vistos da janela. Mas mesmo os que ficam não permanecem despercebidos." (RIO, 2008, p.8). Fala que em grande maioria as mulheres que mais apareciam emolduradas pelas janelas, "Mas mesmo identificadas com o feminino e doméstico, a janela oferece a fuga do lar sem dele precisar sair. É a circulação da rua sem seus perigos. É contato, intercâmbio, economia.", "... Princípio de organização social e política, a janela é menos limite do que limiar. Marca o ponto em que se tocam o próprio e o alheio, o espaço e o tempo." (RIO, 2008, p.9). Lendo essa citação destacadamente, sem entender o contexto, é possível comparar diretamente com a janela do Facebook aberto. Fugir sem sair de casa, viajar, conhecer estranhos, olhar a vida do outro. Tudo isso é possível.

Antelo nessa introdução nos conta que João do Rio comparava o ato de ver com o ato de ler, só que com um leve toque de distinção, e que o escritor considerava a sua forma de produzir

que era FIFA, não sabia o que era CBF e não sabia qual crueldade os EUA estavam cometendo no momento. Eu só pensava em poder ver aquela festa de perto, no Maracanã, que eu só conheceria no ano seguinte, mas que já escutava a voz dos gritos ecoar pelo bairro nos dias de jogos. Naquele ano descobri que existiam outros países no mundo. As diferenças entre os nigerianos e os sauditas, os russos e os coreanos. Aquela quantidade de sobrenomes estranhos. Eu queria aquela festa do mundo aqui do lado, mas queria mesmo. Na escola só se falava no ano em que a Copa seria aqui, no nosso quintal. Daqui a alguns meses vai acontecer outra Copa do Mundo da FIFA, muita gente quer ver, e muita gente não quer ver. Eu prefiro lembrar daquela festa do mundo de futebol que eu inventei, e daquele chute por cima do gol de Taffarel que me deu muita alegria. aaaaaaaaaaaaaaaaaa aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa aaaaaaaaaasaasassa Como não tinha wi-fi pra carregar as fotos, e nem espaço na memória do celular, fiz 4 enquadramentos por volta do meio-dia. Da janela do vagão do Metrô linha 2, entre a Cidade nova e São Cristóvão, a fábrica de aduelas da linha 4 do Metrô. A grande quantidade de formas de concreto alinhadas e repetidas formam um grande mosaico cinza, que trabalhados em preto e branco, reforçam a marcação das sombras entre elas. Na passarela das catracas do trem de São Cristóvão, de cima para baixo, entre os cabos e postes que atravessam a imagem, destacar as cores do macacão laranja e do capacete amarelo dos homens que trabalham nos trilhos, na hora em que um trem passa a di-

uma "escrita à janela". E sobre a crônica o autor da introdução e organizador do livro afirma que "A tradução simbólica da janela é a crônica e, nesse ponto, diríamos que a obra de João do Rio busca, deliberadamente, colocar-se à janela, abrir janelas." (2008, *idem*.) Uma forma janeleira de narrar o mundo. E continua "Todos derivam da janela. Da janela se vê como os dias passam. Da janela espiamos a intimidade doméstica do burguês. Da janela lemos a psicologia urbana." (2008, *idem*.)

Nesse sentido, também posso me considerar também um escritor janeleiro, tendo em vista que estou sempre olhando e narrando o mundo a partir das minhas janelas: da janela de casa, da janela dos transportes públicos em que circulo pela cidade, e da janela do meu perfil no Facebook. Além disso, existe a janela do tempo, a janela da alma, com a qual eu enxergo passado, presente e futuro: a janela da memória, que nunca está fechada, mas sempre encostada. Qualquer vento abre.

"Assim, as narrativas urbanas resultantes dessas experiências

48

Janeleiro também, posso considerar, o já citado como miragem no capítulo anterior, Massimo Di Felice. Italiano que veio morar em São Paulo, e que utilizou como um dos métodos de sua pesquisa a escrita à janela dos transportes públicos e privados. Carro, ônibus e metrô. São com essas narrações que eu vou dialogar nesse capítulo.

Em seu livro *Paisagens Pós-urbanas: O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar* (2009), o autor, como o subtítulo já indica, faz um panorama histórico ocidental dos modos de habitar nas grandes cidades, desde os primórdios da escrita até as palavras brilhantes nas milhares de telas, imagens e Ipods de hoje em dia, pensando a relação entre o espaço e as interações eletrônicas.

Para o italiano, o despertar do método se deu a partir das esperas. A citação é grande, mas significativa para essa navegação:

"À espera... de um ônibus, de um encontro... e de um método.

"Foi durante uma dessas 'esperas' que pensei em **descrever os trânsitos eletrônicos a par-**

reita. Na passarela do Esqueleto, o Maracanã e o antigo estadio de atletismo Célio de Barros, que hoje é um terreno baldio com arquibancada, ou o maior estádio de corridas de chapinha ao lado do antigo maior estádio de futebol do mundo, dois antigos estádios, num retrato fúnebre, tarde de sol branca e vazia. Na mesma passarela, o chão da obra forrado de sacos de lona vazios, de diferentes tonalidades claras e escuras, com letras verdes escrito: AgroMontenegro. Castanhas portuguesas. E a Mangueira colorida ao fundo. aaaaaaaaaaaaaa aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa aaaaaaaaaaaaaasaasassa Ha uns 10/11 anos atrás, numa final de um torneio de futebol em Quintino entre Tijuca e Madureira, fiquei com a responsabilidade de bater o último pênalti. Era um domingo de sol massacrante. Os jogos das categorias de base normalmente eram nesses horários ingratos, e todos já estavam desgastados depois de duas horas de tempo normal e prorrogação. Um jogador do time adversário tinha errado a cobrança anterior, e se eu fizesse acabava. Estava nessa posição confortável de poder errar, e ao mesmo tempo de fazer o do título. Bater o último pênalti nem sempre é bom. Pode ser a melhor ou a pior coisa pra se fazer. Do meio campo até a bola você anda alguns poucos segundos, e até tomar distância e bater demora mais alguns poucos segundos. Foram eternos aqueles míseros segundos. Lembro da terra do campo iluminada pelo sol vertical, do barulhos das travas da minha chuteira roçando na terra, dos gritos de incentivo dos meus companheiros de time, das pessoas assistindo o jogo nas laterais, imaginava o que

tir da minha própria experiência, e de uma perspectiva, portanto, **tecno-individual**. O que me pareceu naquela época uma alternativa metodológica possível e contrária àquela que levava para a descrição dos espaços urbanos nas suas expressões arquitetônicas e sociais... ", "...Olhava e lia os livros que carregava comigo. Para mim, as longas horas de viagem transformavam-se em proveitosos momentos de leitura. Olhava e lia os espaços e as pessoas à minha volta. Ouvia e tornava a ouvir músicas do meu MP3, hibridizando-as com a paisagem. Deslocar-se de uma cidade tranquila e cheia de verde a poucos minutos de Roma para viver em uma megalópole agitada e perigosa como São Paulo significou para mim, naquele período, entrar em um processo de metamorfose, em um 'devir' desafiante e enriquecedor. Contudo, além da minha vida tranquila e segura, eu tinha deixado para trás também a confiança nas técnicas de observação objetivas e coerentes." (DI FELICE, 2009. p.170)

Eu tenho dois amigos desde a época da adolescência, que são como irmãos meus. Nos conhecemos em 2002, na Tijuca mesmo, onde moramos até hoje. Esses dias conversando, ficamos tentando imaginar quantas anos das nossas vidas passamos dentro de ônibus, e quantas horas esperamos nos pontos de ônibus da Tijuca, da Barra, de Jacarepaguá, do Engenho de Dentro, ou das praias da zona sul. Na madrugada, em qualquer desses lugares, e talvez em 90% da cidade - sem ser de dentro pra dentro da própria zona sul, ou da zona sul para o centro, - você não consegue pegar ônibus sem esperar em média 40 minutos ou uma hora. Diante dessa situação, ainda bem novo, a gente passou a dar peso de estrela cadente para ônibus da madrugada, e algumas linhas raras.

"Em cada esquina tem
Cada rua da cidade
Ausência de buzina da espaço a tranquilidade
Observe a lua que anula a sua ansiedade
Inspira a escrever rimas com única finalidade"
Quinto andar

[&] Na Barra da Tijuca as distâncias são de fato distantes. Quando acabei a escola, junto com meu irmão e amigos, todos tijucanos, inventamos uma marca de roupa. A ideia era parar de gastar o dinheiro que não tínhamos nas carís-

♦ eles imaginavam. Pensei as duas
♦ possibilidades, eu errando, ven-
♦ do o goleiro vibrar e me provocar
♦ e depois olhando pra trás meus
♦ companheiros com olhos de
♦ compaixão, consolo e apreensão
♦ e os tricolores de Madureira
♦ comemorando o empate. As
♦ cores do uniforme do Madureira
♦ são bonitas. Finalmente cheguei
♦ no juiz, ele me deu a bola e falou
♦ "boa sorte, jogador". Ficamos eu e
♦ ela, lembro da textura da pele
♦ dela até hoje. Era uma Penalty
♦ dura igual um coco. Eu chutava
♦ bem e sabia disso, mas mesmo
♦ assim naquele momento eu es-
♦ tava entre as pessoas que mais
♦ sentiam medo no mundo. Fui
♦ com ela até a marca, dei uma ol-
♦ hada rápida pro goleiro, ele fala-
♦ va algumas merdas pra mim.
♦ Nesses momentos de nervosismo,
♦ quando os encaro, eu consi-
♦ go ser irônico, manter a pose
♦ apesar do medo. Mande um sor-
♦ riso pra ele e voltei a olhar pra
♦ bola. A segurava com as duas
♦ mãos e lembrava dos truques
♦ que o Marcelinho Carioca ensi-
♦ nava pra bater na bola, mas sa-
♦ bia que não as utilizaria. Cheguei
♦ na marca de pênalti, que quase
♦ sempre é um espaço altamente
♦ danificado. Podia contar o núme-
♦ ro de pedrinhas de cal que tinha
♦ naquele círculo. Coloquei a bola
♦ num pedaço mais plano do cír-
♦ culo, mas ela saiu do lugar, tentei
♦ realocá-la em outro lugar mas
♦ que também saiu do lugar. Mais
♦ um pouquinho de carinho e ela
♦ finalmente parou, um pouco a
♦ esquerda do círculo. Lembro
♦ dela grande como uma melancia,
♦ mas era porque eu era de fato
♦ um pouco menor também. A ca-
♦ beça ia a mil, pensava na estraté-
♦ gia da cobrança. Qual lado? O
♦ goleiro não era grande nem
♦ parecia tão bom, mas já tinha
♦ pego dois pênaltis naquele dia.
♦ Fui me distanciando da bola, de
♦
♦

simas roupas das marcas de skate ou surfe. Era 2004, o nome da marca era Dafos. Criamos um Fotolog (rede social da época), e começamos a pensar as estampas e as frases, comprávamos as blusas lisas no Saara, e levávamos às estamparias no Rocha, em Bangú ou Madureira. - Foi uma nova circulação pela cidade, na minha experiência de vida, a segunda circulação intensa, a primeira foi a da época das categorias de base

no futebol, e a terceira, que continua sendo, a circulação com o Norte Comum. - Conhecíamos a Barra por causa da praia, e por ela, apesar das grandes distâncias, não ser tão diversa: duas pistas principais paralelas e aparentemente infinitas, entre o mar e o canal. A média de viagem pelo Alto da Boa Vista era 1h, podendo acontecer em 45 minutos antes dos rushs, ou em duas horas, durante os horários de pico. Era comum andarmos da passarela da Barra ao Barra Shopping. Demorava mais ou menos 1h30. Gostava de andar pela ciclovia entre as pistas da Avenida das Américas. É como se fosse uma floresta urbana. Aquelas caminhadas me fizeram pensar muito sobre a cidade, tendo em vista que cruzava com raros pedestres, ao mesmo tempo que milhares de carros passavam por mim como nos gráficos dos jogos de videogame antigo, onde as margens se movem e o personagem principal não se mexe, diante da velocidade nas laterais, dando a sensação de movimento. Era mais ou menos isso que eu sentia, olhando de baixo aquelas torres gigantes, shoppings gigantes, carros gigantes. Quase não existem espaços de estar públicos na Barra da Tijuca, e eu sentia isso nas canelas. Nas noites, esperando 233, 225 ou 234, algum deles viria como estrela cadente em alguma hora da madrugada. Nossa brincadeira era ver quem conseguia descobrir o ônibus antes, apesar das distâncias bizarras. Se estivesse atravessando as várias pistas para chegar no ponto na outra margem das Américas, e avistasse um dos seus ônibus passando, era a certeza de no mínimo mais uma hora no ponto. A maior sorte nessa época de tempos e distâncias alongadas, era o alento retornado pela companhia dos amigos, assim como do sentido criado para o trabalho. Completei 18 anos em 2005, não tinha dinheiro, mas pelo menos não tinha patrão, e fazia o que eu gostaria de fazer. [&]

[&] No fone dos ouvidos do coração,

surfista zona sul
vai da Barra pro Havai

♦ costas pra ela e pro gol, dei uma
♦ olhada pros amigos de time e
♦ eles estavam lá me dando força,
♦ eu não era capaz de discernir
♦ nenhuma palavra que me dirigi-
♦ am, nem de dentro nem de fora
♦ do campo. Imaginei eles corren-
♦ do na minha direção comemo-
♦ rando caso acertasse. Virei pro
♦ gol, ele é imenso, ainda mais pra
♦ um goleiro que tem entre catorze
♦ e quinze anos no meio dele. É
♦ simples, se acertar o canto é gol,
♦ mas se não for tão no canto o
♦ goleiro pode pegar se acertar o
♦ lado. Pros lados também tinha as
♦ traves e o infinito, ao contrário do
♦ que penso a respeito de desejos,
♦ eu queria que aquela bola tivesse
♦ um limite, e que este fosse a
♦ rede. Imaginei a bola estufando.
♦ Imaginei o que eu faria se acer-
♦ tasse. Imaginei todas as possibi-
♦ lidades e lados. Olhei pro chão. Vi
♦ minha chuteira preta da Penalty
♦ com sua marca arrancada. Nun-
♦ ca gostei de símbolos em
♦ chuteiras, arrancava todos. Olhei
♦ pra bola. Pensei, pensei, e pen-
♦ sando escutei o apito do juiz
♦ atravessar as minhas ideias. Não
♦ tinha mais como fugir dali. Corri
♦ pra bola pensando no que fazer.
♦ Se dependesse das minhas id-
♦ eias eu tomava a distância do
♦ meio de campo pra ter mais tem-
♦ po pra pensar. Mas na verdade
♦ tomei pouca distância, pra fingir
♦ estar seguro. No meio da corrida
♦ pensei: foda-se. Vou dar um tiro
♦ no meio do gol e vamos ver o que
♦ acontece. Senti a bola no pé e já
♦ sabia que ela iria no gol, do jeito
♦ que eu queria, sem ser rasteira,
♦ subindo aos poucos, mas de uma
♦ maneira que também não seria
♦ isolada nem bateria no travessão.
♦ Se o goleiro ficasse parado com
♦ aos mãos pro alto em pé ele
♦ pegava, ou então a bola poderia
♦ bater nele antes que ele saísse
♦ pros lados. Levantei a cabeça, a
♦ bola já estava chegando no gol e
♦

surfista zona norte
da Central à Japeri - Furacão 2000 [&]

Voltando aos irmãos, chamam-se Marcos e Marcell Carrasco, dois ex-jogadores de basquete imensos - são meus irmãos pretos, assim como chamam de seus irmãos brancos eu e Pablo. Talvez tenha sido através dessa relação que passei a entender a amizade como a única tática possível de atravessar todas as muralhas de separação de gênero, classe e cor. Na amizade, se garante a escuta e a fala, possibilitando o entendimento das diferenças em relação com o outro. Qualquer problema que envolva algum amigo, é naturalmente, um problema meu. Dos amigos que fiz no Norte Comum, esses três eu já tinha de vidas anteriores. É legal avançar para o futuro ao lado de pessoas que sejam presentes no seu passado.

Uma declaração de amor não mata ninguém, pelo contrário, ressuscita. Vamos às janelas dos transportes coletivos.

O leitor perceberá o destaque em negrito para algumas frases e palavras ao longo das citações e dos parágrafos. É a minha forma de escrever em cima da escrita. É uma **reescrita**. Inserir uma outra camada de sentido dentro do texto.

[&] Nos anos 90 e inícios dos 2000, o smart-phone não existia, e sequer podia ser imaginado. As tecnologias sociais eram todas da rua até um certo ponto: os jogos estavam todos ali, assim como a comunicação pelas janelas, por onde gritávamos os outros. Em casa a televisão só tinha uns sete canais, e parava de funcionar meia-noite, exibindo um monte de linhas coloridas ou o logotipo da emissora. Caso acordássemos cedo demais para o horário da escola, e quiséssemos passar o tempo vendo qualquer coisa na TV, éramos obrigados a assistir Telecurso 2000 e Bom dia, Caminhoneiro. Pra um adolescente hoje, é difícil conceber isso. As novas tecnologias que surgiam eram o videogame, o tamagoshi, a agenda eletrônica, o bip, o celular analógico, e por aí vai, víamos filmes e escutávamos músicas em fitas, depois vieram cds, dvds. Lembro de alguns antecedentes do que hoje simboliza esses games de celular, por exemplo: o Aquaplay. Um joguinho que era um aquário de plástico, do tamanho de um palmo de mão, com dois botões que você apertava e fazia pressão com

o goleiro saindo pro canto direito fitando a bola entrar no meio do gol. Ela foi lá no fundo, no meio do gol, abraçada pela rede. Não formulei ideias nesse momento, e como um relâmpago, um bate-dor de carteira ou um gato meus amigos de time já estavam em cima de mim, e minha cabeça no chão. No meio de muitos palavrões de alegria e muita terra, abraços, tapas, e debaixo de uma tonelada que era o time inteiro, eu me acalmei e pensei. Estava feliz, mas na verdade, mais aliviado que feliz. Queria chutar aquela bola o quanto antes pra parar de sentir aquele medo. Fiquei feliz por aliviar e alegrar meus amigos de time. Esse é um momento que revivo até hoje. Sempre que bato pênalti em partida ou vejo uma disputa de pênaltis nos jogos da TV lembro dessa minha sensação, e penso no que eles estão sentindo. O pessoal assistindo no momento diz: imagina esse estádio inteiro gritando. Não posso falar porque nunca vivi essa experiência de jogo grande e tudo mais, mas sempre penso o que está passando pela cabeça do jogador. O cara ganha um puta salário e vive do que ele sonha viver desde os 10 anos de idade, mas ainda sim, naquele momento ali, ele sente medo. Naquele domingo, num campo de várzea em Quintino, um Maraca lotado gritava dentro e fora de mim. aaaaaaaaaaaaaaaaaa aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa aaaaaaaaaasaasassa Dos 365 dias do ano, no Rio de Janeiro, uns 60 no máximo não te fazem suar. aaaaaaaaaaaaaa aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa aaaaaaaaaasaasassa Não. Não eram aqueles fins de tarde no subúrbio que o calor vem do chão e não do céu.

ar na água, e então várias bolinhas de plástico flutuavam, e através de nossos direcionamentos com as mãos - ora mexendo o brinquedo pra lá e pra cá, ora com lufadas de ar na água - tentávamos de todas as formas encaixar as bolinhas nos determinados lugares que geravam pontos. Também tinham uns gravadores de som da Philipps ou da Gradiente, os relógios com cronômetro (Ironman), uma lousa branca que limpava rápido pra poder desenhar de novo. O sonho de muitos colegas de sala era completar o álbum de figurinhas, ter um bom time de botão, ou um bom iôô, alguns Tazos ou Geloucos que vinham nos biscoitos da Elma Chips, ou ter um caixa de 72 cores da Fabber-Castell. Algumas coisas as vezes difíceis de ver, quem dirá, ter. [&]

Não sou Funes, O memorioso, que consegue lembrar de tudo nos mínimos detalhes, que faz parecer que seus 18 anos na verdade são 218. Mas consigo lembrar de algumas coisas que vêm como disparadores da discussão. Voltei em algum verão de 2000 e poucos, ainda na escola. O calor vinha do chão, e a Tijuca ficava vazia. Nos escondíamos em qualquer sombra debaixo de prédio que tinha. Hoje isso é impossível, nesses lugares de proteção do sol e da chuva, espécie de hall de entrada meio pública dos prédios, porque têm grades em todos eles. Não foram só as grades, as janelas se fecharam, as cercas elétricas se multiplicaram sobre os muros que agora são mais altos, assim como a cor de tinta salmão escuro que se espalhou pelas paredes das casas da cidade, assim como os pequenos condomínios de cor clara estilo Barra também. Se espalharam as câmeras de vigilância, e também os outdoors eletrônicos em diferentes lugares, principalmente nos pontos de ônibus. Além das várias palmas de mão que iluminam os rostos cabisbaixos. A cidade brilha embaixo também.

"O sentido do nosso percorrer e do nosso deslocar nos circuitos informativos e nos espaços da metrópole é algo que nos escapa. Portanto, as nossas deslocções na metropoleletrônica não são somente visuais e espaciais. Em outras palavras, a metropoleletrônica como visto, não é somente uma topografia que pode ser atravessada no seu espaço, nas suas ruas, bairros, estações e avenidas. A maioria das nossas percepções acontece em deslocções que se desenvolvem, ao mesmo tempo, em espaços vi-

• Dava até pra ficar de camisa, e os
• termômetros públicos ainda fun-
• cionavam. Tinha que virar políti-
• ca pública: o subúrbio merecia
• duchões em todas as praças e
• uns bebedouros de cerveja gela-
• da em algumas esquinas pra em-
• briagar o calor. O choque térmico
• entre o vagão com ar condicio-
• nado do trem e a temperatura
• ambiente dos bairros da região
• pode ser fatal. O dia era cheio.
• Dia de samba. Os botecos lotados
• e muita propaganda de cerveja. O
• carnaval está azulado nas ruas
• do Rio de Janeiro. Chapéus, blu-
• sas e um negocinho escroto pra
• bater na cabeça dos outros. Tudo
• azul, mas o preço da cerveja
• deixa qualquer um no vermelho.
• O preço alto e a sede inesgotável
• são recompensados por qualquer
• gole gelado. Na rua principal tin-
• ha dos netos às vovós. As mesas
• nas calçadas dos botecos
• mostram que nem o 2º caderno e
• nem o Choque de Ordem chega-
• ram por lá, ainda. A noite caía e a
• fome aumentava. Parei num pas-
• tel feito na calçada, colado no
• muro da própria casa. Uma
• frigideira, e quatro potes de plás-
• tico desses que guardamos a co-
• mida na geladeira. Sempre lem-
• bro do bacalhau do natal dentro
• desses potes. Dá pra ver as bata-
• tas e as azeitonas pretas pela
• transparência do plástico. Mas lá
• no pastel tinham outros ingredi-
• entes. Ela estava sozinha, en-
• quanto na fila uma meia dúzia de
• pessoas esperavam o pastel
• fresquinho, suando. Ela tava
• mais arrumada que todos da fila.
• Blusa preta sem manga, brincos
• de prata, tatuagem de três estre-
• las atrás da orelha. Uma vermel-
• ha, uma verde e uma azul claro.
• Na mão uma flor entre o dedão e
• o indicador, e no tornozelo à
• mostra pela sandália cheia de
• ornamentos, um coração
• atravessado por uma flecha, e no

suais e arquitetônicos e naquele metageográfico e eletrônico-comunicativo. No meio do **trânsito**, no **ônibus, olhando pelo vidro**, nas paisagens pós urbanas, ninguém pode estar parado; até quando não andamos, um elevador, uma escada rolante, um metrô, um ônibus nos desloca de um andar a outro ou de um contexto a outro. Paralelamente a esses modos de **transitar**, existem formas eletrônicas de deslocação e trânsitos informativos que, superando ou amplificando as nossas percepções sensoriais, nos levam por outras espacialidades, além do sentido do lugar e do espaço urbano.

Ouvindo o rádio no carro, passeando na rua com nosso **MP3** ou **Ipod**, no footing do shopping, nas imagens móveis dos outdoors - nesses momentos é que nós fazemos a experiência da metropoleletrônica, que a percebemos como algo além das suas formas **estético-arquitetônicas**, que a recriamos e a ressignificamos eletronicamente.

A experiência visual e eletrônica nos abre ao devir, à metamorfose que nos faz fluxos, informação, mensagem, hibridando os nossos sentidos, amplificando-os e modificando a nossa visão, nossos ouvidos e nossas percepções."

"Na metropoleletrônica tudo se desloca, **nada nem ninguém está parado**, sempre somos estendidos para além da paisagem que se desloca, alterando-se continuamente. Os espaços se metamorfoseiam, fazendo do nosso **habitar** uma forma **instável e múltipla**. Deparamo-nos com uma paisagem protéica que se metamorfoseia diante de nós, alterando continuamente as coordenadas dos espaços e nossas percepções a respeito deles. Portanto, às deslocações visuais e itinerantes que caracterizam o habitar transitório na metropoleletrônica, devemos somar as deslocações das paisagens informáticas e dos fluxos mutantes de paisagens. Aqui o deslocar-se assume um significado múltiplo que vai bem além do andar em uma geografia ou em um território." (DI FELICE, 2009. p.168)

Essas espacialidades imateriais e eletrônico-informativas geraram diferentes tipos de interações. Além dos rabiscos bem humorados de intervenção nos modelos das propagandas, feitos em grande partes por estudantes colegiais, esses anúncios cintilantes também foram alvos de pedras e depredações durante as manifestações de 2013 por exemplo. Foram atacados, sem dúvida, por serem símbolos dessa cultura de

• pé escrito Adilson. Registrou na
• pele, para todo mundo ver, os
• seus amores. A bolsa com cor-
• rente dourada pendurada no om-
• bro, como quem faz um ovo den-
• tro de casa antes de sair pra
• curtir a noitada. Ela frita um dos
• melhores pastéis de uma das
• principais ruas de Madureira, ali
• pertinho da Paulo da Portela.
• Abre a massa sem delicadeza, de
• tanta habilidade. Tem carne,
• presunto, calabresa e queijo.
• Pode misturar. Vai querer qual?
• Serve o recheio e fecha a massa.
• Passa a rodinha nas bordas pra
• lacrar, tira o plástico, e coloca
• com cuidado, um a um, na frigid-
• eira que mais parece os lagos
• ácidos e vermelhos, tão per-
• igosos de cair dentro dos desen-
• hos animados. Jana! Vai lá den-
• tro pegar mais massa! 5 reais,
• pra agora ou pra viagem? Refrig-
• erante só ali no bar. Obrigado.
• Filha! Cadê a Jana? A massa tá
• acabando! Foi lá dentro mãe. Vai
• lá chamar ela. Tá bom. Logo
• chegou mais um pacote de mas-
• sas, o queijo já tinha acabado,
• mas a noite tava só começando.
• aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
• aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaasaa-
• sassasasasasassasasasasasa-
• sasasasasasasasasasasa Mãe,
• mãe, olha! O Maracanã! A meni-
• na aponta o dedo com os braços
• pra fora da van do 665. Bota os
• braços pra dentro, menina. Os
• olhos estão arregalados para o
• gigante de concreto e para as
• coloridas armações de ferro para
• a Copa do mundo. A mãe pede
• pra ela não gritar. Em voz baixa,
• pergunta se é de graça pra en-
• trar no estádio. A mãe responde
• que claro que não, ela pergunta
• quanto é, e a mãe não faz ideia. O
• Maracanã já não aparece mais na
• janela. Olha o trem, mãe! Lem-
• bra do Jardim zoológico, filha? O
• macaco, o hipopótamo, a girafa.
• Vamos voçtar um dia? Vamos. É
•
•

mercado globalizada. A luz que vem de dentro dos letreiros luminosos das grandes indústrias é diferente da luz opaca que vem de dentro dos caixas eletrônicos dos bancos que nos atualizam sobre nossas dívidas. São janelas de consumo.

"Eventos de massa, as grandes exposições, assim como as avenidas e as galerias das metrópoles, são os lugares em que se dá o espetáculo da metrópole tecnológica, **onde tudo é movido pela técnica e tudo se mexe na frente do olhar do flâneur e dos transeuntes, que passam a experimentar uma forma visual, e não mais completamente sedentária de cidadania.**" (DI FELICE, 2009. p.153)

Voltando de Niterói, pela janela da barca, é possível ver o Centro do Rio de Janeiro, com seus arranha-céus fazendo o primeiro plano da imagem, destacando a cordilheira de montanhas que corta a cidade ao fundo. Sobre os grandes prédios, anúncios luminosos podem ser vistos à distâncias maiores do que aquelas que precisávamos enxergar como águias para saber se era aquele ou não o nosso ônibus, que faria com que não levantássemos do meio-fio à toa. Caso fosse o ônibus tão esperado, andávamos para o meio da pista, pra garantir que o motorista não passasse direto da gente - era uma alegria quando o sinal mais a frente fechava, pois então tínhamos os metade das chances de não ficar de pista.

[&] A primeira vez que voltei do PPCULT de barca, e na maioria das vezes seguintes que isso aconteceu, lembrei do Fritz Lang que escreveu Metropolis observando a silhueta dos prédios de Nova Iorque enquanto seu navio chegava de viagem da Alemanha. Sempre lembro disso. [&]

Hoje, de fato, como afirma Di Felice, o espaço urbano não é mais só feito de rua, avenida, praça; assim como nós, não somos mais feitos só de nossos membros, e sim das extensões luminosas, digitais e interativas dos mesmos. Nossa relação com nós mesmos, nossas ideias, nossos sonhos, nosso consumo, nosso corpo, hoje, é muito diferente do que foi há 10 anos. O selfie é o registro da nossa imagem refletida no espelho. Espelho público - Publicização do privado. Nosso perfil no Facebook é acima de tudo um espaço publicitário que alugamos para nós mesmos. A autogestão da nossa imagem publicitária. Tem quem veja autonomia, tem quem veja dependência.

• aqui na Cadeg que tua tia compra
• batata. E a cidade vai correndo na
• janela da van em 24 memórias
• por segundo. Na altura da pas-
• sarela 6 da Brasil, a mãe reclam-
• ou do cheiro ruim, e a menina
• lembrou de um laguinho onde
• ela mergulhou. Tampou o nariz,
• fechou os olhos e entrou na água.
• Quando abriu os olhos viu peixin-
• hos e peixões, enquanto via os
• carros passando na pista central.
• aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
• aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa-
• sssssssssssssssssssssssssssss-
• ssssssssssssssssssssssssssssa Chovia
• mas não fazia frio nas ruas do
• centro do Rio depois do 7 x 1 para
• a Alemanha. As ruas estavam
• meio vazias, as pessoas também.
• Tudo perdia o sentido: a vida e o
• futebol. A identidade mal resolv-
• ida ainda mais confusa. Somos o
• país do quê então? Imaginava as
• redações dos jornais e das agên-
• cias de publicidade. As carnes e
• cervejas compradas para o chur-
• rasco do título. A quantidade de
• coisas sendo quebradas e pes-
• soas brigando por conta da der-
• rota. Chovia dentro de muita
• gente ao mesmo tempo, e a rua
• refletia isso. As crianças aquela
• hora dormiam com os olhos in-
• chados. Um brasileiro correndo
• atrás de um argentino zoador,
• que fugia dele com a mesma fa-
• cilidade com que o Müller fugiu
• dos nossos zagueiros. Lembrava
• da cara de desespero dos joga-
• dores e da comissão técnica. O
• choro que não comove, vindo das
• novas arquibancadas, dos novos
• estádios e do novo futebol. A
• minha geração cresceu tendo
• como ídolos os maus exemplos.
• Sinto a falta deles no futebol
• moderno. Ao invés de apontar o
• dedo pro céu, apontar o dedo pra
• cara do adversário. Não existe
• tradução de FairPlay para o fute-
• bol brasileiro. Durante o 2º tem-
• po do jogo, duas crianças com a

CorpoBarco que segue, agora navegando pelas ruas e trilhos da cidade, se transformando em composição coletiva.

BUSÃO

É curioso pensar que hoje, talvez, o medo que existe em relação às janelas das casas próximas às calçadas, seja o mesmo das janelas dos ônibus próximos às ruas. "Atividade na janela", avisam os mais atentos quando os ônibus estacionam para embarque e desembarque de passageiros, ou nos sinais da Central, e outros lugares da cidade. Se der mole, fica sem celular, os mão-leves são artistas. Nessa atividade, entre o observar da paisagem e das movimentações, comecei a registrar reflexões sobre a cidade a partir dessa janela.

De Certeau abre uma das passagens de seu livro dizendo que na Grécia, ônibus são chamados de metáfora, diríamos: vou pegar uma metáfora para algum lugar. Se é verdade ou não, eu não sei, mas que tem muito sentido tem. Ser guiado por metáforas.

Nunca estranhei andar de ônibus. Nenhum segundo. Nem medo e nem desconforto. Sempre achei um adiantado, tendo em vista que não conseguiria me deslocar a pé naqueles trajetos, e que carro eu também não teria. Só não sabia que seria a partir daquela janela que eu ia me sentir a vontade pra entender o mundo. Me bastava encontrar uma cadeira e uma janela livre, que minha viagem estava garantida. Aprendi a sur-

far sem prancha andando em pé no corredor do ônibus nas curvas do Alto da Boa Vista. Era uma brincadeira nossa. Di Felice vai descobrir o que todo mundo que anda de ônibus no Rio de Janeiro sabe, "os meios para passar o tempo de forma agradável no ônibus são os mais diversos e criativos". (DI FELICE, 2009, p.202)

[&] Na adolescência, costumava ir da Tijuca para a Barra descalço, de busão. Sentia a textura dos traços do chão de metal quente sob os meus pés. Gostava disso. Não gastava a sola do chinelo entre minha casa e o ponto na Praça Saens Pena, e criava um sentido de pertencimento com o ônibus e com a praia, como se essa realmente fosse perto da minha casa, era só entrar no 233 e partir, que se piscasse acordaria lá, de frente

♦ camisa do Brasil jogavam bola na
♦ ladeira. Cansaram de ver o jogo e
♦ foram eles mesmo jogar futebol.

♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa-
♦ ssssssssssssssssssssssssssssa-
♦ sasasasasasasasasasasa-
♦ sasasasasasasasasasa Em pé e
♦ apertado, na van Saens Pena x
♦ Usina conheci o Kaio, irmão do
♦ Kleber. Moleque novo e sorridente
♦ no colo da mãe. Gosta de jogar
♦ bola com o cachorro Sem Nome e
♦ hoje mesmo quebrou o espelho do
♦ banheiro da escola. Teu pai vai te
♦ matar, Kaio. Ele tem um sorriso bonito,
♦ e os olhos um pouco puxados. A
♦ jovem mãe conta pras amigas que
♦ nem ela, nem o pai batem nele, mas
♦ colocam ele de castigo no banheiro e
♦ travam o tablet e os outros brinquedos.
♦ Ele Jura que não vai fazer mais,
♦ mas amanhã a agenda já vem com
♦ anotação. Kaio sorri e se aconchega
♦ no colo da mãe. Ele diz que o pai
♦ bebe todos os dias. Acorda e bebe.
♦ Não bebe água e nem suco. Só
♦ cerveja. Passou mal várias vezes e
♦ não parou de beber. Ele não tá nem
♦ aí pra mim. Nem quando Kaio pediu,
♦ com aquele sorriso bonito, o pai
♦ parou de beber. Mas Kaio se diverte,
♦ sorri e faz carinho assim mesmo.

♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa-
♦ ssssssssssssssssssssssssssssa-
♦ sasasasasasasasasasasa-
♦ sasasasasasasasasasa Conheci
♦ Miguel quando tínhamos uns 10
♦ anos de idade. Ele chegou lá no
♦ bairro. Loirinho, branquinho e cheio
♦ de marra desde pirralho. Os moleques
♦ lá da rua também fizeram amizade
♦ rápido. Era do sul. Não faz muita
♦ diferença pra quem mora no Rio.
♦ Quem é do sul é gaúcho e foda-se.
♦ Ele falava o nome da cidade e a
♦ gente fingia que ligava. O sotaque
♦ era bonito. Gostava de estar perto
♦ do Miguel. Ele era vagabundo como
♦ a gente mas era mais inteligente.
♦ Parecia que não ligava pro mundo,

pra praia. Conhecíamos muita gente no posto 4, deixávamos as mochilas no quiosque do Peixe ou nas barraca do Sapeca. Nos dias bons demorava uma hora. Se conseguisse um lugar pra sentar, e se fosse na janela então, podia demorar a hora que fosse, que eu estaria de boa. Nessa época ainda nem conhecia a zona sul e as praias de lá. Parei de ir descalço quando senti a textura da merda de cachorro quente entre meus dedos. Não valia a pena só por causa disso. Campo minado. [&]

Difícil é falar de ônibus sem pensar o quão criminoso foram as mudanças das cores dos veículos afim de importar o padrão europeu de transportes públicos, um mundo colorido é sempre mais interessante que um de cores padrão: as linhas da família do 415 eram vermelhas, amarelas e laranjas; as da 606 eram verdes; as do 607 azul, branco, laranja e amarelo; as do 433 laranja; as do 234 azul marinho e branco; as do 409 azul claro e branco; as do 638 amarelo, marrom e branco; as do 601 laranja e branco; as do 754 branco, com ondas em azul. Apesar dos nomes das cores serem iguais, as tonalidades nunca eram, e quando eram, os desenhos e a configuração eram diferentes, ora no para-choque, ora no corpo, ora no teto. E por aí vai. Muita gente nem sabia os números, só sabia a cor. Era comum, dando informações, falar a cor, e não a linha. "Pega o laranjinha que vai pra lá.". E isso acabou, ficou tudo cinza, combinado com poucas cores que simbolizam áreas dos BRS. Essa alteração simboliza também a mudança dos itinerários de algumas linhas, que faz com que os passageiros sofram um tipo de desterritorialização forçada. É uma nova aventura andar de ônibus nos arredores do centro, ou na zona oeste principalmente, aonde fizeram as obras do BRT, ou da transolímpica - devido as transformações urbanas somos capazes de não reconhecer lugares que fazem parte da gente.

[&] Quando ia aos sábados no terreiro de encantaria que frequente em Curicica, gostava de assistir, enquanto esperava para conversar, aos jogos do campeonato de pelada que aconteciam num campo bem perto do terreiro. [&] Esse campo não existe mais, pois está dando lugar a um elevado da TransOeste. O campo virou um canteiro de obras e de memórias, um dia vai ser chamada, quem sabe, de Estrada das Lembranças.

♦ mas lá no fundo eu sabia que li-
♦ gava. Não sei como alguém que
♦ dormia tanto conseguia tirar no-
♦ tas boas. Se mexesse com ele,
♦ ele mandava à merda, e não im-
♦ portava o tamanho. Loirinho no
♦ rio quando é criança sempre faz
♦ sucesso com as meninas. Fazia
♦ todos os esportes bem e quando
♦ ficava irritado ia embora pra não
♦ brigar com os amigos. Aos 10 eu
♦ chamava Miguel pra rua e ele
♦ vinha, montávamos uma pista de
♦ corrida de chapinha na areia da
♦ obra. eu via as chapinhas voando
♦ como motocross numa pista cin-
♦ ematográfica. Miguel via chapin-
♦ has e areia. Jogava todos os jogos
♦ como se fossem os mais chatos
♦ do mundo. Na sueca jogávamos
♦ juntos. Éramos uma boa dupla,
♦ mas não era tão bom jogar com
♦ ele porque ele não zoava nin-
♦ guém quando ganhava, só do
♦ Thiaguinho. Quando ganhávamos
♦ dele, o Miguel zoava, e o magrelo
♦ surtava. E quando acontecia o
♦ contrário, Miguel ia embora.
♦ Jogávamos pião e taco. Ele era
♦ bom em todos os jogos. Canhoto.
♦ Mas ele não vibrava nem quando
♦ ganhava e nem quando perdia.
♦ Eu jogava o taco longe pro cara
♦ da de fora ir buscar. Miguel fazia
♦ aniversário um dia depois de
♦ mim. Pensava que era por isso
♦ que nos dávamos bem, e ao mes-
♦ mo tempo achava estranho de
♦ sermos tão diferentes. Nasce-
♦ mos fantasiados de arlequim. Ele
♦ subia a árvore e eu também. Eu
♦ me sentindo o Tarzan e ele o
♦ Miguel. Miguel fazia pouco caso
♦ de tudo. Crescemos juntos. Eu
♦ continuava o arlequim, e ele nun-
♦ ca deixou de ser Miguel. Depois
♦ de um tempo dá vontade de
♦ começar a realizar os sonhos.
♦ Dizem que é coisa de aquariano
♦ gostar de sonhar, nunca gostei
♦ muito disso. Miguel fazia pouco
♦ caso dos meus sonhos e dos nos-
♦ sos amigos, dizia que não ia dar
♦

Se não bastasse o fim das cores, agora chegou o fim das linhas. Vão cortar todas as linhas que ligam a zona norte com as praias da zona sul, afim de colocar em prática projetos de baldeação conectados com os BRT, afim de melhorar o trânsito na zona sul da cidade. Com essas famílias de linhas vão morrer histórias de pessoas que passaram parte de suas vidas se movimentando nessas segundas casas. Quando decidem alterar as palhetas de cor, e a história das linhas, dos trajetos, ignoram a relação cultural e afetiva que temos com esses transportes (apesar de toda a máfia que envolve o transporte coletivo na cidade). Além do criminoso impedimento das juventudes populares ao lazer nos fins de semana, que simbolizam por exemplo, a extinção anterior ao prometido, da linha 474, que liga o Jacarezinho à Ipanema, "para evitar arrastões", mas no discurso, uma questão de mobilidade. É por conta dessa relação direta entre diferentes classes e regiões que muita gente não anda de ônibus. **"O ônibus de uma grande metrópole é também lugar de encontro entre culturas e origens distintas."** (DI FELICE, 2009. p.201)

O ônibus, diferente do trem, tem motorista e cobrador que se relacionam diretamente com os passageiros. O trem dá uma sensação de mais automático. Têm ônibus com horários certos, que as pessoas pegam só pra poder ir na viagem com o motorista tal, que é gente boa, que conta história, que escuta música, que é flamenguista, ou que ela simpatiza. Minha mãe, quando volta do trabalho na Carioca, há anos, prefere pegar trânsitos absurdos na Frei Caneca e na Satamini, pra ir no 217 que tem "um motorista tão legal que o pessoal faz fila no ponto final pra ir no dele". E ela chegava em casa contando da viagem do dia, feliz.

Muitas das viagens foram acompanhadas de música, costume que perdi tem pouco tempo, uns dois anos. Para os dias sem janelas, de viagens na cadeira do corredor - com os ombros pra fora -, ou em pé, a música era necessária. A viagem ao invés de ser pra fora, através das janelas, era pra dentro, através da música. Em 2005 ou 2006 fiz a transição do diskman (antes era o walkman) para o MP3. Um aparelhinho pequeno, do tamanho de um tamagoshi, de pilha recarregável (que também era uma novidade pra mim), e que cabia no bolso, com exatas 12 ou 13

em nada, e a palavra que ele mais dizia era a estalada de beijos de quem não dá a mínima. Uma vez, já mais velhos, viajamos com a galera lá da rua toda. Fomos pra praia, jogamos pique-bandeira e apostamos corrida. Miguel tirou as fotos sem nem enquadrar. Hoje em dia a gente fica sem se ver por causa dos compromissos e dos sonhos. Dos compromissos com os sonhos. Mas quando a gente se vê é sempre bom. Ele chega com a cara de quem acordou, e de que continua em paralelo ao tempo do mundo. Ele senta no bar, pede uma, e escuta mais do que fala. Uma vez eu o abracei, e ele chorou, e não disse nada. Eu só soltei os braços quando ele parou de chorar. Nunca soube do motivo. Ele lia poesia, mas não mostrava as que escrevia. Tocava violão bem, mas não tocava pra gente. Parecia impaciente com as reclamações que fazia constantemente, mas explicava para os amigos como nenhum professor fez. Sempre lembro do Ney e seu amigo sentados na ponte da música do Renato Teixeira, e imagino eu e Miguel velhos sentados na calçada de uma esquina qualquer. O assobio do Ney sopra nos meus ouvidos quando estou com Miguel. Deve ser o assobio da amizade. A pouco tempo nos vimos, já macacos velhos, e estávamos de bike. Na estreita faixa de cimento que remendava os buracos da rua, falei para o Miguel imaginar que era uma ponte, e que tínhamos que andar nela até o final para não cairmos lá de cima. Ele não gostava de metáforas. E ele sem nem pensar repetiu sua célebre frase: num viaja, bicho! E eu viajei na ponte estreita correndo risco de vida enquanto ele seguiu de bicicleta pela rua. Era isso, Miguel não viajava sem os pés no chão,

faixas de peso médio, de dois ou três minutos cada. Já era época do Kazaa, começava a conhecer música fora da rádio e da MTV. Cheguei ao punk rock através dos vídeos de surfe e skate, e como os cds eram caros, comecei a baixar tudo pelo Kazaa, e depois Limewire. Achava que nunca mais escutaria outro gênero musical, mas depois passei, através dos mesmos programas, a pesquisar todos os gêneros musicais possíveis, então escutei desde a música clássica até a música country americana, regional húngara e norte africana. Baixei tudo de jazz e de música romântica brasileira. E muito mais. Di Felice vai dizer dessa relação entre as imagens que vemos pela janela com a música nos fones de ouvido, que ele vai chamar de Ipod Flaneur,

"Pratica-se assim o importante exercício da associação das imagens que 'escorrem' rapidamente com a música que se ouve no próprio fone.

A capacidade de imaginação e a seleção das imagens através de uma montagem imaginária transforma o transeunte em um criador de

videoclipe. A tela onde 'escorrem' as imagens e a caixa de som de onde sai a trilha sonora são o seu próprio corpo, modificado por um pequeno portátil doméstico e, por causa do movimento do ônibus ou do carro, expandindo toda a cidade e em todas as direções."

Nesse ano de 2005 quando comecei a estudar na Barra, deixava de escutar um som na ida, para economizar pilha e escutar na volta, ou em algum perrengue de ônibus lotado, e aproveitava o trajeto de ônibus para ir lendo e fazendo os trabalhos sobre os textos das matérias de comunicação - isso quando o resto de sono não me apagava. Para escrever, só era possível durante a subida, quando o ônibus sente seu peso e se torna muito mais lento do que na descida, quando as freadas para as curvas se tornam protagonistas. Para escrever, era melhor esperar os sinais ou os pontos, o paraíso era a inércia de um engarrafamento.

Pelas janelas dos ônibus conheci os diferentes rios dentro da cidade. Dos cartões postais e das favelas coloridas. Das florestas naturais e das selvas de concreto. Atravessei os túneis que separam diferentes realidades. No Rio de Janeiro, os túneis que separam a zona sul do resto da cidade simbolizam não só passagens de espaço,

como de tempo. Mundos distintos. Chegar na

♦ mas lá no fundo eu tenho certeza
♦ que viajava. Era um velho novo,
♦ sempre foi. Eu, Daniel, Pablo,
♦ Marcell, Thiaguinho e Caíque
♦ ficávamos putos quando ele fa-
♦ lava pra gente não viajar. A gente
♦ só queria viajar, porra. Ir pra
♦ longe daquela rua e levar os ami-
♦ gos juntos. Miguel não mudou,
♦ nem eu. Ele sempre foi o pé no
♦ chão que nunca tive, e antes de
♦ qualquer decolagem eu lembro
♦ dele assobiando. aaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaasaasassasasasa-
♦ sassasasasasasasasasasasasa-
♦ sasasasa A Kombi-caminhão
♦ passou aos pés do Salgueiro e
♦ dobrou na General, a voz estra-
♦ nha não pára de repetir: compro
♦ chumbo, cobre, metal. Compro
♦ panela velha, Aquecedor velho,
♦ Bateria velha, Radiador velho. É
♦ o comprador de material velho.
♦ Compro porta de alumínio, Lata
♦ de cerveja, Geladeira velha. Eu
♦ passo pela feira na rua nova e a
♦ kombi dobra na Guapiara. Escuto
♦ o som da infância se distancian-
♦ do aos poucos no tempo. aaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaasaasassasa-
♦ sasasassasasasasasasasasasa-
♦ sasasasasasa Na esquina da Ou-
♦ vidor com Uruguaiana, homens e
♦ mulheres de todas idades se
♦ agrupam para trocar figurinhas.
♦ Os papéis com números marca-
♦ dos, os elásticos esgarçados pe-
♦ los montes maiores, a busca de
♦ pessoa em pessoa e a felicidade
♦ de encontrar aquela brilhante
♦ que faltava. Lembrei dos dias de
♦ disputar figura no bafo, e das
♦ bordas das mãos encontrando o
♦ chão gelado dos invernos da in-
♦ fância. Na Sete de setembro um
♦ grupo de homens esconde al-
♦ guém que esconde, com agili-
♦ dade, bolinhas em copos. Notas
♦ de 2, de 5 e de 10 reais na mão do
♦ mágico. Dizem alguns que ele só
♦ perde pra fingir que é de ver-

Tô no rango desdas duas
E a lombra bateu O
jogo é as cinco
E eu sou mais o meu
Tô com a geral no bolso
Garanti meu lugar
Vou torcer, vou xingar
Pro meu time ganhar

Porque
Eu quero ver gol, Eu
quero ver gol
Não precisa ser de placa
Eu quero ver gol
(O Rappa) [&]

Pra muita gente ônibus é quarto, é igreja, é escritório, é biblioteca, é loja e por aí vai. Tem pra todo mundo, mesmo. E é curioso como que nessas situações, principalmente durante o discurso de um pastor, de um pedinte, de um ambulante ou de um artista, a energia coletiva toda se volta para a pessoa que fala no centro do corredor. É como se todos ali se tornassem artistas num palco ambulante. Atrair a atenção e os olhos atraídos pelas janelas do ônibus e dos smartphones é uma arte.

60

Além de palco, Di Felice vai falar que o ônibus também tem vocação para a propaganda, tendo ele mesmo seu corpo transformado num outdoor ambulante que se movimenta pela cidade. Somos nós transportados dentro de outdoors. Ainda na relação direta com o consumo, dentro do ônibus você pode comprar o popular "passatempo da viagem", que pode ser biscoitinho, chocalatinho, bombonzinho, balinha, sempre com a melhor promoção do mercado, como nos dizem com muito talento nossos artistas vendedores ambulantes. [&] Certa vez, indo pra praia de barriga vazia, comi 20 Paçoquitas a 2 reais pra almoçar. Já cheguei na praia com gosto de paçooca na vida. Passei muito mal. Conto essa história até hoje. [&]

"A maioria das pessoas que está no ônibus olha para fora através do vidro. As imagens escorrem rapidamente, com uma sequência incontrolável, como aquelas de um filme. (DI FELICE, 2009. p.202)

♦ Pelo trajeto curto e o sistema de
♦ GPS que é anunciado nos telões
♦ dos terminais, logo se evidenciou
♦ a situação. No meio da Baía car-
♦ ros e motos não chegam. Ou pela
♦ água ou pelo ar. Barquinhos da
♦ CCR chegaram pra ver o que ac-
♦ ontecia. O boato é que todos são
♦ reféns. E sim, são. O primeiro a
♦ chegar é o Globocóptero. Ao vivo
♦ no RJ TV. O prazer diário de al-
♦ moçar escutando algumas notí-
♦ cias e muitas tragédias. Chegam
♦ outros helicópteros dos canais
♦ de rádio e tv. Enfim chega a pm
♦ pelo céu, e o BOPE de lanchinha
♦ e helicóptero. Bandeira da cavei-
♦ ra na frente da lanchinha. A ci-
♦ dade sempre espera o pior. O
♦ circo, a cobertura, está montada.
♦ Finalmente algo acontece. Bexi-
♦ gas coloridas começam a sair
♦ pelas janelas da barca em di-
♦ reção ao céu e aos helicópteros.
♦ Silêncio nos microfones, barul-
♦ hos nos motores, e a barca seg-
♦ ue, soltando bexigas coloridas
♦ como bolha de sabão. Quiseram
♦ cancelar a transmissão, mas
♦ seguiram escoltando a barca até
♦ ele atracar na estação. Ao vivo no
♦ RJ TV a âncora anuncia que é
♦ chegada a hora de prender os
♦ bandidos. Uma multidão de pal-
♦ haços a caráter desembarcam
♦ calmamente no Rio, com suas
♦ mochilas e bolsas em direção ao
♦ trabalho. O horário do almoço
♦ acabou. Dia que segue. aaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaasaasassa-
♦ sasasassasasasasasasasasasa-
♦ sasasasasasa Nos noticiários:
♦ Em Santa Catarina um armazém
♦ de fertilizantes pegou fogo e uma
♦ fumaça tóxica densa e meio alar-
♦ anjada ganha corpo no meio do
♦ céu azul e agora deve ser branca
♦ no céu preto, O governador de-
♦ cretou estado de emergência na
♦ região; No aeroporto de Cumbica
♦ em São Paulo, 111 trabalhadores
♦ foram encontrados em condições
♦

São as imagens do filme cotidiano da vida, assistidos de uma janela destravada que produz 24 imagens por segundo. Sente o vento?

METRÔ E OUTROS TRENS

Antes de chegar nas diferenças entre metrô e trem no Rio, é importante destacar que o que esses têm de evidente diferença em relação aos ônibus, é a violência contra às mulheres, que têm direito garantido de vagões só para mulheres nos horários de pico. Para evitar invasões de homens, seguranças fiscalizam a entrada desses vagões. A medida paliativa, evidencia o grau de violência contra as mulheres. Nos ônibus não existem vagões, nem lugares separados, mas a violência não diminui. **A insegurança é muito grande ou total por parte das mulheres, e fica evidente em algumas escolhas de lugares, de ficar mais perto da roleta e do corredor, para evitarem de ser encurraladas, assim como de não descer em pontos vazios, são por conta disso.** Violência que não vem em formas materiais, físicas, morais e psicológicas. A gente sonha em ver e viver num mundo que supere essa ignorância. Acho necessário tocar nesse ponto com ênfase, pra não parecer que toda a circulação é simples, independentemente do gênero. Infelizmente não é assim.

Morei nos arredores da Praça Saens Pena desde que nasci, e como nunca viajei pra fora, só saí do Brasil pra ir ao Uruguai rapidamente, nem fiquei mais de dez dias em lugar nenhum sem ser São Paulo, acompanhei de perto, muito perto posso dizer, as transformações no Metrô Rio. Falei da praça, pois os mais velhos, dizem que foi a construção do Metrô que a destruiu, enquanto lugar de encontro e referência cultural, de cinemas, bares e movimentos, que foram substituídos por tapumes durante muitos anos, até o fim das obras, parindo sobre aquela antiga praça uma nova praça, sem verdes, sem sombras, sem comércios e com grades. Dizem na pista os mais velhos que a Praça Saens Pena era uma maravilha, "você tinha que ver como era isso aqui, a gente vinha paquerar.", e que conseguiram acabar com ela.

Comecei a usar o Metrô quando conheci a zona sul, depois dos 18 anos, para vender roupas e fazer filmes de surfe e skate. Pegar 415, 425 ou

de trabalho "semelhantes" a de
escravidão, Todos eles vieram de
4 diferentes estados do nordeste,
e no meio do grupo havia 6 índios
de uma tribo de Pernambuco, as
empresas responsáveis correm
risco de levar multa; A Lei Maria
da Penha não reduziu o número
de morte de mulheres por vi-
olência, a maioria das mortes é
de mulheres negras, título de
música do Dead Fish que termina
Sonhando em um dia sorrir como
elas que apesar de todo o sofri-
mento se negam a chorar; A fala
da criança de 12 anos, que en-
quanto jogava bola não sabia que
sua cidade no interior de São
Paulo seria revirada por um tor-
nado, quando o teto do ginásio
caiu um amigo lhe disse "vou te
salvar" e o abraçou para prote-
ger dos destroços, o tornado lev-
ou a vida do amigo e deixou a
dele; 4 dias de terror dentro de
um shopping no Quênia, num
confronto entre islâmicos e mili-
tares, ingleses também estão
entre os suspeitos e entre os
mortos, mais de 100 mortos, em
1998 foram 200 mortos em Nai-
robi no atentado à embaixada
americana, o nome do shopping
de luxo é Westgate, algumas
testemunhas disseram que
reféns cristãos eram obrigados a
recitar pelo menos o início da
Shahada muçulmana, e caso não a
fizessem morriam, uma fuma-
ça cinza flutua por lá. Na time-
line: professora grevista é proibi-
da de buscar a filha em creche pública;
Rock in Rio acabou pelo visto;
Mujica para presidente do
mundo; jovens e Batman são
presos em manifestações no
centro do Rio; Dinheiro da Visanet
foi pra Globo; Clarice Lispector
entrevista Neruda; mais móveis
doados chegaram ao Hotel da
Loucura; hoje é dia de clássico
no Maracanã. O barulho das go-
tas do ar condicionado do vizinho

413 não valia a pena porque o trânsito em Copacabana era infernal. As baldeações da integração do Metrô eram insuportáveis, pois também te faziam pegar um trânsito considerável em Copa, mas pelo menos passava-se batido pelos trânsitos da Presidente Vargas e do falecido Mergulhão da Perimetral. Depois que o Metrô começou a chegar na General Osório, devia ser 2009 ou 2010, passei a usar mais para ir à faculdade.

A rápida passagem de uma estação para outra, anulando as distâncias, indica a vitória do tempo sobre o espaço", "... o metrô pode, de fato, ser considerado uma espécie de **máquina do tempo**, um cronotopo no qual se entra para ser projetado rapidamente em outros espaços-tempos". (DI FELICE, 2009. p.185)

[&] Quando decidi estudar na Barra e depois em Ipanema, foi pelo mesmo motivo, ficar logo perto da praia e não precisar matar aula. Sempre guiado pelos descontos das bolsas que faziam com que eu meu irmão estudássemos nas mesmas faculdades. Queria me livrar daquilo o quanto antes, sendo o mais objetivo possível, pra não gastar dinheiro à toa. Fiz a faculdade de comunicação igual quem faz um curso de inglês. Saía da aula, dava um mergulho na praia e ia fazer algum corre com a venda de roupas. [&]

O Metrô, quando o ar do vagão não está quebrado, mantém a temperatura e a luz a mesma, seja dia ou seja noite. Quando estamos debaixo da terra, dentro da composição, se não tivermos relógios podemos facilmente sentir o deslocamento de tempo e lugar. Estamos e não estamos em lugar nenhum, pois estamos no Metrô. Essa estabilidade luminosa e de calor (numa cidade que bate recordes de pico de calor a cada ano que passa), facilitam em muito a leitura ou a escrita, assim como a indefinição no sentido de lugar, pensando que as janelas do Metrô não oferecem muito mais do que o rastro da velocidade através das cores verde ou vermelha dos letreros das linhas 1 ou

• explodindo no toldo e o vento que
• o faz balançar me interessam
• mais do que a voz do narrador de
• corridas de cavalos que grita gol
• no rádio. É difícil entender os
• dias e as reverberações de tudo
• que te atravessa. A música do
• amigo diz assim: Lança o barco
• contra o mar, venha o vento que
• houver, e se virar, nada. Não se
• sabe aonde essas coisas todas se
• encontram, mas se puder, voa.
• aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
• aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
• sssssssssssssssssssssssssssss
• sssssssssssssssssssssssssssss 17h26 As
• gaivotas estampam suas som-
• bras no céu do fim de tarde azul
• claro e laranja. Vêm da Baía de
• Guanabara depois de um dia in-
• tenso de trabalho. São umas 50 e
• no meio delas voa lentamente,
• no balanço do vento, uma pipa
• avoadada. Um sonho cortado. Um
• sonho realizado. 50 gaivotas no
• chão correndo, olhando pro céu.
• Sonhando. aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
• aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
• aaaaaasaasassssssssssssssssss
• sssssssssssssssssssssssssssss
• Ontem de tarde em Vila Isabel,
• carreguei pro fim do dia, comigo,
• o assovio do pipoqueiro que can-
• tarolava em sopros no vento
• Deixa a vida me levar, vida leva
• eu, Sou feliz e agradeço por tudo
• que deus me deu. E hoje, logo
• pela manhã, a funcionária do
• MultiMarket do Engenho de Den-
• tro passou cantando, como um
• beija-flor Eu só quero saber do
• que pode dar certo, não tenho
• tempo a perder. E agora essas
• frases dão sentido ao meu dia, à
• minha vida. Pra na próxima es-
• quina, a vida me dobrar sabe-se
• lá para qual direção. aaaaaaaaaaa
• aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
• aaaaaasaasassssssssssssssssss
• sssssssssssssssssssssssssssss
• sssssssssssssssssssssssssssss Na Avenida Brasil as
• 10h da manhã, as pessoas estão
• paradas nos pontos, e os au-

2, ou alguma propaganda qualquer que aparece como cinema antigo em sequência durante alguns segundos entre estações; o que podemos ver de interessante são as pessoas, seja quando a composição para nas estações, ou seja através dos reflexos dos vidros.

"Diferentemente de outros meios de transportes urbanos, **o metrô não nos permite uma deslocamento visual**. A rápida sucessão das paradas acontece num vazio, sob a superfície da cidade, **impossibilitando a visão de qualquer paisagem pela janela**, a não ser das letras dos nomes das estações. **A rapidez com que as estações chegam e passam é também uma metáfora da nossa existência.**"(DI FELICE, 2009. p.186).

Olhando as estações gosto de prestar atenção nas pessoas que preferem andar sobre as faixas amarelas, ignorando os riscos em relação aos trilhos e aos trens, assim como se distinguindo dos demais, que respeitando as ordens dos altofalantes, permanecem atrás da faixa amarela. A textura da faixa amarela é aderente, diferente do piso original da plataforma. Anda por ali, é como andar sobre uma ponte estreita, que separa a plataforma dos trilhos, a vida da morte - a faixa amarela é das pessoas de alma aventureira, que se atraem por adrenalina em alguma escala.

Os reflexos são menos diretos e mais subjetivos. Revelam um outro mundo dentro da realidade. No Brasil, no Rio de Janeiro eu tenho certeza que sim, dizem que a relação das pessoas nos transportes coletivos é completamente diferente, mais calorosa, de olhos nos olhos, contatos físicos e brincadeiras. Até nos horários de pico, com os vagões lotados como "lata de sardinhas" (como dizem na pista), apesar das estaladas de beijo e reclamações, é possível escutar piadas e gargalhadas coletivas. O escritor argentino Julio Cortázar tem um conto⁵ que passa no metrô de Paris, onde as relações são mais frias e as pessoas quase não se olham, então ele cria um mundo de relação próprio, que só se dá no metrô, através e dentro dos reflexos dos vidros da composição. Pelo reflexo que as pessoas se olham. Algo que pode ser comparado hoje ao uso dos smartphones, tendo em vista que as pessoas ali estão olhando nos olhos de pessoas em outros lugares, através das diferentes ferramentas de comunicação instantâneas e redes sociais.

♦ tomáveis se movem lentamente.
♦ Exceto as motos que passam leves como peixes de rio. Duas amigas conversam no banco do fundo da van do 665. Uma mexe no celular e a outra olha pela janela.
♦ A Brasil nunca vai melhorar, só matando. Mesmo que tivessem 10 pistas não dava jeito nesse trânsito. Podia ter um Metrô Tijuca x Ilha. A gente vai morrer e não vai ver isso. Nas paredes da van tem adesivos brilhantes: Jesus é o segredo do meu sucesso; Cuida da sua vida e deixa que Jesus cuida da minha. Depois da entrada da linha amarela o vento começou a entrar pelas janelas da van. A do celular deixou o aparelho de lado e começou a lembrar de Manaus, dos parentes, dos amigos e dos amores. Falou que dessa vez vai de avião até Salvador, pra curtir as praias onde passou os melhores dias de sua vida, e a patroa disse pra comprar as passagens, pra ela e o filho, pelo site. A amiga disse que não, pra comprar em loja. Vai em junho do ano que vem, porque já teve férias esse ano. O Erick não quer ir de ônibus. Quando chegar lá, ela vai dar um jeito de fazer o filho conhecer o pai, o avô e as praias. Olhava pra janela com um olhar distante e sentia o vento na cara.
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ sssssssssssssssssssssssssssss
♦ sssssssssssssssssssssssssssss
♦ No Jardim Botânico, duas amigas no mercado Pão de Açúcar conversam enquanto esperam a fila dos caixas de poucos volumes, levam cerveja para o aniversário de um amigo. Ele podia ter feito como sempre, na São Salvador nossa de sempre. Ah não dá mais pra mim não, amiga. Lá tá muito diferente, tem ido uma galera estranha. Teve até tiro lá um dia desses, não soube? No Humaitá,
♦

No Metrô sempre preferi ler ou escrever alguma coisa, ou só ficar olhando as pessoas pelo vidro ou através do vidro, ainda mais depois que soube desse conto do Cortázar que nunca li. Só é preciso parar de escrever quando o Metrô freia. As cadeiras que mais gosto do Metrô são duas, e têm funções diferentes: a predileta são as da janela, nas cadeiras do meio, onde é possível apoiar os cotovelos e o ombro, que no do corredor ficam pra fora; e para dormir eu gosto do banco ao lado das portas de transição entre vagões, a última delas, para poder encostar a cabeça na parede. Os trens novos que o Rio comprou da China, além de menos assentos, esses são enfileirados um de frente pro outro, o que facilita nas horas de lotação, pois se tem mais espaço pra ficar em pé, mas que não tem mais essas duas possibilidades.

64 Talvez o melhor veículo sobre trilhos que tem na cidade hoje, seja o trem novo, que compraram a pouco tempo, e circula no ramal Deodoro bastante. O mais interessante que, apesar de muito mais moderno, com ar-condicionado funcionando, e rápido, não fez perder uma das principais características da viagem de trem, que é a contemplação da arte dos ambulantes. O Gordão do Trem, por exemplo, é um ícone do ramal Japeri. Famoso pela sua lábia, habilidade imensa com as palavras, ao dizer em alguns instantes todos os mercados que têm na região metropolitana do Rio de Janeiro, para dizer, no fim das contas, que o chocolate que ele vende em promoção, está mais barato do que em todos esses lugares que ele cita, "e que o cliente pode conferir". Não mão do Gordão é mais barato. Na verdade, na mão de todos eles, o chocolate, a bala, o biscoito, o refri, a cerva, o triturador de alho, o manual de construção, a bíblia, os cabos de celular, os cartões de recarga, o amendoim, a paçoquita, são mais baratos do que em qualquer outro lugar. "Boa noite passageiros, desculpem incomodar o silêncio de sua viagem. Caminhão tombou, promoção chegou. O ambulante vem trazendo o passatempo de sua viagem.", então os olhares se descolam das telas dos celulares e dos jornais, e se levantam, em direção ao ambulante.

"A saída rápida e a entrada da população, que se espreme nos trens, constituem uma espécie de centrífuga de identidades, **uma espécie de espremedor das diferenças**. Meio exotópico por excelência, **o metrô constitui-se numa metáfora**

♦ em frente ao posto de gasolina, 4
♦ moleques de uns 14 anos obser-
♦ vam um dos lambe-lambes de
♦ anúncio colados na parede. Búzi-
♦ os, cartas, tarô e etc... faz e des-
♦ faz trabalhos. Esperam um quin-
♦ to amigo chegar e se juntar ao
♦ bonde, e apontam pra ele a desc-
♦ oberta: o decote com os grandes
♦ peitos da cigana em evidência.
♦ Numa esquina do viaduto Paulo
♦ de Frontim com o final da Had-
♦ dock Lobo, onde tinha uma
♦ pracinha, com uma quadrinha de
♦ futebol com só um gol, e umas
♦ mesinhas de xadrez onde sen-
♦ hores jogavam cartas e jovens
♦ sentavam em cima enquanto tro-
♦ cavam ideia, que foi demolida
♦ pela prefeitura, e depois suas
♦ ruínas ganharam cor com alguns
♦ graffitis. Contornando a esquina,
♦ uma grade envolve os escom-
♦ bros, nela, com muita delicadeza,
♦ recortaram letras em papel,
♦ como fazem nas festividades de
♦ aniversário e natal, e pendurar-
♦ am bem onde a esquina faz a
♦ curva. As letras dizem no meio
♦ dos escombros: LEIA A BÍBLIA.
♦ Já na Tijuca, na Dr. Satamini, o
♦ meu 416 passa voando entre dois
♦ caminhões da Comlurb parados.
♦ Os garis trabalham normalmente
♦ sob um céu já estrelado. aaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaasaasassasa-
♦ sasasassasasasasasasasasasa-
♦ sasasasasasa A primeira pessoa
♦ que sonhou com a ideia de con-
♦ struir uma praça com certeza es-
♦ tava apaixonada. aaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaasaasassasasasa-
♦ sassasasasasasasasasasasasa-
♦ sasasasa É hoje que essa chuva
♦ cai! Afirmam os climatólogos dos
♦ elevadores e das praças na Tiju-
♦ ca. A ventania não deixa o pião
♦ girar, e derruba a brincadeira
♦ dos velinhos da Praça Saens
♦ Pena. Incansáveis, enrolam o
♦ pião no barbante e guardam no

do habitar contemporâneo." (DI FELICE, 2009. p.187)

Na música Rodo Cotidiano, do Rappa, em que todo mundo conhece o refrão Ô ô, my brother, se fala de muita coisa que envolve a trama de uma viagem de trem,

A ideia lá
comia solta
subia a manga
amarrotada social no
calor alumínio
não tinha caneta nem papel
e uma ideia fugia
era o rodo
cotidiano era o Rodo
cotidiano

O espaço é
curto quase um
curral
na mochila amassada
uma quentinha abafada

meu troco é pouco
é quase nada

Hoje em dia, dentro da lata de sardinha, com um smartphone, é possível abrir mão do caderno, e escrever no caderno de notas do celular, apesar do aperto e do movimento, do rodo cotidiano. Na música fala também dos constantes aumentos de passagem, que fazem com que o troco seja quase nada, dos apertos, dos olhares efêmeros, do anonimato na multidão, e do avião do trabalhador. "Sou mais um no Brasil da Central, da minhoca de metal, que corta as ruas."

Escuto a música da Adriana Calcanhoto, pelo sistema de som, na plataforma, antes de entrar no trem. Outras músicas invadem o meu momento. Cortando as ruas, amarrotado, na minhoca de metal. Não enxergo as janelas de tão cheio. Sei que o trem passa agora pelo Maracanã. Não preciso nem conferir, conheço essa luz que emana de dentro daquele buraco em direção aos céus. Estão ali parte das lembranças da minha infância, do primeiro jogo, a mão do pai e da mãe sobre as minhas; e também partes da minhas memórias da adolescência, dos vários jogos, da minha mão sobre a mão dos irmãos mais novos dos meus amigos. Cultura que se passava de geração para a geração através das mãos dadas, e depois soltas e em movimento coletivo. **O 3G tá**

♦ bolso da frente da blusa bege, de
♦ linho e botão. Quebram os pali-
♦ tos de dentes que tem nos bolsos
♦ para depois do almoço, quebram
♦ cada um em três, mãos para trás.
♦ Uma aula de blefe com a ex-
♦ pressão facial e a matemática.
♦ Começam a purrinha. 1, 3, 7, 0.
♦ Acertei! Essa chuva não tá me
♦ dando sorte! No lugar das mesas
♦ o carteado rola solto, e todos os
♦ tipos de jogos de baralho
♦ parecem ser jogados. Sempre
♦ apostando moedas ou cigarros.
♦ Buraco, sueca, truco. Será que
♦ jogam mexe-mexe ou rouba-
♦ monte? Dá pra saber que são
♦ velhos pelas roupas que usam.
♦ Fico imaginando o que vai ser de-
♦ les quando as outras lojas de
♦ roupas antigas forem sumindo. A
♦ casa Sian virou Loja Bandeirantes.
♦ Eles lembram da época dos cin-
♦ emas, já namorei aqui, e de
♦ quando tinha muitas árvores. O
♦ pai de um amigo contava que
♦ costumava pegar os doces das
♦ rezas com os amigos do Salguei-
♦ ro. Têm umas senhoras que tam-
♦ bém jogam cartas, gosto de vê-
♦ las ali. Devem ser as mesmas
♦ que dominavam as mesas do
♦ Bingo Tijuca. Muitas outras ficam
♦ só olhando pro lago e jogando
♦ conversa fora. Todos ficaram fe-
♦ lizes com a derrubada das
♦ grades. Na rua nova de trás da
♦ Praça, anexo a uma floricultura e
♦ do lado do chaveiro, tem uma
♦ mesa especial de carteado. Fico
♦ pensando se aqueles são os
♦ craques do baralho. É um dos
♦ vários clubes da Tijuca. Aliás,
♦ engana-se quem pensa que só o
♦ Municipal, o América, a AABB, o
♦ Tijuca Tênis e os outros vários
♦ portugueses são todos os clubes
♦ da Tijuca. A praça Afonso Pena e
♦ a dos Cavalinhos são dois
♦ grandes clubes. A Afonso pena é
♦ como se fosse a praça dos es-
♦ portes e dos pixadores. Tem uma
♦ quadra de futebol pequena e em
♦

pegando, a única janela que consigo enxergar é a do Facebook aberta no meu smartphone. Conto pro mundo sobre aquilo tudo que não conseguiria enxergar por janela nenhuma, sem ser a da alma.

FACE A FACE

Nasci em 1987. Até os 15, a única coisa que eu podia pensar como uma rede social, talvez, fosse o Maracanã. Eu sentia a cidade inteira ali. Era o quadro da Tarsila do Amaral em forma de anel. Depois conheci os chats da Uol, o ICQ, o MSN, o Fotolog, o Orkut, e por último o Facebook. Depois Whatsapp e Instagram. Os outros mais recentes nunca utilizei.

Abri minha conta no Facebook em 2010. São 5 anos trabalhando semanalmente para essa empresa. Com as circulações pela cidade, primeiro pelo futebol, depois vendendo roupa, e por último com o Norte Comum, são mais de 5 mil pessoas juntando amigos e seguidores. Penso os likes como uma moeda de troca, que quanto mais você trabalha mais você recebe. Eles querem movimento. Conteúdo para a timeline, circulação de informação e de produtos. O perfil, como um jardim, precisa ser regado para dar frutos. Não acredito nas miniviralizações na rede como mérito, e sim como resultado dessa matemática de rede e produtividade. Como se fosse uma fórmula. O alcance, quem trabalha pra essa rede sabe, que já não é mais quase nada, 10% do total, o resto você tem que pagar para alcançar. Link patrocinado. Quer dizer então que a gente que junta as pessoas a nossa volta, na nossa rede, se relaciona com elas na vida real também, se envolve, e na hora de me comunicar com elas através da rede, para atingir o maior número possível, eu tenho que pagar. Por essas e outras (censuras e violência como produto), acho que o Facebook já é uma espécie de Terra Encantada. Não olho mais com encanto seus aplicativos e oportunidades. É uma terra ainda produtiva, mas que no meu ver, vai virar deserto logo mais.

[&] Aula de informática, mil novecentos e noventa e alguma coisa. Instituto Braga Carneiro, rua dos Araújo. No lado de fora da banca, eu rolava a timeline que são os mosaicos de jornais. Lance, Globo e Povo. Futebol, qualquer

forma de jaula, que a porrada
come diariamente. Na Xavier de
Brito os fim de semana tem
famílias de outros bairros passe-
ando nas charretes e nos pôneis.
É gostoso o barulho da ferradura
batendo no chão da rua. Ambas
são pontos de encontro de várias
galeras da área. Os botecos tam-
bém são verdadeiros clubes, e
estão lotados o dia inteiro. Os
velhinhos acordam cedo,
começam no café e depois do al-
moço tomam conhaque. Tem um
velhinho de uns 90 anos aqui no
prédio, que é muito velho desde
quando o conheci, que toma uma
latinha de Skol por dia na De-
sembargador Isidro. As 9h30 ele
está sempre lá, com cara de mili-
tar e a lata posicionada a sua di-
reita e o copo a esquerda. Não
sorri e não fala, só bebe. Ele é
daqueles velhos que parece lem-
brar da guerra. Ontem no Momo,
na esquina da Espírito Santo Car-
doso, um velho depois de virar
um copo de cachaça contou or-
gulhoso pros amigos: cheguei de
manhã em casa sábado passado,
minha velha acordou sonolenta e
me pegou tirando os sapatos,
calcei-os de novo e disse que es-
tava indo para a igreja. E orgul-
hosos de sua juventude, todos
riram na mesa. Entre eles uma
senhora, com o cabelo curto e
grisalho, era a única que só bebia
destilados. Com os anos de vida
somados a mesa tinha um
milênio, se dependesse do
número de histórias, ali seria a
Santa Ceia. Se Jesus passasse
por ali, diriam a ele: Na Tijuca
chegarás... Do Momo não pas-
sarás. Mas vai chover, eles afir-
mam. Fico pensando a vida dess-
es senhores e senhoras dentro
de casa, longe das ruas e de seus
clubes da esquina. Devem se
sentir velhos. aaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaasassasasasasasassa-

Então fica de olho aberto malandragem não tem
dó
É...
Rio de Janeiro

É muito fácil falar de coisas tão belas
De frente pro mar mas de costas pra favela
De lá de cima o que se vê é um enorme mar de
sangue
Chacinas brutais, uma porrada de gangue
O Pão de Açúcar de lá o diabo amassou
Esse é o Rio e se você não conhece, bacana,
Tome cuidado, as aparências enganam
Aqui a lei do silêncio fala mais alto
Te calam por bem ou vai pro mato
Mas de repente invadem a minha área, todos
fardados
Eu tô ficando loco, ou tem alguma coisa errada?
Brincando com a vida do povo, então se liga na
parada
Porque hoje ninguém sabe, ninguém viu.
Um dia alguns se cansam e "pow!", guerra civil
Porque como diz o ditado, quando 1 não quer 2
não brigam
Mas já que cê tá pedindo, segura a ira
Porque a cabeça é fria, mas o sangue não é de
barata
Esse é o Rio, mermão, o veneno da lata.

How how how faz o Papai Noel
Pow pow pow e nego não vai pro céu
Digo V de veneta, lírica bereta
Black Alien e família, soem as trombetas
Tomando de assalto a cidade que brilha
Mãos ao alto, vamos dançar a quadrilha 288 é
formação de quadrilha
Nome: Gustavo Ribeiro, a descrição do elemento
Primeiro é o olho vermelho, na mente, no mo-
mento
Como diz o Bispo, eu sou artista, esse é meu lixo
Acesso ao som restrito aos peritos O
dialeto se dito é um perigo, amigo
Para o consumo da alma sem abrigo
O ritmo e a raiva, a raiva e o ritmo

Cuidado pra não se queimar na praia do arrastão
É...
Rio de Janeiro
A cidade é maravilhosa mas se liga, mermão
É...
Rio de Janeiro
Aqui fazem sua segurança assassinando menor
É...

♦ celular quando eu olho. Na Praça
♦ da Bandeira penso se alguém
♦ que entra está vindo da VM. Lem-
♦ bro da música Vila Mimosa, área
♦ de lazer, praça da bandeira, 15
♦ conto pra foder. Que cantávamos
♦ na escola. Tudo amarelo na Mariz
♦ e Barros. Um 422 passa ao lado e
♦ 3 pessoas que entraram xingam
♦ o motorista. Uma mulher diz que
♦ quer mata-lo. Deve ter passado
♦ direto do ponto deles porque o
♦ nosso vinha atrás. O cara da fac-
♦ uldade conversa com outra cole-
♦ ga como se estivesse dando aula,
♦ pra ela e pro ônibus inteiro. A
♦ trocadora conta o dinheiro e bal-
♦ ança a cabeça negativamente. Eu
♦ só queria que a minha janela es-
♦ tivesse aberta. aaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaasaasassasasasasas-
♦ sasasasasasasasasasasasasa-
♦ sasasa. As paredes na Estacio,
♦ em frente a um abrigo da pre-
♦ feitura: O que fazer quando o es-
♦ tado se torna inimigo do seu
♦ povo? aaaaaaaa-
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaasaasassasasasa-
♦ sassasasasasasasasasasasasa-
♦ sasasasa 19h15, cadeira no meio
♦ e no corredor do 329 Bancários x
♦ Castelo com a maioria das jane-
♦ las fechadas que é pra não se
♦ molhar. Todos que passam es-
♦ barram na metade do ombro que
♦ tá pra fora do corredor. Um
♦ homem conta histórias envolv-
♦ endo sua moral para uma moça
♦ num banco mais a frente. Nas
♦ janelas, entre as sinalizações de
♦ saída de emergência, uma série
♦ de novos adesivos com o nome
♦ de O que é coletivo é seu tam-
♦ bém: No ônibus cada um é seu
♦ próprio dj. Use fones de ouvido;
♦ Se você facilitar o troco, seu ôni-
♦ bus sai mais rápido do ponto; Dê
♦ bom-dia ao motorista; Sua con-
♦ versa não é pública. Fale baixo ao
♦ celular. Na altura do Caju um
♦ homem passa na mão contrária,
♦
♦

Rio de Janeiro
Então fica de olho aberto malandragem não tem
dó
É...
Rio de Janeiro

(Planet Hemp)

.....

Manifestações de junho de 2013. Explodiu no mundo inteiro a ocupação das ruas e também das redes para se discutir e fazer política. Fui em muitas. Desde os anos anteriores, nas manifestações contra aumento da passagem eu ia, mas não gostava muito. Era muito cheio de divisões internas. Era legal entrar nos ônibus e pular a roleta. Mas em 2013 foi diferente, era mais intenso. Carregava no bolso o celular. Era o único lugar que eu podia anotar as ideias. Conforme em outras ocasiões na primeira metade do ano, passei a publicar diretamente no Facebook os textos que escrevia, com medo que o aplicativo do Word travasse, apagando o que estava escrito, como ele gostava de fazer.

70

Nesse período senti a minha reconexão com a ideia que tenho de jornalismo, de trocar informações sem perder minha linguagem resistindo ao padrão de escrita inventado e falso, que finge imparcialidade e objetividade, afim de ofuscar o autor da palavra. Ia para as ruas como sempre, fazer o de sempre, observar e narrar. Colava fragmentos vistos e com sensações e lembranças. Nunca gostei de correr, nem jogando bola. Exercito a lentidão. Então avisava para qual direção ia a polícia, ou onde estava parado o Choque, que ruas estavam bloqueadas. Falei da emoção que senti quando vi jovens colocando os policiais para dentro, e subindo as escadas da Alerj em alta velocidade, como quem conquista a cidade. Tudo isso diante da 1° de março, antiga Rua Direita, a primeira rua do Rio. Eu vi simbolicamente como o Marco 1 da cidade aquela tomada da escadaria, aqueles registros pichados nas paredes do Paço, uma das mais antigas do Rio de Janeiro - assinavam a data 17/06/2013, para que ninguém esquecesse.

há por aí uma parede deserta de
alguém que viajou demais
mas não saiu da própria cabeça
Marcelo Yuka

♦ em direção à roleta, pedindo li-
♦ cença e desviando dos corpos do
♦ corredor. Coloca a caixa que car-
♦rega no chão, levanta a cabeça e
♦ começa, Boa noite a todos,
♦ desculpe atrapalhar a tranqui-
♦ lidade da viagem, eu trago aqui
♦ pra vocês a barrinha de choco-
♦ late Garoto. Tá tudo parado!
♦ Trânsito até a linha amarela. Não
♦ é com sabor de sabão não, é
♦ chocolate mesmo, de verdade,
♦ crocante. Apenas um real, e ain-
♦ da vem com figurinha. As crian-
♦ ças vão gostar. Alegria da família.
♦ E as pessoas começam a tirar as
♦ notas azul-gasto de 2 reais dos
♦ bolsos e das bolsas. aaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaasaasassasasa-
♦ sasassasasasasasasasasasasa-
♦ sasasasasa O céu ficou cinza na
♦ cidade, e logo começou a chover.
♦ Na esquina da Camerino um jo-
♦ vem engraxate dorme sentado,
♦ encostado nas paredes de uma
♦ padaria. Os cotovelos apoiados
♦ sobre os joelhos dobrados, e as
♦ mãos são as responsáveis por
♦ não deixar a cabeça cair. Quem
♦ consegue dormir, consegue son-
♦ har. Entre as pernas sujas, e os
♦ pés nos chinelos, sua caixa de
♦ engraxar tem o preço de 5 reais
♦ estampado no lado de fora, es-
♦ crito com a própria graxa. Ao seu
♦ lado na parede, um stencil com a
♦ frase: Sorria, você está sendo
♦ lanchado. aaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa-
♦ asassasasasasasasasasasasa-
♦ sasasasasasasasasasasassassasa
♦ Amarelo invisível aparece de-
♦ pois que some. aaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
♦ aaaaaaaaaasaasassasasasasasa-
♦ sasasasasasasasasasasasasa-
♦ sasasa Agora 22h05, no lugar
♦ que mais gosto do busão, lado
♦ esquerdo e sorte na janela que
♦ com a trava quebrada fica muito
♦ maior, quase duplicada. Vi um
♦ cara pegando ou passando ba-

No dia 18, indo para as aulas do mestrado em Niterói, corpo cansado e cabeça agitada, pude ver parte do plástico laranja das latas de lixo derretidas nas barricadas, se embrenhando nas rugas entre os paralelepípedos da cidade velha. Vi na primeira rua do Rio, a marca de um dos carros que tinha sido queimado na noite anterior - uma marca quadrada de asfalto novo, como um túmulo. Sentia o cheiro de fumaça dos restaurantes que tiveram suas vidraças quebradas, vi os bancos refazendo suas vitrines, vi os dois carros queimados tendo suas ossadas rebocadas, e vi funcionários do patrimônio apagando as pichações no Paço: Não é só por trinta centa... Não importa, todo mundo lembra do que foi escrito: Nós podemos. Nesse dia, enquanto esperava a barca chegar, escrevi um texto falando dessas coisas que vi (e que lembro até hoje, como se tivesse sido ontem).

Cada circulação gerava uma produção. Fosse nas ruas do Centro observando as manifestações se tornarem mais assunto que futebol, assim como dentro dos transportes coletivos que tinha que pegar para me deslocar. Era tanto uma forma de fazer uma escrita que eu sinto muito prazer, quanto levantar registros do momento. Juntando um texto dá pra ver o mosaico de um momento que a cidade passou: obras, manifestações e poesia do cotidiano, do instante.

Através da janela do Facebook conseguia me transportar para as manifestações e os acontecimentos em outras cidades: Praia da Estação em BH, Empatando a tua Vista em Recife, incêndio no Moinho e prisão do Drão em SP, índios mortos no Mato Grosso, policiais espancando professores no Paraná. Essa janela aberta também é a janela de um transporte que te conduz para olhar e quem sabe sentir outras realidades.

João do Rio dizia que as janelas serviam de moldura para as mulheres no início do século passado. Hoje, entre grades, na sacada de uma casa, às vezes eu confundo a estátua da Vizinha Faladeira parada eternamente na varanda, com os braços cruzados sobre o parapeito, observando a rua, com um ar de quem quer se comunicar, e chego a pensar que é alguém de verdade, mas não é, na verdade foi alguém um dia. Essas estátuas da vizinha faladeira espalhadas por varandas e janelas diz muito sobre o lugar das janelas na sociedade hoje em dia. A contemplação do co-

• gulho de bike na Cruz Vermelha,
• e no momento que comecei a
• pensar sobre isso um objeto ati-
• rado contra o ônibus atravessa a
• minha visão e entra na diagonal,
• acertando no lado direito, o vidro
• superior das cadeiras altas. Era
• um ovo. Levantei a cabeça por
• cima do vidro traseiro e vi uns
• moleques com cara de 13 anos
• se divertindo e comemorando o
• fato do ovo ter entrado no ônibus
• em vez de parar no vidro do lado
• de fora. Estavam felizes.
• Acreditam que acertaram al-
• guém, mas na verdade não. Eu
• dei muita sorte de estar no recuo
• do último banco, em vez de estar
• com o braço apoiado e a cabeça
• na janela, pois teria tomado uma
• bela ovada na cabeça, e as outras
• pessoas por não terem escolhido
• a janela do banco alto. Quem lev-
• ou a ovada foi a janela, nas pes-
• soas ficou o susto e no máximo
• uns respingos. Vendo eles sor-
• rindo não fiquei puto, na verdade
• compartilhei do sentimento lem-
• brando das várias dúzias de ovos
• tacados em diferentes tipos de
• lugares e pessoas, na companhia
• do meu irmão. Era uma grande
• diversão realmente. Não tem je-
• ito, amanhã os filhos daqueles
• moleques vão tacar ovos em out-
• ras pessoas também, assim
• como eles levarão ovadas inevi-
• tavelmente. Lembro no dia em
• que me aposentei desse esporte:
• de dentro de casa e na correria,
• joguei o ovo de longe, e apesar
• de ter bom arremesso, acertei
• minha própria casa. Foi então a
• primeira vez que tive que lavar o
• estrago de um ovo, e a partir dali
• não quis que mais ninguém pas-
• sasse por aquilo, e parei. Sei que
• são crianças, e reconheço tam-
• bém que se pega em alguém ma-
• chuca. Nunca gostei de ovadas
• de aniversário por achá-las mui-
• to violentas na maioria das vez-
• es, mas respeitava a tradição.

minha na praça saens pena, com pombos comendo os restos de pipoca que o Mestre Myagi deixou cair, ou numa das janelas do fundo do busão, com a cabeça virada pra rua. Pra olhar o mundo, eu me imagino com a expressão facial daquela vizinha faladeira eternizada na janela gradeada, de quem sente prazer em ver e escutar as coisas mais insignificantes da vida. Só que eu posso ser pedra, mas eu posso ser água, então me deixo levar nesse rio, ora pedra ora água, sempre fluindo como barco. No lugar das maravilhas e das tristezas que é a timeline, eu só quis saber de trazer um pouco do meu mundo de insignificâncias pra dentro desse mundo de performances existenciais fantásticas, me maravilho com as pedrinhas miudinhas⁸ que a gente encontra na calçada, perdido no meio de um monte de filtros de cigarro e chapinhas, enquanto bebo uma cerveja na calçada de um bar. Acreditar que a cidade é feita de folhas de papel invisíveis que são presas e conectadas por clips que estão espalhados por todo o chão da cidade, sob nossos pés. Andamos sobre milhares de clips esquecidos, inúteis para o papel, para o mundo digital, mas que seguram o nosso chão. São essas insignificâncias, ou desimportâncias, que me fazem sentir vivo. Nos compartilhamos através dessa janela virtual, já que eu não sei rezar, eu só queria mostrar meu olhar, meu olhar, meu olhar.

♦ mãe passava pra buscá-lo com
♦ os irmãos e irmãs, depois da
♦ noite cansativa de trabalho.
♦ Quando ele estava conosco no
♦ Bar do China, a mãe ou agradecia
♦ a gente, ou dava esporro nele di-
♦ zendo que tinha que vender as
♦ balas. Iago frequentou muito
♦ nossas mesas de bar, não tanto
♦ pela venda de balas, porque isso
♦ não acontecia muito, mas sim
♦ pelas pessoas que eram apre-
♦ sentadas e a relação de afeto que
♦ era estabelecida. O pessoal zo-
♦ ando dizia que eram nossos fil-
♦ hos, o Iago maior, o Iago menor e
♦ orelhudo e o Feijão. Aos poucos
♦ cada um foi sumindo. Primeiro o
♦ Feijão que sumiu. Aí os Iagos di-
♦ ziam: Feijão se perdeu. As vezes
♦ ele aparecia, tinha envelhecido
♦ 10 anos em 10 meses. Mais ma-
♦ duro e brigão com os dois Iagos
♦ que eram menores. Chamava os
♦ dois de viados, batia neles e
♦ vazava. Não eram mais um trio.
♦ Iago maior e menor ao longo do
♦ ano de 2011 foram lá nos visitar.
♦ Dançavam e brincavam com a
♦ galera. As vezes se chateavam e
♦ faziam bico por alguma falta de
♦ atenção. O maior era mais tímido
♦ e era muito elogiado pelas meni-
♦ nas por ser muito bonito, o menor
♦ uma peça, dançava e cantava im-
♦ itando o Lacreia. Quando me
♦ viam de longe já vinham gritando
♦ "Caaaaaaaaaaaaarlos" e assim
♦ era na Lapa, ou em qualquer out-
♦ ro canto do Centro que nos es-
♦ barrássemos. Uma vez na porta
♦ do Odeon foi engraçado. Nin-
♦ guém entende quando a coisa
♦ não é feita em projeto social pa-
♦ trocinado. Uma vez as meninas
♦ levaram os dois pra ir ao cinema.
♦ Disseram que foi legal, mas que
♦ os olhares eram opressores. O
♦ Iago me disse que era estranho
♦ estar num lugar daqueles sem
♦ vender balas. Era muito boa a
♦ relação com eles, mas as vezes
♦ rolava muito ciúme entre os dois
♦
♦

por conta da atenção da galera. O laguinho era mais solto, e o tímido lago ficava puto da vida com ele. Porque, afinal, ele tinha sido o primeiro a conhecer geral e fazer amizade. Gostavam mesmo era de ficar gastando bateria do celular jogando jogo do Homem-Aranha. Esqueciam das balas e ficavam horas com olho na tela. Quando ele não conseguia fechar a caixa o pessoal fazia um ratatá ou ia pra rua vender com eles no Bar da Cachaça, eram tão simpáticos que vendiam tudo a hora que bem entendessem. Teve gente traduzindo do português para outras línguas, pra que pudessem vender pros gringos da Lapa. 2011 foi o ultimato da Lapa, a especulação imobiliária que aos poucos ganhava corpo, veio como uma tsunami, e o preço da cerveja triplicou, o pé de serra acabou e as várias garrafas que o China tirava ao longo da noite já pesavam na nota. A conta saía cara pra um desempregado. Fomos parando de ir aos poucos. Depois do verão de 2012 até então, vou mensalmente, mas já não bebo mais a cerveja de 7 reais do China, na verdade só passo lá pra dar um abraço nele e no Baixinho, e dar uma mijada. As vezes como o frango a passarinho com alho preto que o China faz. China virou amigo do pessoal também nesse mesmo período. Depois de um tempo sem ver os lagos, apenas em relances, pois todo vendedor de balas tem um pouco deles na minha memória. Ontem, como se não bastasse as lembranças acionadas pela ligação misteriosa do Dudu, na saída do show do Bixiga 70, na porta do Circo Voador, 3h da manhã, alguém falou "olha o laguinho". E vinha ele, provavelmente da porta do show da Anita que acontecia na Fundação, caixa de balas na mão

INVENTÁRIO

citainspiração: "Temos que pensar o lugar de corpos movendo-se livremente dentro de uma democracia."
Judith butler

Só se escreve com intensidade se vivermos intensamente. Não se trata apenas de viver sentimentos mas de ser vivido por sentimentos. -
Mia Couto

Nesses dois anos e meio enquanto mestrando, em diferentes situações **pensei: tenho que fazer o mestrado.** E isso repetia na cabeça como um mantra que ao invés de me acalmar, me deixava nervoso, pressionado. Pois apesar de querer, não achava tempo (ainda não existe esse tempo, nunca existiu). Demorei mais de dois anos pra entender que não, pelo contrário, o mestrado foi sim sendo feito ao longo de todo esse processo. Nesse tempo, a nível de produção que chamam de "certificada", participei de mais de dez mesas de debate em seminários e encontros, dei entrevistas falando do trabalho coletivo e individual, tive uns cinco textos publicados (além dos outros quatro feitos para o PPCULT), tenho

direita, uma garrafa de água na mão esquerda, e com um parceiro mais velho ao lado. Nos falamos e nos abraçamos, era saudade mesmo. O mais velho contou que tava fugido do abrigo naquela noite, e naquele momento descobriu que tinha graxa nos cabelos. Sabe-se lá porquê. Sei que quem foge de abrigo leva umas porradas quando é achado, e ele disse que sabia bem disso. Enquanto ele ia na parede do Circo limpar a mão de graxa olhei pro lago. Ele bate na altura do meu peito, e percebi que escondia a garrafa debaixo da caixa de balas, perguntei qual era daquela garrafa, ele preferiu não dizer o que os olhos não conseguiam esconder. A cola tira o brilho do olho de qualquer anjo. Lago ainda estava muito bonito, mas já não tinha tanta saúde. O amigo voltou e ele aproveitou pra se despedir e correr, meio envergonhado, em direção a um samba que tem rolado ali bem embaixo dos Arcos, em frente ao expulso e antigo Carlitos. A cola bateu em mim também e a esperança as vezes é asmática. Perde o ar e parece que vai morrer. Lembro das pessoas que acham que é dinheiro, doação e projeto social que vai resolver isso. Lembrei também dos cachês da Xuxa e do Didi no Criança Esperança e do anúncio no ônibus da ActionAid pedindo pra apadrinharem crianças pobres dos sertões nordestinos com doações de 1,50 e que aceitavam cartão de crédito. Descabeladas e sujas no meio da seca filmadas por câmeras de 1 milhão de dólares. Eu me pergunto, quem quer mudar isso de verdade? O pessoal ainda não entendeu que a realidade é mais profunda que o fundo infinito da imagem. Procura a alma infinita do olho, pra tu ver o tamanho do buraco. aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa

organizado três livros e mais de 100 páginas de word e quase 2000 fotos juntando parte do que foi publicado diretamente nas timelines do facebook e Instagram. Sem contar a quantidade de eventos realizados pelo Norte Comum nesse tempo, uns 100 no mínimo, com públicos que vão de 15 a 1500 pessoas, a ocupação cultural do Hotel da Loucura no Engenho de Dentro e depois a casa em Benfica. Não que eu ache isso muito importante, mas não vejo forma de ignorá-la em sua importância enquanto produção cotidiana, teórica e prática na cidade. **Maior, e mais importante, do que tudo isso é a produção da própria vida, atrelada as ideias, as pessoas e ao trabalho o tempo inteiro.**

Esse capítulo tem uma história, que acabou de um jeito que ele nem imaginava. O inventário, a ideia da caixa preta, surgiu quando entendi que a pesquisa em si era a própria experiência do processo da pesquisa, como já vêm sendo falado nessa tese desde a sua introdução. Não o fim da viagem, o porto seguro. Mas a viagem em si. Deixei-me errar, levar, flutuar. Fui ônibus, fui barco. Passei por lugares antes imagináveis, desde quando comecei a desenhar o mapa de viagem no início de 2013. Doce ilusão que serviu de impulso pra desamarar o barco. **Meu barco nunca teve âncora.**

O subtítulo desse capítulo, O que se viu nas ruas, era pra ser uma brincadeira com o nome de uma parte do livro de João do Rio, que se chama O que se vê nas ruas, onde vemos crônicas relativas a profissões e situações que enxerga no cotidiano da cidade. Fiz também a minha lista de crônicas, para poder dividir os textos por temas ou campos. Essa foi a forma encontrada para não precisar imprimir as mais de 100 laudas de word com todo o inventário desses dois anos. Destacando que esse conteúdo mais enxuto do O que se viu nas ruas era uma tática para ter uma versão mais leve e que pudesse dar conta da profundidade das narrativas urbanas.

No O que se vê nas ruas de João do Rio os títulos das crônicas são: 1. Pequenas profissões, 2. Os tatuadores, 3. Orações, 4. Os urubus, 5. Os mercadores de livros e a leitura das ruas, 6. A pintura das ruas, 7. Tabuletas, 8. Visões d'ópio, 9. Músicos ambulantes, 10. Velhos cocheiros, 11. Presepes, 12. Como se ouve a missa do "galo" e por último, 13. Cordões.

aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaas-
aasassasasasasassasasasasa-
sasasasasasasasasasasasa As bal-
as perdidas acham sempre os
mesmos corpos. aaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaasaasassasasasa-
sassasasasasasasasasasasasa-
sasasasa Cabral promete inden-
ização e tratamento psicológico à
família da mulher arrastada pela
polícia. Débora Secco tira foto na
cachoeira e posta nas redes so-
ciais. Escorpião, evite ter muitos
gastos neste mês. Paris Hilton
tira foto exibindo banheiro luxu-
oso. Viaje para Porto Seguro.
Ativistas russos invadem porto
ucraniano. Fluminense x Hori-
zonte. Alerj aprova mudança de
leis para a polícia militar, substi-
tuindo prisões por penas alter-
nativas. Show do Melanina Cari-
oca no Lapa 40°. Pessoas de
cabeças baixas olham celulares
e revistas. Pela janela o mundo
passa voando diante dos olhos.
Quase tudo vira lembrança. Ba-
teu uma Saudade dos ônibus sem
tv de propaganda. aaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaasaasassasasasa-
sassasasasasasasasasasasasa-
sasasasa Um viaduto cai em BH,
e deixa dois mortos e 15 feridos.
Neymar machuca a lombar, e
está fora da copa. O jogador co-
lombiano que contundiu o camisa
10 da seleção brasileira é escu-
lachado e ameaçado de morte
nas redes sociais. Nesse domín-
go foram lançados os candidatos
das campanhas eleitorais de
2014. Um muleque dorme sob a
sombra de uma amendoeira na
General Osório: Entre pedras
portuguesas e folhas vermelhas
ele vai acordar, como todos os
outros dias, mijar no UFA da
praça e passar o dia tentando ar-
rumar um dinheiro para comer
alguma coisa. aaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa

• No meu O que se viu nas ruas são: 1. Ambu-
• lantes, 2. Pichadores, 3. Religiões, 4. Pombos,
• 5. Livros e antiguidades, 6. Grafitis, 7. Fave-
• las, 8. Transportes públicos, 9. Arte de rua, 10.
• Memórias, 11. Praças, 12. Obras, 13. Manifes-
• tações. Em cada ponto seria publicado pelo
• menos um texto relativo. A ideia era dar conta
• da abrangência temática e de circulação na ci-
• dade dos textos e contextos.

• Apesar de interessante, os esboços do resul-
• tado do O que se viu nas ruas não me encheram
• os olhos. Preferi não forçar a barra só pra di-
• alogar indiretamente com uma estrutura que o
• João do Rio usou. Os textos não estavam dan-
• do mais força um ao outro em paralelo, então
• tive outra ideia, ainda agora, e que vinha sendo
• resistente em relação à ela. Vou publicar pela
• primeira vez em papel os textos que foram es-
• critos e publicados no Facebook entre o meio do
• ano passado até o meio desse ano (2014-2015).
• Não são todos os textos. São aqueles desse
• período que mais se relacionam com uma das
• discussões que envolvem esse trabalho: **a nar-
• ração da experiência vivida na cidade.**

• É interessante destacar a principal importância
• da publicação desses outros registros, tendo
• em vista que esse livro em paralelo, que trans-
• borda e se funde o tempo inteiro nessa pesqui-
• sa, é o conjunto de registros textuais-fotográfi-
• cos de um período. Para ir além da Polaroid que
• se desmancha com o tempo, como podemos
• ver nos fortes trabalhos de Charif Benhelima¹,
• e faz a lembrança da imagem desaparecer, fi-
• cando somente aquela guardada dentro de nós.
• Imprimo os texto-retratos no papel para não
• esquecer da cidade que vivi, e entender a ci-
• dade que vivo, e vou seguir vivendo. O Rio finge
• correr com calma, para não lembrarmos aonde
• ele começa. Mas a gente sobe pela margem,
• na pequena trilha na mata fechada, na con-
• tramão da correnteza, reencontrando tudo que
• ele deixou pelo caminho. A gente recolhe esses
• cacos e faz um mosaico. Vejo diferentes cores
• e valores². Vejo uma cidade que não se con-
• hece porque não consegue se olhar de dentro
• pra fora, com sinceridade. O Rio é uma cidade
• que tenta esconder sua idade, sua origem, en-
• tão faz plásticas diariamente para que passado
• nenhum seja revisto, lembrado, presente, no
• cotidiano. Querem transformar o Rio inteiro na
• Barra da Tijuca, e lá, como sabemos, não tem
• lugar para pobres. Preferem importar a ideia a

hospital se despede do mundo com olhares. Sinto o cheiro de sua comida, e ouço o barulho da colher de pau batendo nas bordas da panela. Seguro sua mão gelada, de pele fina, cheia de pintas e rugas. A sua casa a esta hora está vazia, correndo risco de ser invadida por policiais a cavalo. Barulho de porta arrombada, as mesmas painelas que cozinhavam carinho, agora estão no chão. Pro chão milhares de histórias. De grandes pessoas: engenheiros, artistas, marceneiros, manicures, cozinheiras, motoristas e eletricitas. Minha vó estaria no chão, chorando, se estivesse em casa, agora. Depois rezaria e agradeceria por neto nenhum estar em casa. Poderiam ficar nervosos e até serem presos, por desacato ou por qualquer coisa, dentro da própria casa. Casa que meu vô construiu sobre a água. Construiu a casa em cima do lugar de onde tirava o sustento. Viu tempestades de sorte e azar. Mergulhou na água limpa e depois viu o cheiro ruim chegar na Maré do progresso. Nos dias sem peixe ia botar a mão no asfalto, e foi uma das milhares de pessoas que ajudou a construir a Avenida chamada de Brasil, e que ficou por ali mesmo, nas margens dela, e às margens da cidade. Contam com orgulho do tempo em que não tinha tiro, e depois do tempo em que tinham poucos tiros. Viu a samambaia e outras plantas crescerem, assim como filhos e netos, naquele quintal que depois virou terraço. Por mais triste que seja essa imagem dela na cama, eu a prefiro aqui do que lá, tendo que ver um tanque de guerra pela 1º vez na vida depois de tão avançada idade. Fico com raiva de imaginar as gavetas da mesa de almoço reviradas, com suas imagens de santos com

♦ dedo e quebrou a perna. Aparou a primeira pipa
♦ de sua vida. Foi demitido e admitido. Um casal
♦ de irmãos sentado no banco da frente dos pais
♦ olhava pro rapaz. Homem chora? Eles se per-
♦ guntam em silêncio enquanto se olham. Os out-
♦ doors passam ofuscados pela chuva anunciando
♦ milhões de alegrias, mas ele não vê. Ele só es-
♦ tava sentindo a tristeza do mundo dentro dele, e
♦ nem tinha ligado a tv e nem aberto o Facebook.
♦ Não soube do avião que caiu, da bala perdida,
♦ do assassinato. Começou a chorar vendo as fo-
♦ tos das pessoas felizes do instagram. Ele não
♦ estava feliz, e ele não queria fotografar a chuva.
♦ Ficou com vontade de tirar foto da cracolândia
♦ perto da casa dele, dos meninos dormindo na
♦ chuva debaixo da passarela e filmar os casais
♦ que brigam pelo telefone celular o tempo in-
♦ teiro e os abusos policiais que aconteciam na
♦ sua favela. Quis gravar o som dos helicópteros
♦ que sobrevoam sua casa na hora de acordar e
♦ na hora de dormir, e do barulho dos tiros a
♦ noite. Mas ele não fez nada disso. Era a hora de
♦ saltar. Com a cara inchada olhou para as crian-
♦ ças e para os pais dela. Outras pessoas no ôni-
♦ bus não o perceberam, estavam olhando para
♦ as gotas que escorriam nas janelas. Ele desceu
♦ do ônibus e tirou a camisa, quis sentir a chuva,
♦ deixou as lágrimas do mundo se misturarem
♦ com as dele. ----->

♦
♦ Esse não foi o primeiro, mas foi algum deles.
♦ Utilizo como abertura pois pode-se visualizar
♦ como se deu a fusão entre a narração da cidade
♦ e a invenção de uma personagem. A partir daí,
♦ começo a olhar os corpos e não mais dizer só o
♦ que vejo, mas o que imagino. **Misturo falas de
♦ outras pessoas e ideias minhas, coisas que es-
♦ cutei, vi e vivi perambulando pela cidade.**

♦
♦ Depois desse veio mais um e mais outro, ain-
♦ da tendo um homem como a personagem. Vou
♦ colocar os dois na sequência, pois um é o últi-
♦ mo em terceira pessoa, e o seguinte apresenta
♦ o primeiro e único escrito em primeira pessoa
♦ tendo um homem como personagem,

♦
♦
♦ 47

♦ Era começo de madrugada em alguma noite de
♦ lua grande de 2013. Terça ou quarta-feira. Como
♦ de costume, ele pegava a bicicleta, ou os pés
♦ mesmo, e ia pra rua senti-la, sem muitas am-
♦ bições, apenas essa, andar sozinho, observar e
♦ deixar vir o que tivesse que vir a cabeça. Gosta-

calendário, papéis de jogo do bicho, terço, fotos e cartas dos parentes distantes. Mesa onde ela encostava a barriga e perguntava se o neto não estava gostando da comida da vó, enquanto não acabasse a comida da panela. Depois dos almoços com os netos, ela lia as cartas pra gente. As irmãs e irmãos contando da casa da família no nordeste, e do crescimento dos sobrinhos que ainda não conheceu. Diz ela, que junta dinheiro há muito tempo para poder voltar pra casa. Ela sempre me mostra uma foto de quando eu tinha só 2 anos. Estava no colo dela, num domingo antes ou depois da igreja, sentados naquele mesmo sofá. Na parede, em volta de um altar de santo, porta-retratos colados na parede azul claro. Parentes e momentos. Registros de coisas que só aconteciam uma vez. O primo da Aeronáutica, o casamento do meu irmão, nascimento da minha irmã, meu pai pequeno, ela e meu avô com um balde de peixe e dois sorrisos. A panela está no chão, a porta também e a mesa está revirada. As fotos continuam na parede e o altar continua com sua luz ligada. Nenhum vizinho gritou com medo. Só se via os homens de preto na porta, e o barulho da panela caindo. Um vizinho tirou fotos e me mandou por email. Fotos que eu nunca vou mostrar pra ela. Hoje eu vou rezar, pra ela ir pra um lugar como aquele que dizia ser sua casa, porque lá, eu sei que policial nenhum vai entrar, e ela vai poder cozinhar e cuidar das suas plantas em paz.

aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
sassasasasasassasasasasasa
sasasasasasasasasasa Projeto
social pra reintegrar PM a sociedade. aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa

• va das noites, das madrugadas, e das manhãs.
• Seu grande sonho era viver a vida entre o po-
• ente e a alvorada, pra poder andar nas ruas va-
• zias da madrugada, e ver o mundo acordar com
• o canto dos passarinhos nas manhãs. Sem falar
• é claro da beleza e da inspiração do nascer e
• do pôr do sol. Apesar de gostar muito de gente,
• por causa das histórias, não sentiria falta das
• tardes de sol cruel dos horários de picos dos
• centros da cidade. Naquela noite, resolveu ir de
• bike para ir mais longe um pouco para dar um
• abraço num amigo que estava nos arredores da
• praça dos Cavalinhos. Na esquina de sua casa,
• assim que saiu, passou por um parceiro de in-
• fância de rua que estava na esquina, do lado do
• orelhão e da vidraçaria. Valeu, meu irmão, boa
• noite. Gritou enquanto seguia pela rua de asfal-
• to remendado. Chega aí, chega aí, chega aí. Ele
• deu meia volta e foi até a esquina. Apertaram
• as mãos e se olharam. O que tu tá querendo pra
• hoje, meu querido? Um baseadinho, uma cer-
• vejinha, pode falar que eu arrumo pra você. Pô,
• quero nada hoje não, tô servido, meu velho. Fica
• tranquilo, que precisando de alguma coisa eu
• aviso. Já é. Já é. E tu tá bem? A testa dele suava
• umas gotas de suor de medo que não escorriam
• de lá de cima, entre o boné e os olhos. Camisa
• de time, relógio e cerveja na mão. Disse que
• tava tudo bem sim, em voz muito baixa, e sem
• tirar os olhos da ladeira onde morava, na outra
• esquina. Então ele partiu de bike, falando pra
• que qualquer coisa avisasse também, pra o que
• ele precisasse. E enquanto passava pelas ruas
• e cruzamentos vazios na madrugada, lembrava
• das infância dos dois, entre amigos e irmãos ali
• na rua, aos pés do Salgueiro. Lembrou da época
• em que ele não usava boné, e tinha cabelos lon-
• gos, encaracolados e loiros de água oxigenada,
• sempre era chamado de Valderrama ou Biro-
• biro. Eram os donos da rua na categoria até 13
• anos, porque quando apareciam os mais velhos
• eles ficavam pianinho. Conheciam cada canto
• e cada espaço vazio na parede daquelas ruas e
• ladeiras. Apesar da idade na época, já fazia uns
• 10 anos que ele sustentava a família através
• do tráfico. Fazia de boca a própria casa, era só
• gritar na janela, que a mãe dele chamava. Pen-
• sou no olhar dele parado na esquina, olhando
• pra outra esquina. Não sabia se estava preocu-
• pado com a família ou com a viatura da polícia
• que logo mais ia descer. As mesmas viaturas
• que antes subiam apagadas cheias de armas
• pra vender naquela época, hoje desciam com

asassasasasasassasasasasa-
sasasasasasasasasasasa A polí-
cia democratiza a violência na
cidade e leva às classes médias a
ínfima parte do terror que prati-
ca nas favelas e bairros periféri-
cos cariocas há anos. É a con-
sciência da realidade em que
estão inseridos chegando em
forma de pimenta, gás, porrete e
bomba. Apesar de tudo, quando
uma bomba explode nas Laran-
jeiras ou no Leblon, a bolha do
mundo em que boa parte do pes-
soal que mora ali vive, se explode
também. É a polícia, explodindo
verdades sobre a cidade. aaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaasaassa-
sasasasassasasasasasasasasa-
sasasasasasasa Na mesma noite,
sonhei que dava milhos a pom-
bos brancos na praça, e depois
abraçava um grande amigo que é
policial. Eu nunca vi pombos
brancos na praça, e nem esse
meu amigo em serviço e fardado.
Foi um sonho bonito. aaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaasaassa-
sasassasasasasasasasasasasa-
sasasasasa Tudo parado na
Barão de Mesquita na altura da
fronteira entre Andaraí e Grajaú.
Desde o Guanabara tudo parado,
como nos dias de aniversário do
supermercado. Dá pra contar o
número de tijolos do tijolinho.
Que trânsito é esse todos se per-
guntam? Mas já estamos acostu-
mados. Chegando na Verdun dá
pra ver as sirenes azuis dos car-
ros da polícia Civil. Fuzil, calça
jeans, colete e óculos escuros.
Um cercado com fita preta e am-
arela preso em cones laranjas,
protege a entrada da Gamacar. A
pergunta é o que aconteceu.
Repórteres, câmeras e fotógra-
fos fumam um cigarro esperando
que algo aconteça. O sinal em
frente a Gamacar fica vermelho,
mas o grupo de 100 pessoas do

• os carros bem pintados, em baixa velocidade
• e com uma luz de sirene de doer os olhos de
• quem passava ao lado. Ele continuou fazendo o
• mesmo trabalho que fazia, antes e depois das
• UPP's. Depois de voltar da praça, ele já não tava
• mais na esquina.

•
•
•
• 44

• Se não viessem as palavras, não viriam os 100
• reais do texto. Se não viessem os 100 reais,
• viria a fome. Era 3 da tarde de um dia quente
• na Tijuca. Não escovou os dentes e não se olhou
• nos espelhos, botou a bermuda que não sai de
• cima da cadeira e a mesma blusa da noite an-
• terior, pra não precisar lavar roupas ainda não
• tão sujas. Desceu no elevador pensando onde
• estaria o calopsita Napoleão, que fez com que
• o seu antigo dono e companheiro, espalhasse
• por toda a região anúncios do sumiço, com uma
• foto da ave topetuda e a chamada "procura-se
• Napoleão. também atende como Napo". Quan-
• do chegou na portaria conversou alguns minu-
• tos com a Kátia, a respeito dos lugares para
• onde Napo poderia ter ido. Foi fazer o que fa-
• zia todos os dias, exceto os de toró, ir pra praça
• fazer hora e entender o que lhe motivava a ir
• pra praça diariamente. Passou e deu um alô no
• Armando, jornalista de esquina, conhecedor de
• todos os casos da rua Bom Pastor, e depois pa-
• rrou no Alfredo, o jornaleiro, que todos os dias
• de 5h as 11h expõe as reinvenções de mundo
• diariamente impressas nos jornais. Careca de
• bigode, Alfredo já era o jornaleiro da Barão de
• Pirassinunga há muitos anos, e apesar de
• gostar do que faz, sua vida não era a mesma
• desde que o boteco que funcionava ao lado de
• sua banca fechou as portas e virou uma loja de
• acessórios de casa e depois um botequim. A
• vida não é a mesma sem pingas e pingados, e a
• companhia dos frequentadores do extinto bote-
• co. Entrou na padaria da Desembargador Isidro,
• e pediu pra provar os salgadinhos, comeu uns
• 10, um de cada. Croquete, coxinha, empadinha,
• kibe, risóle, croissant, enroladinho de queijo e
• presunto e de salsicha, bolinha de queijo, e
• outra vez o kibe. Decidiu não levar nenhum, e
• saiu de barriga cheia. Fazia isso todos os dias,
• revezando as padarias da região, para não ficar
• manjado. Atravessou a rua, e se tivesse din-
• heiro teria bebido uma batida de maracujá no
• Brittonia. Sentiu saudade de Marechal Hermes,
• olhando a placa do 638 e foi se sentar na praça.
• Quase não tinha mais sombras, tirou a camisa

outro lado da rua não atravessa. Esperam que algo aconteça. O 636 que estou recebe o sinal pra andar depois de um bom tempo parado. A pista a frente está livre, mas o motorista sai devagar, para fazer a alegria geral. Olham com cuidado e imaginam, esperando que algo aconteça para dar significado ao medo. Seqüestro, assassinato ou bomba? Roubo? Nada acontece, sobe um ar de curiosidade e frustração, e o 636 segue sem novas notícias com destino à Gardênia Azul. aaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaasassasa-
sasasassasasasasasasasasasa-
sasasasasasa Voltei no fundao de
um 606 Rodoviária-Engenho de Dentro, o antigo verdinho, hoje no fim da tarde, eu em uma janela e o Pablo na outra. O ônibus estava meio vazio como eu. Depois do dia intenso e inspirador, vem o cansaço. No Lins sentou entre nós, no banco do meio, um cara da nossa idade. Foi com a nossa cara, deixou várias notas caírem no chão e eu o ajudei no recolhimento. Foi ensacando papelotes de cocaína com habilidade e provando cada mostra até saltar no Grajaú. Soltou um Valeu, irmão. antes de descer. Me lembrei de um cara menos simpático, mais mal encarado mas sempre na dele, que entrava volta e meia no 233 Rodoviária-Alvorada, o antigo azul e branco e hoje em dia 333, na altura do Mata Machado, e ia até a praia do Pepê ensacando bagulho. Ele era forte, tava sempre sem camisa e cheio de tatuagens. Uma cicatriz na mão esquerda. Encarava nos olhos de quem o olhava como se nunca mais fosse esquecer da sua cara. Eu nunca mais esqueci a dele. Nos transportes públicos muita gente acaba de fazer os trabalhos para o trabalho ali mesmo. aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa

♦ e sentou no sol. Ficou olhando o movimento. E
♦ de repente fitou o lago, que no momento não
♦ levantava água no chafariz. Um copo de Matte-
♦ Leão nadando perto dos peixes, uma nota fiscal
♦ boiando, então pensou que pra ganhar um din-
♦ heiro podia transformar aquilo dali numa es-
♦ pécie de lago da sorte, fazendo com que pessoas
♦ começassem a jogar moedas e fazer desejos,
♦ para que nas madrugadas em que os Guardas
♦ Municipais não estivessem por lá, ele pudesse
♦ recolhe-lás. Olhando pra aquela sujeira pensou
♦ nos tempos clássicos da poesia, que tanto ex-
♦ altavam a natureza e suas belezas, as palmei-
♦ ras e os sabiás. Imaginou esses poetas vivendo
♦ no Rio de Janeiro, de pessoas de 30 anos que
♦ nunca viram um rio limpo, dos efeitos das man-
♦ chas de merda nas praias, baías e lagoas, das
♦ árvores cortadas, da fumaça dos canos de car-
♦ ros, das buzinas, das luzes brancas e amarelas
♦ escondendo a lua, dos prédios tapando o sol e
♦ arranhando as nuvens e do laranja das favelas
♦ no verde das montanhas. Com certeza estes
♦ teriam se matado. Olhou as velhinhas nas som-
♦ bras da grande árvore que protege a praça na
♦ General Roca e os velhinhos dividindo o tempo
♦ entre o peão e a purrinha, ou às cartas. Pensou
♦ que queria uma aposentadoria igual a deles,
♦ pra poder fazer as mesmas coisas. Mas não,
♦ aquele texto não vinha, e naquele momento ele
♦ só queria escrever sobre a possibilidade de su-
♦ icídio generalizado dos poetas de elogio à na-
♦ tureza de sua geração. Ficou realmente preo-
♦ cupado com eles. Pensou que talvez no interior,
♦ esse estilo de poesia ainda pudesse sobreviver.
♦ Mas ali, naquele momento, a beleza estava nas
♦ lembranças do andar lento da garça, espelhado
♦ nas águas escuras e sujas do Rio Maracanã; a
♦ resistência das raízes das árvores que quando
♦ arrancadas levam boa parte das calçadas que
♦ cuidaram durante anos, como lembrança; o céu
♦ de estrelas brancas e amarelas que a cidade é
♦ quando vista de seus morros; e a beleza da
♦ complexidade arquitetônica das favelas, que
♦ apesar da ausência de muitos direitos (menos
♦ o de ser feliz), persiste viva e de pé, nos abis-
♦ mos das montanhas, como algumas árvores
♦ corajosas. Ele tinha esquecido o celular, e não
♦ tinha onde anotar as coisas que pensava. Foi no
♦ chaveiro da Conde De Bonfim, quase em frente
♦ à antiga Mesbla, ver os quadros à venda do dia,
♦ e pedir um papel e uma caneta para escrever
♦ logo aquelas ideias. No meio do caminho, um
♦ desenho nas paredes da Sonobello, na esquina
♦ da Gabriela Prado Maia, lhe jogou num mundo

aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaas-
aasassasasasasassasasasasa-
sasasasasasasasasasasa Peguei
o tradicional táxi da madrugada.
410 kombi depois da meia-noite
3 reais. Sentei sem companhia
no banco de trás e com janela.
Apesar de não fazer parte da
rota, ele prometia Central pra
pegar uns pingados. Conseguiu 2
pra lá, que reclamaram quando
ele não dobrou a direita na Cruz
Vermelha. Ele explicou rápido,
tem lei seca na Praça da Repúbli-
ca, Campo de Santana. Deu a vol-
ta e deixou os 2 no posto. Quando
desceram, e ele, por dentro, con-
feriu a blitz falou em voz alta:
num fode, ia me foder alá. Entre
o sambódromo e o Estácio foi ul-
trapassado por outro 410, do pil-
oto Roberto, e na principal do Ca-
tumbi travaram um rally. Quando
ultrapassou a outra Kombi gri-
tou, vai quebrar o carro ein, Rob-
erto! Só 3 no carro, eu que ia sal-
tar na Saens Pena, o outro na
Felix da Cunha e o piloto. Na es-
quina da Felix, ele parou no pos-
to, o passageiro desceu e ele
também. Foi tomar um café, e
me deixou com os Racionais. A
letra contava a história do cara
que tinha ido pro crime pra não
deixar a mãe no veneno. Quando
voltou com o café, abaixou o som.
Pedi pra deixar rolar. Ele falou:
Racionais mc's. E fui, eu, ele e os
Racionais no talo, mais alto que
os barulhos do corpo da Kombi.
Pegou contramão na rua de pa-
ralelepípedos que dá no Ziem-
binski, dando sentido às ruas va-
zias. Antes de descer na praça, vi
um carro da Guarda Municipal
parando, achamos que era pra
parar a gente, já que os docu-
mentos estavam atrasados, mas
era pra paquerar duas meninas.
Eles saíram rindo, e o piloto xin-
gando esses filha da puta. Dei
boa noite pra ele e bom dia pra
galera que descia da festa no Sal.

• distante. Se sentiu pequeno perto dos persona-
• gens gigantes e coloridos do Caze e do Binho, e
• logo se esqueceu deles vendo um casal sair a pé
• do Motel Tijuca na Pareto. Mal se olhavam, e não
• deram beijos nem abraços de despedida. Ele foi
• em direção a Heitor Beltrão, e ela pra Haddock
• Lobo. No chaveiro, ele escreveu no verso de
• um anúncio de puteiro na Rua Ouvidor, e logo
• amassou e jogou fora, pois em vez de escrever
• sobre o que pensava na praça, escrevia sobre
• os antigos puteiros da Tijuca, como o do prédio
• da galeria da Casa & Vídeo, o lendário 406; o do
• Trevo da General Roca, que nunca se firmou, já
• foi boteco e pizzaria, e no seu terraço fazia uma
• bela composição com seus lençóis coloridos
• estendidos no varal enquanto secam pra mais
• um dia de trabalho; e o da rua Dona Delfina, que
• depois virou dentista. Se irritou. Não entendia
• mais a própria letra e a própria cabeça, há mui-
• to tempo. Perguntou quanto estava o Heitor dos
• Prazeres exposto no chaveiro, e teve vontade
• de roubar ao saber dos 5 mil reais necessári- os
• pra comprar o quadro do cara que não tava
• nem aí pra ela. Preferiu ir embora. Voltou pela
• Moura Britto e Renato Rocco. Quis encontrar o
• Armando pra escutar umas verdades inventa-
• das, mas ele já tinha encerrado o expediente no
• noticiário público. Chegou em casa, ligou o
• computador pra escrever, abriu o LibreOffice, e
• dormiu, enquanto o pão com casca torrava na
• cozinha. Acordou no início da madrugada, cheio
• de fome, de comer e de escrever.

• -----
•

• Não faria questão de publicar esses textos se
• não fossem úteis para entender o começo da
• construção da personagem que surge em se-
• guida - além de tratarem da narração do co-
• tidiano. Primeiro multiplicada em várias per-
• sonagens, vistas de fora, para logo adiante, em
• pouco tempo, passar de fora pra dentro e
• começar a falar por si só, em primeira pessoa.

• **Nessa nova fase de escrita, feita quase que to-
• talmente de casa, não mais pelo celular, mas
• ainda numa paulada só, e também publicada di-
• retamente no Facebook, surge uma personagem
• feminina, que bota pra fora as coisas que estão
• dentro.** Textos que falam de sentimentos gera-
• dos pela arquitetura do que está fora, e da in-
• quietude do que está dentro.

A lua cheia como os faróis da Kombi. aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa-
aasassasasasasassasasasasa-
sasasasasasasasasasasa 17h43
na Travessa do Mosqueiro na Lapa, um cara põe a cara na janela e grita: vai ti toma no cú, rapa! Volta pra dentro de casa e segundos depois retorna a janela azul do prédio branco e indignado diz: porra! Na minha casa vem me oferecer crack. O vizinho da janela ao lado de gorro e camisa do Vasco assiste indiferente. E ele continua: crack?! Vai toma no cú porra, Até parece que não me conhece, Aqui todo mundo me conhece, e sabe que o que eu cheiro é pó, porra. Num fode! Depois disso dobrei a esquina na Mem de Sá e não pude mais entender as palavras que ele gritava daquela janela azul. aaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaasassasa-
sasasassasasasasasasasasa-
sasasasasasa Diariamente, di-
ante dos trens que chegam nas estações do mundo todo, milhares de pessoas escolhem continuar vivendo. Apesar das angústias, resistem aos medos de fracassar, enlouquecer ou morrer. Existe medo tolo? Na hora que a cabeça encosta o travesseiro é que cada um sabe do reflexo do que faz da sua vida. O estofador da General Roca que está lá todos os dias, como o sapateiro e o açougueiro, que perdem clientes de acordo com a morte dos mesmos. O casal que de segunda à sexta espera a filha sair da escola, debaixo de um dos viadutos em Niterói que levam à ponte, aproveitando a sombra, abraçados, ela em pé, e ele com a cabeça sobre os peitos dela. O rapaz que todos os dias almoça no Metrô, em pé ou sentado, segurando a marmita com a mão direita e o garfo com a esquerda.

• 16
• Quando as tensões do mundo pressionam sua
• cabeça, ela deita. Bota as costas no chão de
• qualquer chão. Nas madrugadas gosta de deitar
• nos cruzamentos, para ver os sinais trocando
• de cor entre ela e as estrelas. De dia
• gosta de deitar nos pés dos prédios altos, para
• vê-los como pontes para o céu. Tem a sensação
• de poder correr sobre eles e depois voar. No
• começo do dia e no fim da tarde, ela deita no
• meio das praças, para ver as gaivotas e urubus
• atravessarem com seus corpos escuros as
• cores claras do céu, e também o ronronar dos
• pombos caminhando por perto de seus ouvidos.
• Quando as dores do mundo pressionam seu
• peito, ela corre. Gosta de correr nas divisões de
• pistas, entre os carros. Sente um alívio quando
• passa um ônibus de cada lado, suspendendo o
• vento e a colocando num lugar que só existe ali,
• onde ela se encontra, entre dois ônibus, no meio
• da Avenida Brasil. Quando as lágrimas do mundo
• pressionam seus olhos, ela chove. Chora o
• domingo inteiro, come bolos que não quer e não
• tem forças pra correr até subir à passarela, à
• igreja da Penha, à laje, à pedra, à Santa Teresa,
• para ver de cima os carros passando, as pessoas
• passando, a vida passando. De cima tudo
• é menos difícil, e a chuva só molha quem está
• embaixo. Por minutos pensa que nunca mais
• vai parar de chover dentro dela. Quando os
• olhos de alguém pressionam o seu estômago, ela
• sorri. E deita, corre, chora, chove e voa, como
• se não pesasse nada, só vento.

• **Não quis dar conta de falar por uma voz feminina**
• nem nada disso, pois acho impossível. O corpo é
• o limite, tem que ser o limite. Acredito que existem
• os universos feminino e masculino dentro da gente,
• e podemos nos inspirar através de cada um de
• maneiras diferentes, mas o **ser mulher**, cabe a
• experiência única, corporal, ancestral, mística,
• selvagem, logo intransferível, de ser mulher. De
• sentir de um outro jeito as reverberações do mundo
• por dentro e por fora. Fui ao limite que podia,
• do jeito que consigo, que é através do sentimento,
• que apesar de gêneros, sentimos todos.

• Sobre a origem da personagem desconfio de algumas
• pistas. Fui criado por muitas mulheres, e admiro
• todas elas. Mirian, Lilia, Auta. Minhas avós Penha,
• Aidê, Helena, Glória e Maria. Mulheres-leoas,
• mulheres-lobas, selvagens.

Em cada esquina que dobramos, um mundo de idéias, memórias e pessoas que dobra a gente.

Talvez o desejo mais compartilhado entre os seres humanos não seja o de ficar rico, contrariando a lógica, e sim poder dormir tranquilo, com ou sem travesseiro. aaaaaaaaaaaaaaaaaa

aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaasaasassasasasasassa-

sasasasasasasasasasasasasasa-
sasa É o 2º dia do mês e o dinheiro é curto. Muitos cartões ainda não foram recarregados, e trabalhadores param nas catracas. No Metrô, o sistema de som anuncia que a estação Teixeira de Melo, em Ipanema, está fechada por conta de manifestações. Apesar do vagão vazio, um homem corre para sentar na janela, e poder apoiar os braços enquanto faz palavras cruzadas. Um jovem negro desliga o celular, se oferece pra segurar a bolsa da moça em pé, e depois pega um livro na mochila, de capa azul e laranja, ou amarelo, escrito Marighella. Entre a Praça Onze e a Central a composição fica parada quase 10 minutos. Um homem em pé aproveita pra ligar pra alguém e dizer que vai se atrasar, que a culpa é do Metrô. A moça em pé, alta, de cabelos castanhos, tira os óculos escuros e resolve encarar o sono, e pede ao rapaz do Marighella para mexer na mochila, e tira um tablet lá de dentro. Pelo alto falante, condutor R. Matos dá bom dia, pede desculpa pela parada mais demorada, por conta do tráfego, e depois pela freiada mais brusca, em nome do Metrô Rio agradece a preferência, e deseja todos uma boa viagem. aaaaaaaaaaaaaa

aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaasaasassasasasa-
sassasasasasasasasasasasasa-
sasasasa Tinha que ter Metrô e trem 24h o ano inteiro !!! aaaaaa

• Sempre me inspirei muito na autonomia em
• relação aos machismos do mundo, a consciên-
• cia política e libertária dessa independência.
• Escutei delas todas, cada uma de uma forma,
• essa frase: homem nenhum manda em mim.
• Talvez venha daí um pouco. Tem um texto que
• foi o primeiro com a presença feminina, no car-
• naval, e em seguida, um outro dividido em três
• personagens. Vou abrir com o do carnaval, e na
• sequência, já vem o das três personagens, que
• acho que incontrolavelmente, uma delas pas-
• sou a falar por si só. Na verdade, quando me
• perguntam se essa é alguma pessoa, eu tento
• responder que são várias. Eu realmente acho
• que são. **Eu realmente acho que somos várias.**

•
•
•
• 1

• Era terça para quarta de carnaval, e ela já tinha
• pulado o que tinha pra pular desde de man- hã
• pelas ruas do Centro. Estava preocupada se
• acordaria para a quarta-feira de cinzas ou não,
• o corpo já pedia arrêgo. Chegou no Metrô
• Carioca e deu com a cara nas grades fechadas.
• Diferente do dela, o dia do Metrô começa depois
• da meia-noite, e o dela depois que abre os ol-
• hos. Um rapaz mais exaltado, no meio do pes-
• soal que tinha esperanças que o portão abrisse,
• xingava e chamava pra mão os seguranças do
• Metrô. Foi embora gritando. Não tinha ônibus
• tanto porque era madrugada, quanto porque o
• Centro estava cheio de obras e inversões de
• sentidos de pista. Com pouco dinheiro no bol-
• so e um último cigarro no maço, decidiu parar
• e pensar sobre o que fazer. O Largo da Cari-
• oca estava movimentado, pois blocos aconte-
• ciam na Rio Branco e nos arredores da Praça
• Tiradentes. Ela sentou na mureta de uma das
• saídas do Metrô, e parou. O mundo parou. A dis-
• tância que alguns conseguem através de uma
• viagem distante, alguns fumantes conseguem
• quando arrumam um isqueiro. A amпуlhetta do
• tabaco. Com as novas políticas em relação ao
• cigarro e ao fumante, esse lugar de distância
• ficou ainda mais garantido. Ela começou a fu-
• mar justamente pra poder parar de olhar, pelo
• menos pelo tempo de um cigarro, para a cara dos
• colegas de escritório. Não consegue fumar an-
• dando, e chega a ter nervoso quando vê alguém
• apressado fumando um cigarro. Ela parou, e só
• olhou, enquanto deixava o destino decidir o que
• ela iria fazer. A fumaça subia e ela pensava na
• situação dela enquanto mulher. Mulher e soz-
• inha numa madrugada. Pensou em andar até o

As 9 da manhã a fila do Metrô integração em Botafogo é grande. No final dela um senhor chega atrás de mim, e passa a ser o último da fila. Ninguém merece ! Ele fala ao vento quando descobre que o Metrô integração não é um trem, e sim um ônibus. Ao escutar a reclamação, imediatamente, como o canto de um anjo a voz do Gonzaguinha aparece na minha vida com o refrão Você Merece... e enquanto o senhor reclamava esse refrão não para de repetir involuntariamente na minha boca. A moça da frente, turista, que dizia não acreditar na fila, quando esta finalmente andou ela resolveu parar para tirar foto do letreiro eletrônico na lateral do ônibus. Você merece... Dentro da integração, sentado na ultima fileira, dava para escutar uma discussão entre duas mulheres, pois uma delas não queria que ninguém encostasse nela, apesar da lotação da composição. As duas concordaram reclamando juntas sobre os impostos que pagam pra viver na zona sul e terem que se sujeitar a enfrentar o Metrô integração lotado de manhã. Você Merece, tudo vai bem, tudo legal... Bem perto delas dois homens que perguntaram onde era o Baixo Gávea, ignoram a discussão e falam sobre stand-up comedy. Um deles aponta para as bicicletas do Itaú, e o outro diz que não tem coragem de andar de bike sem ciclovias. Um pergunta se o outro viu a discussão entre Gregorio e Constantino, fazendo piada dos de esquerda moradores do Leblon, e em relação as relações dos dois com Freixo. E quando começaram a falar do momento político diminuíram a voz e discordaram, e

Rio Comprido, indo pelo Estácio. É uma reta só, ela pensou. O assalto era o último medo, contanto que só levassem o dinheiro. O pior era ter que passar por um milhão de homens bêbados e sóbrios, esse era o medo. A violência física e a simbólica. Os puxões pelos braços e as grosseiras, ou seja, as tentativas anunciadas de estupro em forma de cantada. Pensou nos números da estatística da última matéria que viu sobre estupros contra mulheres. São mais de 50 mil estupros registrados no ano. Registrados, ela pensou. O carnaval faz ela lembrar, em alguns momentos, de todos os apelidos da época da escola, as discussões familiares e todas as merdas que já escutou e presenciou na vida. Mas o carnaval também fez lembrar das alegrias, dos amores, e das paqueras. Alguns blocos tornavam possíveis a aceitação dos diferentes desejos. O cigarro estava no fim, e antes da última tragada, já se encaminhou em direção à Rua da Carioca, para seguir toda a vida pela Frei Caneca, até chegar à Estácio e depois Rio Comprido, onde morava. Nessa noite nada lhe aconteceu, e ela teve certeza que as coisas estavam mudando. No meio do caminho, gastou o dinheiro da passagem em cigarro varejo e Guaravita, e numa pracinha depois do Sambodromo ela sentou de novo, lembrou dessa vez só dos antigos amores, e se arrependeu de ter deixado o celular em casa por medo de assaltos.

Esse é o texto que abre o arquivo. Escrevi assim que cheguei em casa, depois de uma maratona carnavalesca. Estavam lá, centenas de pessoas impedidas de entrar na estação Carioca. Num Centro deserto de lixos e ratos.

Os textos estão numerados porque foram organizados assim no arquivo, não têm título. Esse foi o primeiro. Sempre frutos de uma mistura louca de escutas, ideias, experiências vividas e sonhadas, sentidas e imaginadas. Tem uma passagem no A insustentável leveza do ser (1984) de Milan Kundera que me chamou a atenção. Aconteceu, dessa personagem surgir, enquanto lia esse livro, que é de muitas personagens.

"Ele nasceu dessa imagem. Como já disse, os personagens não nascem de um corpo materno, como os seres vivos, mas de uma situação, uma frase, uma metáfora que contém em embrião uma possibilidade humana fundamental que o autor imagina não ter sido ainda descoberta, ou

quentava. Como um presente divino, logo no lugar que você está, o vagão vem praticamente vazio. Ao entrar, me achei sortudo, até começar a sentir o calor. O ar do vagão tá quebrado, e vento nenhum entra. A decisão agora é viajar sentado e suado, ou ir em pé no calor. Alguns já vão desistindo, e trocam de vagão nos intervalos entre as estações. Os que entram já se arrependem logo de cara. O pessoal que queria reclamar só estalou o beijo e balançou a cabeça até chegar a Central, onde faziam coro. Uma corôa que tava desde a Saens Pena falou em voz alta repetidas vezes, nós merecemos isso, nós merecemos isso, nós merecemos isso. E então começou. Imagina se pára no meio do túnel? Sem janela sem um vento; o Metrô já foi bom, agora tá foda; não encosta no meu cabelo! olha o meu brinco. Pai, será que eu vou ter que aturar pegar isso lotado todos os dias? O senhor de uns 80 anos mal escutava ou respondia o que a filha de uns 50 falava. Visivelmente atordoada, a moça de cabelos loiros e toda arrumada falava em voz alta coisas que não faziam muito sentido, mas que começaram a tirar um pouco de atenção do calor. Num instante, se parou de falar no calor, e agora o negócio era falar da loira, e no meio do vagão cheio, conseguir enxergá-la. Gente, que mulher maluca; não toca no meu cabelo é mole? Imagina ela no trem? Ia surtar: ainda tenho que escutar essa logo de manhã. A moça, cada vez mais nervosa por não saber onde era Ipanema, ou se a porta iria abrir pra ela na hora da saída, disse a todos: gente, me desculpa, é porque eu não tô acostumada a ver tanta gente. E todo mundo riu. O pai não ligou, ninguém ligou. O calor já não existia mais, a

quando juntei com a galera pra publicar o *Janeira Destravada*, chegou a ser de misturar esses dois textos, já acreditando na potência dessa proximidade. Reiterando que estes têm tempos e formas distintas. **Um é o corpo e o outro é o espaço. Eles se misturam. Um olha da janela pra fora, o outro da janela pra dentro.**

Eu mesmo estou curioso pra sentir as sensações que essa aproximação vai gerar. Falar dos nossos sentimentos, vendo-os se relacionar diretamente com a cidade que está em nossa volta, e ao mesmo tempo, dentro da gente. Existe uma cidade dentro da gente.

3

Aline saiu de sua casa em Realengo, sentia muito calor, e vestiu o vestido mais confortável que tinha, colorido em verde e azul claro. As cores claras, sobre a pele preta a faziam brilhar. Deixou os peitos soltos, para não se sentir sufocada. Antes de subir no ônibus, para se proteger, cobriu o peito com o lenço que carregava para aguentar o ar-condicionado do trabalho. Era o meio dia, e seu pescoço suava. Jade, foi à feira no Centro com seu irmão mais novo. Dos 365 dias do ano, no Rio de Janeiro, uns 60 no máximo não te fazem suar. Ela foi com os ombros, e os joelhos de fora. Vestido branco e sorriso na cara. Reparou e seguiu alguns olhares em sua direção. Olhou para as costas e percebeu a transparência do sol sobre sua pele branca, e a calcinha de bolinha que ela usava, a mais leve e confortável que tinha, estava à mostra. Deixou de ir onde ia na hora do almoço, e voltou para casa para se proteger do calor, dos olhares. Gabi, saiu a noite para dançar, seus pais não viram, e nem sua irmã. Pegou o Metrô linha 2 sorrindo, e chegou na festa na Lapa. Ignorou os olhares, pois estava de olhos fechados, dançando. Seus amigos, homens e mulheres, disseram que não a deixariam dançar com os bicos do peito marcando o top que usava. Se chateou, e parou de dançar, abriu os olhos, e não gostou do que viu. No Piranhão, uma moça malabarista, tirou o casaco que usava, e deu para uma das crianças desabrigadas pela remoção das famílias do antigo prédio da Telerj. Chovia fino no Centro, como maresia que vem no rosto, quando venta no mar. Chuva e vento, dói. Colocou sobre a criança nua o seu agasalho. A criança ficou dos ombros ao tornozelos protegida, e com o gorro esquentou as suas orelhas.

compaixão também. aaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaasaasassasasa-
sasassasasasasasasasasasasa-
sasasasasa Um país que entra
em cada estação. Na tijuca, os
equatorianos. Na Praça Onze, ar-
gentinos. Na Glória, ingleses. No
Catete, mexicanos. No Flamen-
go, alguns tristes italianos que
só tinham camisetas da azurra na
mala. Uma para cada dia, até o
título, que não aconteceu, mas as
diárias já estavam pagas. Em
Botafogo, franceses com os ros-
tos pintados. Pela primeira vez
as conversas paralelas não atra-
palham a leitura, pois são fala-
das em outras línguas. As cor-
netas, as bandeiras, as cores.
Amarelo e verde em toda parte.
Silêncio é uma lembrança vaga
do dia de ontem, jogado na gra-
ma. Lá atrás no Estácio, entrou
uma menina de uns 13 anos, com
uma caixa de Mentos na mão,
que conheço de uns tempos atrás
da Lapa, quando ia com seus
irmãos mais novos vender bala e
cuidar deles. A Copa veio e ela
continua com as balas, agora no
Metrô. Já nem pergunta mais, só
olha pras balas e pros seus ol-
hos. Ela tem os olhos tristes, da
cor verde da embalagem da Men-
tos que ela vende. Em Copaca-
bana os turistas começam a de-
scer e se perder nesse pedaço de
mundo que começa na pedra do
Leme e acaba no Dois Irmãos. A
cidade maravilhosa dos cartões
postais. Eles bebem cerveja e
mexem uns com os outros. Al-
guns franceses de jeito bobo
fazem brincadeiras a respeito da
bunda da mulher brasileira que
está de pé. Um deles usa um
cordão que tem a taça da copa de
pingente. O argentino pede infor-
mação sobre Ipanema, e o aus-
traliano afirma que é a próxima
estação. Dois homens, param no
meio da multidão para tirar foto

• Os guardas tiraram os olhos das crianças nuas,
• e passaram olhar os peitos desprotegidos da
• menina, sob a blusa preta, e rir. A violação em
• toda parte. A violência do olhar, da palavra, do
• gesto e do toque. Não basta o desejo e a urgên-
• cia de sentir livre. Não basta decidir peitar a so-
• ciedade, e dançar sobre séculos de repressão.
• Muitas tomaram essa atitude, e se sentiram
• oprimidas a se proteger. É a sociedade que não
• está preparada pra dançar fora dos padrões. A
• gorda que se acha gostosa, a negra com o
• blackão na cabeça a camisa dizendo que a rev-
• olução não será alisada, os peitos que dançam
• com a dança. Maravilhosas pelo que tem de
• natural. -->

• No dia 30 de setembro, abri as janelas dessa
• pesquisa diante de uma sala de aula cheia de
• pessoas amadas, na UFF em Niterói. Esse tra-
• balho, como apresenta logo nas suas páginas
• de abertura é dedicado à Malu, ao Léo Lima e
• à Aline Santos de Deus, que é a mesma Aline
• desse texto acima. Esse texto inclusive surge
• das várias conversas que tinha com ela na época
• que quase moramos juntos na Maré (ela estava
• sempre lá), na casa do Gê, quando eu morava lá.
• Nos encontramos muito nessa época por conta
• da pré produção do filme A favela que me viu
• crescer (2015), que o Gê iria fotografar. O filme
• foi realizado com sucesso pelo Cafuné na Laje,
• projeto dela e do seu parceiro de amor, trabalho
• e vida, Léo Lima, meu amigo, fotógrafo incrível,
• do Azul, do Jacarezinho. Junto de um monte de
• amigos Caíque, Mariluci, Paula, Dudu, JV, Ju,
• família do Leo, crianças do Azul e o bonde todo
• envolvido.

• Aline nesse dia não pôde ir a Niterói, pois es-
• tava internada no INCA, prestes a iniciar um
• tratamento de radioterapia para curar um
• câncer que descobriu ter após dar à luz a vida
• da Malu, que ainda não completou seis meses.
• Na semana seguinte, fui visitá-la pra contar
• como tinha sido a festa da defesa, e tudo que
• passava pela minha cabeça. Cheguei ao hos-
• pital contando que tinha me apaixonado por
• uma pessoa que mais parece mar, e ela sor-
• riu, disse que já sabia quando olhou pra minha
• cara. Conversamos sobre a vida, como sempre.
• Seu k-belão4 estava maior e ainda mais bonito.
• Nunca não vi a Aline sorrindo. Sempre serena
• e linda. Aline é daquelas pessoas que parecem
• ter todas as idades. Quando cheguei, ela avisou
• ao Léo, que estava lá embaixo. Léo subiu, ele

ao lado de um anúncio do governo federal. Uma criança negra joga bola no alto de uma favela dourada, no alto da nossa cidade, sorrindo. Ele veste uma camisa do arsenal com o nome do Ozil, número 11, e tem cavanhaque. Não faço ideia do país dele, assim como ele não faz ideia do meu. aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaas-
aasassasasasasassasasasasa-
sasasasasasasasasasasasa 18h15
Central do Brasil, Plataforma 6 sentido Santa Cruz. Depois de meia hora de espera escuta-se a buzina e o trem entrando na estação e chegando na 6f. Estava escutando dois homens conversando, quando o trem chegou. Um baixinho dizia pra outro cara que não tinha medo de pessoas grandes, que era devidamente treinado pra isso, e que em algum momento o gigante cai. Não importa o tamanho, o que vale é o caráter disse ele. Uma mulher reclamava com o segurança que um tarado tinha mexido com ela, e perguntada sobre o cara, falou que tinha fugido depois de levar um soco dela. Uma multidão começou a se arrastar e ser arrastada. Eram as galeras correndo e segurando as portas de entrada. Ansiosos pela dança da cadeira e o sono sentado garantido. A rádio da Central fala um monte de coisas que ninguém presta atenção. O Torcida é 1 real e 2 latão é 5. O telão anuncia a saída de um trem pra Paracambi em 2 minutos. É mentira. Na beira da porta as pessoas se espremem pra quando ela abrir, eles serem jogados pra dentro quase que como a vácuo. É uma batalha. Sem ninguém esperar um homem pula e entra pela janela retangular. Odiado por uns e admirado por outros, o homem de uns 35 anos se sente orgulhoso. Ninguém pula uma janela assim

que também parece ter todas as idades, brilho nos olhos, peito estufado, sempre ajeitando os cabelos longos. Léo vinha com caderno na mão, e nos avisou que tinha escrito uma historinha. Aline pediu para ele ler. Enquanto Léo contava das aventuras de Rafinha, eu via os olhos da Aline brilhando de amor e lágrimas. No final ela perguntou olhando nos olhos dele que também brilhavam: por que você é assim, cara? Ele respondeu: gostou, neguinha? E sorriram. Eu chorei, e sorri.

Quem lê essas palavras agora, talvez não esteja entendendo o sentido delas. Na mesma biblioteca onde comecei a escrever as primeiras palavras desse trabalho, agora escrevo as últimas, derradeiras. A moça ao meu lado, que quando cheguei ainda cedo pela manhã, me pediu ajuda para desativar a tecla caps lock, agora me olha volta e meia, preocupada com as lágrimas que escorrem na minha cara enquanto faço barulho apertando as teclas para escrever essas palavras. Essa imagem, do Léo e da Aline, foi uma das últimas que tive dos dois juntos: a última foi quando cheguei no quarto do INCA, em silêncio, e fiquei observando os dois dormindo, na baia do meio entre outras duas baias separadas por cortinas, - ela na cama e ele numa cadeira de praia bem ao lado, dormindo juntos - quem se ama faz cama em qualquer lugar. Até que Aline abriu os olhos e sorriu. Pensando bem, não tenho nenhuma última imagem deles, tenho várias, eternas. No dia 18 de outubro, Aline fechou os olhos e dormiu, depois de um passeio para a ver as famílias, os amigos e a Malu. Fez a passagem de fora pra dentro da gente.

O que isso tem a ver com a pesquisa? Simplesmente tudo, pois, se sou movido pelas coisas que me afetam o tempo inteiro dentro e fora de mim, me sinto incapaz agora de sentir outras coisas, de focar a minha atenção em outras coisas que não essas que me fazem arrepiar. Tenho pensado muito na vida, na duração, e na sensibilidade dela. A qualquer hora vou eu, vamos nós, num estalo, num piscar de olhos, dobrando uma esquina, atravessando uma rua, dormindo. Minha janela da alma agora enxerga a Aline em todos os lugares. E enxerga o Léo e a Malu em todos os lugares. Acredito que o sentido da vida é cumprir as demandas que o acaso nos impõem, foi assim que aprendi com meu Pai, na encantaria. Que estamos seguindo

pela primeira vez. Se apruma rápido e escolhe o lugar que quiser no vagão que por segundos é só dele. No segundo seguinte a avalanche. Gritos e risos. No meio da dança um cara eterniza o segundo, olha nos olhos da moça de vermelho e decote, e como um mágico tira um coelho da cartola, sorrindo, ele oferece a ela um lugar conquistado com uma bela de uma bundada no cara do lado. Aquele espacinho cor de xuxu no banco lotado, nessa hora do dia, vale muito. Ela agradeceu sorridente e ele, agradecido e orgulhoso, já deve ter começado a pensar nos assuntos que ia puxar ao longo da viagem, enquanto os suvacos deles se tocam. O trem está ruim, toda vez que parece que vai parar, ele anda. A mulher dos altofalantes já avisou que minha estação é a próxima, que o desembarque é pela direita, e que a composição está com o motor ruim, por isso a lentidão. Antes de descer olhei pra trás e vi os dois sorrindo. aaaaaaaaaaaaa

aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaasassasasasa-

sassasasasasasasasasasasasa-
sasasasa O jeito que a pessoa para, olha, anda, sorri, dorme, gesticula, senta, cruza as pernas, balança o pé, mexe nos cabelos, estala os dedos, boceja, conta histórias, fala, relaxa, corre, chora, grita, dorme, acorda, grita, come, transa, cumprimenta e dá adeus. Cada um é um monte. aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa

aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaasassasasasasassasasasasa-
sasasasasasasasasasasa

Na Baixa do Sapateiro às 8 da manhã o sol te abraça e faz levantar da cama. Com ele o canto dos passarinhos e das crianças começam a ecoar pelos becos. Ambos podem voar. Alguém fala com alguém, A Roberta achou que tinha

• caminhos mais antigos do que nosso corpo. E
• que se Aline foi, é porque ela deu conta de todas
• as demandas, e não o contrário.

•
• Aline, que já existia nesse trabalho como per-
• sonagem, e como inspiração de amor, agora
• surge como divisora de águas. Antes de sair do
• quarto, no dia que o Léo leu o texto, Aline agr-
• deceu pela dedicatória no início da pesquisa.
• Disse que ficou emocionada com as palavras e
• muito feliz de ver as fotos, e de ver a galera por
• lá. Disse que queria ter estado presente, - eu vi
• ela e o Léo o tempo inteiro lá -, mas que não
• pôde por causa do tratamento, mas que estava
• doida pra ler o trabalho, e muito feliz por mim,
• por eu ter conseguido acabar, o que achava que
• não conseguiria quando conversávamos em
• 2014, quando no final do ano eu ainda não tinha
• nada escrito. Escrevo estas palavras ela im-
• portância dela pra mim. Aline é mais uma das
• mulheres-leoas-lobas que me guiam na vida.
• Aline que fez questão de fazer o parto natural
• apesar de toda má vontade dos funcionários da
• maternidade pública, para Malu nascer nadan-
• do igual um peixinho. Aline que sempre mos-
• trou a força na sua linda cabeleira, que ela fez
• questão de cortar para incentivar o Gê quando
• ele teve que cortar seus dread locks. Aline que
• enfrentou o câncer sem deixar de sorrir. Aline
• que é forte e calma, como poucas pessoas que
• conheci.

• Não sei, e nem quero saber o que teria sido esse
• terceiro capítulo, se nada disso tivesse aconte-
• cido (acho que tudo na vida é assim). Arrumei
• os livros da Judith Butler (Relatar a si mesmo)
• pra falar da narração de si e mal consegui en-
• trar nas ideias complexas relacionadas com
• Spinoza e Foucault (tenho dificuldade com os
• cabeçudos demais), da Clarissa Pinkola Estés
• (Mulheres que correm com os Lobos) pra falar
• da relação com o misticismo e com a ance-
• tralidade selvagem feminina, da Suely Rolnik
• (Cartografias sentimentais) pra falar das trans-
• formações do desejo como geradores de novos
• mundos, do Antônio Risério (Mulher, casa e ci-
• dade) pra falar do mundo que é todo construído
• por homens e para homens. Achei que não teria
• mais espaços na cabeça e no coração para en-
• cerrar esse trabalho como gostaria, então me
• inspirei nesse amor por ela, e por eles, Léo e
• Malu, e todos os amigxs que hoje vivem esse
• amor juntos. Aline está multiplicada em várias

aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaasasassa-
sasasasassasasasasasasasasa-
sasasasasasasa Escolher a últi-
ma janela do busão e reparar no
assento do banco ainda molhado
e com o chão de metal cheio de
areia, me fez lembrar de anos e
infinitas horas, em pé e sentado,
de 233-234-225 Rodoviária-Bar-
ra da Tijuca, 415 Usina-Leblon e
Metro no ar condicionado gelado.
Vida de quem mora longe da
praia. Sentei no banco seco da
janela contrária e lembrei da
textura da areia ainda molhada
roçando nas alças das Havaia-
nas. A Bermuda molhada, en-
charcava a camisa até o umbigo e
o celular e as moedas ficavam
cheias de areia. Lembrei de mil
histórias de assaltos, piadas e
confusões nas curvas do Alto da
Boa Vista. Parece bobeira mas
tem muita gente como eu que
deve ter passado 1/3 da vida den-
tro de transportes públicos. Uma
vez demorei 4 horas pra ir da Ti-
juca a Barra, num ônibus super-
lotado e com pessoas desistindo
ainda na subida do Alto. Fui sen-
tado no capô do motor do busão,
trocando ideia com o piloto que
me ensinou muito sobre mecânica
e filhas da putagens das em-
presas. Nos demos bem mas as-
sim que chegamos na praia eu
apliquei a fuga no 1º mole pela
porta da frente, dei o calote e saí
pela entrada. Enquanto eu cor-
ria, cansado da viagem e orgul-
hoso de não dar dinheiro pra es-
ses bandidos das empresas de
ônibus, o motorista sorrindo pela
janela gritou: valeu ein, amigão!
Dando a entender que tinha sido
traído. E eu respondi com um
sinal de ok e um sorriso enquan-
to atravessava as pistas e me
distanciava do ônibus ainda
parado no engarrafamento. Me
senti mal por trair a amizade in-
stantânea por alguns segundos
só, pois os 2 reais da passagem

♦ se parasse de olhar a personagem da janela, e
♦ deixasse ela mesma, fazer de mim, janela.

♦ Agora é ela que me pega pela mão e conduz,
♦ me mostrando a cidade de um outro jeito. Vou
♦ deixar que ela conduza vocês ao universo dela.

♦ De um ano pra cá, quando a personagem surgiu
♦ da minha relação de movimento e narração com
♦ a cidade. Veio de dentro pra fora, sem expli-
♦ cação, num dia de carnaval, num metrô fecha-
♦ do na madrugada, quando ela decide andar da
♦ Carioca ao Rio Comprido, e então ela sente
♦ medo, não por conta da distância, mas assim
♦ mesmo vai. Gosto de deixar fluir quando as id-
♦ eias vêm, e ela foi vindo, toda semana retorna-
♦ va. O 2º texto foi inspirado em amigas, a Aline,
♦ a Gabi e a Jade, quando em uma única semana
♦ as três me fizeram relatos sobre assédios por
♦ conta da transparência das roupas, por parte
♦ de amigos, familiares e estranhos - nos textos
♦ elas saem felizes e voltam pra casa tristes - por
♦ conta do desejo de se sentir a vontade com as
♦ roupas que usam. São cerca de uns 40 textos,
♦ onde o que ela faz é falar do que tá sentindo,
♦ pensando, vivendo, a partir de disparos inspira-
♦ dos pela cidade. São histórias que vivo, escuto
♦ e imagino por aí. Eu por conta do mestrado tive
♦ oportunidade procurar entender as miudezas
♦ desse surgimento, o que gerou algumas várias
♦ questões, entre elas, uma central: Como falar
♦ de circulação na cidade, quando o corpo que se
♦ movimenta, é o corpo de uma mulher? Como
♦ não ser ingênuo e se deixar tomar por uma uto-
♦ pia de mobilidade que escancaradamente, é um
♦ privilégio de gênero? a cidade é dos homens.
♦ Pode até não ser projetada pra ninguém, ape-
♦ sar d'eu achar que sim, mas de qualquer forma
♦ são os homens que projetam e a organizam.

♦ 7

♦ Rasguei inteirinha aquela parede, com frases e
♦ fotos recortadas de revistas, e coladas durante
♦ a adolescência. O que eu queria ter, o que eu
♦ queria ser. Os lugares que eu queria conhecer,
♦ os homens que eu queria casar. A casa que eu
♦ queria morar e a frase que eu queria dizer. As
♦ bandas que eu queria ir no show e as drogas
♦ que eu queria usar. Rasguei tudo, ficou só a
♦ cortiça que forrava a parede. Mil recortes do
♦ que eu queria ser e não fui. Não conheci aque-
♦ les lugares, não escutei mais aquelas bandas,
♦ não vesti mais aquelas roupas, não casei e não

na época garantiam um açai no Quiosque do Peixe. aaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaasaasassasasasa-
sassasasasasasasasasasasasa-
sasasasa 19h11 debaixo do vi-
aduto Paulo de Frontin, o 439
cheio continua parado. A janela
atrai como a tela de uma tv. Mui-
tos filmes que passam lá fora.
Quais serão as trilhas sonoras
que tocam nos fones de ouvido?
Dois meninos do Instituto de Ed-
ucação conversam enquanto
sentem as gotas de suor escor-
rer pelas pernas por conta da
calças compridas. Falam do
nome da Kellen, uma imitação
barata de Kelly, e das fotos es-
tranhas do Rafael e da Bruna nas
carteirinhas da escola. Outro 439
passa vazio pela tela das janelas.
Os que estão em pé lamentam.
Antigamente era possível trocar
de ônibus da mesma linha na ca-
maradagem. Hoje não pode
porque tá tudo filmado. Pessoas
dormem e acordam no mesmo
lugar. O tempo não parou, mas o
busão sim. No trabalho nada
passa rápido, só a hora do al-
moço e a folga. Três jovens
skatistas falam de pegação.
Amanha um deles vai sair co a
Roberta, mas o Biel não pode
saber. Uma mulher sentada na
cadeira do meio da última fila es-
cuta música nos fones e tem o
olhar perdido, parece enxergar
alguém que não está aqui. Não
está com pressa. aaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaasaasassasasasa-
sassasasasasasasasasasasasa-
sasasasa Um 433 Lebion-Vila Is-
abel, expresso da meia-noite, sai
vazio do ponto final. 3 mulheres
arrumadas fazem sinal fora do
ponto, e o motorista abre a porta.
Elas sobem perguntando se pas-
sa na General Osório, e depois da
confirmação passam a roleta.
Anéis, brincos e colares. Carre-

♦ gosto de homens. Quantas vidas eu deixei pra
♦ trás? Eu nunca faço os mesmos desejos quando
♦ pulo 7 ondinhas no reveillon. Todo ano eu me
♦ mato. E quando tô na casa da minha vó eu res-
♦ suscito todas essas vidas que vivi. Como se-
♦ ria a minha parede hoje? E minhas respostas
♦ no caderno de perguntas? Será que eu sonho
♦ mesmo ou é só convenção? Hoje eu colaria as
♦ fotos que eu não tirei: um homem dormindo no
♦ canteiro da rodoviária, ao lado de uma dupla de
♦ turistas que na parte de fora da mochila, entre
♦ as cordinhas, carregam uma réplica da taça da
♦ copa do mundo; um casal que dorme na praia
♦ de mãos dadas e dedos entrelaçados; um gato
♦ que se espreguiça e assiste o nascer do dia no
♦ alto de uma laje; um grupo de 15 pessoas tiran-
♦ do milhares de selfies na cachoeira; um jovem
♦ que dorme na esquina da Av. Paris, com a cara
♦ virada para o muro por causa da luz do sol; o
♦ meu amigo Felipe, que tinha medo de assumir
♦ sua sexualidade por conta da família e da igre-
♦ ja, passeando de mãos dadas com um homem
♦ as 15h; os olhos de uma criança que sorri pra
♦ mim, dos ombros da mãe na cadeira da frente
♦ no metrô; uma bola descendo a ladeira com
♦ meninos correndo atrás dela; o balé das pipas
♦ no fim de tarde, moscas com rabiolas; os pa-
♦ ralelepípedos que aparecem debaixo do asfal-
♦ to, resistência do tempo. Tive vontade de fazer
♦ uma parede pra mostrar as coisas que eu enx-
♦ ergo, mas uma borboleta passou, e eu fui atrás.
♦
♦
♦

♦ CORPOS ASUJEITADOS

♦ Paola Berenstein Jacques em seu livro Elogio
♦ aos errantes (2014), já antes citado nessa pes-
♦ quisa, intitula uma parte do epílogo com o nome
♦ de Incorporação. Nesse subcapítulo ela vai falar
♦ dos sujeitos corporificados, de De Certeau, dos
♦ homens lentos de Milton Santos, já citados aqui
♦ anteriormente também, assim como de Ana
♦ Clara Torres, também já citada, trazendo sua
♦ ideia de corpo-sujeito. Sujeitos esses que entre
♦ outras coisas têm em comum a lentidão.
♦

♦ Queria trabalhar com a ideia de corpos asujei-
♦ tados - sujeitos a qualquer sujeito homem. "su-
♦ jeito homem" é uma expressão muito utilizada
♦ em brigas entre homens. Diz-se "sou sujeito
♦ homem" ou "você não é sujeito homem" pra
♦ qualificar ou desqualificar a sua moral ou a de
♦ outro homem. É uma frase muito utilizada em
♦ situações de conflito, quando o assunto envolve

gam a programação de um festival de cinema francês, e comentam sobre os melhores filmes. Estão felizes de estar num ônibus vazio, pois há muito tempo não entravam, e este tinha sido a única esperança para não ir a pé, do Jardim de Alá para a General Osório. O ônibus em Copacabana começou a encher. Um grupo de homens bem arrumados falando inglês entrou no busão e logo depois um casal de meninas. Um grupo de gringos guiados por um brasileiro entrou com mais de 10. Os galos cantaram na roleta. Dois deles, apesar do ônibus com o corredor vazio, preferiram ficar lá na frente em pé. Falavam alemão em voz alta, e trocavam piadas em espanhol com o guia. Estavam vermelhos de sol. Bebiam Antartica e riam o tempo inteiro. Eu nunca tinha visto alguém falar alemão e sorrir. No Aterro uma das meninas do casal se despediu e desceu. Pela janela a outra olhou, e não teve retorno. Na Lapa, o busão esvaziou, e os gringos tentaram sair pela frente. O trocador chamou e o motorista fechou a porta. Tem que pagar! Mas em pé não paga! E começou a discussão. O gringo deu a nota de 20 e começou a xingar o trocador e o Brasil em espanhol. Um jovem se meteu e mandou o gringo ir se foder e voltar pra terra dele. Desceu do ônibus se achando dono de tudo, o gringo. Motorista, trocador e o jovem orgulhosos. Eles se acham malandros, já roubaram tudo nosso e ainda querem roubar mais. Eu saquei logo de cara. Um dia 3 desceram pela frente. Essas linhas da zona sul é tudo uma merda. Não pode dar mole pra eles não. Filhos da puta, tão achando que tão na casa deles. O 433 seguiu. No Estácio um ambulante na rua gritou para o motorista, Abre aí, Alberto! Entrou

♦ uma moral machista. São os "sujeitos-homens",
♦ responsáveis por sujeitar os corpos das mul-
♦ heres as suas necessidades de dominação mas-
♦ culinas.

♦
♦
♦
♦
♦ 8

♦ Aquelas noites de inverno eram fudas. Eu
♦ cheguei a conclusão que os mosquitos, esses
♦ que vêm no teu ouvido e não te deixam dormir,
♦ não são insetos, e que na verdade não existem,
♦ são apenas agentes imaginários pagos pela in-
♦ sônia pra trabalhar enquanto estamos de ol-
♦ hos fechados. Não conseguia parar de pensar
♦ em tudo o tempo inteiro. O travesseiro é uma
♦ máquina de ideias. Pra não abrir o computador
♦ ou o celular, e ficar olhando tuas fotos, tuas
♦ mensagens e teus novos amigos, eu ia pra rua
♦ puta da vida, andar, pra me acalmar. Na madru-
♦ gada tudo fica mais calmo e mais bonito. A Tiju-
♦ ca a noite é amarela. Vista de cima, ela é baixa,
♦ e entre a rua e o céu, tem uma constelação de
♦ estrelas vermelhas penduradas no alto dos
♦ prédios de mais de 7 andares. O único barulho
♦ constante é o das gotas do ar-condicionado de
♦ cima pingando nas telhas do ar-condicionado
♦ do andar de baixo. Existe um mundo de coisas
♦ que dorme de dia, e nasce a noite sob as luzes
♦ dos postes. Na Barão de Pirassinunga com a
♦ Guapiara, um carretel de fios de alta tensão faz
♦ a sombra na parede de dois passarinhos numa
♦ gaiola sem grades. Estão lá todos os dias, fan-
♦ tasiados de carretel, para a noite descansar em
♦ cima de seus poleiros. Na praça Saens Pena,
♦ casais se encontram durante toda a madru-
♦ gada. Lembro de dois em especial: um que
♦ sempre esperava o Metrô abrir, as 5 da manhã,
♦ para então se despedirem, ele no vagão e ela
♦ no busão; e um outro que se apertou de baixo de
♦ um guarda-chuva preto para observar de pé e
♦ de perto, as gotas batendo com força na água do
♦ lago onde os peixes pareciam estar aquecidos,
♦ imóveis. Até as estonteantes luzes vermelhas
♦ das sirenes dos carros da polícia deixavam mais
♦ bonitas as copas das árvores da General Roca.
♦ Na Rua das Flores e dos gatos vende-se rosas,
♦ livros e remédios 24h: os casais falam em voz
♦ baixa pelo interfone que querem um pacote de
♦ Jontex para o atendente da drogaria Pacheco.
♦ Lembro de uma noite em especial, enquanto
♦ fumava um cigarro na porta da C&A esperando
♦ a chuva diminuir e a padaria da Desembarga-
♦ dor abrir, vi passar o Mendigo Escritor. Magro
♦ e cabeludo, protegia da chuva, com o corpo, os

polícia. Lembro das 60 pessoas que recebe-ram mandados de prisão temporárias por praticar-em o crime de se manifestar nas ruas. O ôni-bus faz caminhos diferentes do de sempre. A sensação é de que a porrada vai comer ali fora, e quem estiver lá dentro não vai nem sentir o pau cantar. Jovens descem do baile no Salgueiro. Um deles está parado na esquina, como quem já não consegue mais estar de pé. Alfredo, o jornalista-jornalista, está montando o seu feed de notícias. Na última derrota do Brasil ele colocou todas as capas de jornais de cabeça pra baixo. Será que hoje vai fazer o mesmo? Nos demos bom dia. A lua está gigante no céu como um grande olho do mundo. Parece as bolas dos olhos dela, daquela cor que não sei o nome, mas que acho bonita. Os pombos já estão de pé a essa hora.aaaaaaaaaaaaaaaaaaaa

aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaasaasassasasasasassa-

sasasasasasasasasasasasasa-
sasaPra quem entende de astrologia, búzios, cartas, tarô, bruxaria, sonhos, estrelas cadentes, eclipses, caverna do dragão, etc... recebi o sinal que hoje foi um dia de revolução na minha vida. peguei dois 416 no mesmo dia. Um na ida e um na volta, sem esperar 1 minuto no ponto. O que isso significa? aaaa

aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaasaas-

sasasasasassasasasasasasasa-
sasasasasasasasaCenas cariocas. Um cara vendendo um fogão a 30 reais no meio da calçada da Adolfo Berga-mini; um flanelinha da Felipe Camarão retirando com uma chave os adesivos de AUTUADO, colados nos vidros dos carros de sua calçada; criança brincando no lago da Praça Saens Pena; jovens passam a cavalo na Borja Reis; na Desem-

♦ movimento as vezes se confundem. Mas os corpos não, os corpos se separam em si, cada qual em seu universo, sofrendo diretamente neles ♦ as ideias que a diferenciam. Quando comecei a ♦ organizar os textos, conversando com a Yasmin, ♦ com a Sil, com a Alice, disse sentir falta da ♦ força da vida na personagem. **Pra fazer sentido as ♦ possibilidades que ela apresenta, sem cair na il- ♦ usão de uma apologia a circulação que é privilé- ♦ gio dos homens, homens héteros. A personagem ♦ então, por essa falta de consistência de sentido ♦ de vida, foi parando de retornar, desaparecendo, ♦ até reaparecer no último capítulo do mestrado.**

♦ 9 ♦ Gosto de sair para a rua depois de uma forte ♦ pancada de chuva. Há um som e um tempo ♦ diferente na cidade, depois que muita água ♦ molha a vida das pessoas. Coloco minhas bo- ♦ tas, minha calça jeans e minha capa de chuva ♦ amarela que comprei numa loja de ferragens. ♦ Gosto de lojas de ferragens que penduram ob- ♦ jetos no teto, e nos obrigam a ficar olhando pra ♦ cima, como se olhássemos as estrelas no céu. ♦ Nesses dias molhados, o céu despenca lá de ♦ cima e explode no chão, formando um grande ♦ mosaico de espelhos. Cada poça reflete um ♦ fragmento da realidade. As cenas mudam de ♦ acordo com a sua posição. A mesma poça nun- ♦ ca mostra uma única história. Durante o dia, o ♦ céu nublado e claro deixa tudo mais iluminado. ♦ Um dia parei em frente a um lava-jato. Os ho- ♦ mens me olhavam, de capa amarela, sem capuz ♦ e cabelos soltos. Deviam pensar o que eu fazia ♦ parada olhando para o chão diante deles. Eu ♦ apenas observava por uma poça, de cabeça pra ♦ baixo, um dos rapazes fumando um cigarro, de ♦ uniforme azul, esperando algum carro chegar ♦ para ganhar um trocado. Os dias chuvosos são ♦ tristes para os ambulantes da praia e para os ♦ lavadores de carros. Outra coisa legal desses ♦ dias molhados, é que a água preenche as for- ♦ mas que tem no chão. Na calçada do colégio ♦ militar, um buraco em forma de coração fica em ♦ evidência quando vira uma pequena piscina de ♦ amor. Fiquei com vontade de escrever ao lado ♦ com liquidpaper: você lembra de quem? Um ♦ coração sempre lembra alguém. Eu enxergo ♦ muitos corações: nas folhas das árvores caídas ♦ no chão, nos buracos não preenchidos de pe- ♦ dras portuguesas e nos narizes dos gatos. Nas ♦ bordas do lago da praça Saens Pena alguém ♦ escreveu: já parou para olhar os peixes? Os la-

bargador Isidro um japonês com a camisa do Fluminense com o seu nome Toshiba escrito nas costas dorme na mesa do bar com a cabeça caindo pra esquerda, enquanto sua cerveja Brahma esquenta.aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa-
aasassasasasasassasasasasa-
sasasasasasasasasasasa De barriga cheia e coração sonhando, no bairro com o metro quadrado mais caro do Rio o sol das 14h da tarde castiga as pessoas que esperam no ponto de ônibus. Como é final de semana, o número de carros é menor. Um garoto de no máximo 12 anos me pergunta qual vai pra Central. Pega o 110 que vai pelo Rebouças que é mais rápido, menor. Já é. Perguntou a respeito de um São Cristóvão que vinha. 460. Tu vai pra onde? Benfica. Arará. Pega esse aí que em São Cristóvão tu já tá do lado. Já é. Esperou o passageiro descer, e subiu, pra logo em seguida descer. 476 passa? Passa, mas demora. Ó o 110 aí, vem nessa que eu passo o cartão pra tu. Já é. Sentamos lá no fundão. Olhou pra Lagoa e não viu pipa no céu. No seu rosto negro e liso, o sal do mar tinha deixado marcas. Assim que saímos do túnel, no Rio Comprido, ele perguntou se era a Central. Não. Tá longe? Não, uns 15 minutos, 20 no máximo. Já é. Antes de descer, nos limites entre a Estácio e Tijuca, avisei que boa parte do busão ia descer lá, pra ficar ligado. Levantei e dei tchau, valeu. Quando cheguei na porta, ele atrás de mim, confirmou, vai descer um montão de gente né? Vai sim, fica tranquilo que tu vai se ligar. Desci e peguei o 607 senti-do Cascadura, com a cabeça na Central, no Arará.

• gos nada mais são que grandes poças que nos
• ajudam a enxergar o que está diante dos olhos e
• não conseguimos ver. Existem detalhes que só
• podem ser vistos pelo reflexo das poças. Nas
• madrugadas molhadas, as ruas esburacadas
• viram um céu de estrelas amarelas. Ando pelo
• meio delas como se caminhasse sobre o céu.
• Perto de um poste, parei para me olhar numa
• poça. A capa amarela e os cabelos, o céu escuro e
• algumas luzes amarelas no meio de copas de
• árvores. Não conseguia enxergar meus olhos,
• apesar da clareza na minha imagem. Nunca sei o
• que estou buscando quando fico tentando me
• olhar nos meus olhos. Sinto como uma fuga,
• parece que eles sempre conseguem fugir se-
• gundos antes de se encontrar, o meu olho e o
• reflexo dele. Nesse dia, como nos espelhos dos
• desenhos animados, eu tive uma visão: eu e al-
• guém que eu reconhecia o corpo mas não con-
• seguia enxergar os olhos deitado numa cama,
• nus e dormindo. Eu abraçava ele por trás, com
• as pernas dobradas grudadas umas nas outras,
• como se fossemos um corpo só. Era serena e
• silenciosa como aquela noite. Voltei camin-
• hando pelo meio da rua, pensando o porquê de
• chamarem de conchinha esse abraço. Afinal, a
• forma dos corpos quando entram um no outro e
• adormecem em nada tem a ver com as conchin-
• has do fundo do mar. Nessa posição os corpos
• se penetram como se fossem um só. Alguém
• me contou um dia: sentindo o sono arrebatador
• que vem após o amor, um homem pediu para
• que a mulher abraçasse com força sua barriga,
• para que as borboletas da primavera que nas-
• cia dentro dele parassem de voar. Ele sentiu os
• peitos dela tocando suas costas, apertou seus
• braços sobre os dela e agarrou com força as
• mãos menores. Ela da mesma forma sentiu o
• cheiro da primavera sair pela sua boca, sentin-
• do o alívio que a pressão das costas dele faziam
• sobre as brisas que sopravam na sua barriga. E
• então dormiram e acordaram como se tivessem
• dormido pela primeira vez na vida. Nessa noite
• que enxerguei na poça, ele também me pediu
• que o abraçasse, e eu senti o cheiro de flor no
• travesseiro amassado quando acordei. Às vezes
• penso que estou enlouquecendo, enxergando
• coisas em poças, mas quando vejo as imagens
• da realidade invertida, fico pensando se não se-
• riam as poças os olhos do mundo.

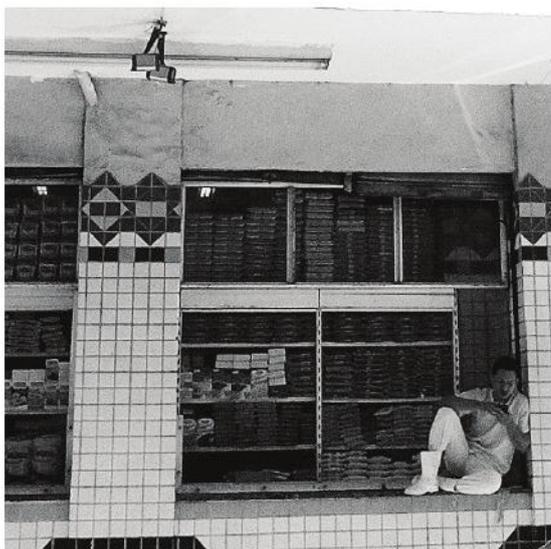
CARTOGRAFIA E DESEJO

Suely Rolnik, em seu livro *Cartografia Sentimental* (2011), através da reflexão dos papéis do cartógrafo e da noivinha, divide o livro em dois: no livro um ela fala da necessidade da presença de um novo perfil de cartógrafo, mais atento as transformações do desejo, para instaurar novos mundos criados através dos corpos vibráteis relacionados por afetos; para no livro dois falar das noivinhas, mulheres criadas por suas famílias, escolas, igrejas, para serem nada mais, e nada menos que, noivas de homens. Ela vai falar que a noivinha que gorava de carência e medo, depois que se exila do país por conta de suas escolhas políticas, se desterritorializa de todas as instituições que a podam, e então vai ao encontro de si mesmo, e agora, ao invés de gorar, resiste, e com a sua resistência transforma o mundo. Ela vai falar de como a desterritorialização de milhares de ex-noivinhas, em diferentes escalas e não só a do exílio (trabalho, família, opção sexual, ideias, performances), vai abalar toda a configuração dos desejos nos horizontes desejantes do país. **Esse deslocamento de lugar, de posição, feito por milhares de mulheres, já montou toda uma nova configuração no horizonte dos desejos e das relações no Brasil.**

14

Acordei com o vento invadindo a minha casa. A única porta sem ser a da entrada, que sempre fica aberta, estava fechada. Talvez eu tenha acordado com o esporro da batida dela. A janela tremeu, a água dos beija-flores molhou o chão da sala, um vaso de planta caiu lá embaixo mas não acertou ninguém e um santo se jogou do altar. Senti a ventania antes de abrir os olhos. Quando abri, senti o vento e a luz. Fechei a janela. Sequei o chão com água doce, pedi desculpas ao porteiro e varri os cacos de porcelana. Saí para o trabalho e levei o guarda-chuva. O vento me descabelou, preni o cabelo e segurei a saia. As bandeirinhas verdes e amarelas da copa do mundo estavam lá ainda, balançando no teto da rua. E eu andei, estranhamente suada e balançada, escutando músicas que vinham eu não sei de onde. Vi um homem correndo atrás de uma nota de 10 que fugia dele pelo meio da rua de paralelepípedos e uma criança empinando um saco plástico como se segurasse por uma linha

ANEXO

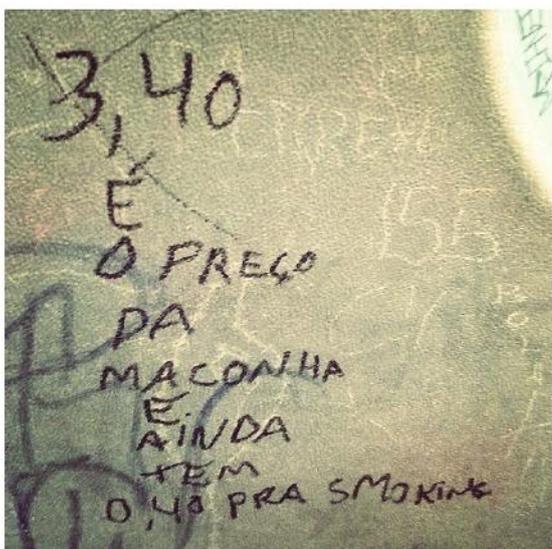
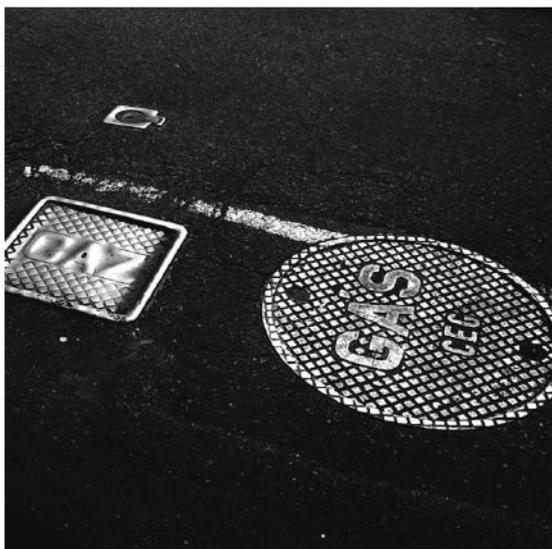


• um avião que nunca vai cair. Pensei nas tantas
• folhas caídas de amendoeiras, nas tantas corti-
• nas para fora das janelas e nas tantas gaivotas
• lentas batendo asas na contramão. Tive vontade
• de voar antes de subir no busão. Escrevi no
• banco da frente com batom: O mesmo vento que
• apaga o fogo, faz a vela soprar e o barco andar.
• Abri a janela, soltei os cabelos e deixei o vento
• me fazer lacrimejar, só pra botar a culpa nele.

• O livro, que é escrito em formato de roteiro cin-
• ematográfico, e com montagem interessantí-
• sima a nível de formato e fluidez de leitura e
• referências variadas, me atrai muito por se
• esforçar pra entender as mudanças operadas
• pelo desejo. Apesar dela se utilizar de uma
• experiência de exílio para entender os corpos
• vibráteis e as transformações do desejo, se
• tratando do corpo e das ideias de uma mulher,
• **podemos relacionar esse distanciamento físico**
• **da viagem, de se estar em outro país, com o dis-**
• **tanciamento vivido aqui mesmo, pelas mulheres**
• **que vivem na cidade, e apesar de não desterrito-**
• **rializadas de seu país, de sua língua, sua cultura,**
• **etc... são desterritorializadas pelo mercado,**
• **pelo urbanismo, e na relação com os homens, de**
• **seus próprios corpos.** Portanto, são reflexões
• válidas para qualquer pessoa interessada em
• refletir sobre a potência do desejo como criador
• de novos outros mundos. Depois do contato com
• os relatos do movimento #primeiroassédio, me
• fez destacar algumas passagens do livro que
• intercalo entre alguns textos a seguir.

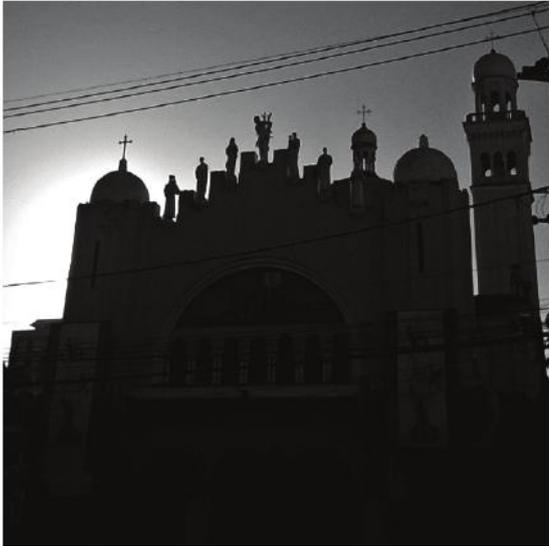
• 15

• Entrei no Facebook e vi um monte de de-
• clarações e fotos para os pais. Quanto mais
• rolava a timeline para baixo mais as memórias
• me invadiam. Lembrei do nervoso que sentia
• quando a barba dele roçava na minha bochecha
• quando me abraçava, e do travesseiro que era
• os pelos do seu peito. Abracei ele pouco depois
• dos 15 anos, quando ele parou de me chamar de
• princesa. Não teve mais presente, não teve mais
• desenho, não teve mais nada. Fui pra praça ver
• o que sobrava do dia dos pais. Os moradores
• de rua nos arredores da Praça Saens Pena em
• destaque na rua vazia, o shopping cheio, uma
• mãe sozinha com o filho no Koni e as filas de
• famílias na porta dos galletos. Entrei numa pa-
• pelaria atrás de mim, pra ver se me encontrava
• em alguma folha em branco de caderno. Com-
• prei uma máquina descartável de 24 poses,



• dessas que joga fora quando acaba o filme. Tirei
• foto dos lugares onde ele ainda vive pra mim.
• Enquadrei a casa de massas na Conde de Bon-
• fim onde era um bar que ele chamava de Gerbô,
• por conta dos doces da confeitaria que eram
• vendidos. Ele sentava nas cadeiras do final do
• balcão, perto da cozinha e do banheiro, onde
• ele conversava com os funcionários. Fotografei
• o Bellini por conta das alegrias nos domingos
• de Flamengo. A mão dele engolia a minha na
• entrada e na saída, para eu não me perder, e
• quando saía gol do Romário ele me abraçava
• com timidez, meio sem jeito, demonstrando
• alegria. E o filme foi todo embora. A empada do
• Salete, o Galeto Marinhos que já não tem mais
• porta de faroeste, os animais-brinquedos da
• pracinha da Saboia Lima, as rodinhas de uma
• bicicleta, a caixa d'água do Tijuca Tênis Clube, a
• lateral da rua em que ele sempre caminhava na
• Barão de Pirassinunga, o bigode branco do Al-
• fredo jornalista, um Fiat Uno branco, o apito do
• guarda, o balanço da Praça Gabriel, a careca do
• Dionísio, o pé sujo Portão, um tênis da Diadora
• e um boné, que ele gostava de molhar e colocar
• na cabeça quando ia à praia. Um Cocker Spainel
• latindo, uma água tônica e uma mineral com
• gás, gelo e limão. O pernil do sanduíche e uma
• piscina vazia. Uma blusa verde que ele gostava
• de usar pra realçar a cor dos olhos. O Barbeiro
• e o Araponga, um bêbado da área que ele gostava
• muito. Um jornal enrolado e a tv com cavalos
• da loja de turfe da General Roca. Na última foto
• tentei fazer um selfie com os cabelos soltos,
• do jeito que ele dizia que eu ficava mais bonita.
• Escrevi com um caco de tijolo Princesa no chão
• da Desembargador Isidro, em frente aonde era
• o Seu Mihail onde fazíamos compra. Joguei a
• câmera no lixo com filme, lágrimas e tudo mais
• de lembranças dele que estavam comigo.

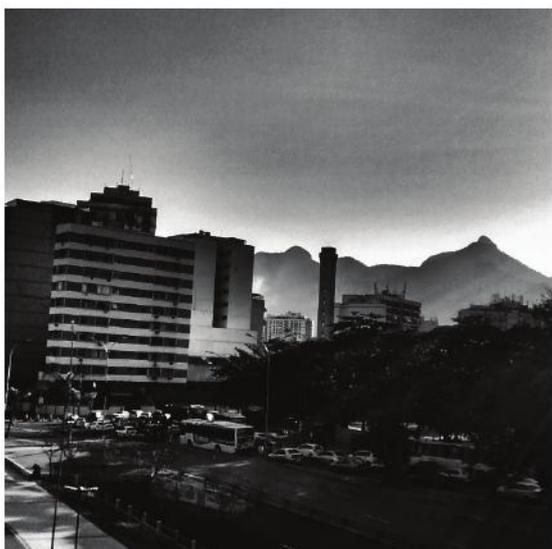
• -Lembro da Yasmin falando de suas pernas que
• ainda não pararam de tremer pelo medo de
• ser: Mulher, mulher negra, andando na rua de
• sua casa, ou em qualquer rua. Se o coro é para
• xingar uma mulher, ele é sempre mais alto. A
• Dilma é a presidenta mais odiada do Brasil,
• porque é a primeira mulher a ocupar esse car-
• go. A chamam de burra, de vadia, de sapatão.
• Corrupção de gênero. A pornografia invade a
• vida - sem ser a própria mãe toda mulher é in-
• flável - caiu na net mais um corpo de mulher
• filmado durante um ato sexual com algum par-
• ceiro nesse minuto, agora!. Quem não acredita
• em estupros, que entre no xvideos para ver al-



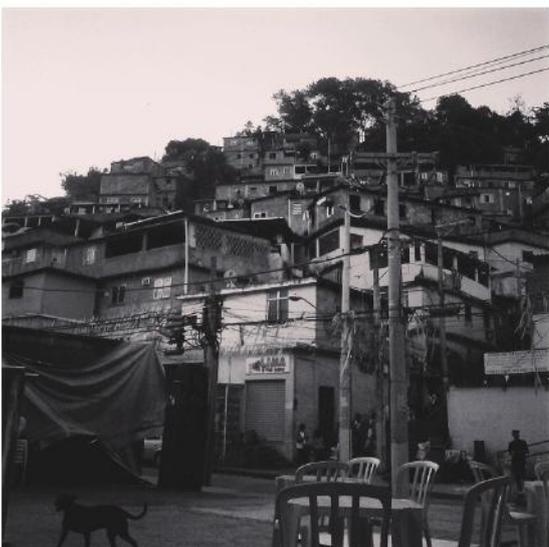
guns filmados ao vivo. O mercado pornográfico incentiva a produção amadora de tais vídeos, e a cada dia, pelo menos, uma nova mulher tem sua vida destruída por um trauma causado por um homem, ou por um grupo de homens. A padronização do amor. Diz o ditado popular: corpo vazio, o meu piru primeiro. Num vestiário de futebol, num bar, num escritório de advocacia, num canteiro de obras, escutei: Só paro de chamar de piranha, quando vira senhora, ou namorada, ou esposa - até que termina, e vira vagabunda de novo. No hospício lembro da amiga que enfiava todos os objetos perfurantes que encontrava na vagina. Não se autoflagelava em nenhuma outra parte do corpo. Só naquela parte que a distinguia de todos aqueles que a violentaram, que a violentavam. Duas meninas da escola passaram abraçadas no meio dos colegas. Se divertiam e se beijavam como se vivessem num mundo em que isso fosse possível, como se estivessem num sonho que não tem nada a ver com esse pesadelo cotidiano. Barbie, casa e casamento x puta, sapatão, bruxa. Lembro agora da mulher que todos os dias vagueia iluminada pelas sirenes de policia da upp do Salgueiro. Entre as luzes vermelhas e azuis, com seu k-belão pra cima, olhar sem fundo - parece vir buscar a criança que saiu pra soltar pipa e nunca mais voltou. Não a chamam de mulher, nem senhora, pois ela não responde como uma nem outra projeção masculina sobre ela. Então a chamam de bruxa. Como bruxa ela consegue o espaço e o respeito para viver como bem entende - conectada com seu lado selvagem, com sua ancestralidade, misticismo. Do ventre que tudo cria, inclusive o mundo, inclusive o homem e apesar dele, parir um outro mundo dentre desse, onde mulher nenhuma precise gritar por solidariedade. Parir um mundo em que as mulheres sejam, apenas o que quiserem ser.

Conseguem fazer as conexões entre os textos ao lado e os textos da personagem? Conseguem sentir como é a mesma cidade, vivida de pontos de vistas diferentes?

Optei pelos textos que se relacionam diretamente com a cidade, e não só com os sentimentos.



• 18
• Saí a noite para fumar um cigarro na rua. Sentei
• num murinho de 1 metro mais ou menos, e
• fiquei com as pernas balançando. Deixei o maço
• em casa, e levei um cigarro só, pra não fumar
• dois. Tinha tido um dia bom, mas não estava
• conseguindo relaxar. Tem dias que suco frio o dia
• inteiro, e nunca descubro o motivo. Nos dias que
• estou assim, fico atenta a tudo que passa diante
• dos meus olhos e atravessa meu corpo. Acendi
• o cigarro e fiquei reparando nos homens do Mo-
• to-Táxi. Homens juntos, são sempre moleques
• juntos. Na mesa do bar, no vestiário depois do
• futebol, nas rodas do trabalho, nas despedidas
• de solteiro. Brincavam um com o outro, sem-
• pre piadas sobre opção sexual, futebol e sexo.
• Eu não conseguia escutar o que eles falavam,
• e em seguida percebi do outro lado da rua, em-
• pilhados numa grade de terreno baldio, umas
• 30 placas de propaganda política, mais alguns
• cavaletes no chão. Formavam um grande mo-
• saico de diferentes cores e tamanhos. Vi alguma
• beleza naquela configuração não planejada. De-
• testo essas placas em todas as partes, como se
• não bastasse a perseguição das telas, ainda era
• obrigada a ver esses números e sorrisos sem
• graça nenhuma espalhados para onde meu olho
• apontasse. Como que se alguém tivesse senti-
• do o meu ódio, uma pedra voou e acertou uma
• das placas, furando um pedaço dela. Cheguei a
• sentir prazer, e em seguida escutei os risos dos
• homens do Moto-táxi, que gozavam da cara de
• um deles. Era o que tinha tacado a pedra. No
• meio de mais algumas provocações, outro deles
• pegou uma pedra e jogou, e depois outro veio e
• fez a mesma coisa, e mais outro, e mais outro.
• Era um jogo que eles tinham criado. O negócio
• era acertar as pedras nas placas. As regras as
• seguintes: só soma pontos se acertar o corpo
• do político. Se acertar o número, o nome, o par-
• tido, o slogan ou o fundo, perde todos os pontos
• que fez. Para quem acerta o corpo 1 ponto, para
• quem acerta a cabeça 2 pontos, e para quem
• acerta os olhos 5 pontos. Quem soma 20 pontos
• primeiro, ganha. E eles jogaram três rodadas
• demoradas do jogo, alternando jogadores en-
• tre saídas e chegadas de clientes. Tive vontade
• de ir lá atirar uma pedra, não pelo jogo, mas
• pela raiva das placas. Fiquei envergonhada de
• querer e não ir, e fui embora, o cigarro já tinha
• acabado e os mosquitos devoravam meu pé de
• Havaianas. Meu celular vibrou, era uma men-
• sagem no whatsapp. Uma foto da lua. Ele que
• tinha mandado. Procurei a lua no céu e não a



• encontrei. É sempre frustrante quando isso acontece, parece que o mundo tá te privando de ver uma das poucas maravilhas públicas que existem. A lua estava grande, mas não totalmente cheia. Faltava pouco. Como pode esse negócio acender lá em cima todos os dias? Eu pensava. Assim como acreditar que essa sim é a grande maestra de todas as nossas vidas. Uma lua cheia sim, faz diferença na vida de quem a enxerga nos olhos. Quando a gente olha com amor nos olhos de alguém, mesmo que seja uma vez na vida, a gente está fadado a ver os olhos dessa pessoa toda vez que olharmos à lua cheia. Então toda vez, dentro da lua, há um novo olho. Quantos olhos apaixonados do mundo inteiro refletidos ali? Lembrei dos olhos dele, não é sempre que ele consegue me encarar, diferente da lua, que nunca abaixa o olho. Voltei pra casa pensando se era a chegada da lua cheia que sempre me fazia suar frio, e me senti animada. No meio do caminho vi mais um mosaico de placas de políticos, peguei uma pedra no chão e joguei. Acertei a cabeça de um deles, 2 pontos. Tirei uma foto com o celular, e com um filtro do instagram intensifiquei as cores verdes, amarelas, vermelhas e azuis do mosaico. Mande para ele a foto com a legenda: vem jogar comigo. Ele respondeu que vinha, e perguntou que jogo era aquele da foto. Eu respondi: me ajudar a encontrar a lua.

• É evidente a força coletiva pra abrir a caixa da memória, e assim se abrir, se expor, se sujeitar ao frio do medo de andar novamente na direção dos homens que a violentaram, olhar nos olhos deles, lembrar, sentir. Seguir.

• "Vão removendo as poeiras tóxicas que encobriam pedaços inteiros de seu passado e reconstruindo o tempo perdido, não o cronológico, histórico, dos fatos, mas o geográfico: tempo das linhas de força que percorrem o invisível de seu corpo vibrátil." (ROLNIK, 2006. p.174)

• 19
• Me sinto tão minúscula diante da morte que ela por poucas e fugazes vezes me fez tremer. Tremi mais vezes por ter medo de viver. Mas as vezes a morte se coloca diante de mim de maneira curiosa, e me faz pensar nela. Esses dias passando na esquina de uma rua, ao lado do poste cercado de lixos soltos no chão, eu vi um rato morto, com a barriga pra cima e os olhos



• abertos. Nunca podia ter observado tão bem
• um deles. Olhando para o corpo morto daquele
• animal tão repugnante aos olhos de todos, senti
• uma tristeza profunda. Logo ele, tão esperto e
• silencioso, que só aparece quando as estrelas
• acendem no céu, e se espreme em buracos que
• uma bola de sinuca não passaria. Sentada no
• meio-fio alto da Presidente Vargas, na madru-
• gada, esperando algum ônibus cadente pas-
• sar, são os ratos que me atraem. Diferente dos
• gatos, eles nunca estão dormindo. Os ratos
• parecem estar sempre com alguma atividade
• urgente. E isso me chama a atenção neles. São
• temidos por todos, mas pouco vistos. A fauna
• urbana noturna me atrai. Os morcegos, os ra-
• tos e as raras corujas. Os porcos nas madru-
• gadas do subúrbio e os pombos da Voluntários
• da Pátria, os poucos acordados na cidade de-
• pois da meia-noite. Aquela imagem, sem en-
• tender porquê, me fez pensar muito sobre a
• nossa fragilidade. Tive vontade de ligar para
• algumas amigas, escutar suas vozes e me acal-
• mar. Tomei uma cerveja, fumei três cigarros e
• consegui dormir. Eu sei, era só um rato morto,
• mas é um coração a menos tocando as alfaias
• do peito do mundo. Ainda com as lembranças
• do rato de barriga pra cima, nos dias seguintes
• eu voltava de Niterói, e o ônibus entrou na ponte
• em direção ao Rio, e era uma dia muito claro de
• sol. A gente nunca sai o mesmo de uma ponte.
• Reparei no Centro da cidade cheio de prédios
• altos e amontoados a esquerda, e a direita a
• zona norte, baixa e horizontal, até as montan-
• has que a cercam. A direita também os navios
• parados esperando autorização para entrar no
• porto. Quanto tempo ficam ali e o que carregam
• esses seres que vivem na superfície do mar?
• Como são seus relógios, cores e cheiros? Será
• que todos sabem nadar, ou são como os pilo-
• tos de avião que não tem asas pra voar? O mar,
• dizem, se chama solidão. O ônibus passou pelo
• quadro de fundo azul brilhante e navios ver-
• melhos, amarelos e cinzas, quando adormeci.
• Acordei de súbito alguns minutos depois e tentei
• reconhecer onde estava, ou se tinha perdido o
• ponto. Mas não, estava debaixo de um daque-
• les viadutos na zona portuária, perto do INTO,
• antigo JB. Vi um carro de polícia e um ônibus
• parados na lateral de uma das pistas. Policiais,
• motorista e trocador de pé na rua, um corpo no
• chão coberto por um plástico preto. O sangue
• escuro fazia uma pequena poça fora do plástico.
• Na frente de uma das placas de "Mantenha-se



• atento. Alto índice de acidentes." uma pessoa
• se acidentou, e morreu. Teria perdido a aten-
• ção lendo a placa enquanto atravessava a rua?
• O que ela faria naquele dia? O que tinha combi-
• nado de fazer a noite? Perguntas sem respos-
• tas, como as últimas mensagens que ela rece-
• beu, antes do celular descarregar pela última
• vez. Lembrei da barriga peluda do rato morto,
• os pequenos olhos abertos, e senti novamente
• aquela tristeza profunda. Meu sono passou, via
• os carros passando na Avenida Brasil, e escuta-
• va ecoar no mundo alguma música triste que
• não conseguia entender a letra, falava de amor.
• O sol do final da tarde perdeu a graça coberto
• por um saco plástico preto.

• Uma caixa de memórias aberta com muitos
• corpos e corações de mulheres.

• "Com isso tudo foram podendo sentir que se,
• por um bom tempo, apagar os rastros, na tenta-
• tiva de esquecer tinha sido sua salvação, agora
• já não era assim; na medida em que seu corpo
• foi querendo e podendo voltar a se expor a to-
• dos os encontros, o esquecimento tornou-se
• uma estratégia infeliz." (ROLNIK, 2006. p.175)

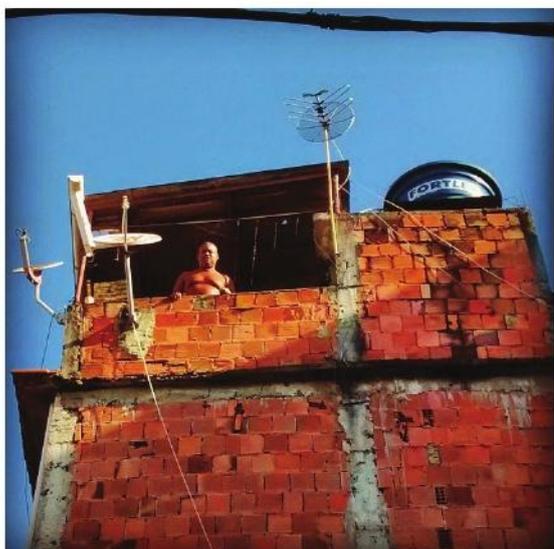
• 20

• Esses dias, parada no trânsito, cheguei a uma
• conclusão: meu coração é igual a agulha entre
• as pistas da Av. Brasil: não importa o momento
• e o tamanho do engarrafamento, só passa um
• carro de cada vez. Cheguei a essa conclusão
• estranha, escutando um senhor falar no celu-
• lar, no mesmo banco que eu, sentado na janela
• do ônibus. Ele pegou o telefone calmamente,
• discou os números e esperou, quando alguém
• atendeu do outro lado da linha ele disse em voz
• alta e calma: Quem é que tá falando? É uma
• moreninha de cabelos brancos, linda igual uma
• sereia? Pelo sorriso já sei que é. Eu sorri tam-
• bém, tive vontade de abraça-lo. E enquanto ele
• perguntava como tinha sido o dia da sereia, eu
• via as luzes paradas e escutava as buzinas das
• motos sem muita atenção, distante. Pensava na
• agulha que existe dentro de mim. Queria per-
• guntar ao senhor sobre os amores da vida dele.
• Parecia viúvo, não sei porquê pensei nisso na
• hora. Ele tinha um ar triste e cansado, mas ain-
• da tinha desejo de amar como a chama de uma
• vela resistindo ao vento que sopra fraco. Deve
• ser triste perder alguém com quem passou
• muitas partes da vida. Penso nos meus avós,



que só começaram a andar de muletas depois de perderem seus parceiros. No dia do enterro de minha vó, meu avô não se sentiu bem, e eu fui encarregada de levá-lo pra casa para evitar qualquer coisa. Enquanto voltávamos pra casa, aquele homem militar e fechadão, disse com os olhos marejados que não tinha mais sentido nenhum pra viver. Parou de pentear o cabelo, usar perfume e pulseiras. Queria que o caixão fosse de casal, mas só cabia ela. Se fosse possível ele teria deitado ali mesmo, abraçado à ela, seriam um só. Minhas coxas grudavam na cadeira, e o calor do dia azul ainda fazia efeito na noite. Na pista dos ambulantes, um deles passou soprando bolhas de sabão entre os carros. As bolotas subiam amarelas, brancas e vermelhas, iluminadas pelas luzes do trânsito. Gosto da sensibilidade de uma bolha de sabão voando. Leve. Perseguia-as com olhos para ver qual delas iria mais longe, fiz isso a vida inteira. Pensei que as bolhas são como as pessoas que passam por nossas vidas, e que uma hora ou outra desaparecem. A vida é feita de sabão e vento.

Lembro da adolescência e vivo o fim da juventude. Mudam as formas mas não a essência. No momento do dia em que se juntam os homens - se fala sobre as piranhas, e não sobre as mulheres. Os romances, os namoros, os casamentos, as pegações, tudo pautado por uma relação de dominação constante. Se a rua não é para mulheres, isso faz parte de um projeto urbano que incentiva a dominação masculina. Não é a toa que homens se sentem a vontade de caminhar com o pau pra fora no carnaval (eu jamais teria percebido se a Alice não tivesse me contado), ou se masturbar diante de mulheres que encontram na rua, no ônibus, na praia (nos sites pornotube da vida, tem vários vídeos; não são casos isolados, é uma prática). Minhas amigas vão mijar nos arredores da praça XV e são abusadas. No carnaval vivemos a apologia do abuso. O abismo entre liberdade e liberação. Todo mundo dizer que quer beijar na boca não quer dizer que todo mundo é obrigado a beijar na boca. Bocas são beijadas, vaginas são tocadas, peitos são apalpados, bundas são apertadas, sem consentimento, como um assalto que não leva a parte de seu corpo, mas levam toda a liberdade dele. A apologia da liberdade sexual é marcada pelo assalto da mesma. Na época da matinê os amigos diziam das escadas onde as mulheres tinham que passar correndo para



• não serem agarradas por eles, e do banho de
• espuma, onde a parte debaixo dos corpos fica
• toda coberta, e que possibilitavam várias saca-
• nagens: **as sacanagens eram estupro.**

• 21

• Essa noite eu li num poste: a utopia serve para
• caminhar. E então eu parei, e comecei pensar
• no que me faz caminhar. Lembrei do dia des-
• de o começo, e tentei recordar das coisas que
• me deram vontade de viver. Pela manhã, na tv
• do Metrô eu li que hoje começava a prima-
• vera. Fiquei feliz que estava de vestido florido,
• e que isso pudesse ter algum tipo de sincronia
• com o momento. Fiquei curiosa, não entendo
• nada de astrologia, e o meu signo não apare-
• ceu no horóscopo da tv do metrô, mas qualquer
• frase teria feito sentido. Entrou pelo vagão um
• homem e uma mulher. Ele alto e magro, tirou o
• cavaquinho da bolsa e deixou-a aberta no chão,
• como cofre. Ela negra, de saia azul, blusa preta
• e faixa vermelha amarrando o grande cabelo.
• Como é lindo tudo que é natural. Ele tocou e ela
• cantou dois sambas, e despertou a atenção da
• maioria pela voz. Na hora de cantar a terceira
• e última música, antes de trocar de vagão, ela
• mudou de ideia, e pediu alguma que ele não es-
• perava. Tirou um triângulo da mochila, e can-
• tou: eu só quero um amor, que acabe o meu
• sofrer, um xodó pra mim, do meu jeito assim,
• que alegre o meu viver. Enquanto ela cantava
• carteiras e sorrisos se abriam. Agradeceram
• aos aplausos, mudaram de vagão, e as pessoas
• de estação: Primavera. Eu pensando na alegria
• de viver mandei um sms: se um dia eu disser
• que te amo, e você com sinceridade, disser que
• não me ama, vou te amar ainda mais. Bom dia.
• Era a primavera brotando em mim, sem medo
• de deixa-la florir. Fiquei procurando pelos si-
• nais da nova estação e da utopia que me move.
• Durante o almoço, num refeitório lotado, sentei
• de frente para um casal. Enquanto ela mostrava
• alguma coisa na tela do celular, ele ao seu lado
• acariciava com um dedo só a sua bochecha,
• como quem vê pela primeira vez algo muito en-
• cantador. Para não ser descoberto, nas horas
• certas, ele fingia interesse pelo celular. De ol-
• hos puxados e cabelos escuros, ele sempre que
• podia beijava-lhe os ombros e o pescoço. Não
• era a primeira vez que se viam, pois carrega-
• vam anéis iguais em seus respectivos dedos da
• mão direita. Queria mostrar pra todo mundo a
• delicadeza contida naquela cena, mas não sa-



• bia como. Tinha sinais de primavera nos olhos
• pequenos daquele chinês. Já a noite, voltando
• pra casa, da janela do ônibus vi um casal deitado
• debaixo de duas amendoeiras. Achei a cena es-
• tranhamente normal. Tive vontade de tirar uma
• foto, mas em alta velocidade não conseguiria.
• Olhavam para cima, tendo como céu as folhas
• e os galhos das amendoeiras. Sobre o que son-
• havam com os olhos abertos? Escolher deitar,
• no mundo cheio de adesivos em automóveis
• que louvam os guerreiros que se orgulham de
• se manter de pé, em si, já é um ato corajoso. Se
• horizontalizar no mundo cada vez mais vertical.
• Se deixar cair diante dos pés de duas amen-
• doeiras, e olha-las com a calma de quem olha o
• movimento das gaivotas no céu azul. O que viam
• lá em cima, entre galhos e folhas coloridas? Fa-
• lavam da chegada da primavera? Queria estar
• ali debaixo da amendoeira também. Igual ao
• chinês do restaurante, olharia para o lado para
• vê-lo falar da imprevisibilidade das amendoei-
• ras, que não respeitam muito bem as estações
• e tudo mais, e lhe faria carinho sobre os pelos
• ásperos da barba que cresce na cara, como se
• amendoeira fosse mais importante do que a
• primavera que chegava dentro de mim. Vou es-
• crever no poste seguinte: amar faz caminhar.

• Vocês talvez se perguntem sobre a escolha da
• autora de chamar a personagem de "noivinha".
• Respondendo as perguntas que ela mesma se
• fez no fim do seu livro, Suely diz o porquê de
• "noivinhas":

• "Do começo ao fim, atravessando os livros Um e
• Dois, encontram-se presentes as "noivinhas",
• vivendo novas aventuras a cada passagem do
• texto. Não é por acaso. É que se trata dos pro-
• cessos de desterritorialização da subjetividade
• (e, indissociavelmente, das práticas e discurs-
• sos) que ganharam, a partir de um certo mo-
• mento (em torno da instalação da mídia e, mais
• ainda, da informatização do planeta), uma ve-
• locidade nunca antes conhecida e que se acel-
• era cada vez mais. E nisso tudo as mulheres são
• das que mais se desterritorializam. Seriam de
• duas ordens as possíveis explicações para esse
• fato. A primeira é que o feminino-em-nós, ho-
• mens e mulheres, é a desterritorialização por
• excelência, e a introdução do modo de produção
• do desejo vigente veio intensificar ainda mais
• essa deriva, intensificar a sensação de ter-
• remoto que daí advém e que frequentemente
• abala os territórios da alma. A segunda é que



• as mulheres, estas concretas, passaram não
• só, como os homens, para a condição de tra-
• balhadoras livres, mas, ainda por cima, para a
• condição de trabalhadoras fora de casa, na vida
• pública, situação que desconheciam. Não há
• mulher no planeta, hoje, que não saiba da
• euforia mas também da dor dessa mutação..."
• (ROLNIK, 2006. p.232)

• 22

• Perdi o ônibus das 23h que ia pelo Rebouças.
• Estava naqueles dias meio avoada, com a ca-
• beça longe o tempo inteiro. Cada vento soprava
• um tema diferente: família, amigos, filmes do
• festival, amores e pombos. Nunca tive coragem
• de perguntar a ninguém, mas será que alguém
• consegue controlar o que entra e sai da cabeça,
• a hora que quiser? Perdida dentro de mim, re-
• solvi ir andando pela beira da Lagoa em direção
• ao Metrô de Ipanema, pra não ficar mofando no
• ponto. Não pelo tempo de espera, mas pra não
• ficar parada mesmo. Apesar da distância, as
• luzes refletidas no imenso espelho de água e
• as garças que contrastam até na luz do dia, me
• chamam a atenção. Na altura do clube do
• Flamengo, uma pequena ponte teve uma das
• grades de seus parapeitos decoradas com
• cadeados de diferentes tipos. Foram deixados
• lá por casais, e simbolizam a união de duas
• pessoas. Sempre tive horror a essas formas de
• simbolizar a relação entre duas pessoas: anéis,
• tatuagens e... cadeados. Símbolos de união de-
• veriam ser porosos como nossa pele, e feitos de
• tintas que saem na água. Nós desmanchamos
• no tempo como as dunas de areia. Os cadeados
• são duros e difíceis de abrir. Penso que um dia
• aquela ponte pode cair, de tanto peso deposi-
• tado nela. Toneladas de sonhos de amor eter-
• no. Eterno é aquilo que não podemos ser. E isso
• não quer dizer que não acredito em amores que
• duram. Quer dizer que não acredito na eterni-
• dade de um anel, de um desenho marcado na
• pele e de um cadeado - e sim num sentimento
• que permanece vivo mesmo depois que a gente
• some. Esse sentimento, que é muito leve e sen-
• sível, pode sumir com qualquer brisa. As alian-
• ças de verdade são feitas de vento e alento.
• Desmanchadas e tecidas todos os dias. Como
• aquele casaco de lã, que a vó fez pro vô a vida
• inteira, mesmo sabendo que ele jamais ficaria
• pronto, pois o sentimento dela não cabia em
• linha, como o meu nunca vai caber num anel.



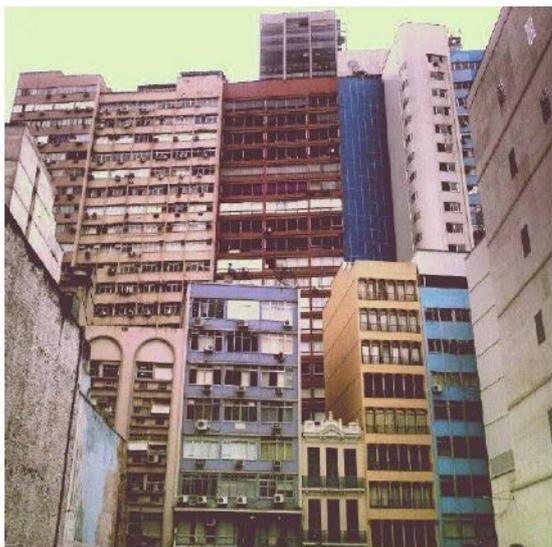
Sobre as "noivinhas, a autora segue com a escolha da personagem, e das possibilidades de mudança que ela encaminha.

"...'Noivinhas', por fim, porque, com essas mutações, as relações amorosas entre homens e mulheres, especialmente, sofreram e ainda sofrem grandes abalos. Todas as cartografias estão ultrapassadas: a noivinha aqui é a figura emblemática deste processo. Novos territórios vão se criando, múltiplos e desconhecidos; aos poucos esta criação surge não mais da oposição entre homens e mulheres, mas de tentativas de uma nova cumplicidade, em construção contínua.

Estas são, basicamente, as razões de presença marcante das noivinhas: é uma questão de prioridades e urgências da problemática da subjetividade sentidas no corpo vibrátil da noivinha-que-gora-em-mim - noivinha-que-gora-em-nós, homens e mulheres." (ROLNIK, 2006. p.233)

23

De acordo com a lua sou barraca, ou casa, ou cabana, ou iglu, ou catedral... Às vezes me sinto como um prédio abandonado. Matéria sem sentido. Planta de projeto perdida ou molhada. Apenas um corpo de pé, sem vida nenhuma dentro. Comecei a sentir o vento gelado que corre por dentro desses prédios vazios, inacabados. Esculturas imponentes que saltam diante dos nossos olhos enquanto olhamos as montanhas da janela do ônibus. Logo nova comecei a me identificar com esses corpos abandonados na cidade. Para ir à praia, passava pelo prédio da Encol na Tijuca, que ficou muitos anos ali, vestido de cinza e sombra na frente do morro da Formiga. Durante muito tempo, o maior carinho que recebi foram as pichações feitas ao longo de seus andares e varandas. Cinza, preto fosco e sombras. O prédio da Encol era como um defunto, que as pessoas não sabiam onde desovar pelo tamanho que tinha. Quando não quero ser percebida, me visto de concreto: não quero dizer nada, estou em construção. Vestida de concreto, não quero ser habitada. Quando ando na rua eu olho para os prédios. Já tinha horror das grades, mas essas desse material novo são ainda piores. As grades de ferro ainda eram pesadas, e tinham ornamentos. Essas que todos os prédios tem, de cor bronze ou branca na maioria



• dos casos, e vidros entre as grades, que deixam
• ver os jardins que só os porteiros cuidam, são
• de me fazer chorar na calçada. Muitos prédios
• altos tem bonitos pilotis na base, para que pes-
• soas possam passar por ali, mas ninguém pas-
• sa. Porque não tem gente e porque tem grade.
• Pilotis com grade. Acho que é esse o meu de-
• senho nos dias que sou prédio abandonado:
• baixo, mas que ninguém alcança os olhos tam-
• pados pelas copas das árvores; de concreto e
• sombras, que revelam o vazio; e com um grande
• pilotis que quer pessoas, mas tem grades sem
• ornamento na entrada. E eu prefiro ser esse es-
• cultura de concreto solitária do que ser esses
• prédios novos, de cores claras e padronizados.
• De material vagabundo, e sem mensagem nen-
• huma que não seja de ordenamentos do espaço
• privado e esquecimento do espaço público. Pre-
• firo ter a minha pele de concreto tatuada com
• mil mensagens em preto fosco. Prefiro o vento
• da solidão do que a ilusão do condomínio, a fal-
• sa vizinhança. Quando era pequena eu gostava
• de invadir umas casas vazias. Pensava na vida
• dentro daquelas dependências. Um quadro es-
• quecido no quarto, a escolha do azulejo do ban-
• heiro, e o fogão de frente para a janela que dá
• para um muro com uma franja de flores. Comi-
• das gostosas devem sair de quem olha as flo-
• res enquanto cozinha. Prefiro as coisas velhas,
• não por nostalgia, mas por identificação. Estão
• desgastadas pelo tempo, e contam histórias. O
• Rio de Janeiro parece ter medo de revelar sua
• idade, suas rugas, e contar suas histórias. En-
• tão faz plásticas urbanas, para não revelar a
• idade. As coisas hoje se levantam muito rápido.
• Do dia para a noite um monstro de 15 andares é
• levantado, e passa a rebater o sol de uma forma
• que acaba com as sombras em que o homem do
• jogo do bicho ficava há 20 anos na esquina. Con-
• struções feitas para serem demolidas. Só sabe-
• mos construir sobre escombros, como quando
• amamos. As pessoas não querem ver mais as
• ruínas, porque lembram dos tempos que foram
• felizes. Então demolem a ruína e constroem al-
• guma coisa nova, para esquecer o que passou, e
• demolir em seguida quando necessário. Eu não
• quero me demolir. Me olhando de longe, como
• um prédio vazio, na minha frente, uma placa me
• sinaliza: mulher trabalhando para se construir.
• Não é uma placa, é uma tatuagem em preto fos-
• co no meu corpo.

• Mantive a citação longa e intercalando os tex-
• tos desta forma porque acho assim necessária



♦ a nível de forma e fragmentação de ideias. A
♦ provocação que fica é: nós temos que respeitar,
♦ com escuta e conversa sincera, a mulher-
♦ agora-dentro-e-fora-da-gente, homens e mul-
♦ heres. E apesar que, para a construção de um
♦ novo mundo seja urgente uma nova cumplici-
♦ dade entre homens e mulheres, antes que isso
♦ aconteça, é necessário viver o presente, o in-
♦ stante agora, e acabar da forma que for pos-
♦ sível com a violência contra mulher, nas miu-
♦ dezias do cotidiano e nas macropropagandas.
♦ Assim como, nos desfazemos dos urbanistas
♦ que desenham as cidades para os homens e as
♦ casas para as mulheres, como afirma Antônio
♦ Risério. E por último, respeitando as mulheres
♦ como são, em suas infinitas possibilidades, que
♦ vai da mãe - criadora do mundo - até qualquer
♦ outra, - criadora de mundos - contanto que se-
♦ jam elas mesmas a tomarem essa decisão so-
♦ bre o que querem de suas vidas.

♦
♦
♦ 24

♦ Gosto da praia em dias nublados, quase chu-
♦ vosos. A maresia se junta e vira névoa, e vinga-
♦ tiva esconde os arranha céus da beiramar, as
♦ ilhas e as pedras postais das câmeras turísti-
♦ cas. Os ambulantes caminham tristes, mal gri-
♦ tam seus criativos slogans e jingles. Os pombos
♦ caminham pra lá e pra cá procurando restos de
♦ biscoito Globo. Os turistas tiram selfies: uma
♦ pessoa e um sorriso em 1° plano, e em 2° mar
♦ e cinza. Sem sol, o Rio não sai na foto. Luz bran-
♦ ca que invade, e queima as imagens do imagi-
♦ nário da cidade maravilhosa. Por isso eu gosto
♦ da praia nesses dias nublados: porque ela não
♦ serve para fotos, nem altinhas, nem agua de
♦ coco, nem caipirinha e nem encontros - ela só
♦ serve para a solidão. No mar tenho o espelho
♦ com quem converso. Vejo meus cabelos voan-
♦ do, e sinto o vento salgando meu rosto. A textu-
♦ ra da areia que gruda na minha batata da perna
♦ que fica para fora da canga. Pego o celular e
♦ tiro uma foto das gaivotas voltando para a casa
♦ no fim de tarde. É impossível fotografar uma
♦ gaivota, por isso fotografei o formato que ela fa-
♦ ziam pontilhadas no céu: um coração. Te man-
♦ dei a foto por whatsapp para você ligar os pon-
♦ tos. Você não entenderia. Eu gosto das gaivotas,
♦ sempre que vejo uma voando, penso que aquele
♦ sim, é o verdadeiro formato do meu corpo. Quis
♦ tirar foto da névoa engolindo os prédios da orla,
♦ com a força e a beleza de um algodão doce. Mas



• a única foto bonita que vinha a minha cabeça é
• aquela sua: sem camisa e sem jeito, ao lado da
• janela que enquadra a chuva, enquanto mexe no
• armário, fazendo um dia nublado bonito. Uma
• brisa trouxe do calçadão um cheiro de tapioca
• que invadiu minha vida: você no fogão fazendo
• tapioca pra mim de café da manhã. Um dia eu
• tirei uma foto pra guardar o seu jeito de parar
• diante do fogão, segurando a frigideira com a
• mão e a cintura com a outra. Nessas horas eu
• gostava de te abraçar por trás, e ficar na ponta
• dos pés pra beijar sua nuca. Gosto de tapioca
• com manteiga. Quando menos esperava, en-
• contrei um fóssil seu dentro de mim. Uma ruína
• encantada de frente para o mar que sou eu.
• Tentei te afogar nas minhas águas salgadas e te
• enterrar na minha areia. Mas voce não sumiu.
• Esta lá de pé, com plantas floridas nascidas nas
• rugas do concreto. Eu não te demoli.

• Depois de ler os primeiros relatos das minhas
• amigas, minha timeline virou um livro chama o
• #primeiroassedio #meuprimeiroassedio
• onde **várias amigas e mulheres conhecidas e**
• **desconhecidas deram luz as memórias escon-**
• **didas pelo medo, que quando colocadas pra fora**
• **vêm em forma de grito.** Situações únicas mas
• sempre dentro de um universo de exploração
• e abuso muito semelhantes - não existe hora e
• nem lugar para o assédio. Em fases difer-
• entes, mas ao mesmo tempo em todas as fases
• da vida. Uma mulher nunca anda sozinha na
• rua, ela está sempre acompanhada pelo medo
• do assédio - e esse é onipresente. Para andar
• com a cabeça em pé, e olhar nos olhos de quem
• as exploraram, e nos olhos delas mesmas,
• abriram coletivamente uma caixa de memórias
• de suas vidas. É muito forte ler os comentários e
• ver a sensação compartilhada de se olhar, de se
• reconhecer na experiência da outra, porque
• essa é sua experiência também. Estão assim
• assustando muitos homens, que depois dessas
• leituras, inevitavelmente terão que repensar
• suas posturas em relação a elas; e ao mesmo
• tempo, e mais importante, incentivando outras
• mulheres a se reconectarem com seus pas-
• sados, com seus demônios, para se tornarem
• muito mais fortes. É possível sentir na fala das
• mulheres a força de quem faz porque precisa
• fazer - não pelos likes, mas pela necessidade
• de compartilhamento. Todos esses relatos jun-
• tos, para muitos de nós homens, é o registro de



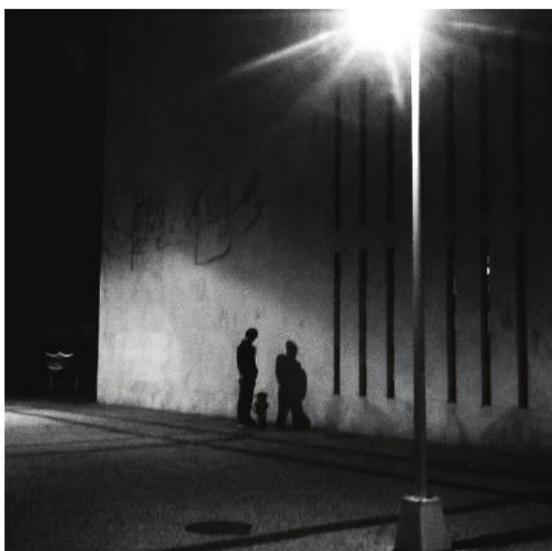
♦ um mundo que fingem não existir - mundo das
♦ mulheres.

♦ 30

♦ Ontem eu dormi no ônibus, estava sonhando, e
♦ passei do meu ponto. Sonhava sonhos felizes,
♦ e não tive problema em pensar que teria que
♦ andar uma distância ainda maior. Aproveitei e
♦ fui por uma das ruas da minha vida. A gente é
♦ feito de ruas. Como já era quase madrugada,
♦ pude andar pelo meio dela. Tirei a sandália e
♦ fui pisando descalça naquele chão que eu con-
♦ hecia tão bem. Nesses lugares em que vivemos
♦ outras vidas dentro dessa, toda visão do real é
♦ acompanhada de uma visão da memória. Eu via
♦ meu pé descalço sobre o asfalto, e ao mesmo
♦ tempo via as rodas pequenas da minha Caloi
♦ rosa passando por cima das milhares de lom-
♦ badas que são os remendos de asfalto - conhe-
♦ cia cada um deles, e sabia os desvios certos a
♦ serem feitos para conseguir pequenas rampas
♦ que me faziam sentir em alta velocidade. O co-
♦ mércio já estava todo fechado quando passei,
♦ mas conseguia até sentir o gosto das bombas
♦ de creme da loja de doces, e via a toalha verde
♦ e vermelha xadrez das 6 mesas da pequena
♦ casa de massas, assim como a parede de az-
♦ ulejos azuis e brancos do boteco onde comprá-
♦ vamos coca-cola e picolé. O prédio do Bruno, o
♦ da Rita, o da Paula e o da Marcela. A rua se
♦ chamava a rua do Gustavo. Não tinha essa de
♦ coronel, almirante, padre, conde, professor -
♦ cada rua tinha um nome próprio, que não era o
♦ que estava na placa, e sim o de algum amigo
♦ que morava nela. A rua do João Marcelo, da
♦ Bianca, do Ricardo, da Tati. Esse era o nosso
♦ mapa. O interfone era analógico, da rua para a
♦ janela. Íamos de rua em rua procurando saber
♦ quem estava em casa e podia na hora descer,
♦ para procurar grilos nos jardins e colocar em
♦ garrafas, fazer pistas de corrida de chapinha,
♦ andar de bicicleta, subir em árvores ou só ol-
♦ har a adolescência chegar. Os primeiros flertes,
♦ os primeiros beijos, os primeiros arrepios, as
♦ primeiras borboletas entrando pelas nossas
♦ bocas e voando dentro da gente. Passando pela
♦ rua do Gustavo, lembrei que durante muitos
♦ anos daquela minha vida, meu único sonho era
♦ fazer com que aquela rua virasse sem saída, ou
♦ simplesmente fosse fechada dos dois lados, por
♦ um motivo claro e necessário: que jamais pas-
♦ sasse um carro nela. Aquele era o meu ideal
♦ de felicidade: andar de bike sem precisar me



• preocupar com o acidente escondido atrás da
• curva, não parar o jogo de queimado e correr
• livremente durante o pique esconde. Mas esse
• sonho só se realizava em domingos pacatos e
• dias do bloco de carnaval, onde nós, da rua,
• corríamos como cachorros felizes na frente do
• bloco, sabendo que não vinha carro nenhum
• sem ser o alegórico lá atrás. Os postes de luzes
• amarelas continuavam lá, a plantinha no meio
• do meio fio na curva também, mas muita coisa
• sumiu. O gol de futebol que os meninos viam no
• portão da garagem de um prédio continuava lá,
• fiquei feliz, e até lembrei do barulho que a bola
• fazia quando era gol - os vizinhos não gostavam
• nada, mas o porteiro era nosso amigo, pedia
• só para não acertar a gaiola de seu passarinho
• cantador. Perguntei um dia se ele não queria
• que ele voasse, e ele respondeu que ele cantava
• melhor do que voava. Realmente o passarinho
• dele quando cantava, iluminava toda rua e ain-
• da era madrugada, mas eu tinha vontade de vê-
• lo voando, pequeno como uma gota. Das coisas
• que sumiram: onde era a varanda do rio, agora
• tem um muro de 3 metros com cerca de ar-
• ame farpado no alto e um grafite sem graça; a
• parede onde tinha escrito com tijolo o nome de
• todos os frequentadores do clube da rua foi pin-
• tada; o canelinho e o caninha, guardadores de
• carro não estavam lá, cada um cuidando da sua
• metade da rua - sempre brigavam pelos carros
• da curva; todas as árvores; e a entrada antiga
• do prédio, com bancadas de mármore que gela-
• vam nossas coxas na hora das sombras, onde
• ficávamos sentados por horas conversando, foi
• cercada por uma grade branca de metal, com
• pontas de lança medievais no alto dela - lá
• tinha um pequeno lago desses de prédio, com
• umas carpas e outros peixes, onde jogávamos
• moedas e fazíamos desejos, as vezes nos ar-
• rependíamos dos desejos e íamos lá pegar de
• volta as moedas, mas na verdade, na maioria
• dos arrependimentos, era só desejo de um Fru-
• tilly. Uma vez, chegamos na rua e vimos um
• movimento na porta do 207, o menor prédio da
• rua. Ambulância, polícia e sirenes. Uma mul-
• her tinha caído da janela e morrido. Eu lembro
• dela, andava devagar, parecia cansada, e carre-
• gava um semblante triste, com olhos de quem
• enxerga algo que não está diante deles. Nesse
• dia fui ao lago, e fiz meu único desejo sincero:
• ser feliz. Quando a gente cresce, descobre que
• a tristeza é um estado, e que a vida inteira tem
• do lado uma janela que a gente pode cair, sem
• querer ou querendo, e que se conseguimos



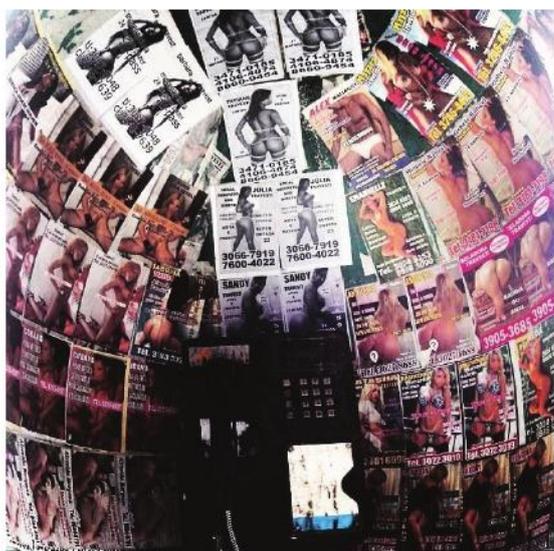
♦ contemplar sem medo essa janela, a felicidade
♦ vem em brisas, e sabendo esperar essas brisas,
♦ a gente até consegue perder o medo de altura,
♦ apoiar os cotovelos, botar a cabeça pra fora e
♦ até sentar nela. Esses dias, também por acaso,
♦ mostrando o bairro pra ele, passamos por essa
♦ rua. Falei um monte das memórias que pas-
♦ saram paralelamente na minha visão enquanto
♦ caminhávamos. Mostrei por entre as grades
♦ aonde era o lago. Esse dia eu teria feito um
♦ pedido de novo, talvez o mesmo, só pra reiterar.
♦ Disse que me sentia bem em mostrar aquelas
♦ ruas pra ele, pois elas diziam muito sobre mim.
♦ São partes do meu corpo. Essa rua, de um lado
♦ tem prédios baixos e do outro basicamente ca-
♦ sas. A maioria delas mudou de cor. Entendi que
♦ eu também, sendo uma casa, mudei de cor. Não
♦ sou mais quem fui em cima daquela bicicleta, e
♦ nem grito pela janela, e sequer tenho no fa-
♦ cebook as pessoas que chamei durante aquela
♦ vida. Mas sim, fui muito feliz ali. No final da rua,
♦ quase na esquina com a rua do Dudu, tinha uma
♦ cerca improvisada, sinalizando cimento fresco
♦ na calçada. Não pensei duas vezes e peguei um
♦ caco de pedra no chão, para poder escrever
♦ algo. Pensei em colocar o meu nome, e os dos
♦ amigos do clube da rua, como na antiga parede,
♦ mas aquela rua não era mais nossa. Bateu uma
♦ brisa na janela e eu senti, então logo quis es-
♦ crever o nome dele, mas o cimento já tinha sec-
♦ ado. Começaria a passar todos os dias naquela
♦ rua, só pra lembrar daquele céu. Já era meia-
♦ noite, mas eu sei que ele dorme mais tarde -
♦ mandei uma mensagem: quis escrever no chão
♦ de cimento fresco, mas já tinha secado. Ia colo-
♦ car o teu nome e desenhar algumas gaivotas,
♦ lembrando aquele dia em que ficamos olhando
♦ pro céu. Fiz força com o palito no chão, e assim
♦ mesmo não consegui. Queria guardar aquele
♦ dia no tempo. Parecia que só existia no mundo,
♦ o mar, as gaivotas, o céu e nós dois. Pra passar
♦ ali todos os dias, e olhar pro seu nome no chão,
♦ lembrar do céu e das gaivotas. Lembrar de
♦ você. Eu queria que aquela canga fosse ainda
♦ menor, pra gente ter que ficar ainda mais junto.
♦ Naquele dia, todas as vezes que nossos olhos
♦ se cruzaram, a gente se mudou de mundo. É
♦ por isso que eu queria ver teu nome todos os
♦ dias escrito na minha calçada, pra lembrar dos
♦ teus olhos.

♦ Diante dos relatos da vida das mulheres, os re-
♦ latos da personagem na minha cabeça perdem
♦ muito da força e do sentido por terem sido es-



♦ bastasse o vazamento de varios videos ilegais
♦ e dificuldade de punição para quem comete
♦ esses crimes, Fico pensando na configuração
♦ desse imaginário sexual pautado por imagens
♦ de um sexo machista e violento, de mulheres
♦ magras e peitos gigantes, como as que dan-
♦ çam nos programas de auditório e aparecem
♦ nas capas da playboy, sendo constantemente
♦ agredidas física e verbalmente. De posições
♦ mirabolantes pensadas para servir ao prazer
♦ de uma camera. Referências de um sexo vazio,
♦ de afetos infláveis. São milhares de adoles-
♦ centes descobrindo seus corpos pautados por
♦ essas referências. Nos resta torcer para que os
♦ corpos vibrem, e descubram dentro de si o imã
♦ que existe em nós, para vencer o poder das
♦ imagens. Que descubram o sexo pelo poten-
♦ cial de troca ancestral que ele possibilita. Que
♦ ampliem a ideia de gozo, e de prazer. Que não
♦ tenham vergonha de amar na cama, e que sai-
♦ bam que se pode chorar durante um orgasmo.
♦ Que jamais esqueçam do outro, que o prazer do
♦ outro é o nosso prazer. Que superem esse mun-
♦ do hipócrita que se revolta com a aparição dos
♦ casais gays nas novelas - contra a moral e os
♦ bons costumes - mas se excita com duas mul-
♦ heres se beijando; e aplaudem no meio da rua
♦ dois homens que se matam na televisão, e se
♦ calam diante da morte de mais um jovem gay no
♦ jornal. Que consigam se guiar pelo que vem de
♦ dentro, e não de fora. Que tenham forças criati-
♦ vas e pra lutar por um mundo de relações mais
♦ verdadeiras, menos infláveis.

♦ Escrevi sobre isso muito inspirado e emociona-
♦ do com todos os relatos. Fui criado por muitas
♦ mulheres e poucos homens, e sempre as ad-
♦ mirei por suas histórias de vida e de autonomia.
♦ Sempre senti uma força muito diferente entre
♦ homens e mulheres, tendendo a achar mais
♦ iluminadas as mulheres. Os segredos da vida
♦ quem sabe, eu sempre achei, são as mulheres.
♦ Escutar os segredos de vocês tem sido pra mim
♦ uma experiência incrível de me colocar no lugar
♦ não só de escuta, mas de atenção, de respeito
♦ e de admiração pela coragem de vocês. Tenho
♦ certeza que esse compartilhamento de medos
♦ e novos desejos vai parir um outro mundo de
♦ possibilidades para os corpos. As bruxas sem-
♦ pre foram soltas.



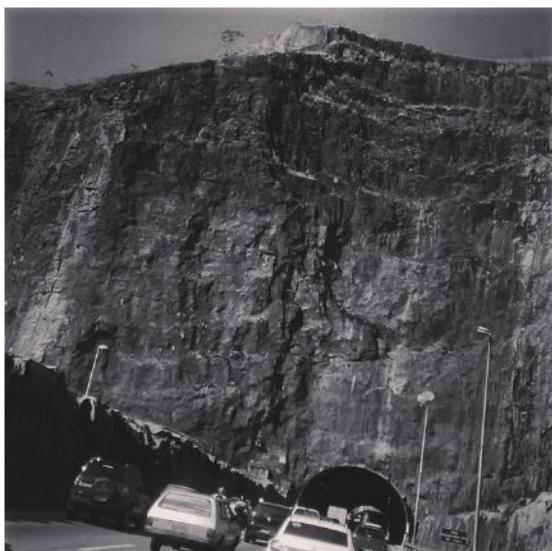
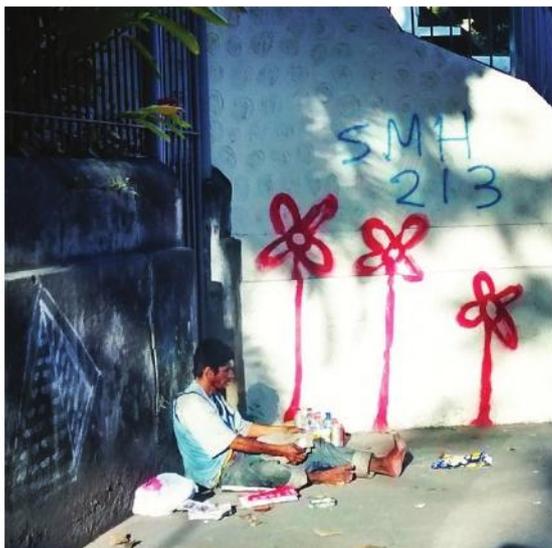
• 36

• Tenho reparado em placas ultimamente. Na estrada da serra uma placa avisa: área de refúgio. - e sinaliza com uma seta apontando para o precipício. Na estação de Triagem as placas surgem em sequência: Saída Exit, Saída exit, Saída exit - eu penso: sim, saídas existem.

• Noite passada a gente discutiu. Dessas discussões à toa. Chegamos em casa pra conversar, deitamos na horizontal na cama, e apagamos ali mesmo, daquele jeito. Eu com o rosto no travesseiro de pelos dele. Acordei sonhando no meio da noite com ele se desculpando através dos carinhos - nos desculpamos. No meio do amor, eu por cima, reparei como ele fica bonito na luz da manhã - o rosto descansado e os olhos brilhando. Da janela a gente via um véu de nuvem sobre a montanha. Eu gosto dessa hora da manhã, não consigo ver a rua, mas imagino o dia nascendo: o calor da primeira fornada saindo na padaria, os velhos na academia da praça, os galos, a família de porcos voltando para o morro, os entregadores de jornal e os jornalheiros, as pessoas nos transportes coletivos com os cabelos úmidos do banho pra acordar, a cara de sono e o agasalho pra se proteger dos restos de noite que ainda não se derreteram.

• Escrevi: fiquei com vontade de tirar uma foto sua sob aquela luz, eu gosto de te olhar dessa posição, de cima - você de olhos fechados e boca semiaberta de prazer. A câmera estava longe. Melhor assim, prefiro olhar esse retrato seu no álbum da imaginação do que no papel.

• Depois fiquei pensando sobre a discussão: é como a correnteza de um rio que te leva sem você sentir, e quando você vê não dá pra voltar nadando, abraçado pela água, e tem que sair pela margem, agarrado nas raízes e nos galhos do barranco, que as vezes desmorona e te joga na água de novo. Antes da gente pegar no sono, você desenhou num post it, pra me ensinar sobre pilares, lajes e vigas, e colou na parede pra eu olhar. Deixei o papel amarelo lá, pensei como seria o prédio do nosso amor. seria brega: um pilotis espaçoso, um cobogó bonito, quem sabe com varanda e com certeza terraço, de preferência sem teto pra gente contar estrela - mas na verdade eu prefiro casa do que prédio: um quintal, uma imagem de santo sobre uns azulejos antigos e uma varanda na entrada, pra botar duas cadeiras. O que você acha? - Escrevi isso pra ele ler durante a viagem a trabalho, mandei por e-mail, mas queria mesmo era ter mandado por carta - pra antes esfregar no meu corpo



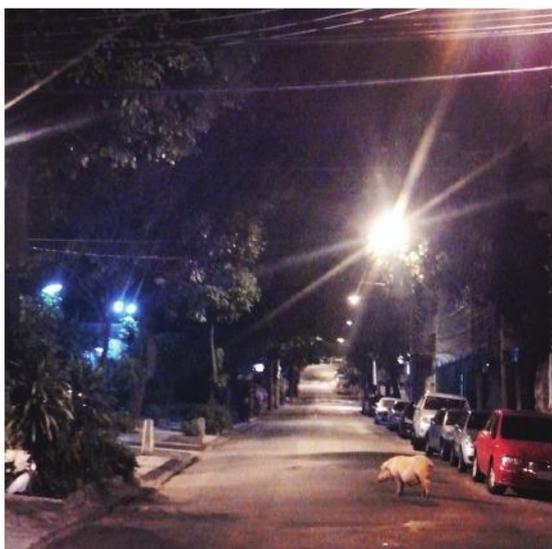
o papel - ele sentiria o cheiro. Quando acordamos já nem lembrávamos mais porque tínhamos discutido. A vida tem disso, a gente faz sem querer às vezes. Um dia desses estávamos no metrô: eu saí pra fazer a baldeação pra linha 2 e ele seguiu na linha 1. Quando saltei na Central, olhei para a janela do vagão, esperando o olhar de volta - quem sabe um sorriso, uma careta, um silêncio - mas ele já estava cabisbaixo, com o rosto iluminado pela luz do celular. Abaixei a cabeça: barulho de trem saindo da estação. Tive vontade de implodir a construção. Antes do metrô verde chegar, meu celular tocou com uma mensagem dele dizendo que me acha bonita até de costas - vibrei. No e-mail ainda escrevi algo que li esses dias - Quando se faz amor assim, de paixão total, fica-se longe das palavras. O encantamento é uma casa que tem o silêncio por teto. - É nessa casa encantada que vivo com ele, o nosso silêncio. E terminei escrevendo - sem cntrl c + cntrl v - como o autor que escreveu uma peça ruim só pra poder dizer isso à pessoa que amava: eu te amo, eu te amo. Bom dia.

Nesse processo de escrita, ganhei como presente de aniversário de uma das mulheres que amo, o livro Mulheres que correm com os lobos (1992), de Clarrisa Pinkola Estés. Na dedicatória ela dizia que o livro era pra mim, por conta do interesse e do encantamento que eu via no universo feminino. Era fevereiro, pré carnaval, e como estava na reta final do mestrado, e ainda não tinha escrito nada, apesar do interesse, preferi não abrir o livro para tentar focar e encontrar os caminhos possíveis de realização de escrita da pesquisa. O acaso como sempre, piloto do busão que me guia pela vida, colocou diante de mim um outro amor, que também me disse para ler o livro de Estés, principalmente por conta dos textos que tratavam da personagem feminina. Quando o acaso dá duas vezes a mesma pista, eu sempre aposto nela. É assim que faço nos jogos de cartas. Abri o livro - me abri pro livro.



• 37

• A dor nos joelhos quando as feridas roçam a
• calça jeans, me faz lembrar dele ao longo da se-
• mana. De jeito nenhum fui agredida, tampouco
• caí. Ralei meus joelhos em galope contínuo em
• direção ao prazer, como um cavalo que faz sair
• faísca da ferradura, quando sai correndo em di-
• reção a liberdade depois de fugir da cela. Um
• cavalo nu, cabelos ao vento. Sentei no meio
• fio, no meio da rua. Fechei os olhos e lembrei
• do escritor africano: somos felizes durante os
• breves instantes em que fechamos os olhos.
• Abri os olhos. Olhando pras rugas da rua, - os
• buracos negros das camadas de asfalto sobre
• asfalto, que as vezes de tão profundos, revelam
• um passado sumido: de paralelepípedos, de
• trilhos de bondes ou de um boeiro desativado -
• pelo chão, descobri que estava diante da casa
• abandonada onde era a escola que estudei toda
• a minha vida. Uma escola pequena e velha, di-
• rigida por velhos que andavam com as réguas
• nas mãos e os olhos nas cores do sapato: tênis
• branco só em dia de educação física. Lembrei
• do morcego morto enquadrado na sala da dire-
• tora; da temperatura do chão do pátio onde eu
• sentava pra brincar de adoleta; do barulho de
• máquina industrial que o totó fazia enquanto os
• meninos jogavam no recreio; da coxinha (ou en-
• roladinho de salsicha ou risole), do babaloo (ou
• juquinha ou 7belo ou pirulito com pózinho que
• explode ou frutella), do guarana chuí, do fofura
• (ou mirabel) que comprava na tia da cantina;
• dos inspetores; das figurinhas, dos tazos, dos
• geloucos, das bonecas, dos meninos jogando
• botão ou taco, da mãozinha que gruda na pare-
• de, das baratas de plástico falsas, das ampo-
• las com cheiro de esgoto, das bombinhas; das
• anotações na caderneta (mais vermelho do que
• azul); da minha cara de criança nas fotos $\frac{3}{4}$; da
• Patrícia, da Ana Paula, da Flavia, da Raquel, da
• Mariana, da Marcela; do Guilherme, do Michel,
• do Felipe, do Gustavinho, do Arthur; do caderno
• de perguntas; do Davi; da minha infância; da
• minha adolescência. Meus amanheceres foram
• todos naquela rua: minha primeira menst-
• ração, meu primeiro arrepiado, meu primeiro bei-
• jo, meu primeiro sexo. Todas as minhas primei-
• ras despedidas também. Lembrei exatamente
• do cheiro de álcool depois de rodar a prova no
• mimeógrafo, e senti-la ainda quentinha nas
• minhas mãos. Uma vida da minha vida, pas-
• sou inteira diante dos meus olhos, olhando
• aquela casa abandonada. Hoje, folhas da amen-
• doeira não deixam ver os degraus laranjas da



• pequena escada que leva a secretaria. Debaixo
• das pequenas varandas, algumas pequenas
• janelas gradeadas mais perto da calçada: era a
• sala de artes - que chamávamos de calabouço
• justamente por nunca terem aberto aquelas
• janelas. É possível fazer uma trilha de acesso
• ao pátio passando uma vassoura no meio das
• folhas que cobrem a rampa que leva até ele, -
• uma imagem bonita. Tive vontade de fotografar
• a casa daquele jeito, - mas não tinha câmera -
• ela tinha envelhecido como eu, como as min-
• has memórias. Cada memória, cada vida nossa,
• deve ter uma casa com diferentes estados de
• conservação. Somos uma grande favela, de
• casas sobre casas, umas demolidas e outras
• sendo construídas, umas coloridas e outras em
• tijolo virgem, umas de pé e outras com as per-
• nas bambas, umas esquecidas e outras sempre
• visitadas. Quando passamos por essas vielas
• dentro de nós, e ficamos diante de uma des-
• sas casas, ou desses terrenos (no caso das que
• sumiram), acessamos tudo que vivemos nela.
• Num gesto involuntário, me peguei brincando
• com uma amendoa nas mãos. Atravessei rua e
• escrevi com o líquido que sai do fruto na parede
• da escola: saudades. Escrevíamos muito nas
• paredes com amendoas e mangas que pegáva-
• mos nas ruas - algumas folhas que nunca soube o
• nome também liberavam uma espécie de tin- ta,
• quando esfregadas numa superfície. Levei nas
• mãos algumas amendoas, e no caminho de
• volta, escrevi Saudades em diferentes casas
• antigas da minha favela: a mercearia que virou
• bistrô, o bob's que virou hsbcb, o américa que
• fechou as portas, a mesbla que virou extra, o fli-
• perama onde ia brincar com meu irmão, a praça
• em obras há mais de 1 ano, a rua do gustavo,
• a toca do coelho. Declarar aquela saudade me
• fazia bem, mesmo sabendo que com o tempo o
• líquido da amendoa vai desaparecendo, e fica
• tão leve que é quase invisível, mas eu sempre
• vejo as coisas que escrevi durante a vida. Meus
• joelhos já não doíam mais, - e como a nossa
• cabeça funciona como um rádio, a música do
• rappa começou a tocar na minha estação - mas
• isso pouco me importava, pois sabia que se de-
• pendesse de mim, seria mais fácil virar calo do
• que criar casca naquele machucado. Tive von-
• tade de cruzar o túnel, mesmo sabendo que de-
• moraria horas no ponto, só pra escrever com a
• amendoa no teu muro: saudades.

• Mulheres que correm com os lobos (1992), é
• um livro que, eu homem, só consigo ler, não



• consigo sentir. Claro que são as limitações do
• corpo masculino, em relação ao corpo-universo
• feminino. Continuo acreditando que, o único lu-
• gar híbrido entre os diferentes corpos, das mul-
• heres e dos homens, é o lugar dos sentimentos,
• das paixões, dos desejos, que todos podemos
• sentir. A ancestralidade e conexão com sua es-
• sência selvagem tão antiga quanto a criação do
• mundo feito por elas mesmas, é algo que deve
• ser maravilhoso, mas que só é possível por e
• para elas mesmas, as mulheres. E isso é algo
• que respeito muito, e admiro, com os olhos, ou-
• vidos e coração atentos.

• Não cabe falar do livro inteiro, pois não caberia
• mesmo, ele é muito grande, e muito rico em de-
• talhes. Um passeio sobre um universo feminino
• encantado e real, através do estudo dos arqué-
• tipos e mitos que tratam da mulher selvagem,
• muito antigo e totalmente possível de conexões
• com a realidade vivida nos tempos de hoje. É
• um retorno das mulheres às suas origens e
• relações selvagens, para poderem seguir ainda
• mais fortes e seguras de si.

• Tem uma parte, capítulo 14 - A iniciação na
• floresta subterrânea, que tem em seu terceiro
• estágio o título: a perambulação. É uma fase
• do livro onde ela conta a terceira parte de uma
• história de um pai que fez um pacto com o
• diabo, conduzido pela ganância, e para depois
• se livrar dele, cortou as mãos da própria filha,
• para se ver livre das maldições. Livre dos seus
• demônios, quando o pai oferece a filha mantê-
• la nos confortos da riqueza pelo resto da vida, a
• filha "diz que vai partir para depender do des-
• tino." (ESTÉS, 1992. p. 507) A mulher então, se
• desterritorializa da família, depois de várias
• tentativas de seu pai de lhe trazer de volta a
• inconsciência de si, e retoma suas inclinações
• naturais ocultadas pelos apelos familiares de
• amor sob formas de proteção, que na verdade
• é dominação. O que me chama atenção nessa
• parte do livro, e exponho aqui, é que ela, quando
• deixa de ser a filhinha (noivinha), vira andaril-
• ha. "Aqui, no início, a donzela transforma-se em
• andarilha, e só isso já representa uma ressur-
• reição para uma nova vida e uma morte na vida
• antiga. Perambular é uma excelente opção."
• (ESTÉS, 1992. p.508)

• - É inevitável não me encantar com os encantos
• do acaso, mais uma vez, permeando essa min-
• ha pesquisa. Os livros que aparecem diante de



♦ mim. A bibliografia do acaso. Minha bibliografia
♦ é a vida, de vários sentidos e linguagens além
♦ da leitura, é tudo que toca a minha alma. -

♦ Voltando as personagens, a donzela, a noivinha
♦ e a personagem dos textos que escrevi, é curioso
♦ ver como após se libertar dos pais, a mulher
♦ vira filha do acaso "Seus novos pais são o vento e
♦ a estrada", e segue seu caminho de descida em
♦ direção ao mundo subterrâneo para encontrar
♦ com os poderes do feminino profundo". A
♦ donzela já não se lava mais, e "sua beleza re-
♦ fulge mesmo assim.", a autora conta que a id-
♦ eia de não se lavar vem de tempos antigos, de
♦ rituais que culminavam no banho como reno-
♦ vação e renascimento. Para encarar a descida
♦ são necessárias atitudes como essa de "não
♦ ligo tanto assim para as coisas deste mundo"
♦ (ESTÉS, 1992. p.509). Talvez, a personagem que
♦ circula pela cidade não ligue muito para as coi-
♦ sas do mundo, mas ela está na cidade, a alma
♦ dela pode até se sentir livre, mas nas ruas a
♦ noite no Rio de Janeiro, não tem corpo de mul-
♦ her que passe sossegado. Pelo contrário, ao
♦ que todas as amigas dizem, a sensação é de es-
♦ tarem sendo sempre perseguidas. Minhas ami-
♦ gas sempre me dizem do alívio, de numa rua a
♦ noite, ou de dia e deserta, do alívio que é olhar e
♦ confirmar, que quem caminha logo atrás é uma
♦ mulher, e não um homem.

♦ A donzela sem mãos andarilha segue seu
♦ caminho, desfigurada e faminta, mas leve,
♦ conduzida "pela alma selvagem". A autora vai
♦ explicar que em diferentes narrativas, para as
♦ transições que a vida sugere, sempre existe
♦ uma personagem que acompanha o ritual de
♦ travessia. "A mitologia grega é fértil em relatos
♦ de jovens sendo acompanhadas por mulheres-
♦ lobas, mulheres-leoas ou outras criaturas que
♦ serviam como suas iniciadoras." (ESTÉS, 1992.
♦ p.511), o que me fez remeter direta- mente as
♦ mulheres que já citei anteriormente, assim
♦ como todas as outras que tive relações de
♦ amorzade. - Auta, paraibana de um metro e
♦ meio, até morrer com quase 80 anos, andou
♦ com uma peixeira no fundo da bolsa, para caso
♦ de algum homem vir incomodá-la. - Todas elas
♦ de alguma forma me guiaram e me protegeram
♦ nas travessias de vários rios que passam den-
♦ tro de mim.

♦ No final da passagem do livro, Estés fala da im-

portância de ter coragem pra seguir descendo em direção de si mesma, apesar das sensações de estar perdida e de que tudo esteja sem luz. "Mesmo em meio à falta de conhecimento, à falta de visão, quando estamos 'vagueando às cegas', existe 'algo', 'alguém', excessivamente presente que acompanha nosso ritmo.", o que de relance, lendo rápido, remete ao machismo e ao homem, em todo espaço e em todo tempo, perseguindo e violentando a mulher, mas Estés segue, e ilumina... "Viramos à esquerda, ele vira à esquerda. Viramos à direita, ele nos acompanha de perto, dando-nos amparo, abrindo o caminho para nós.". (ESTÉS, 1992. p.513) Vejo um longo caminho aberto, e as mulheres caminhando juntas se reconhecendo e se fortalecendo umas nas outras, criadoras do mundo, selvagens.

CONCLUSÃO

Com-que-ilusão?

[&] Na faculdade de jornalismo, já bem depois da época traumática das redações escolares (imagem: cabeçalho só com o meu nome e da professora, anos 2000, Fundação Osório, 8º série, título e linhas pretas em branco - reprovado em português), um professor me disse que do jeito que eu escrevia eu nunca trabalharia em jornal, pelo fato de dar voltas, ser desordenado, fragmentado e cheios de adjetivos. Do meu jeito, eu tentei, e não consegui. Ele acertou, pois calhou de nunca vir a trabalhar com jornalismo, mas acabei por me relacionar com a palavra de um jeito que nem eu mesmo esperava. Assim como já na época da monografia, a professora da matéria de conclusão de curso me disse que eu não teria condições nem sequer de acabar a faculdade escrevendo daquela (dessa) forma. Lembro bem deles me falando isso, porque quando aconteceram essas situações, eu senti e pensei a mesma coisa. Lembro do velho jornalista, que sempre se gabava do jornal de fofocas que tinha criado, rabiscando o papel, e da professora na frente do computador com o Google aberto copiando e colando citações do meu trabalho, em busca das citações que ela achava que eu tinha copiado e colado, como fazia na época da escola, só que não. Eu em pé, olhando para os meus textos sobre a mesa deles e pensando: foda-se o que eles pensam. [&]

É costumeiro do meu processo, escrever por último o final, como todo mundo, pra em seguida descobrir que aquele de fato é o início, e não o fim. **O fim dessa pesquisa não existe. Continuo vivo e vivendo. Sentindo a cidade transbordar sobre mim, penetrar pelos meus poros, como se fosse água, ora salgada de mar, ora doce de Rio.** Fruto desse fluxo contínuo de circulação, observação, interação e narração é o conjunto de ideias fragmentadas e coladas nessas folhas. - Minhas bermudas têm marcas de sujeira de tanto sentar em meio-fio. - Milhares de imagens que chegam em diferentes linguagens, como é na internet, que fez com que tornasse esse o meu processo de produção. Uma ideia de cidade transformada em milhares de pedaços, e colocada sobre a mesma superfície. Do cume do banco do ônibus, eu olho o cemitério de memórias cariocas por cima dos tapumes brancos.

Não concluí nada, sem ilusão nenhuma. Peguei a ideia de conclusão e estilhacei em cacos, por gostar de fazer mosaicos. Me deixei levar pelo Rio, e estive atento até aos minúsculos sinais. **Olhei pro chão, vi filtros de cigarro e clips que não têm mais papéis para prender, então hoje conectam os chãos de toda a cidade.** Olhei pro céu e vi prédios e pombos cortando a minha visão. Carros, ônibus, trens, metrô, bicicletas, skates, e eu, a pé. Viação canela na veia desde sempre, Dafos, Nortes Comuns, muitas histórias e chinelos gastos. Confio ao trabalho pelo menos toda a minha sinceridade no viver e no fazer, sem rodeios, investigando com carinho as ligações visíveis e invisíveis desse processo. Eu olho a cidade todos os dias como quem chega, e conhece tudo de novo todos os dias, ou como o velho que nunca saiu daqui, e conhece cada ruga do corpo desse lugar. **Carioca é quem fica.**

Deixando me levar pelos fluxos dessa pesquisa mar de corpo barco, tive uma última revelação curiosa. É a primeira vez que imprimo no eterno a personagem que surgiu desse meu movimento com a cidade. Admiro a liberdade dela, ao andar pela cidade, feito loba, selvagem e urbana. Atenta à rua, e à lua. É o segundo nascimento dela, agora mais fixa, mais segura no papel, do que na efemeridade da velocidade frenética da timeline do facebook. **A personagem fala por si só.**

Olhando de longe, tendo em vista que ainda não está acabado (espero que nunca se torne acabado para continuar existindo), vejo uma pesquisa memória, que vem em lufadas de vento, disparadas por qualquer coisa, por ver crianças soltando pipa ou jogando fliperama, ou por estar passando no maracanã, olhando as raias de uma piscina flutuarem sobre a água, ou as pernas tortas de uma mulher. Misturas de paixão com espaço. Essas palavras nasceram dessa mesma inspiração cotidiana qualquer e involuntária, de olhar qualquer coisa pela janela do ônibus, e me encantar novamente. Concluo que estou começando alguma coisa a partir daqui: **eu pesquiso a vida na cidade.** Meus objetos são todos elementos que movimentam o cotidiano, desde os pombos às propagandas luminosas, as demolições e as construções, as obras que tentam apagar as memória que ainda vivem, e as pessoas, as pessoas e as pessoas - estou entre elas.

Minhas inspirações vêm das pessoas que cruzam meu caminho -meus olhos - no cotidiano, e são aqueles que estão perto todos os dias também: o cinema da Yasmin, o conhecimento cartográfico do Gê que sabe quase todos os bons podrões de comida ou as rotas das linhas de busão da cidade (essa é a minha Gêografia - Gê-

Maps), a rataria do JV no BRT, a fotografia real do Léo Lima, e por aí vai. Minhas referências são as pessoas que tem nome próprio, apelido, e não só sobrenome. São as pessoas que eu amo e admiro, e que me fazem amar e admirar a cidade em suas várias regiões.

Black Alien fecha seu último disco com uma música, em forma de carta-poema, chamada Cidadão Honorário, falando de Niterói, dos artistas contemporâneos de sua terra, seus rolés na pista ao longo dos anos 90 e 2000, as correrias da vida refletidas na velocidade das levadas das rimas, flow, fragmentos de referências, repertório da vida na rua. Inspirado nele dou um caminho a essa conclusão.

[&] Esses dias, andando mais uma vez num 409, o ônibus que eu ando que mais tem janelas destravadas no banco do fundão, e em segundos me vi pouco antes da meia noite correndo para o ponto final do busão na encruzilhada entre as ruas Bom Pastor (onde morei 17 anos até ano passado), Desembargador Isidro (onde morei os primeiros 10 anos da vida), José Higino (onde joguei muitas pedradas de time contra e marquei nas mesinhas da praça Gabriel) e Saboia Lima (onde tem o parquinho que mais brinquei na infância). Todos os fins de semana, bebíamos no bar do Seu Martins, até 23h45 e corríamos para o ponto do 409 pra pegar o último do dia. Entrávamos sempre que necessário ou possível pelas janelas destravadas do fundo, por onde passávamos de corpo inteiro sem problemas. 2005, Lapa, 10 reais no bolso, e voltávamos quase sem lembrar das alegrias. [&]

Nada muda na minha vida, depois dessa conclusão. Continuarei indo e voltando nos transportes públicos, não porque os ache maravilhosos, prestativos e seguros, nada disso, mas neles eu me sinto parte, ou melhor, lembro que sou parte, quando estou com os pés no chão da realidade vivida pela maior parte da cidade, que é quem a construiu, e que são esses construtores do Rio de Janeiro os mesmos que os que se dizem construtores tentam expulsar diariamente, seja para o mais longe do Centro, das orlas. Choque de ordem, urbanismo bélico. **A cidade turística só aceita os cariocas turísticos.**

Na madrugada, vou continuar andando pelo meio da rua, como se ela fosse minha. Quando for dormir na casa dos meus pais, eu não tenho dúvida, vou fechar os olhos e andar no meio da rua na Barão de Pirassinunga, pra fazer a brincadeira de sem-

pre, de descobrir o quanto eu conheço aqueles milhares de buracos no asfalto. Foram várias as vezes que abri os olhos batendo em cima de um retrovisor de carro estacionado nas margens. De dia, também vou continuar andando pelo meio das pistas, entre elas, ou o mais perto da rua possível. Me acostumei assim, a quase não andar pela calçada. Por que? Porque na adolescência eram das sombras que saiam os ratos. Prestei tanta atenção na aparição deles, que passei a admirá-los. **Atividade nos ratos, eles conhecem todos os buracos e boeiros das ruas.** Na avenida Presidente Vargas na madrugada, vou sentar no meio-fio mais alto do Rio, enquanto não vem nenhum Alpha, e observar os ratos transitando de boeiro em buraco, sempre na atividade.

Mc Marechal vai dizer que o rap é o "eco dos boeiros". Isso faz muito sentido. O rap de fato é a arte que fala quase que o tempo todo do cotidiano, do tempo presente. Me inspiro nisso, pois não sei falar de outra coisa se não das coisas que vejo, que sinto, que vivo. **Primeiro veio a rua, depois a linguagem.** Logo eu que não consigo ter ritmo nem cantando e batendo palmas em parabéns, quando escrevo, me sinto fazendo rap. Colagens e remixes de frases ouvidas, vividas e inventadas. Memória é invenção. Na bibliografia, os leitorxs vão notar a presença de álbuns de músicas entre os livros citados. Estão na bibliografia mesmo, porque esses álbuns desses artistas, são grandes livros dos nossos grandes autores, sobre o Rio de Janeiro. **Essas letras são leituras obrigatórias pra quem deseja entender a língua falada nas ruas da cidade.**

Eu aprendi a me apaixonar por qualquer coisa: pedra solta na calçada, folha despencada de amendoeira, jornaleiros, botecos e bebuns, pombos, montes de terra ou de pedra de canteiro de obra pra brincar de corrida de chapinha, fliperamas pra ver se não têm uns créditos sobrando - fazer um cachorro virar árbitro de futebol, ou botar o Akuma pra voar e soltar fogo -, enrolar miolo de pão pra fazer a bolinha do futebol de botão, empinar saco plástico como se fossem balões gigantes. **Um dos maiores prazeres da adolescência era olhar os muros praticamente sem espaços vazios de tantos nomes pichados.** Reconhecer amigos e outros artistas que não conhecia.

[&] Lembro até hoje do dia, ao lado de meu irmão, que chegamos no caminho entre as pistas da Conde de Bonfim, e olhando pra cima víamos a incredi-

tável sequência de topos de prédios de mais de 10 andares ao lado da praça Saens Pena que o PLOCK pegou (pichou, espancou) de ponta a ponta em uma única noite. Não se falava em outra coisa na pista. Naquela época, a cidade dormia de um jeito e acordava de outro. As vezes uma pessoa a menos, as vezes um muro a mais. [&]

Esses dias, parado num trânsito daqueles, num dia de verão no inverno daqueles que só existem aqui (acho que o Rio tinha que se assumir como a cidade em que não vivemos todas as estações, mas uma só, o verão temperamental, que às vezes, quando quer, é um pouco primavera, um pouco outono, raramente inverno, sempre verãozão), estava na janela do fundo de um 439, em que um homem, chateado com o trânsito, estalava os beijos e reclamava do motorista, no banco do meio do fundão. Cansado da inércia, o homem tirou do bolso o smartphone, e em alguns segundos comecei a escutar um barulho de motor de carro de Fórmula 1 em alta velocidade. Olhei para o lado e vi o homem mexendo o celular pra lá e pra cá, como se fosse um volante, e ele o piloto pisando fundo com o dedo na tela motor acelerador do celular. **Nos pit-stops do jogo, ele reclamava da lentidão da realidade, para em seguida acelerar de novo na sua cabeça, enquanto o corpo continuava parado.**

Não sei, e talvez nem queira saber o que tudo isso significa, ou para onde vai nos levar todas essas interações tecnológicas. **Orelhões são estátuas.** Disquetes, tamagoshis, cassetes, agendas eletrônicas, bips, fliperamas e cds, etc... ou são lixo, ou são peças de museu. Acredito sim, e com preocupação, que o olhar vem perdendo sua força. Os olhos se olham cada vez menos. Pelos perfis das redes sociais, conseguimos acessar desejos de consumo, mas não a alma das pessoas. **A janela da alma é o olho.** Se pararmos de nos olhar, para fotografar tudo, perderemos essa possibilidade única que é a de conhecer o outro pelo olho. Essa é uma das preocupações que tenho em relação a todos os avanços tecnológicos.

Esses dias, vi no ônibus uma senhora e uma criança, que fotografei uma vez no metrô: ele dormia com a cabeça nos colos dela, enquanto ela lhe acariciava os cabelos. Eu também fui criado pelas minhas várias avós na minha formação. **Fiquei emocionado ao ver a cidade me retornando os personagens, o retorno da ficção que a gente cria pra enfrentar com um mínimo de leveza essa realidade.**

Estavam lá os dois, de mãos dadas, descendo do busão. Só vi quando já estavam do lado de fora, por estar no fundo do ônibus, como sempre. Gostaria de ter-lhes dito sobre a foto que tenho dos dois, e que publico nessa pesquisa.

A janela destravada duplica a visão, o vento e as ideias. Aumenta o formato da minha tela de enxergar a cidade que passa em 24 memórias e fragmentos por segundo. A velocidade do busão está completamente conectada com a velocidade dos meus pensamentos. Só existe tédio, quando não existe movimento na cabeça, independentemente do tamanho do engarrafamento. **Janela destravada é cinema.**

Esses dias, fui ao UFF Debate Brasil, em Icaraí, Niterói. A produção super atenciosa, desde o convite, ficou de mandar um carro as 18h pra me buscar nas barcas. No dia do debate, decidi que não queria entrar em carro nenhum pra ir até lá, tendo em vista o trânsito que pegaria das barcas até o Centro de Artes. Falei que iria a pé. Então fiz o trajeto rua do Bispo - Icaraí. Primeiro metrô, depois barcas e depois viação canela. Assim o fiz:

O dia tinha uma luz azul que deixava clara as expressões das estátuas do Centro. Na Cinelândia parei de frente para a estátua na frente da praça: a mulher voava com os braços esticados enquadrada pelos tapumes da obra da Biblioteca Municipal. Da barca escutei o barulho do motor, e assisti a contraditória lentidão da decolagem, vendo um avião branco e laranja sair da pista sobre o mar e cortar devagarinho o Pão de Açúcar onde um bondinho se perdia no meio das nuvens, para depois reaparecer logo mais embaixo, cruzando com o outro que subia. Umas gaivotas passavam, um barquinho de pescador perto de um navio de carga.

Já em Niterói, no caminho, esbarrei com algumas pessoas e situações. Primeiro encontrei a Isa, parceira, que me disse o caminho. Era só seguir andando colado ao mar. A luz do fim do dia estava clara, e o céu se deitava sobre o Rio de Janeiro num misto de laranja e névoa - a silhueta da cordilheira fazia uma marca de sombra ondulada no laranja do céu. Admirei os pescadores da Praia Vermelha, vi dois deles pegando peixes espada no instante em que passava por eles - até achei que estava dando sorte às pessoas. Em seguida, antes de começar a subida do caminho Niemeyer, um rapaz me parou, Marcelo, alto, deve ter a minha idade, vinha acom-

panhado de dois cachorros. Pediu dinheiro pra comprar comida pra eles e pra ele. Dei 12 reais, da mesma forma que minha mãe teria dado naquela situação. Marcelo agradeceu mais pelos olhos e os ouvidos, do que pelas notas. E depois ainda esbarrei com a Luisa, da produção do debate, que eu só tinha falado por e-mail, e agora vinha a conhecer pessoalmente. Cheguei lá na hora boa, meio suado como sempre, mas com a sensação de ter aproveitado aquela viagem.

No debate encontrei uma galera, entre elas, o Bruno. Um cara que conheci nos primeiros dias de mestrado. Pensei o quanto foi ele que me influenciou a seguir em busca de uma pesquisa. Bruno, com menos de um ano de curso, me perguntou se eu conseguia perceber o quanto que as coisas que estudávamos em sala estavam influenciando diretamente a minha escrita, a nível de pensar diferentes objetos e escalas na produção das narrativas urbanas. Lembrei que foi com essa atenção dele, que percebi a relação que se desenvolvia entre a prática e a teoria. Escrevendo a conclusão, a gente sempre retorna aos inícios, por isso fui levado até a lembrança desse estalo.

Como foi apresentado no trabalho através das ideias de Paola Berenstein Jacques, temos dividido em três períodos o estudo do caminhar como forma de pensar e narrar a cidade: flanâncias, deambulações e derivas. Eu quero propor, inserir, um 4º momento desse estudo da lentidão: os trânsitos. Simbolizando o movimento e a falta dele. **Não precisamos das tartarugas para sermos lentos: andamos nos transportes públicos, logo, a lentidão faz parte do nosso cotidiano.** Engarrafamentos, congestionamentos. Parte de nossas vidas se passam dentro desses lugares móveis, em pé ou sentado, sempre parado, apesar de todo o movimento. O motor do movimento é a cabeça.

Quero destacar a importância das fotos no meu processo criativo. Sou de esquecer das coisas todas. Não lembro de quase nada. **Acho que tiro tantas fotos pra registrar a cidade que eu olho, como medo que essa cidade que eu vejo suma da minha cabeça, e dos meus olhos.**

O fotógrafo Henri-Cartier Bresson, em seu livro O imaginário segundo a natureza (1996), disse quando descobriu a câmera Leica, e as suas possibilidades novas que ela gerava por sua versatilidade de locomoção para fotografar o cotidiano: de todos

os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa um momento preciso. Nós jogamos com coisas que desaparecem, e quando desapareceram, é impossível fazê-las reviver. (BRESSION, 1996. p. 20)

Nas pastas de arquivos pixels se embaralham e as imagens vão sumindo silenciosamente como a memória. De uns anos pra cá, principalmente depois da popularização das câmeras digitais, e sobretudo da abundância das câmeras de alta qualidade nos celulares, boa parte do mundo tem os registros da memória salvos em pastas, álbuns de rede social, arquivos, hds ou nuvens. Ou seja, não pegamos mais o registro da memória pelas mãos. Dos 15 aos 25, não tenho imagem minha impressa que possa mostrar, dar pra alguém ou pendurar. Registros de momentos importantes das nossas vidas confiados em álbuns de redes sociais, que por serem empresas, podem quebrar e desaparecer com parte de nós. Minha memória é um hd externo, está nos lugares e pessoas da cidade. São textos fotográficos e fotografias textuais.

Falar do Rio de Janeiro exige uma certa ousadia, pois, é necessário falar sempre da parte da cidade que você vivencia. Nas minhas ideias, existem algumas diferenças. Por exemplo, pode-se dizer que **a cidade linha 1 é hegemônica**, - é pra essas pessoas (as brancas claro), a minoria, que a cidade é feita, pra onde aponta o projeto de cidade, praticamente a ideia de "urbanismo" só existe nessa área - são as pessoas para quem a polícia trabalha e onde estão as escolas mais caras da cidade. Em contraposição há quem pegue trem ou a Avenida Brasil todos os dias, para quem, em muito dos casos, a polícia atrapalha. - **Papo reto: Precisamos de outra polícia. Essa que temos, exterminadora de futuros, tem que acabar.** - Fazendo um retorno pra voltar à Brasil, tendo em vista que é a via por onde passam o maior número de pessoas que transitam no Rio, devia ser pensada como a artéria principal que bomba o coração do Rio de Janeiro, que deve ser pensado como a capital das outras cidades satélites que fazem parte desse grande complexo que se chama região metropolitana do Rio de Janeiro, que tem no meio dela a Barra da Tijuca, o Rio 2, a próxima cidade do Rio de Janeiro. Como pensar essa cidade do Rio de Janeiro sem pensar a Baixada e o norte Fluminense? Ela nem sequer existiria.

Não dá pra comparar a minha experiência tendo que voltar de todos os cantos do Rio para a Tijuca,

com a do JV tendo que voltar pra Penha, do Thiagão tendo que voltar pra Ilha do Governador, do Gê tendo que voltar pra Maré ou do Felipinho tendo que voltar pra VK. Assim como não pode-se comparar a minha experiência na Tijuca, com a experiência de quem mora na Zona Sul, ou no Centro. Não porque uma seja melhor que a outra, mas sim, são extremamente diferentes, tanto em quantidade e qualidade de transportes, quanto distâncias. O Rio de Janeiro não é para todos. Portanto, podemos até resumir em duas experiências de vida básicas, que torna a coisa ilustrativa: existe a experiência da linha 1 e o do resto da cidade inteira. **Não "somos todos um rio", somos vários, e as origens desses Rios pesam**, e nessa disputa de Rios, parece que limpar a Lagoa Rodrigo de Freitas é mais necessário para a cidade do que limpar a Baía de Guanabara, afinal, analisando o projeto urbanístico, que quem mora ao redor da Lagoa é mais importante de quem mora ao redor da cidade.

Saiu uma matéria no jornal, falando de desordem pública, porque crianças pulavam como bombas nas águas da recém demolida e reerguida Praça Mauá. Por mais que muitos urbanistas atrapalhem, a cidade sempre será das crianças. Deveriam, os interessados, em entrevistar as crianças para decidir sobre os futuros das cidades. Seria um mundo muito mais lúdico. Ao invés de chamar os segurancas pra pedir para as crianças pararem de reinventar o espaço, deviam o quanto antes limpar inteira a Baía de Guanabara, por mais impossível que isso possa parecer, tendo em vista que essa medida, além de lazer, também geraria mobilidade marítima por parte da região metropolitana.

É importante ressaltar que essa também é uma pesquisa sobre as pessoas da rua. As pessoas que parecem que estão em casa na rua, ou que necessitam de criar esse sentido para conseguir se manter nela.

Aconteceu, durante essa reta final, de ir falar em duas escolas públicas do estado, uma em Itaboraí e outra no Maracanã. Pra falar dos textos, da escrita no celular, nas redes sociais. É sempre muito visceral pra mim falar em escolas, falar dentro de salas que foram inventadas pra uma pessoa só falar, pra oprimir os desejos, as viagens, os saltos, os mergulhos, os olhares perdidos, as ideias distantes. A cela dos alunos - sem luz. Essas quatro paredes têm que cair. Essa arquitetura penitenciária-hospitalar para a escola é muito triste - pre-

cisamos criar a Sala dos Olhos, que pode ser em qualquer lugar, menos numa sala de aula clássica. No Rio, com esse lance de trabalhar com cultura, com arte, com política, volta e meia me perguntam em que escola estudei, afim de gerar identificações, imaginando sempre que a resposta vai ser numa das meia-dúzia de escolas de onde saem uma boa parte dos "artistas" do Rio de Janeiro, só que não, vim de uma escola e faculdade qualquer, de uma família qualquer, de um lugar qualquer. **A minha escola é a rua, xs professorxs são as pessoas (todos levam título).** Se eu tivesse ritmo, teria feito rap, com certeza. Postei no facebook:

19/08/2015

foi maneirissimo ontem no colégio estadual salvador de mendonça em Itaboraí. conversar sobre a vida com as palavras e com a cidade, e a produção que sai daí. eram uns 100 adolescentes de ensino médio. lembrei da escola. falei pra eles não terem medo de escrever. que são escritores. que não deixem as regras da escrita fazer com que sintam esse medo. não deixem a escola atrapalhar seus estudos. que escrevam com toda a LiBeRdADe.o0 que escrevem nos chats. - td !!! tb ... sdds # pq qd vdd \0/ <3 =) lol =s -. que estão num momento de muita energia. pra tentar olhar pros diferentes estados de ser dos colegas com cuidado e com curiosidade por mundos distintos do seu. falei do meu primeiro hotel da loucura que foi uma escola onde estudei no primeiro ano pra fazer dependência que aceitava irmãos de alunos e alunas que experienciavam diferentes estados de ser. lucia de carvalho. pra não ficar em casa iam pra escola e participavam das turmas, e tinham liberdade pra circular pela escola caos não quisessem assistir aula. pedagogia cada um por si. então com 14 anos convivi com adolescentes que davam nomes pras metades de cada cor da parede, ou que achavam que a parede ia cair quando retiravam as pinturas apoiadas nos rodapés delas, ou que sabiam todas as capitais de países do mundo, ou qual dia da semana que cairia seu aniversário dali a 60 anos... eu, pablo e jiraya ajudamos um garoto a pular corda pela 1º vez na vida - diogo que estava aprendendo a falar depois de grande, começou a rir e chorar ao mesmo tempo - mostrando os sorrisos cheios de grafite do lápis que ele comia todos os dias. e no meio disso eu via gente chutar a parede só pra ver a sandrinha chorar, ou provocar os demais para que chegassem mais perto de situações de surto,

ou todas aquelas brincadeiras bestas e preconceituosas em relação as diferenças dos outros que a grande maioria de nós faz nessa fase da vida - alguns continuam fazendo até morrer. a zoação que marca, que separa, que traumatiza. aí contei que foi nesse contexto que tive meus primeiros pensamentos autonomos, com vida. a ideia que arrepiava quando surge. enfim falei que repeti em português na 8º, que comecei a ler depois dos 18, que queria ser jogador de futebol. que comecei a escrever só porque precisava me abrir, precisava botar pra fora as coisas que não conseguia falar. precisava conversar. então renasceu a palavra, não mais escrita em papel, (nem obrigatória em redações e cópias de quadro), mas agora de dentro pra fora, necessária, digitada nos chats, uol, icq, msn, depois orkut. tudo sem espaço, porque se der enter a mensagem é enviada. então veio sms, samrtphone, zap zap, facebook. veio livro. falei que todos eles são criativos, que nunca esqueçam de refletir sobre os usos das ferramentas tecnológicas que o mercado lança pra quebrar rápido e comprar mais. pra nunca deixarem de prestar atenção nessa relação com essas tecnologias, com essas telas em toda parte. nada de saudosismo. só pra não esquecer que é no olho no olho que você vê a alma do outro. que os corpos são vibráteis, e os olhos são o primeiro canal de comunicação de quem a gente é. vamos usar esses apps como máquinas de expressão potencializadoras da comunicação, reveladoras do nosso olhar e redutoras de distâncias, não o contrário. buscar equilíbrio nessa relação. elogiei com sinceridade os times de leitura !!!! super bem organizados que existem no colégio. falei que nos dias de troca de livros (sempre obrigatório) eu e pablo pegávamos os mais finos - contei do livro de 20 páginas com dois caras conversando qualquer coisa sem perceber que estavam em cima de barris de pólvora que explodem no final. e só. que leiam impresso ou digital, como acharem melhor - o importante é ler, e que escrevam com caneta, spray ou celular - o importante é escrever. me perguntaram se me inspirava nas pessoas da rua pra escrever? R: só nelas, nas sensações que vêm de dentro e em tudo que está fora e afeta. foi isso. quando falei da escola me emocionei. uma pontada de emoção. sou filho de professor de uma escola dessas, eterno aluno.

Tudo que vivi nos últimos dias de alguma forma se relaciona com a escrita dessa "conclusão". Na direção da casa do Felipinho em Guandú, o Bope parando a Vila Kennedy ostentando dois caveirões e fuzis de mais de um metro, as 18h, passando por

entre crianças e velhos, desfilando seu novo uniforme bege e cinza das mesmas cores do macacão do exército americano na palestina. Tenho medo de olhar nos olhos deles e não ver nada. Um pouco antes, ali perto, indo almoçar na casa do Gê na Vila Aliança, pula-pula nas ruas para as crianças um dia antes do dia de São Cosme e Damião, pagode, churrasco, barricadas e jovens com radinho monitorando cada esquina, e o clima era muito mais ameno. Na volta pra casa, na madrugada, sorte nas conduções. A bala comeu na altura de Honório Gurgel, e alguns se abaixaram na van. Eu e o Gê, apesar do cansaço e da alegria do dia, seguimos indiferentes ao tiroteio, pois conversávamos sobre ideias para trabalhos nossos com o Norte Comum (trabalhamos todos os segundos da vida). Os olhos brilhavam. Escuto a palavra Rio ao som da voz do Planet Hemp. No dia seguinte, num 606 Borda do Mato, voltando da visita a Leo e Aline no hospital, o motorista escutava no rádio: O acaso vai me proteger enquanto eu andar distraído. Na hora eu só pedi pro acaso proteger a Aline, o Leo e a Malu, pra que os olhos dos três continuem brilhando, e iluminando os dos meus amigos também, que é para os meus continuarem enxergando.

Se esse trabalho deixa alguma reflexão, uma delas talvez seja a de que é necessário respeitarmos mais os tempos e as linguagens dos pesquisadorxs. É inadmissível que estejamos amarradxs ainda às formas do século passado. Não podemos ser reféns de um sistema tão castrador da criatividade pra falarmos do mundo. **Pra abrir esse conhecimento, pra que ele não se limite aos muros que cercam os campus das faculdades no mundo inteiro, vai ser necessário demolir os muros da linguagem.** Chega de artigos quilométricos enchendo linguixa com dicionário aberto do lado pra não repetir palavra. Podemos muito mais. Temos que querer trocar esses conhecimentos com o outro lado do muro, senão, isso não adianta de nada, a não ser, pra aproximar os próximos.

Temos que radicalizar a ideia de faculdade. Eu sou o primeiro da minha família a fazer qualquer tipo de pós-graduação, muitos dos meus amigxs que me inspiro são os primeiros de suas famílias a ingressar na faculdade. É triste ver como a faculdade ainda não está preparada, só algumxs professorxs estão, mas a faculdade também é feita de pessoas. E são essas pessoas que estão dia a após dias quebrando um pedacinho do muro em silêncio, com um martelo bem pequeno que chamam de utopia. Um

dia, o muro vai ficar baixinho, não vai precisar nem pular. E a faculdade vai se tornar o que ela deveria ser, o lugar onde estão aqueles que gostam de trocar ideias, falar e escutar, independentemente da origem. **Ser professxr no Brasil é resistência.**

Quando penso na conclusão de mestrado, penso na possibilidade que vai ser destravada como uma fase de jogo de video-game, só que dá vida, e nessa responsabilidade. Acho inviável dar aula em sala de aula. O espaço afeta os corpos. Lugar de aula pra mim é na rua, sem quadro, só com conversa e caminhada. As paredes são feitas de gente, de vida. Se tiver que ser, será assim, desse jeito. **Gosto daqueles que tem os olhares perdidos, vejo brilho lá no fundo deles. A distração é só atenção em outra coisa. O importante é estar atento.**

Vocês, leitorxs, talvez sejam os grandes responsáveis por dizer se no meio dessas tantas palavras há ou não uma pesquisa. Peço, então, tendo em vista a importância que vocês têm sobre o trabalho, que diante de tantos lugares que vocês têm pra me levar, por favor, só não me levem a sério - nunca fiz questão de conhecer esse lugar, e convenhamos, vocês podem me levar pra lugares muito mais interessantes.

Uma conclusão que tiro, é que vou fazer como meus pais e meus avós gostavam de fazer com placa de carro, datas de aniversário, - de casamento, de formatura -, números em sonhos, números de registros oficiais, etc.. Vou pegar essa data de defesa 30/09/2015, ou só 30/09, e vou jogar no Bicho (nunca acreditei na MegaSena). A fé no azar transforma. Fazer minha fézinha na mudança, como se a Auta tivesse me dando os dois reais pra ir lá apostar, na passagem de momentos importantes, ou sem importância alguma, tão importante quanto.

Não pretendo, e nem aceitarei ser chamado de mestre, pois respeito demais aquelas que considero como tal. Sou eterno aluno de fundo de sala, que sente sono quando lê, e tem preguiça de fazer qualquer coisa que alguém mande. Eu sou só mais um, somando e somado com um monte. **Cada é um monte.**

Arranhando o céu por escadas de carne
Útero postiço de lâmpadas distantes
Cordão umbilical entre a fibra ótica
E a ótica da fibra
Quando a arte se torna maior que a criação

Muitos a chamam de obra
Quando a obra se torna maior que o homem
Ela se chama cidade
Se todo homem tem um preço
Esse é o lugar do troco
Eu tô lá na esquina esperando seu rosto passar
Só os encontros vão salvar -
As cidades, Marcelo Yuka

"A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar." Eduardo Galeano

Isso aqui não acaba, em cada esquina que dobro uma nova vida que me dobra. Fechar uma versão significa começar outra. Dessa vez compartilhando o trabalho com vocês. Seja bem-vindo ao início.

No dia da defesa, Baiano, amigo, vendedor de esfihas, capoeirista, e outras correrias mil, estava lá em casa antes d'eu partir pra Niterói. Ele pegou a cópia impressa dessa pesquisa e começou a folhear. Gostou da primeira citação do trabalho, a leu lentamente em voz alta e entrecortada: mas eu sou o fogo, mas eu sou o tigre. Ele disse. Seguiu lendo e folheando algumas coisas. Chegou nas fotos, se identificou com vários dos lugares fotografados, é a cidade que ele conhece. Se deteve num enquadramento em especial, e perguntou: esse porco aqui é o da Itapiru? A foto era de um do porco no meio da rua Bom Pastor. Eu disse que não, que aquele ali é de uma família antiga de porcos lá da rua que cresci, mas disse que conhecia a família de porcos da Itapiru, pois várias vezes voltando da Lapa de 410 na madrugada, cruzei com eles na rua. Então ele contou do dia que alguém do Catumbi o chamou pra fazer um corre, pois um dos porcos tinha falecido, e era necessário tira-lo do quintal por cima do muro. Três pessoas tentaram e não conseguiram, até que o Baiano chegou. Contou a odisseia com brilho nos olhos.

É curioso como as coisas te invadem. Enquanto escutava o Baiano contar a história do porco gigante da Itapiru, eu reparava na grossura da pesquisa que estava na mão dele, - as vezes não acredito que eu que escrevi isso tudo - e ao mesmo tempo era tomado por uma felicidade maior que eu, por saber que essas palavras aqui tinham feito aquela pessoa destravar memórias, fazer conexões com as coisas vividas na cidade. Baiano é uma pessoa que olho com encantamento pelo jeito sonhador que encara as durezas da vida, assim como a

maior parte das pessoas que vivem no Rio de Janeiro. Essa pesquisa, e todo trabalho que eu realizo, é pra celebrar a vida comum, dos tempos lentos, fumaças de churrasquinho e gelos não filtrados de isopor. Me interessa mais pelas pessoas dos pontos de ônibus, das estações de trem, dos caminhantes - do que dos que estão nos volantes hidráulicos. É inevitável, eu tenho que me interessar pelas pessoas que estão ao meu lado, em pé, no corredor do transporte público. Me interessa por elas para dar o devido valor a vida que vivo. Com pés no chão, e chinelo no pé. Se essas palavras tocarem a alma de alguém, estarei sentindo a vibração daqui, de onde estiver. E se não tocar alma, que toque a memória que destrava histórias. Eu gosto das histórias das pessoas, e do jeito que elas contam. Quando vi Baiano lembrando das histórias da vida dele, através das histórias que eu estava contando, eu senti a cidade me retornando o olhar atento que eu tenho sobre ela.

Não acredito em mérito, só em acaso. Mês passado conheci um ambulante vendendo balas, e fotos. Nunca tinha visto alguém vendendo fotos: e eram grandes, formato A3, e em papel fotográfico. Eram vários lugares do mundo: Bolívia, Índia, México. Antônio disse ter feito um rolo nas fotos, mas que não conseguia vendê-las. Estávamos nos pontos de ônibus pro subúrbio ao lado da igreja Santo Afonso. Perguntei o porquê de ter feito o rolo nas fotos. Rolos são rolos. Mas ele disse que adora viajar, apesar de nunca ter viajado, que o maior sonho dele é esse: conhecer o mundo, outras culturas, outras línguas, outras pessoas. Disse que tem muita pessoa boa no mundo, e que são essas pessoas que ele quer conhecer viajando. Parecia estar doído de alguma coisa, babava um pouco, mas num instante ficou sóbrio quando começou a falar da foto do menino sírio na praia, que morreu afogado tentando chegar ao sonho europeu. Seus olhos encheram de lágrimas e a voz de seriedade. Disse que era um absurdo matarem crianças, lá e aqui também. Ele entrou no 629, e antes de partir, deu três fotos pra mim, e pro Pablo.

Semanas depois, bebendo num bar perto do Palácio do Rei, ele passou. Chamei Antônio, ele ficou sóbrio novamente, seus olhos encheram de lágrimas. Lembra de mim? Lembro, claro: Carlos. Me deu um abraço, e uma caneta, antes de partir. Uma caneta amarelo choque, dessas com cordão de pescoço. Uso caneta hoje em dia praticamente só para anotações sobre textos, mas pendurei aquela caneta na minha janela do quarto, nos ganchos onde um dia existiu uma grade dessas para animais ou crianças. Apesar da chuva, ou do vento, a caneta do Antônio continua lá. Talvez eu nunca mais o reencontre, vai depender da cidade, de deixar nos

atravessar um ao outro de novo ou não, mas se tiver oportunidade, quero lhe entregar uma cópia desse trabalho. Dizer a ele que a caneta que ele me deu de presente tem um significado muito grande pra mim, que ela sempre vai fazer parte da janela de onde olho o mundo.

Wami ~

CAIO

Wami

TELA
+ JANELA.

14
4

BIBLIOGRAFIA

Ana Clara Torres Ribeiro - Cartografia da Ação (2000)

Antônio Risério - Mulher, Casa e cidade (2015)

Augusto de Campos - Tudo está dito (1974)

Bnegão - Enxugando o Gelo (2003), Sintoniza Lá (2012), Transmutação (2015).

Black Alien - Babylon By Gus. Vol I: O ano do macaco (2004), Babylon By Gus. Vol II: No princípio era o verbo (2015).

Clarissa Pinkola Estés - Mulheres que correm com os lobos (1992)

Eduardo Galeano - Livro dos Abraços (2005)

Ericson Pires - Cidade Ocupada (2007)

Ermínia Maricato, Carlos Vainer, Otília Arantes - A cidade do pensamento único (2000)

Francesco Careri - Walkscapes (2013)

Furacão 2000 - Rap do Surfista

Henry David Thoreau - Caminhando (2006)

Howard Becker - Segredos e truques de pesquisa (2007)

Jacques Derrida - Sobreviver/ Diário de bordo (tradução e pesquisa de Élide Ferreira, 2003)

Jacques Ranciere - A partilha do sensível (2009)

João do Rio - A alma encantadora das ruas (2008)

Marc Augé - Por uma antropologia da mobilidade (2010)

Marcelo Yuka - SangueAudiência (2005), Astronautas daqui (2012).

Maria Rita Kehl - Olhar no Olho do Outro (Piseagrama #7, 2015)

Massimo Di Felice - Paisagens pós-urbanas (2009)

Michael De Certeau - A invenção do cotidiano (2012)

Milan Kundera - A lentidão (2011)

Mv Bill - traficando informação (1999)

O Rappa - O Rappa (1994), Rappa Mundi (1996), Lado B, Lado A (1999), Instinto Coletivo (2001), Silêncio Q precede o esporro (2003).

Paola Berenstein Jacques - Elogio aos errantes (2014)

Paulo Leminski - Toda Poesia (2013)

Planet Hemp - Usuário (1995), Os cães ladram mas a caravana não pára (1997), A invasão do sagaz homem fumaça (2000).

Ponto de Equilíbrio - Abre a janela (2007)

Quinto Andar - Piratão (2005)

Suely Rolnik - Cartografia Sentimental (2006)

